



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**  
Rua Barão de Geremoabo, nº147 CEP: 40170-290  
Campus Universitário – Ondina, Salvador-BA  
Fone/Fax.: (71) 2636256 E-mail: ppletba@ufba.br

**NAVEGANDO NA ENUNCIÇÃO DIGITAL: PROCESSOS DE  
CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* EM *BLOGS* DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS E  
UNIVERSITÁRIOS**

**por**

**PALMIRA VIRGINIA BAHIA HEINE**

**Orientador: Prof. Dr. João Antônio de Santana Neto**

**SALVADOR**  
**2009**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**  
Rua Barão de Geremoabo, nº147 CEP: 40170-290  
Campus Universitário – Ondina, Salvador-BA  
Fone/Fax.: (71) 2636256 E-mail: ppletba@ufba.br

**NAVEGANDO NA ENUNCIÇÃO DIGITAL: PROCESSOS DE  
CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* EM *BLOGS* DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS E  
UNIVERSITÁRIOS**

**por**

**PALMIRA VIRGINIA BAHIA HEINE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Antônio de Santana Neto

**SALVADOR**  
**2009**

## RESUMO

Com base na perspectiva teórica da Análise do Discurso de Linha Francesa, e apoiado nos estudos sobre *ethos* desenvolvidos por Maingueneau (2005a, 2006), esta Tese dedica-se à investigação da construção do *ethos*, entendido como a imagem que o enunciador cria de si no discurso, tendo como *corpora blogs* de universitários e pré-universitários. Um dos objetivos da pesquisa é compreender a construção do *ethos* como um evento essencialmente discursivo, levando em conta, em tal construção, a participação de enunciadores e co-enunciadores, bem como o modo como estereótipos sociais guiam a construção da imagem dos enunciadores. Os resultados apontam a constituição do *ethos* como um processo essencialmente interativo, que pressupõe a participação igualitária entre enunciadores e co-enunciadores, que se apóiam, de forma substantiva, em restrições impostas pelos estereótipos sociais, uma vez que o enunciador, como sujeito descentrado e não origem do dizer, não pode construir aleatoriamente qualquer imagem de si, uma vez que se submete a expectativas dos co-enunciadores e às cenas validadas pelos estereótipos.

Palavras-chave: *ethos*, *blogs*, Hipertexto, Análise do Discurso de Linha Francesa

## **ABSTRACT**

This thesis aims at investigating the construction of the ethos, as the image created by the enunciator about himself in the discourse, based on the theoretical perspective of the French Discourse Analysis and supported by the studies about ethos developed by Maingueneau (2005a, 2006). University students' blogs as well as college students' constitute the corpora of this research. One of its objectives is to understand the construction of the ethos as an essential discourse event, taking into consideration not only the enunciators' and co-enunciators' participation but also the way that social stereotypes conduct this process. The results indicate it is an essential interactive process whose participants have the same level of participation and are significantly influenced by the social stereotypes restrictions. That is because the enunciator, as a non-centered subject, who is not the origin of his own saying, can not construct any image about himself at random, once he depends on both the co-participants' expectations and the scenes validated by the stereotypes.

Key words: ethos, *blogs*, hypertext, French Discourse Analysis.

[...] O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear. A idéia simplificada que se faz da comunicação, e que é usada como fundamento lógico-psicológico da oração, leva a evocar a imagem desse Adão mítico.

(MIKHAIL BAKHTIN)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço:

à força universal, cujo amor inunda a tudo e a todos, a quem agradeço pela vida e pelas oportunidades de crescimento pessoal e espiritual;

aos meus pais por sempre estarem ao meu lado durante todo o doutorado e todo o meu segundo “parto” da tese;

aos meus irmãos Alfredo, Pedro e Milena nos quais posso me espelhar com orgulho;

à Ângela Emília Fagundes Poggio pela acurada revisão da Tese;

à minha família como um todo que sempre esteve torcendo para que eu pudesse alcançar vôlei;

à Miguel, meu companheiro de todas as horas, incentivador de minha caminhada, a quem agradeço o carinho, o amor, a paciência e a força durante todo o doutorado;

aos meus colegas do NUPED- Núcleo de Pesquisa do Discurso, pelos momentos de debates e discussão proporcionados nos nossos encontros de pesquisa;

à Professora Doutora Eni Orlandi pela generosidade das conversas informais e pelas brilhantes aulas que tanto enriqueceram minha formação acadêmica;

ao Professor Doutor Júlio César Araújo, cujo contato, sempre tão profícuo, me permitiu navegar cada vez mais pelo hipertexto;

ao professor Dr. João Antônio de Santana Neto que me orientou com paciência e carinho durante todo o doutorado;

à FAPESB, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, pelo financiamento da bolsa de doutorado e auxílio tese, sem os quais não teria sido possível finalizar esta pesquisa;

à Rosana e Marta Maria e a todos os amigos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Dedicatória:

Dedico esta tese a Pedro Luis, que alegra minha vida com seu sorriso diário.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>1 CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA: UMA DIGRESSÃO ANTROPOLÓGICA</b>	15
1.1 ESPECIFICIDADES DO CIBERESPAÇO E DA CIBERCULTURA	15
1.1.1 O Ciberespaço	15
1.1.2 A Cibercultura	19
1.2 COMUNIDADES VIRTUAIS OU AGREGAÇÕES SOCIAIS?	23
1.3 O HIPERTEXTO: UM FENÔMENO SOCIAL E LINGUÍSTICO	29
<b>2 REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA</b>	39
2.1 A INSTITUIÇÃO DOS ESTUDOS DISCURSIVOS	39
2.2 FILIAÇÕES TEÓRICAS DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA	42
2.3 NOÇÕES BASILARES DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA	47
2.3.1 Do conceito de discurso, formação discursiva e formação ideológica	47
2.3.2 Das condições de produção: o interdiscurso e a memória discursiva	51
2.4 AS FASES DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA	56
<b>3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O <i>ETHOS</i></b>	59
3.1 O <i>ETHOS</i> DE ARISTÓTELES À PRAGMÁTICA: ASPECTOS GERAIS	59
3.2 O <i>ETHOS</i> NA ANÁLISE DO DISCURSO DE DOMINIQUE MAINGUENEAU	64
<b>4 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS GÊNEROS DO DISCURSO</b>	77
4.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE OS GÊNEROS DO DISCURSO	77
4.2 OS GÊNEROS DISCURSIVOS PARA DOMINIQUE MAINGUENEAU	84
4.3 OS GÊNEROS DO DISCURSO NO CONTEXTO DO HIPERTEXTO	89
4.3.1 Os <i>e-mails</i>	93
4.3.2 Os <i>chats</i>	95
4.3.3 O Orkut	101
4.3.4 Os <i>blogs</i> no contexto da tecnologia digital	102
4.3.4.1 As características enunciativas dos <i>blogs</i> pessoais	105
<b>5 ASPECTOS METODOLÓGICOS</b>	109

5.1 A CARACTERIZAÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	109
5.2 TÉCNICA DE SELEÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	111
5.3 TRATAMENTO DOS <i>CORPORA</i>	113
5.3.1 <b>Estrutura dos <i>blogs</i></b>	113
5.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE	116
<b>6 ANÁLISE DE DADOS: O <i>ETHOS</i> NOS <i>BLOGS</i></b>	118
6.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS <i>BLOGS</i> DOS UNIVERSITÁRIOS/ PRÉ-UNIVERSITÁRIOS	120
6.2 NAVEGANDO SOBRE OS <i>CORPORA</i>	123
6.2.1 <i>O Blog da Karolletes</i>	123
6.2.2 <i>O Blog da Deisinha</i>	131
6.2.3 <i>O Blog do Matheus</i>	143
6.2.4 <i>O Blog da Maryan</i>	150
6.2.5 <i>O Blog da Naneh</i>	157
6.2.6 <i>O Blog da Nicole</i>	162
6.2.7 <i>O Blog do Sandney</i>	171
6.2.8 <i>O Blog da Nathália</i>	178
6.3 OBSERVAÇÕES SOBRE OS <i>CORPORA</i> EM ANÁLISE	184
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	187
<b>8 REFERÊNCIAS</b>	191
<b>ANEXOS</b>	199

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Exemplo da capa da comunidade do <i>Orkut</i> intitulada Eu amo São Francisco de Assis .....	27
FIGURA 2: Exemplo de capa do <i>blog</i> da Nicole.....	73
FIGURA 3: Exemplo de modelo de <i>e-mail</i> .....	94
FIGURA 4: Trecho de bate-papo no <i>msn</i> .....	100
FIGURA 5: Capa do site de relacionamentos <i>Orkut</i> .....	101
FIGURA 6: Exemplo de capa de <i>blog</i> .....	107
FIGURA 7: Exemplo de estrutura textual dos <i>blogs</i> .....	114
FIGURA 8: Exemplo de espaço para postagem de comentários de leitores nos <i>blogs</i> .....	115
FIGURA 9: Capa do <i>blog</i> da Karoletes.....	127
FIGURA 10: Capa do <i>blog</i> da Deisinha vestibulanda.....	132
FIGURA 11: Capa do <i>blog</i> da Deisinha universitária.....	133
FIGURA 12: Capa do <i>blog</i> do Matheus.....	144
FIGURA 13: Capa do <i>blog</i> da Maryan.....	151
FIGURA 14: Imagem postada no <i>blog</i> da Maryan.....	151
FIGURA 15: Imagem animada postada no <i>blog</i> da Maryan.....	151

FIGURA 16: Capa do <i>blog</i> da Naneh.....	157
FIGURA 17: Capa do <i>blog</i> da Nicole.....	163
FIGURA 18: Capa do <i>blog</i> do Sandney.....	172
FIGURA 19: Capa do <i>blog</i> da Nathália.....	178

## **LISTA DE QUADROS E ESQUEMAS**

QUADRO 1: As diferenças entre a Intertextualidade e a Interdiscursividade .....	55
QUADRO 2: Tipologia dos Blogs. ....	82
QUADRO 3: Classificação dos gêneros digitais, no que se refere às modalidades escrita ou oral, incluindo ainda aqueles que se situam na fronteira entre essas duas modalidades (são os intermediários).....	91
QUADRO 4: Relação fala versus escrita.....	95
QUADRO 5: Ícones semióticos usados por Naneh, em seu blog, com seus respectivos significados.....	162
ESQUEMA 1: Formação discursiva sobre a mulher.....	49
ESQUEMA 2: O ethos para Maingueneau.....	65
ESQUEMA 3: Gêneros digitais entre a escrita formal e a oralidade.....	92

## INTRODUÇÃO

Essa tese situa-se dentro do quadro teórico da Análise do Discurso de Linha Francesa, tendo como base, principalmente, as obras de Maingueneau (2005a, 2006), nas quais disserta sobre a categoria *ethos*<sup>1</sup>. Além disso, pretende-se realizar uma reflexão sobre a cibercultura, o ciberespaço e os novos gêneros surgidos no seio da Internet. Ressalta-se que foi utilizada a noção de texto dentro da Lingüística Textual. No entanto, tais elementos foram trazidos apenas para conferir ao trabalho em questão um melhor embasamento teórico. É importante ressaltar que, apesar de trazer à tona alguns elementos da teoria citada anteriormente, esta pesquisa centra-se na Análise do Discurso de Linha Francesa, cujo embasamento filosófico difere daquele em que se alicerça a Lingüística Textual.

Dessa forma, o referido trabalho é o resultado das reflexões acerca do modo da construção do *ethos* nos *blogs* de universitários e pré-universitários. Consoante Maingueneau (2005a), o *ethos* pode ser compreendido como a imagem do enunciador construída no âmbito do discurso. Os *blogs* podem ser definidos como diários digitais, nos quais as pessoas escrevem sobre si, em um meio público: a Internet. Surgido com o advento do hipertexto, o *blog* pode ser compreendido como um gênero digital que representa a transmutação<sup>2</sup> do diário tradicional.

Parte-se da idéia inicial de que a Internet institui novos espaços enunciativos e o gênero *blog* é um deles. Nos *blogs* pessoais, os enunciadores escrevem sobre si, revelando um discurso intimista que circula diante de um conjunto de internautas que se conectam à rede *web*. Assim, o *blog* instaura um novo espaço enunciativo que se encontra no limiar entre o público (a Internet) e o privado (seu caráter intimista). Apesar de circular ante um número imensurável de internautas, os *blogs* direcionam-se, diretamente, a um universo particular, constituído pelo grupo de amigos ou conhecidos dos escreventes, para o qual esses dirigem as postagens. Portanto, percebe-se que os enunciadores do *blog*, ao direcionarem seu discurso para um determinado grupo, criam um *ethos* que está relacionado a estereótipos sociais. Para

---

<sup>1</sup> A terminologia *ethos* é utilizada na Análise do discurso de Linha Francesa para fazer referência à imagem que o enunciador cria de si no discurso. É uma categoria discursiva e não corresponde à identidade do orador, mas a uma imagem gerada na e pela enunciação. Tal conceito será explicitado no capítulo 3 desta tese.

<sup>2</sup> O termo transmutação está aqui sendo utilizado tendo por base a teoria de gêneros discursivos de Bakhtin (2003). O referido autor afirma que há gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos). Os primeiros são incorporados pelos segundos que os reelaboram, mantendo, no entanto, algumas características do gênero que incorporou. Esse termo também foi utilizado por Marcuschi (2002), quando afirmava que os gêneros textuais não são inovações absolutas, mas possuem uma ancoragem em outros gêneros já existentes.

compreender a construção do *ethos* nos *blogs*, foram escolhidos oito *blogs* de estudantes pré-universitários e universitários, levando-se em conta as seguintes hipóteses:

- os pré-universitários e os universitários procuram construir uma imagem de si mais próxima do mundo ético dos adultos;
- o discurso dos universitários e dos pré-universitários é regulado pela expectativa dos co-enunciadores com os quais interagem, ou, em outras palavras, pela expectativa do universo particular para o qual eles dirigem seu discurso;
- a formação do *ethos* dos blogueiros é um processo interativo que envolve tanto enunciador quanto co-enunciador no jogo enunciativo.

Com a finalidade de compreender como se processa a construção do *ethos* nos *blogs*, faz-se uso do esquema, fornecido por Maingueneau (2005a, 2006), que coloca o *ethos* efetivo como sendo dividido em *ethos* pré-discursivo e discursivo, e esse último como sendo subdividido em dito e mostrado. Além disso, o referido pensador confere fundamental importância à noção de estereótipos, que, segundo ele, guia o estabelecimento do *ethos*. É a partir dos pressupostos teóricos, desenvolvidos por Maingueneau (2005a, 2006) que se busca problematizar, nessa tese, a compreensão da constituição do *ethos* em um diário digital, que pressupõe a escrita intimista no espaço público do hipertexto.

A relevância do tema escolhido justifica-se pelo fato de que a Internet trouxe inovações nas formas de relação social, além de ter proporcionado o surgimento de novos gêneros discursivos, que, emparelhados às novas tecnologias, possuem características únicas.

Os seguintes objetivos guiaram esta pesquisa:

- a) observar, a partir da utilização do esquema sobre o *ethos* postulado por Maingueneau (2005a), o modo como o *ethos* se constitui nos *blogs* de pré-universitários e universitários;
- b) compreender a relação entre enunciadores e co-enunciadores na constituição do *ethos* nos referidos *blogs*;
- c) perceber de que forma os estereótipos direcionam a construção do *ethos* nos *corpora* selecionados.

Em termos de organização, esse trabalho compõe-se de uma Introdução e seis capítulos, a saber: i) CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA: UMA DIGRESSÃO ANTROPOLÓGICA; ii) REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA, iii) CONSIDERAÇÕES SOBRE O *ETHOS*, iv) CONSIDERAÇÕES SOBRE

OS GÊNEROS DO DISCURSO, v) ASPECTOS METODOLÓGICOS, vi) ANÁLISE DE DADOS: O *ETHOS* NOS *BLOGS* e as CONSIDERAÇÕES FINAIS, seguidas das REFERÊNCIAS, além dos ANEXOS.

O capítulo 1 trata das especificidades do ciberespaço e da cibercultura, tendo como foco as modificações dos conceitos de espaço, tempo e comunidade, instaurado por eles. Apresenta-se também uma reflexão sobre as características básicas do hipertexto, que, inserido em condições de produção *sui generis*, carrega inovações em relação ao texto impresso.

O capítulo 2 tece considerações sobre a Análise do Discurso de Linha Francesa, destacando, para isso, as suas características basilares. Fez-se necessário escrever tal capítulo, uma vez que a noção de *ethos*, utilizada nessa pesquisa, inscreve-se dentro do escopo teórico da referida corrente.

O capítulo 3 aponta as principais características do *ethos*, fazendo, inicialmente, um breve percurso histórico dessa categoria da Grécia até a Análise do Discurso de Linha Francesa. No entanto, como o escopo teórico dessa tese centra-se na Análise do Discurso de Linha Francesa, abordam-se as especificidades da noção de *ethos* dentro do quadro teórico dessa corrente, tendo como base os estudos de Maingueneau (2005a, 2006).

O capítulo 4 estabelece considerações sobre os gêneros discursivos, situando no seio desses os gêneros digitais. Nesse capítulo, faz-se uma breve retomada do conceito de gêneros discursivos em Bakhtin (2003), passando pela caracterização dos mesmos no quadro teórico da Lingüística de Texto e chegando, por fim, ao modo como essa noção se inscreve na Análise do Discurso de Linha Francesa.

No capítulo 5, são colocados os aspectos metodológicos da pesquisa, esclarecendo as técnicas de análise e seleção de *corpora*, bem como os passos metodológicos usados para realizá-la.

No capítulo 6, faz-se a análise de dados, aplicando-se o esquema de Maingueneau (2005a, 2006) aos *blogs* destacados e utilizando, portanto, o escopo teórico da Análise do Discurso de Linha Francesa.

Apresentam-se, por fim, as Considerações Finais sobre o trabalho realizado, apontando os resultados obtidos através da análise dos dados, sem pretender esgotar o assunto em estudo.

# 1 CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA: UMA DIGRESSÃO ANTROPOLÓGICA

## 1.1 ESPECIFICIDADES DO CIBERESPAÇO E DA CIBERCULTURA

Antes de começar a comentar sobre hipertexto, é importante caracterizar o espaço no qual ele surge, as condições de produção que engendram o aparecimento da Internet e, com ela, do fenômeno hipertextual.

Vale ressaltar que, apesar dessa pesquisa ter um caráter lingüístico, não se descarta a importância de se compreender a instituição do ciberespaço e da cibercultura como fenômenos que instituem novas dimensões sociais e modificações na esfera cultural.

Não é pretensão desse trabalho, esgotar toda a discussão sobre o ciberespaço e a cibercultura, já que o objetivo desta tese é discutir sobre a constituição do *ethos* nos *blogs* de pré-universitários e universitários. No entanto, faz-se necessário abordar algumas características desses espaços interativos, uma vez que o hipertexto, enquanto fenômeno social, cultural e lingüístico, circunscreve-se ao ciberespaço.

Diante disso, cabe fazer uma breve abordagem sobre o ciberespaço e a cibercultura, a fim de debater sobre essa questão que é de extrema importância para a pesquisa aqui realizada, visto que a emergência do ciberespaço pressupõe modificações sociais e culturais que serão debatidas neste capítulo.

### 1.1.1 O Ciberespaço

Segundo Lévy (1999, p. 92), “a palavra ciberespaço foi inventada em 1984 por William Gibson, em seu romance de ficção científica *Neuromante*.” O termo foi usado naquela ocasião para referir-se ao universo das redes digitais que pressupunham conflitos entre redes de multinacionais e a criação de novas fronteiras sociais e econômicas.

A idéia mais comum que se tem do ciberespaço é aquela que o concebe como o conjunto de todas as novas mídias surgidas na pós-modernidade. Nesse caso, a acepção de ciberespaço é ampla e abrange a televisão digital, TV via cabo, Internet, celulares, móveis etc. No entanto, não é apenas o conjunto de tecnologias novas que compõe o ciberespaço. Em uma visão mais estrita, Lévy (1999) circunscreve-o ao espaço virtual surgido da interconexão

mundial dos computadores, enfatizando, nesse espaço, a Internet. Conforme o referido filósofo:

O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999, p. 17).

Para esse trabalho, utiliza-se a noção de ciberespaço defendida por Lévy (1999), que, como se pôde ver na citação acima, o concebe como o *locus* virtual que abrange todas as novas formas de interação e de comunicação digitais, surgidas com o advento da Internet, bem como o oceano de informações ali presentes derivadas da interconexão mundial de computadores. Lévy (1999, p. 126) concebe o ciberespaço como “prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária.”

O referido autor (1999) ressalta que o ciberespaço trouxe em seu bojo a possibilidade concreta de acesso à distância a recursos de um computador. Isso significa que se pode de qualquer lugar do mundo, acessar o banco de dados de um computador central. Porém, para Lévy (1999), o ciberespaço representa muito mais do que a possibilidade de acesso à distância a informações ou dados de um outro computador. Conforme ele, a emergência do ciberespaço relaciona-se com algumas mudanças na sociedade pós-moderna, isto é, o ciberespaço deriva de um movimento social engendrado pela pós-modernidade. Assim, Lévy (1999, p. 123) afirma:

[...] a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (inter-conexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações correntes.

A modificação social impulsionadora do crescimento do ciberespaço é, principalmente, a necessidade de comunicação. Em tempos de pós-modernidade, a agilidade nas comunicações entre empresas, bancos, e, até mesmo, entre anônimos, é fundamental para a concretização de negócios e para a fluidez das relações pessoais. Dessa necessidade de comunicação, surge, portanto, a interconexão.

Segundo Lévy (1999, p. 93), “o ciberespaço não pode ser visto como uma completa inovação, uma vez que reproduz algumas características da interação concreta no mundo real”. Guimarães Jr. (1997), em relação a essa questão, afirma: “o ciberespaço constitui-se a

partir de uma migração do mundo real para um mundo de interações virtuais”. Isso significa afirmar que o ciberespaço é uma construção virtual que ocorre a partir de premissas concretas, tendo como base a realidade concreta, as relações sociais e interações de indivíduos reais através de uma rede virtual: a Internet. Há algumas semelhanças entre as formas de interação virtual instituídas pelo ciberespaço e as formas interativas presentes nas sociedades pós-modernas concretas, dentre as quais se podem citar:

- Há, tanto nas sociedades concretas como nas comunidades virtuais instituídas pela Internet, uma complexa rede de interações sociais, com a participação de grupos sociais unidos através de interesses diversos, instituindo uma complexa teia de formações ideológicas e discursivas, com inúmeras comunidades, com estrutura hierárquica organizada etc.
- Existe uma imensa gama de heterogeneidade, apreendida através da manifestação das mais diversas ideologias: assim como há inúmeros grupos religiosos, políticos, revelando uma ampla heterogeneidade nas relações sociais pós-modernas concretas, há também uma infinidade de *sites* e comunidades virtuais que refletem uma gama de formações discursivas diferentes, ou seja, *sites* de instituições educacionais, de grandes jornais ou instituições midiáticas que estão reunidos no ciberespaço, atestando que esse não pode ser entendido como um espaço homogêneo e único, mas sim como um espaço constituído pela heterogeneidade ampla.
- Há a presença de normas e regras que guiam e direcionam o discurso dos internautas: cada *site*, cada espaço interativo funciona seguindo normas e regras enunciativas específicas. É preciso que tais regras e normas sejam compartilhadas pela comunidade do ciberespaço para que a interação ocorra de forma plena. A chamada “netiqueta”, por exemplo, estabelece, dentre outras coisas, que se deve evitar o uso de textos em caixa alta, pois isso quer dizer que o enunciador está gritando com o co-enunciador; além disso, é preciso seguir regras para publicação de *sites*, envio de e-mails e outros processos de interação digital. Esse aspecto revela que a Internet não é, ao contrário do que se pensa, um ambiente amplamente democrático e aberto, mas se constitui como um espaço de conflito entre as hierarquias virtuais e também como um espaço coercitivo, no qual o indivíduo deve se submeter a regras lingüísticas e enunciativas para ser aceito.
- Existe a hierarquia presente nas instituições discursivas e enunciativas digitais: assim como há o jogo hierárquico dentro dos grupos sociais nas comunidades concretas, há também tal aspecto nas comunidades virtuais. Nelas, nota-se, por exemplo, a presença

de moderadores, responsáveis por regular o discurso dos internautas nas comunidades e nos fóruns dos quais participam. Além disso, sabe-se que os *sites* devem ser hospedados em provedores, que regulam as publicações e o espaço destinado à interação entre os internautas.

No entanto, apesar de ser possível estabelecer semelhanças entre o espaço enunciativo digital (concretizado na Internet e em todas as formas de interação trazidas por ela) e as comunidades concretas, pode-se afirmar que o ciberespaço trouxe inovações importantes, sendo que a maior delas diz respeito ao fato de que nele há o deslocamento das variáveis de tempo e espaço presentes na realidade concreta, uma vez que nesse espaço virtual o “agora” e o “aqui” modificam-se sensivelmente. O tempo gerado no ciberespaço é marcado pela presentificação constante, pela interatividade *online*. A interação real ocorre sem fronteiras espaciais nítidas, uma vez que pessoas que vivem em continentes diferentes podem interagir em tempo real no ciberespaço, tendo como pano de fundo a Internet.

Nesse sentido, Cardoso (2009) assevera:

Ao mergulhar no ambiente do ciberespaço o usuário vai experimentar uma espécie de “abolição do espaço” e circular num território transnacional onde as referências de lugar e de caminho que se percorre para se deslocar de um ponto a outro, modificam-se substancialmente, para não dizer, desaparecem.

Segundo Lemos (2008, p. 128), o ciberespaço é concebido como “um espaço transnacional onde o corpo é suspenso pela abolição do espaço e pelas *personas* que entram em jogo nos mais diversos meios de socialização [...]”. Essa definição traz à tona a questão da abolição do espaço com fronteiras definidas que é instaurado no ciberespaço. O autor afirma que o ciberespaço é “um não-lugar” ou ainda “um espaço imaginário”. O ciberespaço desloca também a noção tradicional que se tem do corpo, uma vez que, sem fronteiras nítidas na virtualidade, ele não é claramente perceptível. Cria-se, no ciberespaço uma espécie de corpo simbólico, que é representado a partir da união entre a escrita, a multissemiose e a tecnologia.

Na impossibilidade de manifestar emoções, o sujeito do ciberespaço utiliza-se dos *emoticons*, ícones semióticos que servem para expressar sentimentos e emoções. Na impossibilidade de se apresentar fisicamente tal como na sociedade concreta, o sujeito do ciberespaço coloca fotos de si ou se representa a partir de imagens com as quais se identifica.

Diante disso, deve-se repensar as formas de socialização, bem como os conceitos de espaço e de tempo concebidos com base nas interações concretas.

Em suma, o termo ciberespaço refere-se não apenas aos adventos tecnológicos materiais, mas também ao conjunto infinito de informações que derivam da comunicação digital, aos sujeitos que as produzem e àqueles que delas usufruem. O ciberespaço introduz também hábitos e práticas sociais reformuladas que se adequam ao novo contexto de produção digital, gerando a cibercultura, que será abordada no item a seguir.

### 1.1.2 A Cibercultura

Segundo Lévy (1999, p. 17), o neologismo cibercultura especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Assim, a cibercultura pode ser compreendida como o conjunto de práticas sociais e comportamentais que derivam do ciberespaço.

O ciberespaço, como se viu anteriormente, cria a possibilidade de pessoas desconhecidas, de todas as partes do mundo, interagirem em tempo real, gerando, portanto, modificações importantes nos hábitos dos indivíduos pós-modernos, o que se constitui em uma modificação de hábitos culturais. Isso é o que se chama de cibercultura:

A cibercultura corresponde à formação societária e tecnocultural articulada e modulada pelo conjunto de necessidades sociais compulsórias historicamente consolidadas em torno da reciclagem estrutural e da apropriação contínuas das senhas infotécnicas de acesso. Em outras palavras, abarca tanto o arranjo material, simbólico e imaginário contemporâneo, quanto os processos sociais internos (estruturais e conjunturais) que lhe dão sustentação (TRIVINHO, 2007, p. 4)

Dessa forma, a cibercultura é o fenômeno que compreende o conjunto de relações e práticas sociais derivadas do ciberespaço, as formas de interação derivadas desse último, bem como o vínculo social entre os indivíduos ou grupos que fazem parte do ciberespaço.

Uma das características da cibercultura e, talvez, a mais importante delas, é a possibilidade de interconexão virtual entre as pessoas. Lévy (1999, p. 127) aponta como característica principal desse movimento cultural a instituição da “civilização da telepresença

generalizada”. Tal tele presença se constituiria na união da humanidade em uma aldeia sem fronteiras reais, para além das dimensões físicas da comunicação. Assim, o referido pensador assevera que:

Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa. A interconexão tece um universal por contato (LÉVY, 1999, p. 127).

A telepresença, apontada por Lévy (1999), pressupõe a existência de sujeitos em tempo real, ativada pelos processos interativos da Internet e pressupõe também uma constante presentificação desse sujeito.

Exemplificando melhor essa questão, pode-se afirmar que a cibercultura refere-se às formas de socialização não tão novas, mas adequadas ao novo espaço virtual do ciberespaço, tais como: a criação de comunidades virtuais (nas quais os membros não têm contato face a face); a anonimização das práticas interativas (pessoas que interagem no anonimato, através da criação de uma suposta identidade virtual) etc.

Segundo Cardoso (2009):

A intensificação do uso das novas mídias vem possibilitando, nos últimos anos, o surgimento de uma imensa e complexa cultura, onde fervilham agrupamentos sociais inéditos, práticas anônimas de interação, tribos cyberpunks, hackers (espões das informações circulantes na rede), etc. Encontra-se complexidade e pluralidade na formação dos múltiplos ambientes sociais: agrupamentos efêmeros e velozes, onde impera o descompromisso com a permanência e duração das inter-relações; jogos interativos de criação de identidades, onde centenas de “personagens inventados” se encontram; fóruns de debates científicos; pontos de encontros de praticantes das mais diversas atividades, da culinária à Yoga; navegantes solitários em busca dos tesouros do imenso acervo que já se disponibilizou nas redes.

Vale ressaltar que, nesta tese, se defende a idéia de que as características citadas anteriormente, tais como: a anonimização, a criação de novas identidades, o descompromisso com a durabilidade das relações etc., não se constituem como uma novidade radical e não são exclusivas do ciberespaço, uma vez que essas já se fazem presentes nas sociedades complexas não-virtualizadas. Porém, o ciberespaço as potencializa, trazendo à tona práticas sociais já esquecidas na pós-modernidade, dentre as quais se pode citar, por exemplo, o namoro à distância, que, há algum tempo atrás, acontecia através da troca de correspondências, mas que

foi substituído pelos namoros virtuais, nos quais as pessoas podem se observar através de *web cams*, conversar em tempo real e trocar mensagens em um espaço temporal bem menor do que aquele presente na troca de correspondências escritas enviadas pelos correios. Há também aglomerações que não pressupõem uma duração efêmera e que possuem, por isso, um caráter comunitário. Isso ocorre em fóruns de discussão diversos, em comunidades como as do Orkut e também em *blogs*, cujas uniões interativas baseiam-se, muitas vezes, em relações afetivas e em interesses comuns.

A instituição da Internet traz também a possibilidade de união de internautas em grupos sociais diversos, tais como se observa na citação anterior. Assim, no ciberespaço, podem-se encontrar grupos essencialmente virtuais, a exemplo de *hackers* e outros que já existiam nas sociedades concretas, mas que encontram no ciberespaço um lugar a mais para interação, pressupondo a abolição de fronteiras geográficas e a velocidade na troca de informações.

Com a finalidade de entender a formação de grupos sociais na Internet, faz-se necessário discutir tal conceito no âmbito da Sociologia, a fim de se compreender como tal fenômeno ocorre no ciberespaço.

Conforme a Sociologia, o homem é um ser social e vive em grupos. Então, pressupõe-se a criação de grupos sociais diversos que permitem a interação humana nas mais diversas esferas da sociedade. Os grupos sociais são formados pela união de pessoas com características semelhantes. Os grupos devem ser identificados como tal pelos seus membros ou por pessoas que não fazem parte deles, devem representar os interesses comuns das pessoas que os constituem, podem ser fechados ou abertos, quando há ou não o controle de entrada de indivíduos nos mesmos.

Os grupos sociais possuem características internas que representam uma marca identitária através da qual são identificados. Assim, um partido político é considerado um grupo social a partir do momento em que defende determinadas ideologias e não outras; os católicos podem formar um grupo social, a partir do momento em que têm como base a mesma doutrina religiosa, que os identifica como tal etc.

Segundo Fichter (1973), os grupos sociais podem ser definidos como uma coletividade identificável, estruturada, contínua, de pessoas sociais que desempenham papéis recíprocos, de acordo com determinadas normas, interesses, valores sociais, para a consecução de objetivos comuns.

Lakatos (1999) afirma que os grupos sociais podem ser espontâneos ou contratuais/voluntários. Os primeiros, segundo a autora, formam-se naturalmente, sem que haja uma

intenção de constituí-los (como exemplo desse tipo de grupo, podem-se destacar as cidades, os municípios etc.). Os segundos são formados a partir de uma finalidade pré-determinada. Eles são criados a partir de planos preestabelecidos (como exemplo, podem-se destacar os grupos religiosos, os partidos políticos etc.).

Quanto à duração, os grupos podem ser periódicos, quando se desfazem em pouco tempo e constituem-se acidentalmente (por exemplo, o auditório, os grupos etários etc.), ou contínuos, quando são estáveis e permanentes (por exemplo, a família, a escola etc.).

No que se refere à estrutura, os grupos podem ser difusos, quando não existem leis e não possuem organização definida (por exemplo, grupos de amigos, de universitários, de adolescentes etc.), ou organizados, quando obedecem a regras estabelecidas, possuem uma organização hierárquica e seguem normas e regras comuns (por exemplo, sindicatos, partidos políticos etc.).

Na Internet, também há a instituição de grupos sociais diversos. Nos *blogs* analisados nesta pesquisa, por exemplo, podem-se destacar dois grupos espontâneos macros: um constituído pelos pré-universitários; e outro, pelos universitários. Os primeiros pressupõem uma determinada faixa etária dos seus membros e também um interesse comum: o de entrar em uma faculdade. O segundo pressupõe a existência de traços comuns, tais como: as novas perspectivas na vida profissional, proporcionadas pela entrada na universidade; a necessidade do estudo e do cumprimento dos créditos universitários; a necessidade de obter um bom lugar no mercado de trabalho, a partir das perspectivas acadêmicas; o hábito de leitura etc.

Os grupos sociais no ciberespaço instituem relações sociais tradicionais, que se baseiam em novas formas de enunciação, de concepção do tempo e do espaço. Assim, os jovens internautas, por exemplo, adaptam-se ao ciberespaço, criando novas formas de interação, como o uso de uma linguagem recheada de abreviações e ícones semióticos, a criação de álbuns e diários digitais etc.

O ciberespaço também institui agrupamentos sociais comunitários. No entanto, esses agrupamentos têm especificidades que se adequam ao ambiente no qual são gestadas. A seguir, pretende-se discutir sobre as comunidades virtuais.

## 1.2 COMUNIDADES VIRTUAIS OU AGREGAÇÕES SOCIAIS?

Ao contrário do que é defendido por muitos pensadores, a Internet, ao invés de estimular a separação e a frieza nas relações sociais, reproduz, do mesmo modo que as sociedades concretas, agregações que pressupõem a união de pessoas através de interesses semelhantes. Nesse sentido, Lemos (2008, p. 140) afirma que “o que agrega internautas são afinidades intelectuais ou espirituais, formando coletivos de interesses comuns.” Segundo o referido autor, o ciberespaço potencializa agregações, que podem ser comunitárias ou não, uma vez que a existência de comunidades pressupõe a criação de laços afetivos ou ainda de laços de pertencimento, como se poderá ver a seguir.

O conceito de comunidade há muito vem sendo debatido nos círculos da Sociologia. De acordo com tal ciência, a comunidade é abordada como o agrupamento social que abrange laços de intimidade pessoal e coerção social. O protótipo da comunidade seria, portanto, a família. Nela, os indivíduos estão ligados uns aos outros através de elos emocionais e de um alto grau de intimidade pessoal. Essa seria, em Sociologia, a idéia clássica e geral do que vem a ser comunidade.

Durkheim (1995), ao teorizar sobre os diferentes tipos de solidariedade, afirma que a formação da comunidade está relacionada com a solidariedade mecânica. Tal tipo de solidariedade seria o laço que uniria os indivíduos em uma determinada comunidade. Esse laço pressupunha a forma de vida baseada na união de seus membros em prol de um mesmo ideal comum a todos, pautado por ações coletivas preestabelecidas, através de crenças e sentimentos comuns. Esse tipo de solidariedade estaria presente no modo de vida primitivo e seria fruto da união dos indivíduos em comunidades.

Weber (1987) ressalta outras características que conferem às agregações humanas uma relação comunitária. Conforme esse autor (1987, p. 77):

Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou tipo ideal, baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes.

Assim, Weber (1987) afirma que os indivíduos se unem em comunidades através de um sentimento de pertencimento, cuja motivação se baseia em algum tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional.

O conceito sociológico de comunidade foi estabelecido por Tonnies (1942), que vai propor uma diferenciação entre sociedade (*gesellschaft*) e comunidade (*gemeinschaft*). Para ele, a noção de comunidade estaria ligada à vida doméstica, à economia local, às relações de troca, às necessidades primárias. Por outro lado, a sociedade estaria pautada nas instituições sociais em relações mais complexificadas, como a cidade, a indústria e o comércio. Segundo esse pensador, as relações sociais são motivadas pela vontade humana. Ainda de acordo com ele, existiriam dois tipos de vontade: a vontade essencial e a vontade arbitrária. A primeira seria espontânea, natural, instintiva e impulsionaria a formação de comunidades. A segunda seria baseada na ação reflexiva, na deliberação e teria um caráter finalista, e, por sua vez, impulsionaria a formação das sociedades.

A comunidade seria, então, relacionada à vontade natural, segundo Tonnies (1942). Então, a noção de comunidade é relacionada à união de pessoas por laços naturais ou espontâneos, baseados em objetivos comuns que transcendem os interesses individuais.

Sendo assim, o que une as pessoas nas comunidades é o sentimento de pertencimento, o que mantém forte o laço coesivo dos indivíduos. Dentro das comunidades, há também uma relação de interdependência, uma vez que o coletivo impera sobre o individual. Pode-se dizer que os membros das mesmas dependem uns dos outros, e, para que a comunidade possa continuar a existir, é preciso haver a cooperação. Desse modo, podem-se destacar, segundo Lakatos (1999), como principais características da comunidade: o sentimento de nós (referente ao caráter coletivo da comunidade); o sentimento de representação de um papel (expresso na maneira pela qual o indivíduo desempenha suas funções como membro de uma comunidade); o sentimento de dependência (uma vez que a coletividade impera sobre o individual); o sentimento de pertença e o compartilhamento de um mesmo espaço geográfico, de um solo comum e de interesses comuns.

Assim como as comunidades são agregados importantes dentro de uma sociedade, pretende-se observar, neste momento, a importância da instituição das comunidades digitais no ciberespaço, analisando o funcionamento dessas e suas características gerais. Vale ressaltar que a instituição de comunidades digitais traz modificações nas relações sociais e nos hábitos dos internautas, tendo um grande impacto na cibercultura.

Há um ponto de suma importância, no que diz respeito à compreensão da cibercultura: o pertencimento a determinadas comunidades virtuais, que contribuem para a adequação do comportamento social ao ambiente virtual. Em primeiro lugar, cabe lembrar que o ciberespaço vai ampliar o conceito sociológico tradicional de comunidade.

Segundo Nisbet (1980, p. 254), “o termo comunidade abrange todas as formas de relacionamento caracterizadas por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional, engajamento moral, coerção social e continuidade no tempo.”

O conceito de comunidade liga-se ao estabelecimento de um mesmo espaço social e à união de pessoas com os mesmos interesses, o que suprime, portanto, as vontades individuais em nome do “desejo coletivo”. O sentimento de pertencimento a determinados grupos é um ponto fundamental para que se compreenda sociologicamente esse conceito. Assim, pode-se dizer que os membros de uma comunidade compartilham um interesse comum: pode ser interesse religioso, político, econômico etc.

Uma diferenciação importante entre o grupo social e a comunidade é a questão da marca identitária presente nos grupos sociais, o que permite que esses sejam identificados como tais. Dessa forma, um grupo de jovens, por exemplo, possui características comuns, como o uso de gírias, a necessidade de transgressão, o gosto por festas etc. Além disso, um grupo pode ser efêmero e não possuir uma duração temporal longa. A adolescência, por exemplo, não é permanente e nem fixa. Por outro lado, a comunidade pode ser constituída por pessoas que não possuem necessariamente características semelhantes, mas que estão unidas por um interesse comum. Assim, em uma comunidade espírita, pode haver pessoas de todas as idades, de regiões diferentes e que estão em busca de um interesse comum: a religião. Uma comunidade é constituída por grupos sociais, mas nem todos os grupos sociais são comunidades.

Como afirmado anteriormente, o ciberespaço, por um lado, desloca a noção de comunidade tradicional, visto que desmembra as noções de tempo e espaço, e, por outro, comunga características comuns com as comunidades tradicionais. Ademais, a flutuação constante de identidades dentro da Internet também funciona como um diferenciador importante entre os dois tipos de comunidades. A seguir, falar-se-á um pouco sobre isso.

No ciberespaço, as comunidades virtuais também pressupõem o sentimento de pertencimento dos seus membros. Conforme Primo (1997), o sentimento de pertença é encontrado nas comunidades virtuais, uma vez que “os participantes de *chats* reconhecem-se como parte de um grupo e são responsáveis pela manutenção de relações.” Desse modo, se uma pessoa se filia, por exemplo, a uma comunidade no *Orkut* como “Eu amo São Francisco de Assis”, ela o faz porque compartilha com outras pessoas, que também são membros da comunidade, da admiração e devoção ao referido santo. No entanto, os laços que unem as pessoas nas comunidades virtuais são bastante tênues, em relação às comunidades concretas, já que a flutuação identitária é uma marca das relações virtualizadas. Nesse ponto, vale

ressaltar que os membros de tais comunidades virtuais não são apenas pessoas reais, que interagem através do computador, mas são também pessoas virtuais, cujas identidades são recriadas, para fins de interação na esfera digital. Assim, como exemplo, tem-se o caso de uma pessoa que cria um outro perfil, em que coloca características físicas e psicológicas diferentes das suas reais características, criando, então, uma nova identidade, uma identidade virtual, através da qual interagirá com outros internautas. Essa é, sem dúvida, uma importante diferenciação entre as comunidades das sociedades concretas e as do ciberespaço. Na sociedade concreta, os membros das comunidades são pessoas reais que se ligam por fortes laços afetivos ou por interesses comuns, não havendo a possibilidade de se criar uma nova identidade para fins interativos.

Palácios (1998) chama a atenção de que, no ciberespaço, o sentimento de pertencimento é deslocado do lugar geográfico com fronteiras específicas. Segundo ele, o sentimento de pertença está no ciberespaço associado ao “lugar-ciberespacial” da comunidade. O autor também destaca uma característica importante desse sentimento: uma pessoa só pertence a uma comunidade da qual escolhe fazer parte; existe uma “eletividade”<sup>3</sup> em relação ao pertencimento a determinadas comunidades.

Por outro lado, a filiação de uma pessoa a uma comunidade virtual pauta-se também na necessidade de se debater temas diversos, mesmo que essa pessoa discorde do tema proposto pela comunidade. Sendo assim, se um ateu entra em uma comunidade “Eu acredito em Deus”, ele o faz com o intuito de debater sobre a existência ou não de Deus e não porque compartilha com os demais membros da mesma crença. Então, a possibilidade de debate de temas gerais é também um elo, unindo pessoas que possuem idéias diferentes em uma mesma comunidade, o que não ocorreria nas sociedades concretas, de acordo com a definição sociológica de comunidade.

Assim como as comunidades das sociedades concretas desenvolvem normas e regras que sobrepujam as vontades individuais, há também, nas comunidades virtuais, o desenvolvimento de um código de conduta, baseado em regras e normas criadas pelos moderadores e donos de tais comunidades. Nelas, há condutas e regras, diferenciação hierárquica, código de ética, dentre outras características que guiam o comportamento dos membros da comunidade. A figura a seguir atesta essa questão com maior clareza:

---

<sup>3</sup> O termo eletividade está sendo usado neste caso para designar a livre escolha do internauta ao decidir participar desta ou daquela comunidade.



Figura 1: Exemplo da capa da comunidade do Orkut intitulada Eu amo São Francisco de Assis

A figura 1 mostra a capa de abertura de uma comunidade virtual que tem como motivação a religião. O nome da comunidade é “Eu amo São Francisco de Assis”, o que se pressupõe, de antemão, que os membros dessa comunidade compactuem de um mesmo ideal religioso: o culto à figura de São Francisco de Assis, Santo Católico protetor dos animais. Essa comunidade possui 8.727 (oito mil seiscentos e vinte e sete) membros reunidos em torno de um ideal religioso. Observam-se, já na página de entrada, as regras estabelecidas na comunidade, que, para que se possa continuar a fazer parte da mesma, devem ser seguidas à risca. O trecho abaixo mostra quais são as regras da referida comunidade:

#### Regras:

- 1) pessoas postando conteúdo de *sacanás* serão excluídos da comunidade sem aviso prévio e para sempre;
- 2) qualquer necessidade comunique imediatamente aos mediadores;
- 3) palavras de baixo escalão tbm são motivo de exclusão sem aviso.

Assim, para fazer parte dessa comunidade, é preciso não postar conteúdos proibidos ou apelativos que fujam do objetivo maior da comunidade, nem usar palavrões ou ofensas; caso contrário, existe a possibilidade iminente de expulsão por parte dos moderadores.

Vê-se, portanto, que, assim como nas comunidades concretas, existem regras, nas comunidades virtuais, que representam um código moral ou de ética. Esse código deve ser seguido pelos membros que delas fazem parte.

Há que se destacar ainda que as comunidades virtuais constroem cadeias hierárquicas semelhantes àquelas presentes nas comunidades concretas. Toda comunidade virtual pertence a alguém, possui um dono, e, às vezes, um moderador (com exceção daquelas que foram

criadas e abandonadas pelos seus donos, ficando sem uma hierarquia bem marcada). No caso de uma comunidade como a da figura 1, há um dono e um moderador, que é uma espécie de “gerente” da comunidade. É ele quem apaga tópicos que fogem ao objetivo da comunidade, quem repreende as pessoas por não cumprimento das normas e quem faz as regras serem seguidas, tendo, claro, o consentimento do “dono”. Existe aí uma escala hierárquica e um código de ética, que regem o comportamento cultural no espaço virtual.

Segundo Lévy (1999, p. 127): “uma comunidade virtual é construída sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais”.

O referido autor critica a visão corrente de que as relações interativas e interpessoais nas comunidades virtuais podem favorecer a “frieza” ou o “isolamento” dos indivíduos, que se trancariam em suas casas, em frente aos seus computadores, e apenas interagiriam a partir desse meio. De acordo com Lévy (1999, p. 129):

[...] as relações virtuais não substituem pura e simplesmente os encontros físicos, nem as viagens que muitas vezes ajudam a preparar... O cinema não eliminou o teatro, deslocou-o. As pessoas continuam falando-se após a escrita, mas de outra forma. As cartas de amor não impedem amantes de se beijar. As pessoas que mais se comunicam via telefone são também aquelas que mais encontram outras pessoas.

Alguns outros elementos das comunidades virtuais assemelham-se aos das comunidades concretas, tais como: o sentimento de pertença e de cooperação, a existência de formas *sui generis* de comunicação, dentre outras. O principal ponto diferenciador entre os dois tipos de comunidades é a questão da temporalidade e do espaço, uma vez que essas categorias não são vistas da mesma forma, com o advento do ciberespaço.

Em relação a isso, alguns autores se posicionam contra a utilização do termo comunidade para se referir a agregações constituídas no ciberespaço. Autores como Lemos (2008) sugerem que se evite a utilização desenfreada do termo comunidade para fazer referência às relações sociais gestadas no ciberespaço. Segundo Lemos (2008, p. 164) “[...] nem toda associação no ciberespaço é comunitária, existindo, de forma muito extensa, agregações comunitárias e contratuais de tipo societário.” Assim, o referido autor ressalta o cuidado que se deve ter ao empregar a terminologia comunidade para as agregações sociais formadas na Internet.

Conforme Lakatos (1999), os agregados podem ser entendidos como uma reunião de pessoas que, apesar da proximidade física, estabelecem um mínimo de comunicação e pouca relação social. Dentre outras, os agregados apresentam as seguintes características: o anonimato, a não-estruturação, a ausência de contrato social e o caráter temporário. Nos aglomerados, as pessoas relacionam-se a partir de um comportamento coletivo e não de um comportamento social, visto que, para haver comportamento social, é preciso que ocorra a interação.

Então, segundo Lemos (2008, p. 144), “a Internet é um espaço de agregações sociais múltiplas. Evidentemente que nem toda a forma de agregação é comunitária: existem *chats*, listas ou fóruns que podem ou não ser comunitários.”

Dessa forma, pode-se dizer que há algumas uniões que têm um caráter comunitário e outras que têm um caráter aglomerativo. Como exemplo de uniões que possuem caráter comunitário podem-se destacar: o *Orkut*, os *blogs* pessoais, alguns fóruns de discussão. Já como exemplo de aglomeração virtual, há o próprio conjunto de internautas, que é marcado pelo anonimato e pela ausência de relação social. Por conseguinte, compactua-se com a idéia de Lemos (2008), já que nem todas as uniões no ciberespaço constituem comunidades no sentido sociológico do termo.

### 1.3 O HIPERTEXTO: UM FENÔMENO SOCIAL E LINGÜÍSTICO

Pode-se dizer que o hipertexto, surgido no ciberespaço, é um fenômeno lingüístico e social de extrema importância para a compreensão da instituição de novos espaços discursivos na pós-modernidade, portanto, é pertinente abordar o advento do hipertexto sob basicamente dois prismas complementares: o prisma social, que institui novas formas de relação e interação social, bem como uma nova forma de relação entre o sujeito histórico e a tecnologia; e o prisma lingüístico, através do qual surgem novos espaços enunciativos, gêneros discursivos específicos e formas inovadoras de constituição do sujeito, a partir da apropriação dos novos paradigmas discursivos.

Lemos (2008, p.124) define hipertexto como:

[...] uma forma de organização da informação possibilitada pelos avanços da informática, traduzindo-se em um conjunto de nós, ligado por conexões, permitindo a exploração através de um processo de leitura-navegação não-linear e associativo, descentralizado e rizomático.

Para Bairon (1995, p. 45), um hipertexto pode ser definido como “um texto estruturado em rede”, ressaltando a possibilidade de ligações com outros textos.

De acordo com Lévy (1996, p. 33), o hipertexto é:

[...] um conjunto de nós ligado por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.

Desse modo, o hipertexto<sup>4</sup> seria um texto constituído por ligações com outros textos diversos através de *links* que funcionam como pontes intertextuais. Apesar de ser possível de se empregar a terminologia hipertexto a textos impressos, ressalta-se que essa terminologia ganha força, quando se refere a textos veiculados na Internet, uma vez que essa última pressupõe a ligação infinita entre inúmeros textos, em uma verdadeira rede de conexão.

Segundo Marcuschi (2001), o termo hipertexto foi cunhado por Theodor Nelson, em 1964, e foi criado para se referir a um tipo de escrita não-linear e não-sequencial, que confere ao leitor a possibilidade de realizar a escolha de caminhos a serem seguidos na leitura do texto. Sendo assim, o leitor pode definir, de maneira interativa, o fluxo de sua leitura, sem, necessariamente, ter que se prender a uma estrutura fixa estabelecida pelo texto que está lendo.

O que caracteriza o hipertexto como tal é a presença de *links*, já que esses remetem os leitores a outras porções textuais, possibilitando uma leitura não-linear. Conforme Xavier (2004, p. 175), “a inovação trazida pelo texto eletrônico está em transformar a deslinearização, a ausência de um foco dominante de leitura, em princípio básico de sua construção.” Ao se inscrever no âmbito da Internet, o hipertexto ganha características únicas que o diferenciam do texto impresso. Esse linguista (2004) destaca como características: a

<sup>4</sup> Segundo Marcuschi (2001), vale ressaltar que a noção de hipertexto não se aplica apenas a textos veiculados na Internet. Ao contrário do que se pensa, o hipertexto, concebido como um texto constituído por nós ou *links* que remetem o leitor a outras porções maiores ou menores de texto, pode ser encontrado em textos impressos, mas com uma dimensão menor, tal como se vê em trabalhos científicos, nos quais as notas de rodapé remetem o leitor a informações adicionais; ou em verbetes de dicionário, quando o leitor é remetido ao significado de determinada palavra. Nesse caso, as notas de rodapé e os verbetes de dicionário funcionam como *links* que levam o leitor a outras porções textuais. Para esta pesquisa, utiliza-se a terminologia hipertexto ligada aos textos veiculados na Internet.

ubiquidade (o fato de o texto digital poder ser acessado por muitos internautas ao mesmo tempo) e a imaterialidade (o fato do texto digital não estar concretizado sobre uma folha de papel, inscrito nas margens e restrito ao espaço material da mesma). Dessa forma, de acordo com Xavier (2004, p. 175), “todo texto impresso pode ser um hipertexto, mas nem todo hipertexto pode ser um texto impresso.” Isso ocorre porque, quando impresso, o hipertexto perde suas características basilares como ubiquidade, desterritorialização, volatilidade, dentre outras, que o tornam um fenômeno inovador.

Diante dessas considerações, percebe-se o hipertexto como ampliador da concepção de texto, visto que potencializa características que o texto impresso pode revelar, tal como a multissemiose, e aponta outras inexistentes no texto impresso, como a desterritorialização, a volatilidade e a infinita ligação com outros textos.

Lemos (2008, p. 125) chama ainda a atenção para outra característica instaurada pelo advento do hipertexto: a fusão das figuras do autor e escritor, conforme observa a seguir:

A rede hipertextual instaura-se como um modelo de conexão generalizada e, neste sentido, flunar numa cidade ou navegar por hipertextos evoca um mesmo processo: uma relação descentralizada e rizomática com o espaço. Estabelece-se a interconexão entre o processo de leitura (relação entre o corpo e o texto) e o mapeamento (relação entre o corpo e o espaço) fundindo as figuras do leitor (que segue o mapa) e do escritor (que faz o mapa).

Os *links* possibilitam ligações diversas entre os textos e também possibilitam que o internauta crie um caminho próprio para leitura. Os *links* seriam, portanto, marca registrada do hipertexto, visto que esses permitem a realização de uma leitura não-linear. Em relação a essa questão, Lemos (2008, p. 122) destaca:

Os hipertextos, seja *on-line (web)* ou *off-line (CD-ROM)*, são informações textuais combinadas com imagens (animadas ou fixas) e sons, organizadas de forma a promover uma leitura (ou navegação) não linear, baseada em indexações e associações de idéias e conceitos, sob a forma de *links*. Os *links* funcionam como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações.

Do ponto de vista social, como já se viu anteriormente, o hipertexto instaura novas formas de interação social: pressupõe-se a interação em tempo real de pessoas que estão em países diferentes, instituem-se formas de relação social que antes já existiam, mas que são retomadas com nuances diferentes, tal como o namoro à distância, que antes acontecia através

de troca de cartas e correspondências e que, atualmente, acontece a partir da *web cams*, de conversas em fóruns da Internet etc.

A reunião de pessoas em comunidades diversas para debater temas que lhes sejam interessantes também institui novas formas de relações sociais. Regras e códigos morais são instituídos nessas comunidades, criam-se posições hierárquicas, e a interação acontece a partir da virtualização do sujeito, que, para interagir na Internet, cria uma identidade virtual, um apelido e um determinado *ethos*.

Do ponto de vista lingüístico, pode-se dizer que o hipertexto também gera importantes transformações: com ele, há a instauração de novos espaços discursivos, baseados na interação entre os sujeitos virtuais; há um maior grau de interação a partir de diálogos centrados na escrita; há a ampliação do conceito de texto, uma vez que o hipertexto não possui um início nem um fim bem delimitado; há o surgimento de uma nova forma de linguagem, baseada em características definidas pelo suporte computacional, dentre outras.

A seguir, faz-se uma abordagem sobre o hipertexto, focalizando as transformações instauradas por tal fenômeno na esfera dos estudos lingüísticos.

A primeira transformação, trazida pelo hipertexto para os estudos lingüísticos é a ampliação da noção de texto, já apontada por teóricos como Levy (1996). Este ponto de vista apóia-se na Lingüística Textual, como se pode observar através de Marcuschi (2003) e Fávero e Koch (2000).

Apesar de fazer referência à Lingüística Textual (LT), ressalta-se que não é pretensão desta tese utilizar tal corrente teórica como base para a análise dos dados, uma vez que, como já foi enfatizado anteriormente, a teoria basilar nesta pesquisa é a Análise do Discurso de Linha Francesa, cujo embasamento filosófico diverge do da Lingüística de Texto. Entretanto, faz-se necessário tomar pôr em foco a noção de texto dentro da referida corrente (LT), com o objetivo de melhor discorrer sobre hipertexto. Em seguida, faz-se uma breve abordagem sobre a concepção de texto para a Análise de Discurso de Linha Francesa, a fim de, posteriormente, debater sobre o hipertexto.

Retomando, portanto, a concepção de texto dentro da Lingüística Textual (LT) destacam-se os pensamentos de Marcuschi (2003) e Fávero e Koch (2000) colocados a seguir.

Para Marcuschi (2003, p.12):

[...] um texto é um evento lingüístico, social e cognitivo, de natureza comunicativa, falado ou escrito, de qualquer extensão, organizado de acordo com os princípios morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e cognitivos das línguas envolvidas.

Fávero e Koch (2000, p. 25) definem texto da seguinte forma:

[...] texto, no seu sentido lato, é a manifestação da capacidade textual do ser humano (música, pintura, desenho, poesia). No sentido estrito, o texto é concebido por “qualquer passagem, escrita ou falada, que forma um todo significativo, independente de sua extensão”.

Como se pode ver, a Lingüística Textual concebe o texto de um modo bastante amplo: esse pode ser falado ou escrito, de qualquer tamanho, e combina princípios morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Sendo assim, o texto é muito mais do que uma simples seqüência de frases ou do que um discurso marcado sobre a folha de papel; é um evento comunicativo que ocorre na interação entre sujeitos sociais diversos.

Levando-se em conta o processo de leitura e de processamento dos sentidos de um texto, evidencia-se a idéia defendida por Koch (2003), de que todo texto impresso é hipertextual, uma vez que o primeiro possibilita a leitura não-linear e a compreensão não-linear dos sentidos gerados pelo texto. A compreensão de um texto, segundo a Lingüística Textual, mobiliza fatores contextuais, de conhecimento de mundo, inferenciais, que não estão apontados diretamente na superfície do texto, mas que fazem parte das condições de processamento e produção do mesmo.

No entanto, não há dúvida de que o surgimento do hipertexto traz à tona características ainda não vistas no texto impresso, e é nesse sentido que o hipertexto ampliará a noção que hoje existe de texto.

A primeira característica que amplia a noção de texto atual é a questão da desterritorialização. O texto impresso, sob o ponto de vista de sua apresentação empírica, com começo e fim, marcado sobre a folha de papel, preso às fronteiras das margens, não existe mais dentro do ciberespaço. Isso porque, no lugar da folha de papel, há o espaço virtual em que os textos agora serão postados, espaço esse em que não existem fronteiras definidas e para o qual não se pode estabelecer um começo ou um fim.

Dessa forma, o hipertexto passa a ser um texto sem fronteiras, desterritorializado. Em relação a isso, Lévy (1996, p. 48-49) afirma que:

O texto continua subsistindo, mas a página furtou-se. A página, isto é, o *pagus* latino, esse campo, esse território cercado pelo branco das margens, lavrado de linhas e semeado de letras e de caracteres pelo autor; a página, ainda carregada da argila mesopotâmica, aderindo sempre à terra do neolítico, essa página muito antiga se apaga lentamente sob a inundação informacional, seus signos soltos vão juntar-se à torrente digital.

A segunda característica que se pode destacar como ampliadora da noção de texto é gerada pelo suporte computacional: a reunião de inúmeras semioses. Um hipertexto pode unir ao mesmo tempo som, imagem animada, texto escrito, trecho de vídeo, o que não pode ocorrer no texto impresso, devido à condição de produção desse último: essa não envolve processos tecnológicos complexos.

Um outro traço importante que diferencia o texto impresso de um hipertexto digital é a questão da autoria coletiva. O hipertexto digital pressupõe a diminuição dos limites entre autores e leitores. Isso acontece, principalmente, porque o hipertexto possibilita que o leitor seja também autor. Assim, quando um internauta escreve comentários em um *blog* ou quando comenta notícias de um jornal, ou ainda quando contribui para a criação de uma enciclopédia digital, ele está também sendo autor. O hipertexto permite, portanto, uma autoria coletiva.

Desse modo, Marcuschi (1999, p.10) afirma:

[...] com o hipertexto, muda a noção de autor e leitor, dando a impressão de uma autoria coletiva ou de uma espécie de co-autoria. A leitura se torna simultaneamente uma escritura, já que o autor não controla mais o fluxo da informação. O leitor determina não só a ordem da leitura, mas o conteúdo a ser lido.

A volatilidade e a fugacidade das porções textuais são características importantes que também diferenciam o texto impresso do hipertexto. O texto impresso é marcado pela estabilidade: o que está escrito, marcado sobre uma folha de papel, pode ser considerado estável e fixo, uma vez que o que está escrito não se modifica com o passar das horas ou dos dias. Isso não ocorre com o hipertexto: nesse último, as palavras são volatilizadas, e o texto escrito ou as imagens que são postadas neste momento são rapidamente substituídos por outros, revelando uma instabilidade e fugacidade próprias do ambiente hipertextual.

Segundo Lévy (1999, p. 126):

Se a internet constitui o grande oceano do novo planeta informacional, é preciso não esquecer dos muitos rios que a alimentam: redes independentes de empresas, de associações, de universidades, sem esquecer as mídias clássicas (bibliotecas, museus, jornais, televisão etc.).

Para a Análise do Discurso de Linha Francesa, o texto é visto como uma “peça de linguagem uma peça que representa uma unidade significativa (ORLANDI, 1996, p. 54). Assim, para tal corrente, o texto é dotado de incompletude, uma vez que estabelece relações constantes com outros textos, não sendo fechados em si mesmos.

Consoante Orlandi:

[...] o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada-embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira-pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a enunciação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer). (ORLANDI, 1996, p. 54)

Segundo a Análise de Discurso de Linha Francesa, o texto é uma unidade de sentido. Isto significa dizer que o texto, afetado pela história, produz sentidos diversos que não são nunca fixos, mas que dialogam sempre com uma exterioridade que lhes é constitutiva. Assim, segundo Orlandi (1996, p. 59) texto é heterogêneo, uma vez que é atravessado por diferentes formações discursivas, e que pode agregar diversas materialidades tais como imagem, som, grafia e ainda que pode apresentar várias posições-sujeito.

Desse modo, a Análise de Discurso de Linha Francesa não concorda com a idéia de que existem sentidos escondidos atrás do texto e nem que para interpretá-los é preciso descobrir o que há por trás dos mesmos. Os sentidos são, ao contrário, gerados discursivamente, na enunciação, na relação entre o interdiscurso, a ideologia e as condições de produção.

Segundo Orlandi (2001, p. 86):

As palavras não significam em si. Elas significam porque têm textualidade, ou seja, porque sua interpretação deriva de um discurso que as sustenta, que as provê de realidade significativa. E sua disposição em texto faz parte dessa sua realidade. É assim que na compreensão do que é texto, podemos entender a relação com a exterioridade (o interdiscurso), a relação com os sentidos.

Dessa forma, o texto deve ser percebido na Análise do Discurso, não como uma unidade portadora de uma ou mais significações, mas como o lugar no qual os sentidos são gerados através da relação entre os sujeitos e a exterioridade. A textualidade é apresentada, portanto, como o elemento que, relacionado a uma atividade discursiva concreta, confere sentido às palavras.

No entanto, não interessa à Análise do Discurso de Linha Francesa observar a organização dos textos nem os seus aspectos formais. O interesse de tal campo do conhecimento é perceber o modo como os sentidos são gerados a partir da materialidade textual. Desse modo, interessa à Análise do Discurso de Linha Francesa compreender como a historicidade gera sentidos no texto, já que não existe sujeito sem história e não existe também sentido que esteja desvinculado de uma historicidade. O interesse da Análise do Discurso é, portanto, ver o texto como unidade que lhe possibilita chegar ao discurso. O texto é a materialização do discurso e através dele se pode compreender todo o processo discursivo que o faz significar. Portanto, o texto significa não apenas porque se relaciona com as condições de produção imediatas, mas porque é parte de um elemento mais abrangente: o discurso.

O sujeito produtor do texto para a Análise do Discurso não é, como na Lingüística Textual, autônomo, mas está subordinado a dada formação discursiva na qual circunscreve seu discurso. Segundo Maingueneau (1997, p.91):

o texto não é um estoque inerte que basta segmentar para dele extrair uma interpretação, mas inscreve-se em uma cena enunciativa cujos lugares de produção e de interpretação estão atravessados por antecipações, reconstruções de suas respectivas imagens, imagens estas impostas pelos limites da formação discursiva.

Assim, o sujeito ocupa lugares e se insere em determinadas formações discursivas que restringem o seu discurso, marcando-o e restringindo-o.

Feitas estas observações, e partindo do princípio de que a tecnologia vai potencializar as características atribuídas ao texto impresso, pode-se dizer que o hipertexto vai diferenciar-se do texto impresso não somente pelo seu aspecto formal, mas também pelas condições de produção: os textos impressos não necessitam de um suporte tecnológico computacional para serem produzidos, também não pressupõem a criação de comunidades digitais interativas. Sabe-se também que um texto, no sentido tradicional do termo, é atravessado por inúmeras formações discursivas, que se completam ou se opõem, mas observa-se que um hipertexto

pode agregar um grande número de formações ideológicas, muitas vezes bastante divergentes, em um espaço marcado pelo fim das fronteiras nítidas.

O hipertexto conecta-se com inúmeros outros textos, mostrando assim, que é parte integrante de uma grande teia de significação, evidenciando, marcadamente, que um texto não pode ser observado como uma unidade fechada em si mesmo, mas que, ao contrário disso, estabelece relações simbólicas com outros textos conhecidos ou desconhecidos, possíveis ou inimaginados.

Os sujeitos produtores do hipertexto também não são completamente autônomos e a Internet não é, ao contrário do que se afirma no senso comum, um lugar no qual há a plena liberdade de interação. Ao contrário, os sujeitos produtores do hipertexto continuam sendo marcados pelas posições das quais enunciam, pelas formações discursivas nas quais inserem seu discurso.

Feitas essas observações pretende-se agora destacar algumas características do hipertexto que estão citadas a seguir:

- A interatividade – essa é uma das características mais importantes do hipertexto. A interatividade pode ocorrer de diversas formas: através da construção do caminho da leitura pelo leitor, possibilitada, como já dito anteriormente, a partir da escolha dos *links* que guiarão os leitores a porções textuais maiores ou a terrenos inimaginados; através da intervenção do leitor no texto, com elogios, sugestões, informações etc. Sendo assim, pode-se afirmar que a interatividade é inerente ao hipertexto. No sentido aqui abordado, não existe hipertexto que não pressuponha um processo interativo, já que a escolha dos caminhos de leitura e a construção coletiva do texto são entendidas como um processo de interatividade.
- A fragmentariedade – o hipertexto é fragmentado, e as porções textuais são interconectadas por *links*, cuja função é levar os leitores a porções textuais diversas. Por ser fragmentado, o hipertexto constitui-se de porções textuais pequenas que se conectam a outras porções textuais, formando uma ampla rede de intertextualidade. Nesse ponto, é importante ressaltar que tal característica não se configura em uma novidade completa, uma vez que os textos impressos também possuem itens lexicais que exercem a função de *links*, remetendo os leitores a outros textos. Trechos de citações, verbetes de dicionário etc, possuem a função remissiva e levam os leitores a outras porções textuais.

- A não-linearidade – diferentemente dos textos impressos que levam o leitor a realizar uma leitura linear, respeitando, para isso, a ordem preestabelecida no mesmo, o hipertexto oferece aos internautas a possibilidade de realização de uma leitura não-linear, visto que apresenta porções de textos interligadas entre si, através de *links* ou interconectores. Assim, pode-se afirmar que o hipertexto confere ao leitor a possibilidade de estabelecer um maior controle sobre o fluxo informativo que está sendo acessado, construindo um caminho de leitura, de acordo com suas próprias necessidades. Isso significa que, se um internauta quiser construir um caminho de leitura completamente inusitado, pode fazê-lo, uma vez que, ao clicar nos *links* diversos, ele é remetido a diferentes textos e espaços enunciativos. Acessando um hipertexto, um leitor que busca informações sobre faculdades pode acabar sua navegação virtual em páginas que falam sobre animais domésticos, por exemplo. Quando se refere à não-linearidade no hipertexto, faz-se uma alusão à forma pela qual o leitor controla o fluxo de informações que irá acessar. Essas informações, no hipertexto, são dispostas de maneira menos rígida e fechada em comparação ao texto impresso, que possui um caminho de leitura preestabelecido.

Ainda com relação à inovação trazida pelo advento do hipertexto, destaca-se o surgimento de inúmeros gêneros discursivos, conhecidos também como gêneros digitais, dentre os quais se podem destacar os *e-mails*, os *chats*, os *blogs*, os quais, na verdade, representam uma transmutação de gêneros digitais já existentes, tais como: a carta, as conversas entre colegas ou amigos, os diários secretos etc. Nessa tese, no entanto, é o gênero *blog* que é tomado como objeto de análise, pois é a partir de *blogs* retirados da Internet que se observa o modo de construção do *ethos*, em um gênero que se constitui entre o público e o privado. No capítulo quatro, faz-se uma breve caracterização dos *blogs*, a fim de contextualizar as informações que são debatidas neste trabalho.

## 2 REFLEXÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

### 2.1 A INSTITUIÇÃO DOS ESTUDOS DISCURSIVOS

Os estudos discursivos filiados hodiernamente à Análise do Discurso de Linha Francesa encontram terreno fértil na Lingüística ortodoxa, a partir do momento em que diversos pensadores e estudiosos do texto propõem que se observe o mesmo, extrapolando as perspectivas fonológicas, morfológicas e sintáticas.

Assim, os formalistas russos, no século XIX, podem ser apontados como precursores de tal tendência na Lingüística, uma vez que propõem analisar o texto, levando em conta não apenas suas relações transfrásticas, mas observando-o como uma unidade de sentido, indo além da análise isolada da frase.

O estruturalismo saussuriano, a partir do momento em que reconhece a língua como instrumento de comunicação, deixa aberto o espaço para o pulular de teorias que consideram a importância dos estudos que vão além das pesquisas estritamente formais. Desse modo, começa a se delinear, na Lingüística formal, um espaço antes excluído: o dos estudos enunciativos como os de Benveniste (1991) e, depois, dos discursivos a exemplo daqueles realizados pela Análise do Discurso de Linha Francesa, que serão de extrema importância para a compreensão da língua em suas situações concretas de comunicação. O surgimento dos estudos enunciativos de Benveniste (1991) e da Pragmática trazia à tona a idéia de que a língua era muito mais do que um simples conjunto de estruturas formais.

Depois dos formalistas russos, surgem, no século XX, outras teorias que também visam estudar a língua levando em conta o uso da mesma e os aspectos contextuais nos quais ocorre tal uso. A Pragmática, por exemplo, corrente filosófica que foi aplicada aos estudos lingüísticos e que buscava focalizar a língua em suas situações concretas de uso, deixou de considerá-la apenas como uma representação da realidade, ou ainda, como a expressão do pensamento, concebendo-a como ação concreta sobre o real. Dessa forma, para a Pragmática, “dizer era realizar algo” e, por isso, a língua era entendida como ação concreta sobre a realidade. Um dos principais nomes da Pragmática é o de Austin (1990), cuja teoria dos atos de fala revela a visão da língua como ação.

No entanto, os estudos pragmáticos consideravam o sujeito na sua perspectiva individual e subjetiva, como se esse fosse marcado pela consciência e intencionalidade, ou

seja, o sujeito é dono de si e origem das palavras. Foi a partir da crítica a essa concepção cartesiana de sujeito, que se abriu espaço para o surgimento da Análise do Discurso de Linha Francesa, que tem como base lingüística o estruturalismo.

Ao separar *langue* de *parole*, Saussure (1916) distingue a dimensão social da linguagem da dimensão individual. Segundo ele, a língua seria um “fato social”, enquanto que a “fala” revelaria a dimensão individual, lugar da mudança e da heterogeneidade, que, por isso, não poderia ser objeto de estudo da Lingüística. Ao fazer esta separação, tal pensador abriu espaço para as reflexões sobre o conceito de sujeito e de discurso que viriam a ser, mais adiante, tema da Análise do Discurso de Linha Francesa (ADLF).

Harris (1952) é o primeiro a utilizar a expressão “análise do discurso”, referindo-se a um estágio superior à frase. Discurso, para tal pensador, seria uma sucessão de frases entrelaçadas, sendo, portanto, sinônimo de texto, que, nessa época, era entendido como um conjunto de inúmeras frases.

Entretanto, a terminologia discurso, dentro do quadro da Análise do Discurso, afasta-se completamente do pensamento de Harris (1952), uma vez que, de acordo com tal corrente, o discurso não pode ser confundido com texto e também não é sinônimo de fala. O discurso não pode, do mesmo modo, ser reduzido à noção de mensagem tal como postulada pelo tradicional esquema de comunicação. O discurso é efeito de sentido. Segundo Orlandi (2006, p.14): “fazendo a crítica ao esquema elementar da comunicação, Pêcheux (1969) vai dizer que o discurso é mais do que transmissão de informação (mensagem), é efeito de sentidos entre os locutores”. A crítica ao antigo sistema de comunicação é feita principalmente porque não se considera, na Análise do Discurso de Linha Francesa, a linearidade da comunicação, como se os parceiros da atividade discursiva fossem colocados numa posição passiva frente à esta última. Segundo Orlandi (2006, p. 15) “não há essa relação linear entre enunciador e destinatário. Ambos estão sempre já tocados pelo simbólico. Tampouco a língua é apenas um código no qual se pautaria a mensagem que seria assim transmitida de um a outro.”

O discurso, também não é individual, mas, ao contrário, mobiliza uma dimensão social, implica uma esfera exterior à da língua. Quando se diz que o discurso não é individual, pressupõe-se que ele seja gerado por um sujeito, marcado pela ideologia e pelas estruturas sociais, e não por um indivíduo completamente livre. Com relação a essa questão, cita-se o trecho a seguir:

O falante, suporte das formações discursivas, ao construir seu discurso, investe nas estruturas sintáticas abstratas temas e figuras que materializam valores, carências, desejos, explicações, justificativas e racionalizações existentes em sua formação social. Esse enunciador não pode, pois, ser considerado uma individualidade livre das condições sociais, não pode ser visto como agente do discurso. Por ser produto de relações sociais, assimila uma ou várias formações discursivas, que existem em sua formação social, e as reproduz em seu discurso (FIORIN, 2007, p. 43).

Visto dessa maneira, o sujeito da Análise do Discurso de Linha Francesa é assujeitado a uma ideologia e às estruturas da sociedade na qual convive. Não é livre para dizer o que quer, pois está subordinado a formações discursivas e ideológicas.

Na Análise do Discurso de Linha Francesa, a expressão discurso não pode ser entendida como sinônima de texto. O texto é a materialização do discurso, é o modo através do qual o sujeito veicula seu discurso (um poema, uma carta etc.). O texto compreende, portanto, aspectos formais da materialização do discurso.

Sobre essa questão, coloca-se a citação a seguir:

Inicialmente, podemos afirmar que Discurso não é a língua, nem texto, nem a fala, mas que necessita de elementos lingüísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüística (FERNANDES, 2007, p. 18).

Fiorin (2007), ao falar sobre essa questão, observa ainda que o texto pressupõe a organização consciente da maneira de dizer, de acordo com as estruturas lingüísticas disponíveis socialmente. Além disso, destaca que o discurso é marcado por formações ideológicas que determinam o sentido do mesmo, e o texto é a materialização consciente dos elementos do discurso, o que implica, portanto, uma organização formal. Segundo ele:

Enquanto o discurso é a materialização das formações ideológicas, sendo, por isso, determinado por elas, o texto é unicamente um lugar de manipulação consciente, em que o homem organiza, da melhor maneira possível, os elementos de expressão que estão à sua disposição para veicular seu discurso (FIORIN, 2007, p. 41).

Diante do que vem sendo abordado até aqui, pode-se afirmar que o discurso não é língua, mas se apropria dela, a fim de se concretizar. Em outras palavras, pode-se observar que a Análise do Discurso de Linha Francesa filia-se à Lingüística, principalmente porque compartilha com essa ciência a idéia de que não existe uma relação direta entre linguagem,

pensamento e mundo. Ao contrário, essa relação é mediada, constitui-se a partir de um trabalho simbólico e é socialmente construída. Vista sob esse prisma, a língua é exposta à opacidade e à não-transparência. Os sentidos não são apriorísticos, mas derivam de posições ideológicas dos sujeitos do discurso.

Segundo Pêcheux (1995, p.160): “as palavras, expressões, proposições etc, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. Assim, refuta-se a idéia da existência de sentidos apriorísticos e fixos”.

A seguir, fala-se das especificidades da Análise do Discurso de Linha Francesa, destacando, portanto, as noções basilares dessa corrente.

## 2.2 FILIAÇÕES TEÓRICAS DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

No plano teórico, pode-se dizer que a Análise do Discurso de Linha Francesa se filiou a três campos distintos do conhecimento: a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise.

Do estruturalismo saussuriano, toma emprestada a noção de língua como mediação entre o homem e o social; a língua como um sistema simbólico não transparente que não pressupõe uma relação biunívoca entre os signos lingüísticos e os objetos do mundo<sup>5</sup>. Assim, não interessa à Análise do Discurso de Linha Francesa a análise da língua a partir de sua estrutura gramatical, morfológica, sintática ou ainda fonológica, mas a ela importa observar a língua como acontecimento marcado pelas especificidades históricas e ideológicas dos enunciadoreis.

A não-transparência da língua ocorre a partir do momento em que um signo ou um enunciado pode processar inúmeros sentidos e pode mobilizar inúmeras concepções ideológicas, a depender das condições de produção do mesmo. Em outras palavras, os itens lexicais sobre os quais se organiza um discurso dizem muito mais do que aquilo que aparentam dizer.

Refuta-se, na Análise do Discurso de Linha Francesa, a idéia de que um signo lingüístico possui um sentido preestabelecido; ao contrário, os sentidos dos signos lingüísticos ou ainda dos enunciados dependem da ideologia aos quais se filiam, dos sujeitos que os produzem e das condições histórico-sociais, em que são gestados. Dessa forma, considera-se a

---

<sup>5</sup> Esta noção é basilar na idéia de signo postulada por Saussure, uma vez que para este pensador o signo uniria o significante ao significado e não uma palavra a um objeto. Isso mostra a dimensão simbólica da língua.

língua opaca. Para esclarecer essa questão, toma-se emprestada aqui, portanto, a contribuição de Bakhtin (1997), que muito influenciou nos estudos da ADLF. Para tal pensador todo signo é ideológico. Conforme ele:

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira (...) (BAKHTIN; 1997, p. 33)

Assim, o signo, para a Análise do Discurso de Linha Francesa, não estabelece uma relação direta com o objeto que designa, pois tal relação é mediada por condições sociais estabelecidas pelos sujeitos no processo da interação verbal. Esse fato torna o signo lingüístico plurivalente e não transparente. Bakhtin (2003, [1952]. p. 113) também assinala a idéia de que: “Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém.” Isso faz com que se veja a palavra como atravessada pelo outro, o discurso como heterogêneo, dialógico, no sentido de que é marcado pela heterogeneidade.

Não se pode deixar de mencionar neste momento a contribuição de Authier-Revuz (1990) com relação à questão da heterogeneidade discursiva. Partindo da noção de dialogismo postulada por Bakhtin (2003) ela afirma que sempre sobre as nossas palavras, se pode escutar as palavras do outro. Segundo Authier-Revuz (1990, p.29):

Sempre, sob nossas palavras, “outras palavras” são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da “pontuação do inconsciente.

Ela distingue, portanto, as formas de heterogeneidade constitutiva e a mostrada. A heterogeneidade constitutiva é a condição essencial de existência de todo e qualquer discurso, uma vez que todo discurso resulta do contato com outros discursos, todo enunciado é marcado por outro, ainda que este outro não esteja explicitado claramente. O discurso não é apenas um espaço no qual se pode localizar, explicitamente, a voz do outro. Ao contrário, ele se constitui, desde sua origem, pela alteridade e essa característica é independente da recorrência de citação explícita à voz do outro. Esta questão é evidenciada quando se percebe o primado do interdiscurso sobre o discurso, ressaltando o fato de que há sempre um já-dito, algo que sempre fala antes, o primado do outro sobre o discurso.

A heterogeneidade mostrada pode ser entendida como a presença localizável de um discurso em outro discurso. Este tipo de heterogeneidade pode ser marcada ou não marcada. Quando a alteridade que atravessa determinado discurso aparece explicitamente, tem-se a heterogeneidade mostrada marcada. Citam-se como exemplo neste caso, as citações de trabalho acadêmico, as referências, a utilização das aspas para indicar explicitamente a inclusão da voz do “outro” no discurso do “eu” etc. Há também a possibilidade da heterogeneidade mostrada não ser diretamente marcada no discurso. Neste caso, a autora aponta para a existência da heterogeneidade mostrada não marcada. É o caso do discurso indireto livre, das paródias, da paráfrase etc.

Voltando à questão da filiação teórica da Análise do Discurso de Linha Francesa ressalta-se que o outro campo ao qual a mesma se filia é o Marxismo, tendo como base, principalmente, o materialismo histórico. Esse último considera, dentre outras coisas, que o homem é o motor da História e que essa deve ser explicada através da luta de classes. Ao aplicar o conceito do materialismo histórico à língua, a ADLF pressupõe, em primeiro lugar, que o sujeito histórico não é um sujeito autônomo, mas é um sujeito que está subordinado a uma determinada classe social, que compartilha de um determinado sistema ideológico. Então, o lugar ocupado socialmente pelo sujeito do discurso é de suma importância, para que se compreenda como tal discurso significa.

É a partir da teoria marxista que a ADLF propõe uma reflexão sobre a noção de ideologia, deslocando-a da noção proposta inicialmente pela corrente marxista, concebendo a língua como um veículo de manifestação ideológica. De acordo com as teorias marxistas, a ideologia seria uma forma de escamoteamento da realidade, de inversão da situação real de exploração à qual o trabalhador está submetido. Assim sendo, quando uma doutrina religiosa afirma, por exemplo, para um trabalhador desempregado, que ele está em tal situação por vontade divina, para aprender com as provações da vida, dá a entender que tal sofrimento faz parte da ordem natural das coisas, não podendo ser mudado, e, portanto, pressupõe uma acomodação por parte desse trabalhador. Nesse ponto, a doutrina religiosa está ajudando a difundir a ideologia da classe dominante, visto que pressupõe que a classe dominada aceite a situação de privação pela qual está passando. A ideologia marxista seria, então, a distorção da realidade: o sofrimento existe porque Deus quer e não porque há exploração dos mais fracos; todos são iguais perante a lei, quando se sabe que existe efetivamente a desigualdade etc.

A Análise do Discurso de Linha Francesa não concebe a ideologia como forma de escamoteamento da realidade ou de inversão da mesma. Por esse motivo, diz-se que a ADLF

faz um deslocamento dessa noção, considerando-a, sobretudo, como parte constitutiva do discurso. Como exemplo, coloca-se a citação a seguir:

A ideologia, por sua vez, nesse modo de a conceber, não é vista como um conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação de uma realidade. Não há, aliás, realidade sem ideologia. Enquanto prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história, para que haja sentido (ORLANDI, 2005b, p. 48).

Dessa maneira, a ADLF considera a ideologia como mecanismo responsável por gerar sentidos na língua; ela é, portanto, o efeito da relação entre sujeito e língua, efeito que gera sentidos diversos, mutáveis e não fixos. Segundo Fiorin (2007, p. 28), “[...] denomina-se ideologia: a esse conjunto de idéias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com outros homens.” Linguagem e ideologia são vinculadas estreitamente e não existe discurso que não seja marcado pela ideologia. Toda e qualquer palavra enunciada carrega uma carga ideológica que tem relação com a posição ocupada pelo sujeito que enuncia. A ideologia pode ser entendida também como “[...] uma concepção de mundo de determinado grupo social em uma circunstância histórica” (FERNANDES, 2007, p. 29).

Em suma, percebe-se que a ideologia é um ponto de fundamental importância para a compreensão do modo como o sentido é gerado e constituído. A ideologia confere ao signo lingüístico as variações de sentido.

A contribuição da Psicanálise para as teorias da ADLF ocorre, principalmente, a partir da concepção teórica do sujeito. Tal concepção pauta-se na idéia de que o sujeito é afetado pelo que Lacan (1999) vai denominar de “o grande Outro”. Sobre essa questão, observe-se a citação a seguir:

O que é um sujeito? Será alguma coisa que se confunde, pura e simplesmente, com a realidade individual que está diante de seus olhos quando vocês dizem o sujeito? Ou será que, a partir do momento em que vocês o fazem falar, isso implica necessariamente uma outra coisa? [...] quando há um sujeito falante, não há como reduzir a um outro, simplesmente, a questão de suas relações como alguém que fala, mas há sempre um terceiro, o grande Outro, que é constitutivo da posição do sujeito enquanto alguém que fala (LACAN, 1999, p. 186).

Como se nota na citação supracitada, Lacan (1999) considera que a existência do “eu” não pode ser desvincilhada da existência do “Outro”. O “eu” é marcado pelo “Outro” que o

interpela, constantemente, na atividade linguageira. O interpelar do sujeito pelo outro faz-se, principalmente, a partir do inconsciente. Quando há a descoberta do inconsciente por Freud (apud MUSSALIM, 2001, p. 107), a noção de sujeito passa a se modificar. Esse não será mais visto como o sujeito cartesiano, o do “penso, logo existo”, senhor completo de seus atos e vontades, cuja essência é marcada pela liberdade completa, mas passará a ser concebido como um sujeito marcado pela incompletude e dividido entre o consciente e o inconsciente. Lacan faz uma leitura do inconsciente de Freud e afirma que esse se estrutura como uma linguagem que interfere no discurso do sujeito empírico. De acordo com Mussalim (2001, p. 107):

Para poder trazer à tona seu material, Lacan assume que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, como uma cadeia de significantes latente que se repete e interfere no discurso efetivo, como se houvesse sempre, sob as palavras, outras palavras, como se o discurso fosse sempre atravessado pelo discurso do outro, do inconsciente.

Assim sendo, para Lacan (1999), o inconsciente é estruturado como linguagem e é nele que se encontra o conjunto de significantes que marcam a constituição do sujeito, interpelando-o continuamente. O inconsciente seria, portanto, o lugar do “Outro”, que estaria sempre interferindo no “eu”. Trazer essa concepção de sujeito para a Análise do Discurso de Linha Francesa significava, sobretudo, negar a idéia da completude do sujeito e instaurar a noção de que esse é, constantemente, interpelado pelo seu inconsciente, sendo clivado, dividido e marcado pelo “Outro”.

Em suma, o sujeito da Análise do Discurso de Linha Francesa será constituído pela relação entre linguagem, inconsciente e ideologia. O sujeito da Análise do discurso de Linha Francesa é um sujeito faltante, que não é pleno, assim como a língua, que não é pronta e acabada, e como o discurso, que não é homogêneo nem completo, mas está sempre por fazer-se.

Com relação a esta questão Pêcheux, pai da Análise do Discurso de Linha Francesa, aponta o sujeito não como causa e origem de si, mas como parte de uma cadeia significante, marcado pela falha, como se pode ver na citação seguinte: “a forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o *non-sens* da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidência primeira”. (PÊCHEUX, 1995, p.295)

Assim, o sujeito tem a ilusão de ser origem do sentido, quando, na verdade, não é origem, uma vez que é marcado e interpelado pelos já-ditos, pela dimensão constante da alteridade, como indica a citação anterior.

A seguir falar-se-á das noções basilares da Análise do Discurso de Linha Francesa.

## 2.3 NOÇÕES BASILARES DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

### 2.3.1 Do conceito de discurso, formação discursiva e formação ideológica

Cabe, primeiramente, fazer uma reflexão sobre o significado do vocábulo discurso para a Análise do Discurso de Linha Francesa.

Na antiguidade clássica, a expressão *logos* aproximava-se do que hoje se caracteriza como uma das concepções do discurso. Inicialmente, tal expressão significava palavra falada ou escrita e, mais tarde, no campo da Retórica, ganhou aceção mais ampla e passou a significar razão.

Na Linguística Textual, a expressão discurso é sinônima da expressão texto, sendo esse último definido como um evento comunicativo falado ou escrito, de qualquer extensão, produzido, segundo as intenções individuais de determinado sujeito. Nesse ponto, a noção de texto se assemelha à de discurso, na concepção clássica do mesmo.

No entanto, para a Análise do Discurso de Linha Francesa, o significado de discurso é ainda mais amplo, uma vez que não se restringe à palavra falada ou escrita e não se ancora na esfera da produção de um sujeito consciente, dono e origem do dizer. Assim, quando se fala em discurso, na aceção da ADLF, levam-se em conta elementos extra-lingüísticos, históricos e sociais. Além disso, considera-se o sujeito histórico, marcado pelo social e pela ideologia, que não é a origem do discurso. Como exemplo de tal idéia, lança-se a citação a seguir:

Para falarmos em discurso, precisamos considerar os elementos que têm existência no social, as ideologias, a História. Com isso, podemos afirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações sociais e políticas de toda a natureza que integram a vida humana (FERNANDES, 2007, p. 20).

Segundo Orlandi (2005b), na Análise do Discurso de Linha Francesa concebe-se o discurso como mediação entre o homem e a realidade. Essa mediação mobiliza aspectos sociais e ideológicos que constituem os sujeitos. O discurso não é individual, sendo histórico e social, e não pertence somente ao domínio da língua como um sistema abstrato, mas se relaciona com a sua exterioridade. Por esses motivos, observa-se a citação seguinte, a fim de refletir sobre essa questão:

Levando em conta o homem na sua História, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade (ORLANDI, 2005b, p. 16).

Para a Análise do Discurso de Linha Francesa, é importante observar as condições de produção do discurso para entender como o mesmo significa. Conforme Orlandi (2005b), as condições de produção compreendem: o contexto imediato com o qual a produção discursiva se relaciona, o contexto sócio-histórico, a ideologia e também a memória, ou melhor, a maneira como a memória é acionada, no momento em que o discurso é produzido. Segundo a autora (2005b, p. 30), as condições de produção do discurso “[...] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso”.

Sendo assim, para se observar o discurso nos *blogs*, sob o viés da Análise do Discurso de Linha Francesa, é necessário observar o espaço virtual, no qual o *blog* é produzido, os sujeitos enunciadorees que escrevem os *blogs*, a memória (os estereótipos, por exemplo, fazem parte da memória discursiva social e rotulam os blogueiros de determinadas formas).

Outra noção importante, dentro da ADLF, é a de formação discursiva (FD). As formações discursivas inscrevem-se dentro de formações ideológicas, que podem ser definidas como um conjunto de representações simbólicas que estabelecem relações com a posição dos sujeitos.

De acordo com Pêcheux (1995, p. 188), a noção de formação discursiva diz respeito a “[...] aquilo que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada na conjuntura social”.

Assim, Pêucheux (1975), ao mesmo tempo, mostra a possibilidade e a obrigatoriedade do dizer que está subordinado à posição discursiva do sujeito enunciador, ao falar através de dada formação discursiva.

Uma formação discursiva nunca é homogênea, porém é, ao contrário, sempre marcada pela heterogeneidade, apresentando elementos vindos de outras formações discursivas. Um mesmo assunto pode ser objeto de conflitos e questionamentos, devido a diferentes posições ocupadas pelos sujeitos na conjuntura social. Tais contradições se refletem na formação discursiva sobre determinado tema.

Consoante Fernandes:

Uma formação discursiva nunca é homogênea, é sempre constituída por diferentes discursos. Um mesmo tema, ao ser colocado em evidência, é objeto de conflitos, de tensão, face às diferentes posições ocupadas por sujeitos que se opõem, se contestam (FERNANDES, 2007, p. 54).

Para melhor exemplificar tal questão, propõe-se que se observe o esquema a seguir:



Esquema 1: Formação discursiva sobre a mulher

Dessa forma, uma certa formação discursiva abriga, em seu interior, elementos de formações discursivas diversas, que se opõem e que estão em embate ideológico, refletindo

posições diferentes dos sujeitos sociais. Por esse motivo, as formações discursivas não podem ser concebidas como fechadas em si mesmas, mas como unidades que estabelecem relações com outras FDs atravessadas por elas. Por isso, não se pode delimitar com clareza, de forma definitiva, uma dada formação discursiva, uma vez que ela é sempre heterogênea.

Os efeitos de sentido dos enunciados diferentes relacionam-se diretamente a posições ideológicas diferentes dos diversos sujeitos. Os aspectos ideológicos próprios dos sujeitos enunciantes são extremamente importantes para a compreensão de uma dada formação discursiva, visto que todo enunciado está relacionado a certa posição ideológica de um sujeito enunciantes.

Desse modo, as formações discursivas inscrevem-se em certas formações ideológicas que se relacionam com a posição de classe ocupada por dado sujeito na sociedade. Uma formação ideológica pode ser concebida, grosso modo, como um conjunto de representações sociais que estão ligadas às posições sociais e históricas dos sujeitos enunciantes. Para que se compreenda melhor tal noção, considera-se a citação a seguir:

Falaremos de formação ideológica para caracterizar um elemento (este aspecto da luta nos aparelhos) suscetível de intervir com uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 166).

Assim, como se pode observar na citação anterior, as formações ideológicas ligam-se a posições sociais que o sujeito ocupa. No exemplo do esquema anterior, fica claro o embate ideológico, refletido na posição ocupada pelos sujeitos enunciantes: um sujeito que concebe a esfera doméstica como espaço legítimo da mulher; e outro que concebe a esfera pública como espaço legitimado para a mesma. Tais formações discursivas refletem as diferentes posições ideológicas dos sujeitos enunciantes.

O sentido de dado enunciado se constitui como tal pelo fato de se inscrever em uma dada formação discursiva que está ligada a determinada formação ideológica. Então, os signos não possuem um sentido prévio, mas esse se estabelece a partir das formações discursivas em que estão inscritas. Nesse sentido, pode-se afirmar que os sentidos não são constituídos de forma aleatória ou ingênua, mas são, ao contrário, fruto de posições ideológicas diversas. Assim, os sentidos são ideologicamente determinados.

Para exemplificar o que se está mostrando, retoma-se o exemplo da expressão mulher. Refuta-se, na ADLF, o sentido dicionarizado, fixo e imutável, uma vez que tal expressão pode ganhar sentidos diferentes, a partir das posições ideológicas através das quais é enunciado. Desse modo, o termo mulher pode significar aquela que se restringe à esfera doméstica e a quem o espaço público é negado; ou aquela a quem a esfera pública é legitimada, sendo, portanto, o seu espaço legítimo ampliado.

Sendo assim, percebe-se que o sujeito, enquanto atravessado pela História e pela ideologia, constitui-se como um sujeito clivado e dividido. Além disso, as formações discursivas circunscrevem-se dentro de formações ideológicas e também são marcadas pela posição ideológica que o enunciador ocupa socialmente.

### 2.3.2 Das condições de produção: o interdiscurso e a memória discursiva

Segundo Orlandi (2005b, p. 30), as condições de produção “[...] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação.”

Ainda conforme a autora, as condições de produção podem ser observadas sob dois pontos de vista: o primeiro deles propõe considerá-las em sentido estrito e, nesse caso, falar-se-ia no contexto imediato de produção do discurso; o segundo deles, propõe considerá-las em sentido mais amplo, e, nesse caso, têm-se os contextos histórico e ideológico.

Tomando como exemplo os *blogs*, objeto de estudo desta tese, tem-se como contexto imediato a Internet e os internautas; e como contexto amplo, todo o movimento social instituído com o advento do ciberespaço, com suas nuances, suas características, os sujeitos enunciadore e suas diferentes posições ideológicas, a organização hierárquica das comunidades virtuais e as novas configurações trazidas pelo ciberespaço etc.

A memória, por sua vez, também faz parte das condições de produção do discurso no seu sentido mais amplo. Quando pensada em relação ao discurso, a memória discursiva pode ser vista como interdiscurso. É nesse sentido que se pode afirmar que o interdiscurso está no plano da memória (o conjunto do dizível) que constitui o discurso. Dessa forma, tudo o que já foi dito e esquecido sobre determinado tema funciona como interdiscurso. Como um “já-dito”, o interdiscurso não é facilmente identificável, uma vez que pressupõe uma imensa gama de enunciados sociais e históricos, exteriores ao sujeito e a ele anteriores. Para esclarecer ainda mais essa questão, toma-se a seguinte citação:

O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e lingüisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciator. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso (ORLANDI, 1992, p. 89-90).

Observando-se a citação anterior, percebe-se que o interdiscurso funciona como memória, no sentido de que ele é o “já-dito”, o pré-construído, que pressupõe uma relação direta com a História e com o social. Desse modo, retomando-se o exemplo da terminologia mulher, concebe-se como interdiscurso todo o “já-dito” sobre a mulher: que essa deve apenas se reservar a criar os filhos, deve ser prendada, obediente ao marido, deve se dedicar às tarefas domésticas etc. Enfim, tudo o que já foi dito, todo o pré-construído sobre a mulher funciona como interdiscurso e é acionado no momento em que o sujeito enuncia.

Para que o interdiscurso atue adequadamente sobre o sujeito, é preciso que haja o esquecimento, ou seja, que o “já-dito” seja esquecido, a fim de que faça sentido na enunciação de determinado sujeito. De acordo com Orlandi (2005b, p. 35), podem-se distinguir basicamente duas formas de esquecimento no discurso, quais sejam: o esquecimento enunciativo, denominado por Pêcheux (1997b) de esquecimento número 2; e o esquecimento ideológico, denominado por ele de esquecimento número 1. O esquecimento enunciativo diz respeito à maneira como os interlocutores utilizam as palavras, no momento em que produzem o discurso. Assim sendo, esse esquecimento faz com que os indivíduos usem umas palavras em lugar de outras, atestando que o modo de dizer algo se relaciona com o sentido que se quer gerar, ao produzir-se determinado enunciado, ou seja, o modo de dizer não é indiferente aos sentidos. Esse é um esquecimento parcial, semi-consciente, e, muitas vezes, recorre-se a ele através do uso de seqüências parafrásticas, a fim de se especificar o que se pretende dizer.

Nas palavras de Pêcheux e Fuchs (1997b p. 176):

[...] a enunciação equivale pois a colocar fronteiras entre o que é selecionado e tornado preciso aos poucos (através do que se constitui o universo do discurso) e o que é rejeitado. Desse modo se acha, pois, desenhado num espaço vazio no campo de “tudo o que seria possível ao sujeito dizer (mas que não diz)” ou o campo de “tudo a que se opõe o que o sujeito disse”.

Trata-se, portanto, de um esquecimento semi-consciente, quando o sujeito escolhe determinados itens lexicais e refuta outros.

O outro esquecimento é o ideológico ou esquecimento número 1, que se direciona diretamente com o interdiscurso. Através desse esquecimento, relaciona-se o que é dito na atividade discursiva com discursos preexistentes que são acionados na memória, no momento em que se produz um evento discursivo.

Conforme Pêcheux e Fuchs (1997b, p. 168):

O ponto da exterioridade relativa de uma formação ideológica em relação a uma formação discursiva se traduz no próprio interior desta formação discursiva: ela designa o efeito necessário de elementos ideológicos não-discursivos (representações, imagens ligadas a práticas etc.) numa determinada formação discursiva (PÊCHEUX; FUCHS, 1997b, p. 168).

É nesse sentido que o discurso é sempre atravessado por outro; uma formação discursiva é sempre permeada por outras formações discursivas com as quais se relaciona ou se opõe. Desse modo, os discursos preexistentes são “esquecidos” pelo interlocutor e só vêm à tona no momento da enunciação, momento em que são ativados. Atesta-se, portanto, a noção de que o discurso é atravessado pela História e pela ideologia e que o esquecimento é estruturante, já que permite a constituição dos sujeitos que, ao esquecerem o que foi dito, se identificam com o que dizem, e, então, se constituem como tais.

Como forma de esclarecer ainda mais tal noção dentro do campo da ADLF, é preciso que se faça uma distinção bastante salutar entre conceitos que, muitas vezes, são confundidos e apontados como sinônimos, tais como: o interdiscurso e a intertextualidade. O interdiscurso não pode ser confundido com a intertextualidade, uma vez que tais noções filiam-se a correntes teóricas diferentes.

Para esclarecer tal diferenciação, deve ser observada a citação a seguir:

Se tanto o interdiscurso como o intertexto mobilizam o que chamamos de relações de sentido, que explicitaremos à frente, no entanto o interdiscurso é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer, enquanto o intertexto restringe-se à relação de um texto com outros textos. Nessa relação, a intertextual, o esquecimento não é estruturante, como o é para o interdiscurso (ORLANDI, 2005b, p. 34).

A intertextualidade pode, por sua vez, ser concebida como a relação direta ou indireta entre textos. Para Koch (2006), mesmo que a relação entre os textos seja indireta, consegue-se constatar a intertextualidade a partir da ativação de uma memória social, do conhecimento de mundo.

Desse modo, para que haja a intertextualidade, no sentido *stricto sensu*, é preciso que se considere a inserção de um texto em outro, tendo como base a memória social. Isso quer dizer que, mesmo que a inserção de um texto em outro não seja feita de forma direta, pode-se recuperar facilmente o texto ali inserido pela ativação de uma memória social. No campo teórico, a intertextualidade relaciona-se com os pressupostos da Linguística Textual, cuja base filosófica se pauta na Pragmática. Tal corrente filosófica concebe a existência de um sujeito livre, consciente, marcado pela intencionalidade.

Sendo assim, apesar de intertextualidade e interdiscurso serem elementos com características semelhantes, não se pode confundir tais conceitos, porque o interdiscurso é concebido como a memória discursiva estruturante de todo e qualquer discurso, tendo como base tudo o que já foi dito e esquecido sobre determinado tema e tendo o esquecimento como base de sua constituição. Além do mais, o sujeito produtor do interdiscurso é um sujeito semi-livre, interpelado pela ideologia, afetado pelo inconsciente e que não é a origem do dizer.

Por outro lado, quando se fala em intertextualidade, faz-se referência à relação estabelecida implicitamente ou explicitamente entre textos. Segundo Koch (1997, p. 108), a intertextualidade:

[...] ocorre quando um determinado texto está inserido em outro texto anteriormente produzido [...] em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação.

Nesse caso, o sujeito produtor do intertexto é um sujeito pragmático, livre em sua essência, totalmente dono do dizer e origem do discurso. O intertexto está no nível do enunciado, conforme estabelecido por Benveniste (1989)<sup>6</sup>, enquanto o interdiscurso está no nível do discurso. Para melhor esclarecer essa questão, elaborou-se o quadro seguinte:

---

<sup>6</sup> Segundo Benveniste (1989), a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso, ou seja, a enunciação, de acordo com ele, pressupõe a existência de um sujeito individual, consciente.

<b>Intertextualidade</b>	<b>Interdiscursividade</b>
Pode ser entendida como a relação direta ou indireta entre textos gestados na memória social ou coletiva.	É o conjunto do dizível, de tudo o que já foi dito e esquecido sobre determinado tema. Relaciona-se com o esquecimento ideológico e com a memória histórica.
Pressupõe a existência de um sujeito pragmático, livre e dono do dizer.	Pressupõe a existência de um sujeito assujeitado pela ideologia e semi-livre.
Está no plano da enunciação de Benveniste, que pressupõe a existência de um sujeito consciente, individual, origem do dizer.	Está no plano do Discurso e da Ideologia, pressupõe a relação direta com o esquecimento (tudo o que já foi dito e esquecido sobre determinado tema constitui-se como interdiscurso) e pressupõe a interpelação do sujeito pelo inconsciente.
É facilmente identificada a partir do conhecimento prévio, do conhecimento de mundo do enunciador que, a partir dessas premissas, identifica o intertexto mesmo que este não ocorra explicitamente.	Não é facilmente identificável, uma vez que pressupõe todo o conjunto de dizeres já-ditos e esquecidos, constituídos histórica e socialmente, exteriores aos sujeitos e a eles anteriores.

Quadro 1: As diferenças entre a Intertextualidade e a Interdiscursividade.

Dessa forma, pode-se dizer que o interdiscurso pode ser definido também como a memória, sendo uma noção de extrema importância para a Análise do Discurso de Linha Francesa. Tal memória, concebida como sinônimo de interdiscurso, é a base de todo e qualquer enunciado, visto que não há enunciado que surja livremente sem ter uma ancoragem em outros enunciados preexistentes. É também no campo da memória que reside a historicidade do discurso e é de tal memória que os sentidos do enunciado são construídos. Diante disso, Orlandi (2005b, p. 32) assevera que: “o fato de que há um “já-dito”, que sustenta a possibilidade mesma de todo o dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia”.

É importante ainda ressaltar que a noção de intertextualidade e de intertexto possuem uma tônica diferente da estabelecida pela Lingüística Textual na obra de Maingueneau (1997). Segundo o referido pensador, a noção de intertexto difere daquela proposta pela Lingüística de Texto principalmente no tocante à concepção de sujeito. O sujeito da Lingüística Textual é livre para citar ou retomar a porção textual que quiser, portanto, a intertextualidade liga-se, neste caso, a um sujeito pragmático. No entanto, Maingueneau (1997, p.86) assevera: “o sujeito que enuncia a partir de um lugar definido não cita a quem deseja, em função de seus objetivos conscientes, do público visado, etc. São as imposições ligadas a este lugar discursivo que regulam a citação”. Desse modo, o autor propõe distinguir intertexto de intertextualidade. Segundo ele (1997, p.186) “por intertexto de uma formação discursiva entender-se-á o conjunto dos fragmentos que ela efetivamente cita” e a intertextualidade é “o

tipo de citação que esta formação discursiva define como legítima através de sua própria prática”. Assim, no processo de intertextualidade, tende-se a privilegiar a citação de textos que se relacionem com a formação discursiva da qual o texto fonte faz parte. Como exemplo, pode-se citar a predileção dos textos provenientes de instituições cristãs por citar trechos da bíblia (que se relacionam com a formação discursiva cristã).

A seguir, falar-se-á das fases pelas quais esse campo do conhecimento se desenvolveu

## 2.4 AS FASES DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

Assim como todo e qualquer campo do conhecimento, a instituição da Análise do Discurso de Linha Francesa passou por revisões e deslocamentos, sendo as três fases da ADLF representativas de tais revisões, refletindo mudanças nos pressupostos teóricos dessa corrente.

A primeira fase da ADLF pretendeu, como aparato metodológico, analisar a “máquina discursiva”, compreendida como o conjunto de discursos produzidos em um dado campo, em determinado momento. Desse modo, na sua primeira fase (AD1), a ADLF explorou os discursos mais fechados que não permitiam uma grande variação polissêmica. Nesse caso, encaixavam-se, por exemplo, os discursos políticos que pressupunham a ideologia de determinado partido político em detrimento de outra concepção ideológica, o que conferia a esses discursos um caráter mais estabilizado.

É nessa fase que surge a noção de “máquina discursiva” fechada em si mesma, através da qual se processaria a descrição dos discursos. Essa máquina pressunha condições de produção homogêneas e estáveis. Nessa primeira fase, foram gestados por Pêcheux os conceitos de discurso, de condições de produção e de formação discursiva. Ainda nessa primeira fase, o sujeito é concebido como um “sujeito-forma”, que não é um sujeito autônomo, pois ele está preso a dadas condições históricas que regulam o seu discurso. O sujeito é marcado pela posição social que ocupa, a qual interfere na sua atividade linguageira. Consoante Fernandes (2007, p. 86): “Nessa primeira época da Análise do Discurso, o sujeito foi tratado como assujeitado, mas com a ilusão de ser a fonte do discurso.”

Na segunda fase da Análise do Discurso (AD2), inicia-se o questionamento da noção de “máquina discursiva”, já que a noção de formação discursiva surgirá com força total. Ao contrário do que se concebia em relação à noção de “máquina discursiva”, a formação

discursiva (FD) não vai ser concebida como um espaço fechado, mas, ao contrário, irá ser entendida como um espaço flexível, visto que ela estará constantemente estabelecendo relações com outras formações discursivas. Nesse sentido, Brandão (2001, p. 67) afirma que: “[...] uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar [...]”. Nessa fase, o sujeito é concebido como um sujeito assujeitado, pois ainda é marcado pela FD com a qual se identifica.

A eliminação do conceito de “máquina discursiva” acontecerá realmente na terceira fase da Análise do Discurso (AD3). Nessa fase, a influência do “outro”, das outras formações discursivas será muito grande. A formação discursiva é compreendida como sendo atravessada por outras FDs, mas mantém sua identidade. As formações discursivas, concebidas na terceira fase, não se constituem de maneira independente, porém sempre em relação umas com as outras.

A terceira fase defende a idéia de que há o primado do interdiscurso sobre o discurso, pois todo discurso é gestado a partir da relação com a memória discursiva. Nessa fase, o sujeito é concebido como um sujeito clivado, dividido, marcado pela influência do “outro”. O sujeito agora é visto como dividido entre o consciente e o inconsciente, o “eu” e o “outro”. Sob esse aspecto, o sujeito desliza entre o consciente e o inconsciente. Consoante Mussalim (2001, p. 134), na AD3, “[...] o sujeito é, então, um sujeito descentrado, que se define agora como sendo a relação entre o “eu” e o “outro”. O sujeito é constitutivamente heterogêneo, da mesma forma que o discurso o é”.

Diante do que foi exposto neste capítulo, pode-se afirmar que para a Análise do Discurso de Linha Francesa, a língua é vista como um sistema dinâmico, marcado pela ideologia e pela História. Os sentidos são elaborados, continuamente, por sujeitos sociais, marcados por determinada formação ideológica. Assim, pressupõe-se sempre um deslizamento de sentido dos enunciados, refutando-se a idéia de que o sentido pré-existe às unidades lingüísticas.

Um discurso está sempre em relação com outros discursos, é constantemente marcado pelo já-dito. Essa característica revela a heterogeneidade das formações discursivas, a heterogeneidade dos enunciados, que são sempre interpelados por outros enunciados já-ditos e esquecidos.

Sobre essa questão, Fiorin (2007, p. 45) assevera que:

Se um discurso cita outro discurso, ele não é um sistema fechado em si mesmo, mas é um lugar de trocas enunciativas, em que a história pode inscrever-se, uma vez que é um espaço conflitual e heterogêneo ou um espaço de reprodução.

Percebe-se, portanto, a dimensão dialógica do enunciado, sempre marcado pela heterogeneidade, sempre interpelado pelo outro do discurso. Dessa forma, não interessa à Análise do Discurso promover a busca do sentido que está por trás de um texto, visto que tal corrente refuta a idéia de o texto poder ter um único sentido. Essa corrente ainda ressalta a noção de que um mesmo texto ou enunciado ou um mesmo item lexical pode ter sentidos diferentes, variáveis em função da formação ideológica dos seus enunciadores.

Este capítulo pretendeu delinear as principais características da Análise do Discurso de Linha Francesa, esboçando alguns dos principais conceitos estudados por tal corrente. Essa pretensão ancorou-se no fato de que a abordagem do *ethos*, que será aqui realizada, delineia-se como base teórica da Análise do Discurso de Linha Francesa, a partir, principalmente, dos trabalhos de Maingueneau (2005a, 2006), cujas especificidades serão abordadas no capítulo seguinte.

### 3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O *ETHOS*

Como já foi explicitado anteriormente, pretende-se, nesta tese, compreender o modo de funcionamento do *ethos* (a imagem de si) dos escreventes de *blogs*. Para alcançar tal objetivo, utiliza-se a concepção de *ethos* dentro do quadro da Análise do Discurso de Linha Francesa, tendo como base a obra de Maingueneau (2005a, 2006), que expande o conceito de *ethos*, a partir da obra de Aristóteles.

#### 3.1 O *ETHOS* DE ARISTÓTELES À PRAGMÁTICA: ASPECTOS GERAIS

A noção de *ethos* tem sua origem na filosofia grega e liga-se aos pressupostos da Retórica de Aristóteles, que a considera fundamental na empreitada da persuasão. Para tal pensador grego, o *ethos* corresponderia ao caráter que o orador apresentava no momento do seu discurso. Ele percebia o *ethos* como uma categoria flexível, mutável e ligado à própria enunciação, o que significava que tal categoria não era preestabelecida, mas gestada no discurso.

Segundo Aristóteles<sup>7</sup> (1998, p. 49):

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exacto e que deixam margem para dúvida.

Assim, conforme Aristóteles (1998, p. 13), o *ethos* seria a imagem que o orador faria de si mesmo no discurso e não corresponderia, portanto, necessariamente, à identidade dele, mas a uma imagem criada e mostrada no momento da enunciação, para persuadir o auditório.

---

<sup>7</sup> É sabido que Aristóteles viveu durante a Antiguidade Clássica no período de 384 a.C. - 322 a.C. No entanto, a obra utilizada para esta pesquisa constitui-se de uma tradução feita por Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena, datada de 1998, não constando na mesma, nenhum registro da publicação original da obra do referido filósofo.

Com relação a essa questão, Barthes (1975, p. 203) afirma:

São os traços do caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão [...] O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, ele diz: eu sou isto aqui e não sou aquilo lá.

Desse modo, mais uma vez, observa-se que o *ethos* implica a criação de uma imagem de si mesmo, não correspondendo à identidade do orador e sendo uma categoria que pressupõe a interação entre o mesmo e o auditório, uma vez que o orador constrói, discursivamente, uma auto-imagem, que é compartilhada com seus co-enunciadores.

No que se refere a essa questão, considere-se a citação a seguir:

Vê-se que o *ethos* é distinto dos atributos “reais” do locutor. Embora seja associado ao locutor, na medida em que ele é a fonte da enunciação, é do exterior que o *ethos* caracteriza esse locutor. O destinatário atribui a um locutor inscrito no mundo extradiscursivo traços que são em realidade intradiscursivos, já que são associados a uma forma de dizer (MAINGUENEAU, 2008a, p. 14).

A citação anterior revela a importância de se distinguir o *ethos* da identidade empírica do orador. O primeiro equivale a uma noção gestada no nível do discurso, da enunciação; a segunda equivale a uma noção mais individual, a características psicológicas do sujeito empírico.

Retomando a concepção de *ethos* nos estudos da Retórica, pode-se afirmar que tal noção mobilizava também características extradiscursivas. Por possuírem como centralidade básica a expressão oral e não o texto escrito, os oradores também se utilizavam de características físicas (roupa, mímicas, feições etc.) para construir uma auto-imagem positiva. Assim, a noção de *ethos* também mobilizava fenômenos extradiscursivos, ou, ainda, tudo o que, no âmbito da enunciação, contribuiria para a criação da auto-imagem discursiva.

Segundo Aristóteles (1998), a construção do *ethos* deveria mobilizar três qualidades distintas do orador, quais sejam: a prudência (*phronesis*), a virtude (*arete*) e a benevolência (*eunóia*). Então, o orador inspira confiança ao seu auditório, se seus argumentos parecerem ponderados (*phronesis*), se parecerem sinceros (*arete*) ou se mostrarem uma imagem de simpatia para com ele (*eunóia*).

Tais qualidades contribuiriam para que o orador formasse uma imagem positiva perante seu auditório, ou seja, contribuiriam para a construção de um *ethos* positivo.

Para se compreender a noção de *ethos* dentro da Retórica, não se pode deixar de perceber que essa se refere a uma das provas atribuídas por Aristóteles (1998) como uma das mais importantes. De acordo com o referido filósofo grego, há três espécies de provas empregadas pelo orador, para persuadir seu auditório, quais sejam: a conduta do orador (o que ele chamou de *ethos*); as paixões despertadas nos ouvintes (o *páthos*); e o próprio discurso (o *lógos*). No entanto, ele considera que o *ethos* é a mais importante das três provas, visto que se torna mais difícil persuadir um auditório, se esse não considerar o orador como um dos que compartilham com ele das mesmas idéias, da mesma conduta, de um mesmo *ethos*.

Enquanto para os gregos o *ethos* era compreendido como uma noção puramente discursiva, para os romanos, tal categoria seria baseada na autoridade e na reputação do orador, sendo, portanto, uma categoria pré-discursiva, preestabelecida. Conforme Amossy (2005a, p. 17), “[...] os romanos consideravam o *ethos* como um dado pré-existente que se apóia na autoridade individual e institucional do orador (a reputação de sua família, seu estatuto social, o que se sabe de seu modo de vida etc.)”.

Para os romanos, o *ethos* estava ligado à moral do orador. Em relação a essa questão, Amossy (2006, p. 71) destaca:

Ce souci de moralité est également mis en avant chez Cicéron, qui définit le bon orateur comme *vir boni dicendi peritus*, un homme qui joint au caractère moral la capacité a manier le verbe. Dans le même ordre d'idée, Quintilien considérait que l'argument avancé par la vie d'un homme a plus de poids que celui que peuvent fournir ses paroles, déclarant qu' "un homme de bien est seul à pouvoir bien dire"<sup>8</sup>.

O pensamento romano baseava-se nas idéias de Quintiliano e Cícero, famosos oradores da época, para os quais a reputação de um homem pesa mais do que suas palavras. Assim sendo, o *ethos* estaria ligado à esfera da moral e seria indissociável dessa para os romanos. Nesse sentido, o *ethos* seria realmente ligado aos atributos reais dos oradores, à sua moral, e não incidia, então, na imagem discursiva criada pelo orador. No entanto, é o pensamento grego e não o romano que lançará as bases para a construção teórica da noção de *ethos* nos estudos lingüísticos.

Hodiernamente, a preocupação com a imagem discursiva que o enunciador cria de si mesmo também aparece em teorias lingüísticas, cuja base filosófica repousa na Pragmática,

<sup>8</sup> ‘Essa preocupação com a moralidade também é expressa por Cícero, que define o bom orador como *vir boni dicendi peritus*, ‘um homem capaz de juntar ao caráter moral a capacidade de expressar-se’. Seguindo a mesma idéia, Quintiliano considerará que o argumento avançado pela vida de um homem tem mais valor que o que podem fornecer suas palavras. Ele declara que “um homem de bem é o único que pode bem falar”’.

por exemplo. A essa corrente interessa observar tal imagem, pois, a partir desta observação, pode-se compreender o modo como o enunciador age sobre o receptor. Para a Pragmática, tal imagem também é discursiva, comungando, portanto, com o pensamento grego, consoante se observar nos parágrafos seguintes.

Dentro desta corrente, destacam-se trabalhos como os de Kebrat-Orechionni (1980), quando mostra a influência que a imagem criada, discursivamente, tem sobre o processo de interação verbal. A referida autora trabalha, nesse aspecto, com a noção de *face*, compreendida como o conjunto de imagens que os enunciadores constroem de si próprios e que, no processo de interação verbal, tentam impor aos receptores.

Porém, a noção de *ethos* é abordada de maneira mais clara em Ducrot (1987), com a teoria polifônica da enunciação. Tal autor diferencia o sujeito empírico (indivíduo real) do sujeito discursivo, gerado na instância da enunciação e, para esse último sujeito, aplica a noção de *ethos*. Segundo esse pensador, portanto, o locutor (L) é o ser que, no enunciado, é apresentado como seu responsável.

De acordo com o que observa Amossy (2006, p. 74-75):

Ducrot remet ainsi en cause l'unicité du sujet parlant, divisé en être empirique, locuteur et énonciateur. Qui plus est, il distingue en ce qui concerne le locuteur L ou fiction discursive, et  $\lambda$ , ou l'être du monde, celui don on parle (<<je>> comme sujet de l'énonciation et <<je>> comme sujet de l'énoncé)<sup>9</sup>.

Ducrot (1997) mostra que o locutor divide-se em locutor L (locutor enquanto tal) e locutor  $\lambda$ , (ser no mundo). Quando um personagem é apresentado, como responsável por sua enunciação, nesse caso, é compreendido como o ser no mundo, o locutor  $\lambda$ . Quando o locutor é gestado no âmbito da enunciação, é o locutor L. Para esclarecer tal teoria, lança-se mão do exemplo a seguir, reproduzindo o discurso direto: “Francisco disse:// – Comprarei um carro”. Existem aí dois locutores: o primeiro é o narrador, ser no mundo (locutor  $\lambda$ ), que afirma que Francisco disse que comprará um carro; e o segundo locutor (locutor L) é ser do discurso, espelhado no personagem Francisco, que diz que comprará um carro. Dessa forma, observa-se o seguinte: o locutor  $\lambda$  é responsável pelo enunciado como um todo (da palavra Francisco até o ponto final); e o locutor L, por apenas uma parte do enunciado que lhe é atribuída (comprará

<sup>9</sup> Ducrot questiona assim a unicidade do sujeito falante, dividido em ser empírico, locutor e enunciator. Além disso, distingue o locutor em “L” ou ficção discursiva, e  $\lambda$ , ou ser do mundo, aquele do qual se fala (“eu” como sujeito da enunciação e “eu” como sujeito do enunciado).

um carro). Então, no exemplo em destaque, apenas a segunda oração corresponde à fala de L (Francisco), enquanto todo o enunciado é atribuído ao  $\lambda$  (narrador, pessoa no mundo).

A noção de *ethos* estaria, nesse caso, ligada ao locutor L, ser do discurso, e não ao locutor  $\lambda$ , ser do mundo. Assim, o *ethos* seria, portanto, a imagem essencialmente discursiva.

Assim, Ducrot (1987) assevera:

Na minha terminologia, direi que o *ethos* está ligado a L, o locutor enquanto tal: é enquanto fonte da enunciação que ele se vê dotado de certos caracteres que, por contraponto, torna esta enunciação aceitável ou desagradável. O que o orador poderia dizer de si, enquanto objeto da enunciação, diz, em contrapartida, respeito a  $\lambda$ , o ser do mundo, e não é este que está em questão na parte da retórica de que falo (DUCROT, 1987, p. 189).

Apesar de ter afirmado que a noção de *ethos* liga-se ao locutor, Ducrot (1987) não desenvolve uma teoria pragmática sobre o *ethos*.

Vale ressaltar que, apesar de teóricos da Pragmática terem esboçado uma noção discursiva sobre o *ethos*, essa é modificada, substantivamente, quando acoplada à Análise do Discurso de Linha Francesa. Isso ocorre, pois, na Pragmática, em que se considerava ainda um sujeito psicológico, cartesiano, dono e origem do dizer, enquanto que, na ADLF, tal sujeito é marcado pela ideologia e pelo inconsciente. Com relação a essa questão, verifica-se a citação a seguir:

[...] apesar de a noção de *ethos* também ser evocada por autores ligados às Teorias da Argumentação, como O. Ducrot e C. Perelman, em AD ela é consideravelmente modificada. Não se trata da apreensão dos traços de um sujeito psicológico que decide assumir um certo modo de dizer para mais facilmente convencer seu interlocutor a aderir às suas teses. Tudo se dá no nível do discurso. É o posicionamento discursivo no qual o enunciatador está inscrito que confere a ele um determinado *ethos*. O discurso “cria” o corpo de um fiador que, por meio de sua enunciação, produz certos efeitos na comunidade discursiva pressuposta e, ao mesmo tempo, validada por aquele discurso (SILVA, 2006, p. 187).

As observações feitas até este momento pretenderam situar como foi o desenvolvimento da concepção de *ethos*, desde a sua origem (com a Retórica de Aristóteles) até o modo como essa é concebida nos estudos pragmáticos. No entanto, não é objetivo desta tese abordar o fenômeno do *ethos* sob o prisma da Pragmática. A pretensão deste trabalho é abordar, com mais afinco, a noção do *ethos*, tendo como base a obra de Maingueneau (2005a, 2006, 2008a), que retoma a noção aristotélica de *ethos*, inscrevendo-a no quadro da Análise do Discurso de Linha Francesa, como se pode notar no subitem a seguir.

### 3.2 O *ETHOS* NA ANÁLISE DO DISCURSO DE DOMINIQUE MAINGUENEAU

A Análise do Discurso de Linha Francesa, tendo como base a obra de Maingueneau (2005a, 2006), toma emprestada a noção de *ethos* gestada pelos estudos da Retórica, ampliando-a e aplicando-a a todo e qualquer texto oral ou escrito.

Segundo Maingueneau (1997, p. 46), “[...] a Retórica antiga organizava-se em torno da palavra viva e integrava, conseqüentemente, à sua reflexão, o aspecto físico do orador, seus gestos, bem como sua entonação”. Dessa forma, os Retóricos concentravam-se na observação dos discursos falados, uma vez que esses possibilitavam a análise direta da corporalidade do enunciador, as suas características físicas, que também contribuía para que o auditório criasse uma dada imagem do orador.

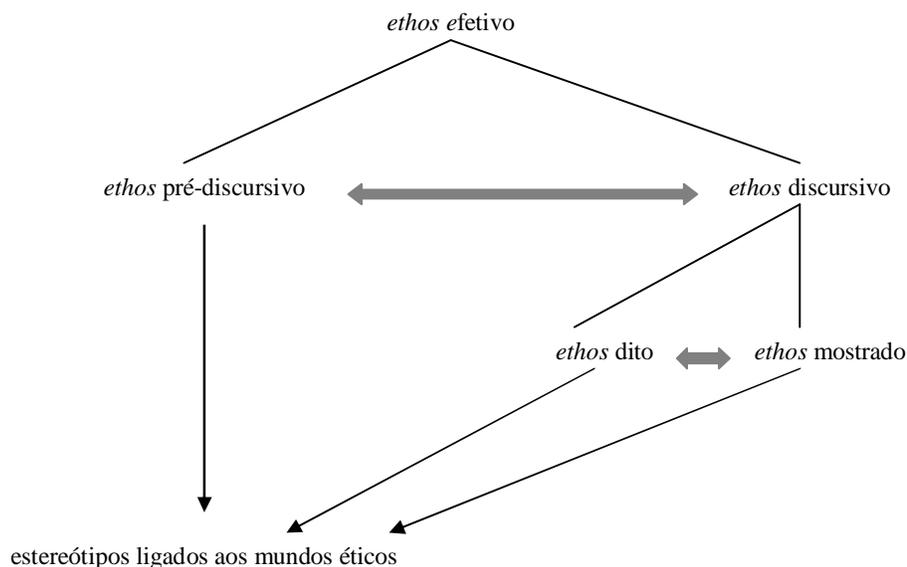
No entanto, na Análise do Discurso, não são considerados apenas os discursos falados como fontes de constituição efetiva do *ethos*, mas, ao contrário, tal corrente propõe que o *ethos* seja observado também em textos escritos, visto que esses últimos, apesar de não apresentarem diretamente os aspectos físicos do orador, possuem pistas (tais como: o tom<sup>10</sup> utilizado pelo enunciador, a corporalidade ou o caráter do mesmo), que indicam e levam o co-enunciador a atribuir ao enunciador uma determinada imagem em detrimento de outra.

Acoplada à Análise do Discurso, a terminologia *ethos* pode ser entendida como a imagem do enunciador criada no momento da enunciação, na instância do discurso e que pode ser aplicada a textos orais e escritos. Assim, pressupõe-se que os enunciadores criam uma imagem de si, mobilizando uma relação de interação com seus co-enunciadores, uma vez que esses últimos, baseados em estereótipos estabelecidos socialmente, atribuem aos enunciadores determinadas características e não outras. Tal afirmação permite compreender que o *ethos* é a imagem do enunciador no discurso, enunciador esse que carrega as marcas sociais e históricas que o constituem e que aparecem, na sua enunciação, identificadas, principalmente, através dos estereótipos.

Para dissertar sobre o *ethos*, evidenciando o seu aspecto interativo e sua relação com os estereótipos gestados socialmente, Maingueneau (2005a) constrói o seguinte esquema:

---

<sup>10</sup> Conforme Maingueneau (2005a, p. 72), pode-se afirmar que todo texto possui uma vocalidade específica e um tom característico. Este último revela traços da enunciação: se representa uma crítica, se encarna o humor etc.



Esquema 2: O *ethos* para Dominique Maingueneau

De acordo com o esquema proposto, o *ethos* compõe-se de duas partes: o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo. O *ethos* pré-discursivo refere-se à primeira imagem que se faz do enunciador, antes mesmo que ele tome a palavra e enuncie. O *ethos* discursivo, por sua vez, circunscreve-se à enunciação, sendo a imagem que o enunciador cria de si discursivamente. Essas duas categorias relacionam-se mutuamente, a partir do momento em que o *ethos* pré-discursivo pode ou não ser confirmado pelo *ethos* discursivo, ou ainda quando o *ethos* discursivo pode reformular a imagem inicial formada pelo *ethos* pré-discursivo, confirmado ou refutado.

O *ethos* discursivo, por sua vez, engloba as noções de *ethos* dito e *ethos* mostrado. O *ethos* dito seria aquele criado através das referências diretas ao enunciador, enquanto que o *ethos* mostrado estaria no domínio do não explícito, da imagem que não está diretamente representada no texto, mas que pode ser construída através de pistas, seguidas pelo co-enunciador. O *ethos* dito e o *ethos* mostrado, assim como sugerido no esquema, relacionam-se mutuamente, já que não há uma linha clara de separação entre o explicitado e o não explicitado.

Na base do mesmo, estão os estereótipos<sup>11</sup>, através dos quais o co-enunciador utiliza-se de representações culturais fixas, de modelos pré-construídos, para atribuir algumas características e não outras ao enunciador.

O estereótipo, gestado socialmente, influencia, tanto a construção do *ethos* pré-discursivo quanto do *ethos* discursivo, como se pode notar no esquema proposto por Maingueneau (2005a). A estereotipagem leva o co-enunciador a observar a realidade, tomando como base uma dada representação social cristalizada. Assim, pensar em um universitário pressupõe, por exemplo, atrelar a esse determinadas características estereotípicas: ser universitário pressupõe a preocupação com o mercado de trabalho, o compromisso com as leituras, a realização de trabalhos e seminários, dentre outras. Segundo Amossy (2005b, p. 125-126):

A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica.

Conforme Maingueneau e Charaudeau (2004, p. 213), “estereotipado designa, do mesmo modo, o que é fixo, cristalizado” e pode ser também entendido como “imagens prontas, que medeiam a relação do indivíduo com a realidade”, ou ainda como “representações coletivas cristalizadas, crenças pré-concebidas, freqüentemente nocivas a grupos ou a indivíduos.” Os estereótipos podem ser confirmados pelo que Maingueneau (2005a) chamou de cena validada, a que está instalada na “memória coletiva” e é aceita como padrão. Para melhor compreensão, considere-se o seguinte excerto:

[...] o repertório das cenas disponíveis varia de acordo com o grupo visado pelos discursos. Uma comunidade de convicção forte (uma seita religiosa, uma escola filosófica...) possui sua memória própria. Mas, de maneira geral pode ser associada a qualquer público, por mais vasto e heterogêneo, um estoque de cenas validadas que podem ser consideradas partilhadas. A Bíblia, para o discurso religioso cristão, constitui um reservatório considerável de tais cenas. (MAINGUENEAU 2005a, p.81)

Assim sendo, através de um estereótipo, o co-enunciador cria uma imagem do enunciador relacionada a uma categoria social preexistente. Ao mesmo tempo, o orador

<sup>11</sup> Maingueneau & Charaudeau (2004, p. 213), “estereotipado designa, do mesmo modo, o que é fixo, cristalizado”, e pode ser também entendido como “imagens prontas, que medeiam a relação do indivíduo com a realidade”, ou ainda como “representações coletivas cristalizadas, crenças pré-concebidas, freqüentemente nocivas a grupos ou a indivíduos.”

adapta a representação de si aos esquemas coletivos que ele concebe como interiorizados pelos co-enunciadores a quem dirige o discurso.

Para que se possa compreender bem essa noção, toma-se de empréstimo o exemplo dos enunciadores digitais dos *blogs* pessoais, que são objeto de estudo desta tese. Sabe-se que os *corpora* da mesma se constituem de *blogs* pessoais escritos por pré-universitários e universitários. Sabe-se também que há uma representação cultural fixa e pré-atribuída do pré-universitário e do universitário. Ser um universitário pressupõe, dentre outras características, além das citadas anteriormente, o domínio da língua culta, dentro dos padrões estabelecidos pela gramática normativa, ensinada nas escolas, a qual se presume que o mesmo tenha conhecimento. Portanto, para que seja visto como universitário, o enunciador digital evita usar o internetês<sup>12</sup>, por se tratar de uma linguagem extremamente informal e que, freqüentemente, se distancia da norma culta. Diante disso, os enunciadores digitais dos *blogs* se desculpam pelo uso de abreviaturas ou pela grafia incorreta de uma palavra. Segundo Orlandi (2001), *a letra é o traço de entrada no simbólico. Traço que marca o sujeito enquanto sujeito, em sua possibilidade de autoria, frente à escrita* (ORLANDI, 2001, p; 204). Então, percebe-se que, nos *blogs* de universitários e pré-universitários, os sujeitos refutam o uso do internetês, partindo par o uso de uma linguagem mais próxima da língua padrão. Nesse caso, ocorre a adaptação do enunciador às características cristalizadas sobre o “ser universitário”, a fim de que ele possa ser reconhecido como tal pelos seus co-enunciadores.

Percebe-se, dessa forma, que o *ethos* não se refere apenas às características que o enunciador atribui a si próprio, mas pressupõe também a interação entre enunciadores e co-enunciadores, a interação entre os estereótipos e a adaptação que o enunciador faz à imagem preestabelecida que parece circular, socialmente, sobre determinado grupo ou determinada categoria da qual ele mesmo faz parte.

---

<sup>12</sup> A linguagem utilizada nas salas de bate-papo possui características *suis g neris* tais como: um infinito número de abreviaturas criadas diante da necessidade de estabelecer a comunica o rapidamente; a presença de uma tendência para a chamada “escrita fonética”, visto que o internauta, em linhas gerais, estabelece uma rela o biunívoca entre unidades sonoras da língua e sinal gráfico. A título de ilustra o, mencionam-se as expressões “quero” e “não”, escritas, respectivamente, como “kero” e “naum”. Além disso, os enunciados são curtos e a linguagem   bastante informal; possui muitas vezes caráter homof nico, como no caso das palavras 100sa o, 100nome, BonitaD+, dentre outras.

Segundo Maingueneau (2008a, p. 16):

O *ethos* de um discurso resulta da interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), mas também os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos* dito) - diretamente (“é um amigo que vos fala”) ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala, por exemplo.

O *ethos* efetivo será construído pelos co-enunciadores e resulta, portanto, da interação entre diversas instâncias: o dito, o mostrado, os estereótipos e a própria enunciação.

A partir das bases teóricas da Análise do Discurso de Linha Francesa, podem-se estabelecer algumas características gerais para a noção de *ethos*, quais sejam:

- O *ethos* é uma categoria discursiva gestada no e pelo discurso. Isso faz com que se perceba que tal categoria não se restringe a uma imagem do enunciador, desvinculada de sua fala, de sua atividade discursiva. O *ethos* é construído na enunciação e não explicitado no enunciado. É importante destacar, portanto, que a análise do *ethos* pressupõe a criação de uma imagem discursiva, gestada na enunciação e nunca separada dela. Para Fiorin (2008, p. 139): “[...] em termos atuais, dir-se-ia que o *ethos* não se explicita no enunciado, mas na enunciação.” Ainda segundo o referido lingüista, o *ethos* é uma imagem do autor<sup>13</sup> e não o autor real:

[...] apreender um sujeito construído pelo discurso e não uma subjetividade que seria a fonte de onde emanaria o enunciado, de um psiquismo responsável pelo discurso. O *ethos* é uma imagem do autor e não é o autor real, é um autor discursivo, implícito (FIORIN, 2008, p. 139).

---

<sup>13</sup> Cabe, neste momento refletir sobre a noção de autor para a Análise do Discurso de Linha Francesa. Segundo Orlandi (1996, p.68), o autor é responsável pelo texto que produz. Isso significa que ele é “responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto”. Assim, a autoria na Análise do Discurso de Linha Francesa é uma função do sujeito que é colocado como suposta origem do dizer. Segundo Orlandi (1996, p.69): “[...] a função-autor se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim”

Em suma, na Análise do Discurso de Linha Francesa, o sujeito está para o discurso assim como o autor está para o texto. Isso significa que o texto é o lugar da individuação do sujeito do discurso, que se coloca como origem do dizer. Assim, através da função-autor, o sujeito assume uma posição a qual é, também, determinada pelas condições de produção.

Assim, o *ethos* é a imagem do autor, o que significa dizer que ele não corresponde ao caráter real do enunciador, mas a uma imagem discursiva da forma sujeito que este enunciador encarna através do texto.

- O *ethos* é interativo e pressupõe uma inter-relação entre o enunciador e o co-enunciador<sup>14</sup>, uma vez que o enunciador cria uma auto-imagem de si, que se relaciona à ativação de estereótipos gestados socialmente. A interação entre os enunciadores e os co-enunciadores ocorre, quando esses últimos filiam seu discurso a determinadas categorias sociais e reivindicam para si uma dada imagem, adaptando-se, por conseguinte, às expectativas dos co-enunciadores, para os quais dirigem seu discurso, e às características sociais pré-fixadas e preestabelecidas por estereótipos que circulam, socialmente, e que fazem parte do repertório cultural dos co-enunciadores.

- É uma categoria sócio-discursiva, visto que a imagem gestada no discurso é dirigida, socialmente, pelos estereótipos que são gestados no âmbito sócio-histórico. Nesse ponto, é importante ressaltar que o *ethos* do enunciador não corresponde necessariamente à imagem real do sujeito empírico responsável pelo enunciado. Isso significa, por exemplo, que um político desonesto pode criar uma imagem de honestidade e nobreza de caráter, sem necessariamente ter essas qualidades. Assim, analisar o *ethos* é também admitir que todo texto escrito ou falado, que todo enunciado pressupõe a articulação entre corpo e voz do enunciador, mesmo que tais categorias não apareçam explicitamente marcadas no enunciado.

- Por ser uma categoria genuinamente discursiva, a construção do *ethos* não ocorre de maneira completamente livre, e, por isso, não pressupõe um sujeito completamente intencional. A construção do *ethos* obedece, portanto, a restrições discursivas, ligadas à formação discursiva, na qual o discurso do enunciador se circunscreve. Isso significa dizer que não se pode criar um *ethos* completamente desvinculado da formação discursiva, à qual o discurso do enunciador pertence.

Segundo Maingueneau (2008a, p. 17), “[...] a noção de *ethos*, que mantém um laço crucial com a reflexividade enunciativa, permite articular corpo e discurso para além de uma oposição empírica entre oral e escrito.”

---

<sup>14</sup> O termo enunciado é utilizado por Maingueneau (2001) com o valor de frase inscrita em um contexto particular. Enunciador, na perspectiva do autor, seria aquele a quem se outorga, no discurso, uma posição institucional que marca sua relação com o saber. O co-enunciador, portanto, seria aquele a quem o enunciador dirige o seu discurso, que não é entendido como uma figura dotada de passividade, mas que exerce um papel ativo no processo discursivo. O termo co-enunciador foi introduzido pela Lingüística enunciativa como um termo correlativo ao de enunciador, acentuando a idéia de que a enunciação é um processo no qual dois participantes desempenham um papel ativo, pois, em uma enunciação, há uma alternância do papel de ouvinte e locutor, fazendo com que ambos participem, de forma dinâmica, do processo enunciativo.

Assim, pode-se dizer que o *ethos*, proposto por Maingueneau (2008a), não se relaciona apenas com a dimensão verbal, mas também pressupõe a mobilização de um conjunto de características físicas e psicológicas do enunciador, que emana da enunciação. Tais características físicas e psicológicas ligam-se ao enunciador e se direcionam, diretamente, com toda uma gama de estereótipos socialmente constituídos. Dessa forma, atribui-se ao enunciador uma corporalidade (feixe de traços físicos) e um caráter (feixe de traços psicológicos).

A partir da leitura do texto ou do contato com os discursos, os leitores ou co-enunciadores constroem, mentalmente, uma imagem do enunciador, imagem essa que é a representação da figura do fiador. Desse modo, diz-se que a leitura faz emergir uma figura subjetiva, dotada de caracteres psicológicos e físicos, que é a figura do fiador.

Conforme Maingueneau (2005a, p. 72), “[...] o fiador, cuja figura o leitor deve construir com base em indícios textuais de diversas ordens, vê-se, assim, investido de um caráter e de uma corporalidade, cujo grau de precisão varia conforme os textos.”

Sendo assim, a figura do fiador é fundamental para a construção do *ethos*, uma vez que a imagem mental do fiador, construída pelos co-enunciadores, influencia na criação do *ethos* efetivo do enunciador. Segundo Maingueneau (2008a, p. 18), “[...] o *ethos* recobre não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas ligadas ao fiador pelas representações estereotípicas.” Portanto, a construção do *ethos* ocorre influenciada por estereótipos sociais que guiam a construção da imagem do enunciador.

A noção de fiador liga-se também a determinados “mundos éticos” do qual ele é parte constituinte. O mundo ético diz respeito, de acordo com Maingueneau (2008a, p. 18): “[...] a um certo número de situações estereotípicas associadas a comportamentos.” Então, segundo o referido autor (2008a p. 16), “[...] há o mundo ético das estrelas de cinema que inclui cenas como a subida dos degraus do palácio do Festival de Cannes, seções de filmagem, entrevistas à imprensa, seções de maquiagem etc.”

No entanto, muitas vezes, o enunciador pode pretender criar determinada imagem de si, mas termina por gerar uma outra imagem que não corresponde àquela visada inicialmente. Então, Maingueneau deixa calar a distinção entre o *ethos* visado (a imagem pretendida pelo enunciador) e o *ethos* efetivamente produzido por ele. Conforme Maingueneau (2006, p. 58):

[...] a noção de *ethos* remete a coisas muito diferentes segundo seja considerada do ponto de vista do locutor ou do destinatário: o *ethos* visado não é necessariamente o *ethos* produzido. O professor que quer passar uma imagem de sério pode ser percebido como monótono, e aquele que quer passar uma imagem de aberto e simpático pode ser percebido como doutrinador ou “demagogo”.

Desse modo, para Maingueneau (2005a), o *ethos* é parte constituinte da cena de enunciação. Esse último conceito é, para ele, compreendido não como algo fixo e estático, mas como um conjunto interativo e flexível, encenado e mobilizado pelo próprio discurso e pela própria enunciação.

Dessa maneira, Maingueneau (2006, p. 47) observa que:

O locutor deve dizer construindo o quadro desse dizer, elaborar dispositivos pelos quais o discurso encena seu próprio processo de comunicação, uma encenação que é parte integrante do universo de sentido que o texto procura impor.

Então, esse estudioso (2005a) considera que toda enunciação pressupõe uma cena enunciativa, que é ela mesma construída a partir da enunciação em si mesma, e, portanto, não é uma categoria fixa e preestabelecida.

A cena de enunciação integra outras três cenas que Maingueneau (2005a) chama de cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante corresponde ao que, em *Análise do Discurso*, é chamado de tipo de discurso<sup>15</sup>, como por exemplo, o literário, o religioso ou ainda o filosófico. Segundo Maingueneau (2008b, p. 70), “[...] a cena englobante atribui ao discurso um estatuto pragmático, ela o integra em um tipo: publicitário, administrativo, filosófico.” Já a cena genérica é aquela que corresponde ao que Maingueneau (2008b) chama de gênero do discurso e corresponde, portanto, aos gêneros que se situam

---

<sup>15</sup> Cabe, portanto, fazer uma diferenciação básica de terminologias. Alguns lingüistas filiados à Pragmática, mais especificamente à Lingüística de Texto, têm uma definição diferente do que vêm a ser tipos e gêneros textuais, tendo como base a noção discursiva de Bakhtin. Para esses autores, a expressão tipo textual deve ser usada como referência a textos definidos pelas propriedades lingüísticas a eles intrínsecas, constituindo seqüências lingüísticas de enunciados e não necessariamente textos empíricos (MARCUSCHI, 2002, p. 232). Assim, os tipos textuais abrangeriam meia dúzia de categorias, tais como: narração, argumentação, descrição e injunção. Já a definição de gêneros textuais (ou ainda gêneros discursivos), para esses autores, abrange a idéia de que esses representam realizações lingüísticas concretas, constituindo-se textos empiricamente realizados, derivados das situações comunicativas. No entanto, na *Análise do Discurso* de Linha Francesa tal classificação é diferente. Maingueneau (2001, p. 61-62) propõe uma distinção entre esses termos. Segundo ele: “os gêneros do discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores de atividade social.” Assim, a novela, por exemplo, constitui-se como um gênero discursivo dentro de um tipo de discurso televisivo. Em Maingueneau, portanto, o tipo de discurso estaria relacionado com os setores de atividade de uma sociedade, tais como: saúde, ensino, pesquisa etc.

dentro do tipo maior. Conforme observa Maingueneau (2008b, p. 70), “[...] a cena genérica é a do contrato associado a um gênero ou a um subgênero de discurso: o editorial, o sermão, o guia turístico, etc.” A cenografia, por sua vez, corresponde à cena de fala que o discurso pressupõe para que possa ser enunciado. Assim sendo, um padre pode expressar-se através de uma cenografia profética, por exemplo.

Para Maingueneau (2008b, p. 71):

[...] a cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar, como convém à política, à filosofia, à ciência (MAINGUENEAU, 2008b, p. 71).

Como poder-se-á notar no capítulo desta tese sobre gêneros do discurso, segundo o referido autor, há gêneros do discurso cujas cenografias são mais fixas e menos livres, a exemplo dos catálogos telefônicos, dos dicionários, das saudações entre soldados do Exército ou ainda das trocas de informações técnicas entre pilotos de avião. Esses precisam ter uma apresentação formal mais fixa, geralmente não variam a forma de apresentação do texto e possuem pouca variação vocabular (devem usar um vocabulário técnico). Já outros gêneros possuem cenografias mais livres: é o caso, por exemplo, das campanhas publicitárias, que permitem um leque variável de cores, imagens, itens lexicais etc. Os *blogs* podem ser destacados como exemplos típicos de gêneros que pressupõem uma cenografia mais livre. Para que se possa esclarecer essa questão, propõe-se a imagem a seguir:



Figura 2: Exemplo de capa do *blog* da Nicole<sup>16</sup>

Desse modo, a cenografia é, por sua vez, todo o quadro delineado dentro da cena genérica: ela engloba as imagens, as multisemioses, a linguagem utilizada, dentre outras coisas. Na figura 2, destacam-se elementos cenográficos coloridos, informais e próprios do gênero *blog*: permite-se atrelar som, imagem, ícones semióticos, *links* para outros *blogs* e *links* que possibilitam comentar os *posts* do escrevente. A cenografia desse *blog* pressupõe também a utilização de uma linguagem informal, inerente a esse gênero discursivo.

É dessa forma que a cenografia pode ser entendida, ao mesmo tempo, como fonte do discurso e aquilo que ele engendra. Assim, essa característica informal, encenada na figura anterior, com junção de sons e imagens e determinado tipo de linguagem é engendada pelos *blogs* e é a fonte na qual o espaço enunciativo intimista dos *blogs* pessoais é construído.

Uma determinada cenografia estabelece a existência da figura do enunciador e uma figura correlata a essa: a do co-enunciador. Ela supõe, também, uma cronografia (um momento de enunciação) e uma topografia (um lugar no qual a enunciação ocorre). Então, em um *blog*, há, por exemplo, um momento de enunciação que é revelado pelas datas de postagens das mensagens, uma vez que essas são armazenadas cronologicamente, e também um *locus* virtual do qual a enunciação digital deriva.

<sup>16</sup> Retirado do blog da Nicole. Disponível em [http://blogandocomnicole.blogspot.com/2008\\_12\\_01\\_archive.html](http://blogandocomnicole.blogspot.com/2008_12_01_archive.html)

É na cenografia que se pode engendrar o simulacro do momento, do lugar da enunciação, dos papéis desempenhados pelos coenunciadores e também de toda a cena validada.

Como é possível notar na abordagem feita nesta tese, compreende-se que não se pode definir o *ethos* como desvincilhado da cena de enunciação, pois, para Maingueneau (2005a, p. 75), o *ethos* “é uma parte constitutiva da cena de enunciação, com o mesmo estatuto que o vocabulário ou dos modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência.”

O *ethos* está, portanto, ligado a uma cena enunciativa, na qual o co-enunciador está também inscrito. Pressupõe o envolvimento do mesmo em um mundo ético engendrado pelo discurso, fenômeno que Maingueneau (2005a, p. 72) chama de incorporação. Assim, segundo esse autor (2005a, p. 73): “[...] o co-enunciador incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo, habitando seu próprio corpo.” Desse modo, quando em um *blog* há a identificação do co-enunciador com o mundo ético ali apresentado, diz-se que há a incorporação.

Conforme Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 272), a incorporação funciona em três dimensões indissociáveis: a primeira delas é o fato de que, mediante a leitura ou a audição de um texto, o enunciador do mesmo é representado, subjetivamente, através de uma corporalidade e de um caráter que constituem a figura do fiador, e o co-enunciador é levado a aderir a tal corporalidade, compartilhando das situações apontadas na enunciação; a segunda dimensão diz respeito ao fato de que os co-enunciadores incorporam a figura do fiador, a partir da assimilação dos esquemas que o caracterizam; e, por fim, a terceira dimensão diz respeito ao fato de que essa incorporação permite que os co-enunciadores se vinculem a uma dada comunidade imaginária, engendrada pelo discurso e derivada da figura do fiador.

Assim sendo, para que se possa compreender corretamente a noção de incorporação, lança-se mão do exemplo a seguir:

Exemplo 1:

*Post* do dia 03 de dezembro de 2007:

Sobre aparelhos de musculação

- 01 (...) Eu comecei esses dias a fazer musculação (quer dizer, semanas atrás fui lá na academia uma avaliação **antropométrica** 🏋️) e fui apresentada à toda a parafernália que faz pessoas ficarem saradas. Esse episódio, porém, merece um post especial, devido a coisas que aconteceram, haha).
- 05 Como ia dizendo, comecei a fazer musculação. No meu primeiro dia, cheguei lá na academia, depois de uma caminhadinha básica para aquecer (afinal, as 7 da matina eu não estou aquecida, hã) e pedi minha ficha, onde tem o 'treino' que eu

devo fazer. O cara lá (o personal) me deu a dita cuja. Eu, sem óculos - pra ajudar, vejo os nomes das maquininhas que devo usar: supino, leg press, adução, remada, e a lista segue nesse nível. Talvez você, leitor, estude educação física ou faça musculação a mais tempo que eu, e conheça tais nomes. Pra mim é grego. Sério, **é grego**. O resultado foi que o personal teve que deixar as outras pessoas meio de lado e me acompanhar por todos os aparelhos (aos quais eu já tinha sido previamente apresentada) para me apresentá-los de novo e me ensinar (de novo) a ajustar pesos e alturas (isso eu já sabia, haha).

Retirado do *blog* da Nicole. Disponível em: [http://blogandocomnicole.blogspot.com/2008\\_12\\_01\\_archive.html](http://blogandocomnicole.blogspot.com/2008_12_01_archive.html)

No *post* do dia 03 de dezembro de 2007, citado anteriormente, a escrevente do *blog* conta sua experiência com a academia, revelando aos seus leitores que, mesmo depois de ter ido fazer a avaliação física para começar a musculação e ter sido apresentada aos aparelhos de lá, ainda não sabia os nomes dos mesmos, nem como usá-los.

Tal *post* instaura, no campo discursivo, a figura de uma fiadora desatenta e que não frequenta assiduamente academias, já que não conhecia, até o momento da postagem, como afirma nas (linhas 2 e 3) do exemplo 1, o funcionamento de “toda a parafernália que faz pessoas ficarem saradas.”

Dessa forma, o co-enunciador que lê tal *post* é convidado, portanto, a assimilar as características da fiadora, instauradas no texto, vinculando-se a determinada comunidade imaginada, da qual fazem parte as pessoas que não gostam de academias ou que não conhecem o funcionamento das mesmas.

Essa incorporação acontece, efetivamente, quando os co-enunciadores comentam o *post* da enunciativa e mostram, em seu discurso, de alguma forma, que se identificaram com o que foi postado ali:

Exemplo 2:

**Ana Carolina disse**

01 Eu comecei e parei com a academia duas vezes. Adorava as aulas de aeróbica mas nunca tive paciência nenhuma para musculação. E também ficava sempre perdida com o nome de todos os aparelhos, levando o instrutor a ficar andando pelo academia comigo, me ensinando qual  
05 aparelho fazia o quê. E não muito tempo depois eu desisti. Fim. História muito triste essa ueheuehe Beeeijo ;\*

Nesse caso, a co-enunciadora revela como se identificou com a situação relatada no *post* da escrevente, incorporando os esquemas comportamentais da fiadora, ao mostrar o seu

desinteresse pela musculação e o mesmo desconhecimento, em relação aos aparelhos da academia.

Além disso, o processo de incorporação é bastante explorado, quando se trata de discursos publicitários, que pretendem fazer com que o auditório particular, ao qual se dirigem, assimile as características do produto anunciado, tornando-se consumidor do mesmo.

## 4 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS GÊNEROS DO DISCURSO

### 4.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE OS GÊNEROS DO DISCURSO

Neste capítulo pretende-se inicialmente fazer uma abordagem sucinta sobre a noção de gêneros do discurso, de Bakthin (1997) até a Lingüística de Texto, a fim de estabelecer um breve histórico desta categoria nos estudos Lingüísticos. Em seguida, objetiva-se focar os gêneros dentro do escopo teórico da Análise do discurso de Linha Francesa, tendo como base a obra de Maingueneau (2001). Além disso, pretende-se ainda falar sobre os gêneros do discurso gestados pelo hipertexto, os chamados gêneros digitais, focalizando as características dos mesmos.

Os estudos sobre gêneros discursivos ligam-se, de uma forma ou de outra, às idéias postuladas por Bakthin (2003), no campo da Filosofia da Linguagem. Segundo tal pensador, os gêneros do discurso podem ser definidos como “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKTHIN, 2003, p. 262), cuja diversidade é infinita, uma vez que são também infinitos os processos interativos das atividades humanas.

Os gêneros do discurso são, para esse autor, tipos de enunciados, ligados às diversas esferas da atividade social, que possuem certos traços discursivos (o que o autor chama de “regularidades”) peculiares à situação interativa, na qual são gerados. Os enunciados, em Bakthin (2003), são concebidos como atividades languageiras concretas e únicas, por isso irrepetíveis. Podem ser orais ou escritos e ligam-se aos diversos campos da atividade humana.

De acordo com Fiorin (2006, p. 61):

Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, as da escola, as da igreja, as do trabalho num jornal, as do trabalho numa fábrica, as da política, as das relações de amizade e assim por diante. Essas esferas de atividade implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Não se produzem enunciados fora das esferas de ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera.

Os enunciados são, portanto, a base da interação social, visto que essa ocorre a partir do uso da língua, e esse uso se faz através do emprego de enunciados. Dessa forma, esses

últimos representam unidades concretas do discurso, possuindo uma dimensão dialógica, uma vez que surgem de um enunciador e se destinam a um locutor.

Segundo Bakthin (2003) todo enunciado é dialógico, uma vez que há sempre e inevitavelmente na palavra do “eu” a influência da palavra do “outro”. Assim, o dialogismo é constitutivo do enunciado, pois surge de alguém e direciona-se para o “outro”, sendo marcado essencialmente pela heterogeneidade. A palavra em si mesma é neutra, quando compreendida como parte de um sistema linguístico geral. Porém, quando colocada em uso no processo comunicativo ela perde a neutralidade e passa a ser revestida de uma multiplicidade de sentidos. O locutor enuncia em função da existência (real ou virtual) de um interlocutor, requerendo deste último uma atitude responsiva,

Voltando à questão dos gêneros pode-se dizer que os mesmos estão ligados ao desenvolvimento de atividades sócio-culturais simples ou complexas, formados nas condições comunicativas imediatas ou através da reelaboração e incorporação de gêneros já existentes.

Bakthin (2003, p. 262) afirma que os gêneros são históricos e concretos e não podem ser definidos apenas pela sua “estrutura”; com isso, não basta distingui-los, levando em conta, exclusivamente, seus aspectos estritamente formais. Ao contrário, os gêneros discursivos estão diretamente relacionados à esfera comunicativa, às situações de interação verbal, e ligam-se a determinadas esferas sociais. Então, na escola, diante da interação professor/aluno, aluno/aluno, dentre outras, surgem determinados gêneros que ali se institucionalizam, como: a conversa informal, a aula, as palestras etc. Portanto, a principal característica do gênero do discurso é a relação que esse estabelece com a atividade social e histórica e não os aspectos formais do mesmo. Isso significa dizer que determinados gêneros do discurso podem possuir os mesmos traços formais, mas, apesar disso, podem se constituir como gêneros totalmente diversos entre si, o que mostra que apenas os aspectos formais não são suficientes para definir um gênero do discurso.

Os gêneros do discurso são gestados empiricamente e na atividade de interação concreta dos indivíduos, não sendo adquiridos, institucionalmente, através da aprendizagem de traços formais. Isso fica claro, quando Bakthin (2003) afirma:

Esses gêneros do discurso nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática. A língua materna - na sua composição vocabular e sua estrutura gramatical - não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam (BAKTHIN, 2003, p. 282-283).

Desse modo, pode-se dizer que os gêneros do discurso são adquiridos na atividade interativa concreta e real, e o discurso é constituído por gêneros que se diferenciam, segundo alguns fatores apontados pelo referido filósofo, quais sejam: a situação, a posição social dos falantes, as relações de reciprocidade, a formalidade ou informalidade da situação, o grau de amizade ou de parentesco dos falantes etc.

Outras características atribuídas aos gêneros do discurso, por Bakthin (2003), e que os diferem do que o referido filósofo chama de formas da língua, são a normatividade e a flexibilidade. Conforme o autor, os gêneros do discurso são bem mais flexíveis e menos normativos que as formas da língua. Há gêneros que possibilitam uma maior liberdade e criatividade dos falantes, como as conversas informais sobre temas diversos, as reuniões entre amigos, dentre outros. Outros gêneros são mais rígidos, por isso, pressupõem um maior rigor formal e possuem um alto grau de estabilidade, tais como: as palestras universitárias, as entrevistas etc.

Dissertando sobre a perspectiva dos gêneros do discurso em Bakthin (2003), Hemais e Rodrigues (2005, p. 164) resumem as idéias do referido autor, sobre tal tema, da seguinte forma:

Cada esfera, em sua função socioideológica particular (estética, educacional, jurídica, religiosa, cotidiana etc.) e suas condições concretas específicas (organização socioeconômica, relações sociais entre os participantes da interação, desenvolvimento tecnológico etc.), historicamente, formula na/para a interação verbal gêneros discursivos que lhe são próprios.

Bakthin (2003), portanto, afirma que os gêneros do discurso estão ligados aos campos de atividade interacional dos seres humanos. Ora, se esses campos são infinitos, também são infinitos os gêneros do discurso deles decorrentes. É somente na esfera comunicativa que se pode compreender a constituição de um gênero, o que significa dizer que, assim como os enunciados, os gêneros também não podem ser desvinculados da dimensão histórica e social na qual são gestados. Segundo ele:

A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos é ilimitada, porque as possibilidades de atividade humana são também inesgotáveis e porque cada esfera de atividade contém um repertório inteiro de gêneros discursivos que se diferenciam e se ampliam na mesma proporção que cada esfera particular se desenvolve e se torna cada vez mais complexa (BAKHTIN, 2003, p. 60).

Esse autor (2003, p. 263) divide os gêneros discursivos em dois grupos: os gêneros primários e os secundários. Os gêneros primários “[...] são aqueles que se formam nas condições de comunicação discursiva imediata”, enquanto que os gêneros secundários “[...] são aqueles que surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito mais desenvolvido e organizado.” Assim, pode-se dizer que, no processo de formação de gêneros discursivos secundários, há a incorporação dos gêneros primários, os quais são absorvidos e transmutados. Dessa forma, conclui-se que os gêneros discursivos secundários “[...] não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes” (MARCUSCHI, 2002a, p. 20).

Toma-se emprestada, neste momento, a noção de gênero discursivo para a Lingüística Textual, apresentando a visão de dois importantes teóricos, a respeito desse assunto, quais sejam: Marcuschi (2002a) e Swales (1990).

Para Marcuschi (2002a, p. 19), os gêneros textuais ou discursivos caracterizam-se como eventos textuais que “[...] surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas.” Tal noção tem como base a idéia de gênero discursivo de Bakhtin (2003), uma vez que revela a ligação entre os gêneros discursivos e os processos sócio-culturais. Os gêneros são, portanto, gestados na atividade interativa do sujeito social. Isso significa que eles não são adquiridos institucionalmente, mas desenvolvidos no processo de interação entre os sujeitos. Ninguém precisa ir à escola para aprender como contar uma piada, mas, ao contrário, esse aprendizado é social e deriva da atividade do sujeito empírico.

Marcuschi (2002a) faz uma diferenciação entre gênero e tipo textual, afirmando que esses últimos reduzem-se a uma meia dúzia de categorias, enquanto os primeiros são inúmeros, e, por isso, é impossível quantificá-los. Ao definir tipo textual, o referido lingüista (2002a, p. 23) observa:

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

Como já foi visto anteriormente, enquanto os tipos textuais “abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas”, os gêneros textuais são infinitos e surgem emparelhados às atividades sociais; são um fenômeno adquirido empiricamente na interação comunicativa entre indivíduos. Assim, Marcuschi define gêneros textuais como:

[...] uma noção propositalmente vaga para referir *os textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros (MARCUSCHI, 2002a, p. 23).

Dessa forma, para a Lingüística Textual, há uma clara diferenciação entre gêneros e tipos textuais, sendo os primeiros processados no seio da atividade comunicativa, e, portanto, de número indeterminado, além de adquiridos, empiricamente, na experiência social; e os segundos, definidos por suas propriedades formais e adquiridos institucionalmente.

Para outros teóricos importantes, no campo da Lingüística Textual, como Swales (1990), há especificidades diversas que definem os gêneros dos discursos.

Consoante Hemais e Rodrigues (2005, p. 113), a tônica da teoria de Swales (1990) baseia-se nos seguintes pontos: o referido autor considera os gêneros discursivos como um conjunto de eventos comunicativos, que compartilham de um mesmo propósito comunicacional. Então, pode-se afirmar que, segundo a teoria de Swales (1990), os gêneros possuem um objetivo comunicativo, que, muitas vezes, pode não estar expresso de maneira clara, mas que pode ser identificado pelos interlocutores e pela comunidade discursiva. Ainda conforme Hemais e Rodrigues (2005, p. 115), Swales (1990) define comunidade discursiva como um conjunto de pessoas que possuem objetivos comuns e que compartilham dos mesmos mecanismos comunicativos. Uma comunidade discursiva desenvolve seu próprio elenco de gêneros, criando aqueles mais relevantes para a comunicação dos seus membros. Portanto, os gêneros discursivos são gerados dentro de uma determinada comunidade discursiva, para atender aos interesses comunicativos de tal comunidade.

Além disso, os gêneros possuem características específicas e carregam também uma lógica própria. O conteúdo do gênero e seu aspecto formal são concebidos em função do propósito comunicativo daquele gênero. Então, em um gênero como a piada, por exemplo, em que há um pequeno rigor estilístico e o propósito de causar o riso, permite-se uma maior informalidade, o uso da ironia, da metáfora e de situações que causem estranheza ou espanto, e, por isso, levem ao riso.

Assim, para o referido pensador, um gênero se define pelos propósitos comunicativos, que são reconhecidos pelas comunidades, nas quais é gestado, e está ligado às mais diversas atividades humanas. A teoria de Swales (1990) circula com facilidade dentro da Lingüística e serve como base para o desenvolvimento de estudos dos gêneros discursivos, principalmente dentro do campo da Lingüística Textual.

Tendo como base a teoria de gêneros de Swales (1990), pode-se afirmar, portanto, que os *blogs* se constituem como uma cadeia genérica, uma vez que existem diversos tipos de *blogs* que possuem propósitos comunicativos diferentes. Há, conforme o quadro a seguir, *blogs* políticos, científicos ou educacionais, jornalísticos e pessoais, que compartilham de objetivos comunicativos diversos. Dentro do próprio conjunto de *blogs* pessoais, existe um propósito comunicativo maior: divulgar questões da vida cotidiana dos escreventes.

Assim, o gênero *blog* seria segundo Swales (1990) uma cadeia de gêneros, ou seja, o gênero *blog* é formado por diversos outros *blogs*, que têm em comum a função diarística, mas que diferem nos objetivos comunicativos, como é possível notar no quadro a seguir:

<b>TIPOLOGIA DOS <i>BLOGS</i></b>	<b>CARACTERÍSTICAS DISCURSIVAS PROPÓSITOS COMUNICATIVOS</b>
<i>Blogs</i> notícias e <i>Blogs</i> jornalísticos	Assemelham-se a uma espécie de jornal, publicado na Internet, geralmente escrito por um jornalista ou estudante de jornalismo. Tem como propósito básico veicular as principais notícias do Brasil e do mundo em tempo real, na Internet. Permite a interação direta entre os leitores e os escreventes, através de comentários postados <i>online</i> em tempo real. Como são desvinculados dos grandes grupos jornalísticos, permitem uma maior flexibilidade na divulgação de informações e na interação entre os leitores e os escreventes.
<i>Blogs</i> políticos	São <i>blogs</i> construídos por partidos políticos ou por seus militantes. Têm como objetivo comunicativo divulgar as idéias e propostas dos partidos ou candidatos a diversos cargos públicos. Há espaço para debate de diversos temas e, como a interação ocorre <i>online</i> , sem que haja censura prévia, termina sendo um espaço propício para debater temas polêmicos e antagônicos.
<i>Blogs</i> educacionais e <i>Blogs</i> científicos	Instrumentos utilizados por escolas, professores e estudantes em geral, com o objetivo de divulgar notícias acadêmicas, debater temas ligados às diversas disciplinas ou ainda incentivar os alunos a registrarem suas descobertas científicas e acadêmicas. São utilizados na educação básica, fundamental e mesmo no ensino universitário. Nesse último caso, os alunos costumam utilizar o <i>blog</i> para postar artigos científicos ou debater temas de pesquisa com outros internautas. Também permitem a interação direta entre leitores e escreventes.

<p><i>Blogs</i> pessoais</p>	<p>São <i>blogs</i> escritos por uma ou mais pessoas, que têm como objetivo básico divulgar coisas sobre a vida cotidiana, reflexões ou pensamentos dos escreventes. Ao contrário de se constituírem como um bloco homogêneo, os <i>blogs</i> pessoais representam propósitos comunicativos diferentes, constituindo uma grande heterogeneidade discursiva:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Blogs diários</i> - são os clássicos <i>blogs</i> pessoais, nos quais os escreventes falam sobre si, expondo seus pensamentos, reflexões etc. Têm um caráter intimista, pois representam um espaço discursivo nos quais algumas questões da vida pessoal dos escreventes são reveladas; nesse subitem, também encontram-se <i>blogs</i> que servem como diários da vida de bebês, de namorados e noivos etc.</li> <li>• <i>Blogs agendas</i> - nesses <i>blogs</i>, os escreventes não colocam coisas sobre sua vida pessoal. O espaço desse <i>blog</i> é utilizado para colocar reflexões filosóficas sobre a vida, crônicas ou poesias escritas pelos blogueiros e compartilhadas com os co-enunciadores, para os quais as mensagens ali postadas se dirigem.</li> <li>• <i>Blogs cartões de visita</i> - funcionam como um espaço de apresentação de pessoas na Internet: nesse espaço, as pessoas falam sobre seu trabalho, fazem propaganda de seus talentos e qualidades, como se estivessem elaborando um cartão de visitas de si mesmas.</li> <li>• <i>Blogs de auto-ajuda</i> - nesse caso, os <i>blogs</i> são utilizados como instrumentos de auto-ajuda, com objetivos diversos: perder peso, parar de fumar, parar de consumir bebidas alcóolicas. Formam-se comunidades cujas pessoas se ajudam, em busca de um objetivo comum: no <i>blog</i> são narradas as vitórias diárias e cotidianas contra o cigarro, a bebida etc.</li> <li>• <i>Fotologs</i> - espécies de álbuns digitais, nos quais são colocadas fotos de viagens, fotos de bebês, casamentos, noivados etc.; esses <i>blogs</i> possuem, geralmente, pouco texto e um grande número de imagens.</li> </ul>
------------------------------	--

Quadro 2: Tipologia dos *Blogs*.

Tais considerações objetivaram situar, brevemente, como a noção de gênero do discurso é basilar na obra de Bakhtin (2003, [1952].), na *Linguística Textual* e na obra de Maingueneau (2005b). Vale lembrar, contudo, que a tese em questão tem como base teórica a *Análise do Discurso de Linha Francesa*, corrente para a qual os gêneros do discurso possuem especificidades ainda não abordadas neste subitem e que são detalhadas no item a seguir.

#### 4.2 OS GÊNEROS DISCURSIVOS PARA DOMINIQUE MAINGUENEAU

Situa-se em outra direção a noção de gêneros e tipos discursivos para a *Análise do Discurso de Linha Francesa*, mais precisamente para Maingueneau (2001), cujas idéias são debatidas a seguir.

Segundo Maingueneau (2001, p. 68-69), “[...] todo gênero de discurso está associado a uma certa organização textual.” Assim, para se dominar dado gênero do discurso é preciso, antes de tudo, dominar os modos de encadeamento dos enunciados e de seus constituintes. Alguns gêneros podem ser ensinados, institucionalmente, nas escolas e academias (as dissertações, os resumos, as sínteses etc.); outros são apreendidos, empiricamente, através da atividade interativa entre os interlocutores. O gênero resumo científico, por exemplo, possui regras e aspectos formais, que podem ser aprendidos institucionalmente; as piadas, por outro lado, possuem características que são adquiridas empiricamente, sem a necessidade de uma intervenção institucional. Como todo texto é inseparável de seu modo de existência material, pode-se dizer que o suporte material, no qual dado texto é gerado, influencia na constituição do gênero. Isso significa afirmar que um diário tradicional tem características diferentes de um diário digital. Os *blogs* diferenciam-se dos diários tradicionais, principalmente, pela questão do suporte.

Para definir ainda melhor os gêneros do discurso, circunscrevendo-os ao campo teórico da *Análise do Discurso de Linha Francesa*, Maingueneau (2001, p. 69) lança mão de metáforas do campo jurídico (a noção de contrato); do campo teatral (a noção de papel); e do campo lúdico (a noção de jogo), sobre as quais se discorre a seguir:

- O contrato: afirmar que um gênero do discurso é um contrato significa dizer que esse pressupõe uma cooperação e que é regido por um conjunto de regras e normas conhecidas e

compartilhadas pelos membros de dado grupo. Desse modo, um professor universitário estabelece um contrato com seus interlocutores, a partir do momento em que realiza uma conferência, por exemplo; nessa, ele deve utilizar uma linguagem formal, dissertar em torno de um tema, adequar seu discurso ao tempo preestabelecido pela organização da conferência etc. Tais regras são compartilhadas pelos interlocutores aos quais o professor dirige seu discurso, visto que esse auditório espera que o referido professor siga as regras preestabelecidas e seria estranho se o professor se apresentasse no local da conferência com roupa inadequada ou usando uma linguagem menos formal.

- O papel: falar que dado gênero discursivo tem relação direta com os papéis sócio-discursivos desempenhados pelos interlocutores significa dizer que o mesmo está diretamente ligado a aspectos sociais, não podendo ser desvincilhado desses. Quando um padre batiza alguém, ele o faz na posição social de um representante legítimo da Igreja e de uma ponte direta entre o homem e Deus. Um professor não poderia realizar uma missa, uma vez que não estaria no papel de representante de Deus e a ele não seria dado o direito institucional de realizar a cerimônia religiosa. O papel está ligado ao lugar institucional, no qual o gênero se circunscreve. Isso equivale a dizer que, além de se ligar a um papel estabelecido na comunicação, o gênero deve se ligar a um lugar institucional legítimo, para que possa obter êxito.

Segundo Maingueneau (2001, p. 65):

Os gêneros do discurso não podem ser considerados como formas que se encontram à disposição do locutor a fim de que este molde seu enunciado nessas formas. Trata-se, na realidade, de atividades sociais que, por isso mesmo, são submetidas a um critério de êxito.

Como se observou, o critério de êxito de um gênero liga-se ao estabelecimento do estatuto dos parceiros que estão envolvidos nas trocas verbais e também ao lugar institucional adequado para a realização dessa atividade, o que significa dizer que para que uma missa, por exemplo, cumpra sua finalidade comunicativa de batizar ou abençoar alguém, ela deve ser celebrada por um padre e dentro de uma igreja, um templo religioso, no qual se permite realizar missas.

- O jogo: como um jogo, o gênero se define enquanto possuindo um conjunto de regras que devem ser conhecidas, compartilhadas e seguidas; caso contrário, o jogador será punido.

Porém, enquanto as regras do jogo são rígidas e fechadas, não podendo ser modificadas pelos participantes, as regras discursivas são flexíveis e adaptam-se às situações efetivas de comunicação.

Mainueneau (2006) afirma que nenhuma teoria existente até hoje foi capaz de produzir uma classificação global dos gêneros, que pudesse ser útil para os estudos discursivos. Conforme ele, a proposta da AD para solucionar essa questão é agrupar os gêneros em domínios, independentemente de seus temas. Assim, os gêneros estariam relacionados entre si, através da cena englobante, da cena genérica e da cenografia específica. A cena englobante equivale ao que se chama de tipo de discurso. Por exemplo, o *talk show* possui uma cena englobante ligada ao tipo de discurso televisivo. Uma cena genérica, por sua vez, liga-se ao gênero do discurso: um *talk show* é um gênero do discurso que possui características próprias e que se situa dentro do tipo de discurso televisivo. Já a cenografia equivale a um quadro flexível, no qual o gênero se circunscreve. Nela, destacam-se questões como a troca de parceiros verbais, o momento e o lugar da enunciação, a finalidade comunicativa e, até mesmo, aspectos não verbais, tais como: as cores, as roupas ou os gestos dos participantes etc.

Mainueneau (2006, p.149) propõe uma divisão dos gêneros do discurso em dois<sup>17</sup> grandes tipos quais sejam: gêneros conversacionais e gêneros instituídos.

Os gêneros conversacionais abrangem, segundo o autor francês, situações de conversação rotineira. A organização textual desses gêneros não é preestabelecida, é, ao contrário, flexível, e, como tal, a estrutura dos mesmos modifica-se constantemente a partir da interação dos falantes. Os papéis dos enunciadores e co-enunciadores também não são fixos, mas negociados no processo conversacional. A conversa informal, reunião com amigos etc, são exemplos desses gêneros que dificilmente são divisíveis em categorias distintas.

Os gêneros instituídos, por sua vez, não implicam interação imediata e podem ser tanto orais quanto escritos. Não são homogêneos. Mainueneau (2006, p. 150) propõe para estes gêneros uma classificação que será abordada a seguir:

- **Gêneros cuja cenografia é fixa ou Gêneros instituídos tipo 1:** existem gêneros que não pressupõem a flexibilização ou variação da cenografia. Isso significa dizer que, nesses gêneros, a cenografia é mais rígida e menos variável. Há alguns exemplos interessantes que

<sup>17</sup> Inicialmente, Mainueneau (2006) propõe uma divisão dos gêneros em três categorias (“autorais”, “rotineiros” e “conversacionais”), mas posteriormente os aglutina em duas grandes categorias: os gêneros “conversacionais” e os gêneros “instituídos”, que aglutinariam os gêneros autorais e rotineiros da categorização anterior.

podem ilustrar esse caso: a troca de palavras entre um piloto de avião e a torre de comando representa um gênero cuja cenografia é inflexível e rígida, pois não há variação. O piloto procura obter informações relativas ao voo, a linguagem é codificada, usam-se sempre os mesmos instrumentos para se estabelecer a comunicação e as informações prestadas e solicitadas estão previstas dentro do escopo do discurso da aviação. Dentro desse conjunto, podem-se destacar também as conversas entre os policiais e os centros de comando da polícia, entre membros do exército etc., ou seja, gêneros que compartilham das mesmas características daquelas relatadas no exemplo do piloto e da torre de comando.

- **Gêneros cuja cenografia é semi-flexível ou Gêneros instituídos tipo 2:** há gêneros que não possuem uma cenografia completamente rígida, como no caso anterior, mas se baseiam em práticas sociais estabilizadas socialmente e pressupõem a criação de uma “rotina” discursiva. Nesses gêneros, os autores devem trabalhar dentro de um quadro discursivo, que possui regras formais e discursivas preestabelecidas. Um exemplo de um gênero assim é o de um artigo científico. Nesse, há algumas regras que devem ser seguidas, tais como: a utilização de uma linguagem formal, a delimitação de um tema, a exposição de uma idéia ou de um conceito, a presença de citações etc. Para escrever um artigo, o autor sempre tem que seguir essas regras, trabalhando dentro de um quadro discursivo preestabelecido. Porém, há uma certa flexibilização, quanto ao tema abordado no artigo, à finalidade do mesmo, ao suporte no qual esse se baseia e ao modo de circulação e consumo. Essas são características que diferenciam esses tipos de gênero dos anteriores.

- **Gêneros cujas cenografias são completamente livres ou Gêneros instituídos tipo 3:** existem gêneros que pressupõem uma infinidade de cenografias. Isso significa que não há um modelo ou uma regra geral a se seguir nesses gêneros, mas as cenografias podem ser criadas, de acordo com o objetivo, a finalidade comunicativa, os parceiros de comunicação etc. É o caso, por exemplo, dos anúncios publicitários. Em uma propaganda, define-se o estilo do gênero, de acordo com o objetivo comunicativo do autor e também de acordo com o que se pretende gerar no auditório particular ao qual tal anúncio se dirige. Assim, os anúncios publicitários representam gêneros que possibilitam uma cenografia mais livre, criada a partir das finalidades dos autores. No entanto, existe um quadro geral de regras publicitárias, que deve ser seguido: o uso de certas cores, de destaque em frases, letras ou palavras.

- **Gêneros não-saturados ou Gêneros instituídos tipo 4:** são aqueles que pretendem realizar a auto-caracterização da própria fala. Nesse caso, têm-se textos que se auto definem e criam uma cenografia adequada a essa auto-caracterização. Os textos se aprenham como liberais, de esquerda etc., e a cenografia dos mesmos varia, de acordo com essa definição.

Dentro do que é estabelecido por Maingueneau (2006), os *blogs* podem, portanto, se enquadrar no campo dos gêneros instituídos tipo 2, uma vez que possuem cenografias semi-flexíveis: os escreventes podem escolher o *lay out* das imagens de capa dos *blogs*, mas não podem alterar sua estrutura. Isto é, todo *blog* deve ter uma estrutura pré-fixada na qual há um campo para postagem de mensagens, um para os comentários dos leitores, outro para a indicação de diários digitais dos amigos ou colegas que constituem os co-enunciadores dos blogueiros etc.

No entanto, Maingueneau (2009) considera produtiva a classificação do *blog* como um hipergênero. Segundo o referido pensador francês, o *blog* pode ser considerado um hipergênero, já que há um elo que liga os diversos tipos de *blog*: a função diário. Sabe-se que, em todos eles, se podem armazenar mensagens, em ordem cronológica, observando-se que possuem uma função de diário, quando permitem a criação de arquivos digitais, nos quais são guardadas as postagens mais antigas. Sendo assim, os *blogs* constituiriam um hipergênero. O autor francês lança mão de tal conceito, inicialmente, a fim de explicar o papel dos diálogos nas relações comunicativas entre os sujeitos discursivos. Ao fazer isso, observa que sempre houve diferentes gêneros que usaram os diálogos, ou seja, o diálogo seria uma espécie de elo coesivo que ligaria tais gêneros, os quais poderiam, por tal motivo, ser considerados hipergêneros. Dessa maneira, afirma-se que haveria, então, um elemento maior, o diálogo, que perpassaria todos esses gêneros. Tal característica marcaria a existência do hipergênero, que anteciparia aos co-enunciadores elementos comuns às distintas manifestações genéricas. Nesse sentido, o conceito de hipergênero engloba um conjunto de gêneros que possuem um elo que os une; no caso dos *blogs*, ressalta-se que tal elo seria a função de diário que uniria todos os *blogs* em um conjunto.

Feitas essas observações acerca da definição e conceituação dos gêneros do discurso, tendo, principalmente, como base os estudos enunciativos de Bakthin (2003) e a perspectiva de gêneros na Análise do Discurso de Linha Francesa, faz-se necessário definir os gêneros digitais no contexto do hipertexto e destacar os *blogs*, objeto de estudo desta tese.

### 4.3 OS GÊNEROS DO DISCURSO NO CONTEXTO DO HIPERTEXTO

Os gêneros do discurso nascem emparelhados com os aspectos sociais dos campos de atividade aos quais se ligam. Estão, portanto, ligados ao aparecimento de novas tecnologias, de novas formas de interação e de socialização, por isso não podem ser mensurados, em termo de quantidade: são inúmeros e surgem atendendo às transformações sócio-culturais das sociedades nas quais estão inseridos.

Tomando como ponto de partida a definição bakhtiniana de gêneros discursivos, faz-se necessário, nesse momento, definir gêneros digitais. Esses podem ser definidos como gêneros discursivos, surgidos, com o advento da Internet, no seio do hipertexto. Os gêneros discursivos ligam-se às mais diversas atividades humanas, as quais se complexificam com o desenvolvimento da sociedade. A Internet representa, portanto, um exemplo do resultado da complexificação da sociedade: as novas tecnologias originaram também novas formas de atividade social, sendo a interação através do computador uma das formas de interatividade muito comum nos dias atuais.

Destarte, esses modos interativos do ciberespaço deram origem a novos gêneros do discurso, que se adaptam ao desenvolvimento tecnológico da sociedade. Bakhtin (2003, p. 263) mostra que os gêneros secundários, derivados da complexificação social, surgem sempre ancorados em gêneros primários, os quais são por aqueles reelaborados, conforme se observa na citação a seguir, referindo-se aos gêneros secundários:

[...] no processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições de comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios: [...] (BAKHTIN, 2003, p. 263).

Assim, pode-se afirmar que os gêneros digitais constituem-se como gêneros secundários e representam transmutações de gêneros preexistentes (o *e-mail* é a transmutação da carta; o *chat*, da conversa entre amigos; o *blog*, do diário tradicional).

Gêneros digitais, portanto, é o nome dado às novas modalidades de gêneros discursivos, surgidos, com o advento da Internet, dentro do hipertexto. Eles possibilitam, dentre outras coisas, a comunicação entre duas ou mais pessoas, mediada pelo computador. Esse processo de comunicação, chamado de Comunicação Mediada por Computador (CMC), caracteriza-se, basicamente, pela centralidade da escrita e pela multiplicidade de semioses: imagens, sons, texto escrito, dentre outras. A Internet veio a inaugurar uma forma significativa de comunicação e de uso da linguagem, através dos gêneros digitais, marcados, em especial, pela fugacidade e volatilidade do texto, como no caso das salas de bate-papo, em que as conversas entre duas ou mais pessoas acontecem em tempo real e de maneira síncrona, tornando, então, o texto fugaz; pela interatividade, já que permitem a interação entre o leitor e o texto (como no caso dos *blogs*, em que os leitores podem opinar, mandar recados ou discordar do que foi escrito, interferindo, assim, no texto virtual); pelo anonimato, em alguns casos, como os das salas de bate-papo abertas, em que as pessoas se escondem atrás de um *nickname* (apelido), criando uma nova ou novas identidades virtuais.

A CMC possibilita uma grande inovação no conceito de texto, marcado não mais pela defasagem temporal entre o momento da escrita e a sua veiculação ou publicação, mas sim pela relação temporal síncrona, na maioria dos casos, e pela união de imagem (como por exemplo: os ícones que expressam emoções diversas, conhecidos como *emoticons*), som (músicas de todos os estilos) e texto escrito.

Como afirma Freire (2003, p. 24):

Abreviaturas, recursos gráficos que ocupam o lugar de palavras, gírias, sinais de pontuação decorados com desenhos, onomatopéias, letras estilizadas com formas gráficas definidas, palavras de outra língua (aportuguesadas ou não) ganham sentido num texto minuciosamente escrito em cores diversas.

No entanto, características como sincronia, multitemiose, utilização de semioses que representam emoções em uma aproximação ao que ocorre no processo empírico da conversação em tempo real, não ocorrem em todos os gêneros. O quadro a seguir foi elaborado, com o intuito de classificar os gêneros digitais, segundo as características que os aproximam ou os afastam das modalidades escrita e oral, ressaltando também a existência daqueles que se situam na fronteira entre essas duas modalidades:

+ ESCRITA FORMAL	INTERMEDIÁRIOS	+ ORALIDADE
<p>Marcados pela assincronia, pela utilização de uma linguagem mais formal, pela pouca utilização de ícones semióticos e pela ausência de conversação em tempo real.</p> <p><i>Websites;</i></p> <p><i>e-mails</i> formais.</p>	<p>Situam-se na fronteira entre a escrita formal e a oralidade, uma vez que podem permitir interações síncronas e assíncronas, possibilitando, ao mesmo tempo, a interação através de troca de mensagens, cuja resposta demanda uma defasagem temporal, bem como a conversação síncrona, através de diálogos escritos.</p> <p><i>Sites de Relacionamento (Orkut, par-perfeito).</i></p> <p>Servidores de <i>e-mail</i> que permitem também a conversação em tempo real como <i>gmail</i>.</p> <p><i>Blog</i> de adolescentes.</p>	<p>Marcados pelo traço síncrono na escrita, pela conversação que reproduz algumas características da oralidade, tais como: a utilização de uma sintaxe curta, a superposição de enunciados, a pequena diferença temporal entre a emissão da mensagem e a resposta, a possibilidade de reconstrução de um enunciado, de acréscimo de idéias ou de correção do pensamento no momento da interação verbal.</p> <p><i>Chats:</i></p> <p>Salas de bate-papo abertas e fechadas (<i>MSN, ICQ</i>).</p>

Quadro 3: Classificação dos gêneros digitais, no que se refere às modalidades escrita ou oral, incluindo ainda aqueles que se situam na fronteira entre essas duas modalidades (são os intermediários).

Do quadro 3, originou-se o esquema 3, colocado a seguir, que reflete a classificação dos gêneros mais ou menos próximos dos pólos da seta, destacando ainda os que se situam na fronteira intermediária. Tal esquema será explicado a seguir.



Esquema 3: Gêneros digitais entre a escrita formal e a oralidade

Como já dito, o esquema 3 mostra a aproximação ou o distanciamento dos gêneros digitais das modalidades da escrita formal e da oralidade. Em tal esquema, como se pode notar, há gêneros que são mais próximos da escrita formal, outros que são intermediários e ainda aqueles que se aproximam mais da oralidade. Para construir esse esquema, partiu-se dos seguintes princípios básicos:

- Os gêneros digitais que mais se aproximam da escrita formal o fazem porque compartilham de algumas características explicitadas anteriormente no quadro 3: são marcados pela assincronia, pela inexistência da interação em tempo real entre os enunciadores e os co-enunciadores, pelo uso de uma linguagem mais formal e pela pouca incidência de ícones semióticos que expressam emoções.
- Aqueles que foram colocados como intermediários compartilham, ao mesmo tempo, algumas características que os aproximam da escrita formal e outras que os aproximam da oralidade. Assim, os *blogs* de adolescentes são intermediários porque possuem algumas características da escrita formal, tais como: assincronia, inexistência de interação em tempo real entre os enunciadores, mas possuem outras características que os ligam à oralidade, ou seja: o uso de uma linguagem menos formal e a grande quantidade de ícones semióticos que expressam sentimentos e emoções. Nessa categoria, destacam-se também os *sites* de relacionamento e alguns servidores de *e-mail* (*gmail* e *yahoo*), que possuem *chats online* e permitem a conversação síncrona entre duas ou mais pessoas, e passeando entre uma escrita formal e uma escrita mais informal.

- Aqueles colocados na ponta direita da seta, no esquema anterior, se aproximam mais da oralidade pela sincronia, pela interação em tempo real entre duas ou mais pessoas, a partir da conversação escrita.

A seguir são apresentadas algumas características dos gêneros digitais, a fim de possibilitar uma melhor compreensão dos mesmos.

#### 4.3.1 Os *e-mails*

Os *e-mails* – levando-se em consideração o surgimento da Internet, e, com ela, de novas formas de comunicação, como já afirmado anteriormente – eliminam as antigas noções de espaço e tempo, uma vez que duas pessoas, morando em países diferentes, podem se comunicar, em minutos, através do envio de mensagens virtuais. Desse modo, volta-se a atenção para os *e-mails*, enquanto gêneros digitais que representam uma nova forma de comunicação, surgida com a Internet e amplamente utilizada nos dias atuais.

Em sua estrutura formal, pode-se afirmar que eles representam a transmutação das cartas ou bilhetes, com novas características que podem ser atribuídas tanto às condições de produção dos mesmos como às especificidades do ciberespaço. Assim como as cartas, os *e-mails* podem ser formais ou informais, dependendo do objetivo a que se destinam e do grupo para o qual são direcionados. São também assíncronos, isto é, a comunicação entre duas pessoas, através de mensagens virtuais, não ocorre em tempo real, mas há uma defasagem temporal entre o recebimento da mensagem e a resposta à mesma. Diferentemente da carta tradicional, os *e-mails* possibilitam uma enorme rapidez na troca de informações, permitindo uma maior velocidade na resposta (se compará-los aos mecanismos de envio de cartas e correspondências, feito por instituições públicas, como os Correios, por exemplo), independentemente da distância em que os interlocutores se encontram. Representam, portanto, uma transmutação dos bilhetes tradicionais, porém com características inovadoras, tal como a presença de *emoticons animados*, que são ícones que permitem a expressão de sentimentos ou emoções, ou seja, alegria, tristeza, surpresa, sono, chateação etc. Contudo, eles não são tão comuns nos *e-mails* formais, mas ocorrem muito em ocasiões informais, quando amigos trocam mensagens irreverentes e despreocupadas.

Em sua estrutura discursiva, pode-se dizer que se constituem de enunciados dialógicos, que têm objetivos diversos, dentre os quais se podem destacar: divulgação de mensagens, difusão de propagandas, arquivamento de informações, difusão de idéias e pensamentos, envio de recados, conversa entre amigos etc.

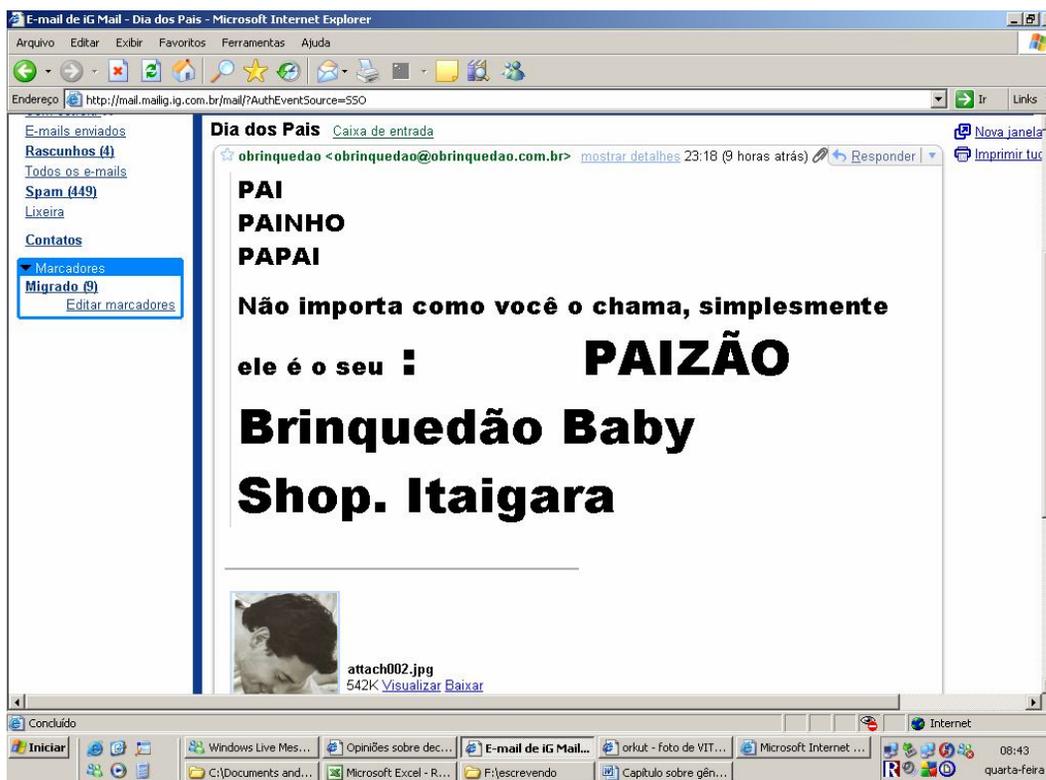


Figura 3: Exemplo de modelo de *e-mail*

A figura 3 mostra uma propaganda enviada por *e-mail*: essa atinge diretamente o cliente, que pode se interessar em adquirir os produtos ou visitar a loja, para aproveitar as promoções realizadas por ela. Esse gênero digital cumpre, nesse caso, uma função persuasiva, estimulando no possível cliente a vontade de visitar o estabelecimento comercial, cuja propaganda direta por *e-mail* torna-se o carro-chefe.

Os *e-mails* são gêneros cujas cenografias são semi-flexíveis. Isso equivale a dizer que o mesmo admite a criação de cenografias diversas, desde que essas estejam atreladas à concepção formal dos próprios *e-mails*. No caso do exemplo anterior, tem-se uma peça publicitária de determinada loja de artigos para bebês. A cenografia, nesse caso, está atrelada a questões referentes ao suporte, tais como: o espaço de armazenamento e difusão de mensagens. Por isso, não se podem utilizar recursos, como trechos de vídeos, imagens muito

grandes, que dificultam a difusão da mensagem e ocupam muito espaço nos servidores de *e-mail*.

Desse modo, há uma semi-liberdade na concepção da cenografia: podem-se utilizar cores diversas, temas variados, o *e-mail* pode ser uma publicidade, uma notícia etc., desde que tudo isso esteja submetido aos aspectos relativos ao suporte.

#### 4.3.2 Os chats

Gêneros digitais bastante utilizados por internautas, os *chats* distinguem-se dos *e-mails* por serem síncronos, processando diálogos em tempo real, centrados, basicamente, na escrita entre duas ou mais pessoas. Essa característica é bastante peculiar e traz grandes inovações aos esquemas formais de comunicação, uma vez que aproxima a modalidade escrita da modalidade oral, colocando em xeque a visão dicotômica da linguagem, que põe em pólos opostos a fala e a escrita.

A visão dicotômica da linguagem atribui características estanques à fala e à escrita, como mostra o quadro a seguir:

	FALA	ESCRITA
INTERAÇÃO	Face a face	A distância (espaço-temporal)
PLANEJAMENTO	Simultâneo ou quase simultâneo à produção	Anterior à produção
CRIAÇÃO	Coletiva: administrada passo a passo	Individual
REVISÃO	Impossibilidade de apagamento	Possibilidade de revisão
CONSULTAS	Sem condições de consultas a outros textos	A consulta é livre
REFORMULAÇÃO	Pode ser promovida tanto pelo falante quanto pelo interlocutor	É promovida apenas pelo escritor
REAÇÕES DO INTERLOCUTOR	Acesso imediato	Sem possibilidade de acesso imediato
PROCESSAMENTO DO TEXTO	Pode redirecionar o texto a partir das reações do interlocutor	Pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor
PROCESSO DE CRIAÇÃO	Mostra todo o processo	Tende a esconder o processo de criação, mostrando apenas o resultado

Quadro 4: Relação fala *versus* escrita (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2005).

Com o advento dos gêneros digitais, as características postuladas no quadro anterior são colocadas por terra. A primeira delas, seguindo a ordem do quadro, é a interação. Note-se que o quadro diferencia fala e escrita, afirmando que a fala pressupõe a interação face a face, enquanto que a escrita pressupõe a interação à distância. No caso dos *chats*, vê-se que há a interação através da escrita realizada face a face, uma vez que se estabelece um diálogo entre dois ou mais enunciadoreis, tendo como pressuposto o uso da escrita.

A característica número dois, que diferencia fala e escrita no quadro 4, é o planejamento. Segundo tal diferenciação, na fala, o planejamento é simultâneo ou quase simultâneo à produção, enquanto que, na escrita, o planejamento é anterior à produção. Nos *chats*, isso não pode ser efetivamente comprovado, visto que, neles, a produção é simultânea ou quase simultânea na escrita, já que essa reproduz as características do diálogo, não havendo defasagem temporal entre a produção e a veiculação da mensagem como na escrita formal.

A terceira característica, apontada no quadro e também questionada, com o advento do *chat*, é a da criação. De acordo com o quadro, a criação é coletiva, administrada passo a passo na fala, enquanto que, na escrita, ela é individual. Nos *chats*, observa-se que, na escrita, a criação é coletiva, uma vez que a conversa pode ocorrer entre mais de um enunciador, reproduzindo a característica antes restrita à fala. Essa característica é peculiar ao hipertexto, já que inúmeros *sites* são escritos coletivamente, a partir da igual participação entre enunciadoreis e co-enunciadoreis<sup>18</sup>.

Com relação ao aspecto revisão, também se pode questionar a validade das características apontadas, no quadro, para a modalidade *chat*. Mediante o quadro, a escrita oferece possibilidade de revisão, enquanto a fala não oferece tal possibilidade. Nos *chats*, pode-se notar que não há possibilidade de revisão da escrita, uma vez que os enunciadoreis escritos são publicados em tempo real, sem possibilidade de apagamento.

A característica consulta, apontada no quadro, também é questionada. Isso ocorre pelo fato de nessa se desconsiderar o fenômeno da intertextualidade na modalidade falada, visto que se coloca a fala como isolada de outros textos, através da afirmação de que essa modalidade “não tem condições de realizar consultas a outros textos”. Desconsidera-se aí, desde o início, a dimensão heterogênea de todo o enunciado (seja ele escrito ou falado) e a

---

<sup>18</sup> No gênero digital *blog*, por exemplo, há a possibilidade de realização da escrita coletiva, uma vez que os co-enunciadoreis podem interferir nas mensagens dos enunciadoreis, criando um texto coletivo.

marca da polifonia, originalmente presente nos mesmos. No quadro, afirma-se, pois, que a consulta, na fala, não é realizada, enquanto que, na escrita, ela é completamente livre. Nos *chats*, porém, vê-se que a escrita aproxima-se da modalidade falada e nota-se a presença da intertextualidade nos diálogos dos enunciadores diversos.

O quadro 4, com relação ao aspecto reformulação, indica que, na modalidade falada, ela pode ser promovida “tanto pelo falante quanto pelo interlocutor”, enquanto que, na escrita, ela é promovida apenas pelo escritor. Nos *chats*, observa-se, no entanto, que, na modalidade escrita, há a possibilidade de reformulação, tanto pelo falante quanto pelo interlocutor, uma vez que a escrita reproduz o diálogo face a face e, por isso, possui um caráter coletivo.

O quadro também aponta diferenças entre as duas modalidades, no que diz respeito às reações do interlocutor. Segundo o mesmo, na fala, há o acesso direto e imediato às reações do interlocutor, enquanto que, na escrita, o acesso às reações do interlocutor não é imediato. Nos *chats*, há a possibilidade de acesso imediato a tais reações, já que existem ícones denominados *emoticons* e outras estruturas semióticas que reproduzem emoções dos enunciadores, tais como: a satisfação, a estranheza, a surpresa, e outros sentimentos dos interlocutores. O item processamento do texto também se relaciona com a característica anterior: de acordo com o quadro, o processamento, na escrita, ocorre apenas mediante as possíveis reações do leitor. Nos *chats*, há a possibilidade de redirecionamento do texto, em função das reações dos interlocutores, aproximando, então, as duas modalidades.

Por fim, o quadro revela que, a fala mostra todo o processo de criação, enquanto que, na escrita, isso não ocorre. Tal característica é colocada por terra com os *chats*, uma vez que neles a escrita é construída paulatinamente, de maneira coletiva, e há também a possibilidade de se acompanhar todo o processo de criação como na fala.

A título de se perceber claramente as mudanças inauguradas pelo advento dos *chats* e dos gêneros digitais como um todo, lança-se mão de um exemplo de diálogo entre interlocutores diversos, a partir de um *chat* aberto do *site* Uol, cujo trecho está colocado a seguir. Os trechos sublinhados referem-se aos trechos do diálogo entre duas internautas que freqüentavam o chat do referido *site*.

Exemplo 3:

(07:36:32) **só olhando** entra na sala...

(07:36:33) **.sarah.** fala para ^Â^njinh@.\*: se errar é humano apontar o erro é desumano

(07:36:43) **k@s@do50taok@ren** fala para **Karlinha:** to dodoi

(07:36:44) **vane** fala para **HFIEL22:** tudo na paz

(07:36:47) **fofo** entra na sala...

(07:36:48) ^Â^njinh@.\* fala para **.sarah.:** xaxaxaxaxaxa

(07:36:58).sarah. fala para ^Â^njinh@.\*: eu dormi com isso na cabeça  
 (07:37:01) **vane** fala para **todo poderoso:** oi bom dia  
 (07:37:03) ^Â^njinh@.\* fala para **feio mais gostoso:** noxaaa mamac du xéu....  
(07:37:04).sarah. fala para ^Â^njinh@.\*: tipo só dormi depois disso kkkkkkkk  
 (07:37:08) **gatinho40ntao** entra na sala...  
 (07:37:09) ^Â^njinh@.\* fala para **feio mais gostoso:** hoje voxe ta qui ta  
 (07:37:09).sarah. fala para ^Â^njinh@.\*: ninguém merece  
 (07:37:11) ^Â^njinh@.\* fala para **feio mais gostoso:** rxrx  
 (07:37:12) **k@s@do50taok@ren** fala para **Karlinha:** deve ser o coracao  
 (07:37:12) **fledd** fala para **Todos:** vou embola  
 (07:37:13) **vane** fala para **HFIEL22:** mg e vc  
 (07:37:19) **posa** fala para **todo poderoso:** festas  
 (07:37:22) **fledd** sai da sala...  
 (07:37:25) **k@s@do50taok@ren** fala para **Karlinha:** preciso de ti  
 (07:37:38) **k@s@do50taok@ren** fala para **Karlinha:** dorival.roan@hotmail.com  
 (07:37:42).sarah. fala para **k@s@do50taok@ren:** tarado  
 (07:37:53) **vane** fala para **HFIEL22:** 14  
(07:37:59) ^Â^njinh@.\* fala para **.sarah.:** existi algu pur ditlaix dexa flaxe?  
(07:38:07).sarah. fala para ^Â^njinh@.\*: sim  
 (07:38:14) **posa** fala para **todo poderoso:** ai a praia e muito longe  
(07:38:15).sarah. fala para ^Â^njinh@.\*: a razão fere  
 (07:38:19) ^Â^njinh@.\* fala para **feio mais gostoso:** Hellenzinha i u xeu?  
(07:38:21).sarah. fala para ^Â^njinh@.\*: pensar dói kkkkkkkk  
 (07:38:21) **vane** fala para **HFIEL22:** rss na boa  
 (07:38:25) **k@s@do50taok@ren** fala para **Karlinha:** tenho 1.73 alt 82 k nao sou bonito mas dizem que sou charmoso e eu acreditei  
 (07:38:31) **k@s@do50taok@ren** fala para **Karlinha:** e vc?  
(07:38:36) ^Â^njinh@.\* fala para **.sarah.:** nem xabia qui penxar dói  
(07:38:38) ^Â^njinh@.\* fala para **.sarah.:** rxrx  
 (07:38:44) **carlinhos/es** entra na sala...  
 (07:38:45) **pati** fala para **bob:** que hora podemos nos falar  
(07:38:48).sarah. fala para ^Â^njinh@.\*: doi sim  
(07:38:56).sarah. fala para ^Â^njinh@.\*: meu professor de latim que me disse  
 (07:39:00) **carlinhos/es (reservadamente)** fala para **Todos:** bom dia  
 (07:39:00) ^Â^njinh@.\* fala para **feio mais gostoso:** u plaxer é todú meu  
 (07:39:01) **posa** fala para **todo poderoso:** vou ta um mergulho xauuuuu  
(07:39:02).sarah. fala para ^Â^njinh@.\*: eu entedi que sim  
(07:39:06).sarah. fala para ^Â^njinh@.\*: ne?  
 (07:39:17) **vane** fala para **HFIEL22:** dança beija festa musica futebol estudar e cruti a vida  
(07:39:17) ^Â^njinh@.\* fala para **.sarah.:** rx

No exemplo anterior, observa-se a presença de inúmeros interlocutores, entre eles: *só olhando*, *sarah*, *^Â^njinh@*, *fofo*, *vane*, *todo poderoso*, *feio mas gostoso*, *gatinho40ntao*, *kasado50ntao*, *karlinha*, *neném*, *hfiel22*, *carlinhos/es*, *pati*. *bob*.

Também se pode destacar desse trecho o diálogo entre *sarah* e *anjinha*, que ocorre em tempo real e tem como base a escrita. Os trechos das falas dessas duas enunciatórias digitais estão sublinhados, como forma de destaque.

O diálogo entre as duas tem como tema uma frase lançada por *sarah*: “se errar é humano, apontar o erro é desumano.” A partir daí, todo um diálogo é delineado entre as duas

enunciadoras digitais. O diálogo acontece em tempo real e, uma vez postadas, as mensagens não podem ser apagadas. O texto é construído coletivamente e, para que se compreenda o que está ali escrito, é necessário perceber o que se passa no diálogo: uma sucessão de perguntas e respostas sobre o tema “errar é humano, apontar o erro é desumano.” Nota-se que há um planejamento simultâneo à produção, existe a possibilidade de se observar as reações dos interlocutores e a escrita tem um caráter coletivo.

Além do diálogo entre *sarah e anjinha*, simultaneamente, outros diálogos são delineados, tendo outros enunciadores como personagens, mediante o que se pode observar no exemplo anterior.

A interatividade dos *chats* é algo que salta aos olhos, já que esse possibilita que uma pessoa “converse” com várias outras ao mesmo tempo. O fato de permitir o diálogo, através da escrita *online*, sem que os interlocutores precisem, necessariamente, estar presentes, gera a criação de mecanismos e estratégias que representam o diálogo face a face, o que pressupõe a presença de marcas da oralidade nas conversas dos *chats*, que reproduzem frases curtas, abreviações, dentre outras características antes peculiares à modalidade oral.

A linguagem utilizada, nas salas de bate-papo, possui características *sui generis*, tais como: um infinito número de abreviaturas criadas, diante da necessidade de estabelecer a comunicação rapidamente; a presença de uma tendência para a chamada “escrita fonética”, visto que o internauta, em linhas gerais, estabelece uma relação biunívoca entre unidades sonoras da língua e sinal gráfico, priorizando os fonemas das palavras e não a ortografia das mesmas. No exemplo anterior, mencionam-se as seguintes expressões: “nem xabia qui penxar dói”. Nesse caso, o fonema [s] é substituído pelo fonema [x]. Essa é uma das características que marcam a linguagem utilizada nas salas de bate-papo e nos gêneros digitais menos formais como os *blogs*.

Os *chats* fechados são uma outra modalidade de bate-papo na Internet, que é aquela baseada nos *chats* privados, tais como: o *MSN* ou o *ICQ*. Nesse caso, o enunciador permite ou bloqueia contatos com pessoas conhecidas ou não. Ele pode selecionar as pessoas com quem deseja falar e que farão parte de sua rede digital de amigos.

Por serem espaços fechados e por terem co-enunciadores selecionados e aprovados pelos enunciadores, os *chats* fechados são reservados para bate-papos mais íntimos e pessoais. Neles, há uma maior preocupação com o uso da linguagem formal, uma vez que o *MSN* de um interlocutor digital reflete a imagem desse último, e a preocupação com a imagem do enunciador (*ethos*) passa também pelo uso da língua, o que não impede que continuem a



Os *chats* fechados são muito utilizados, atualmente, por inúmeros internautas, pois permitem uma comunicação síncrona entre pessoas ou grupo de pessoas, reduzindo as distâncias e possibilitando a interação através da escrita.

### 4.3.3 O *Orkut*

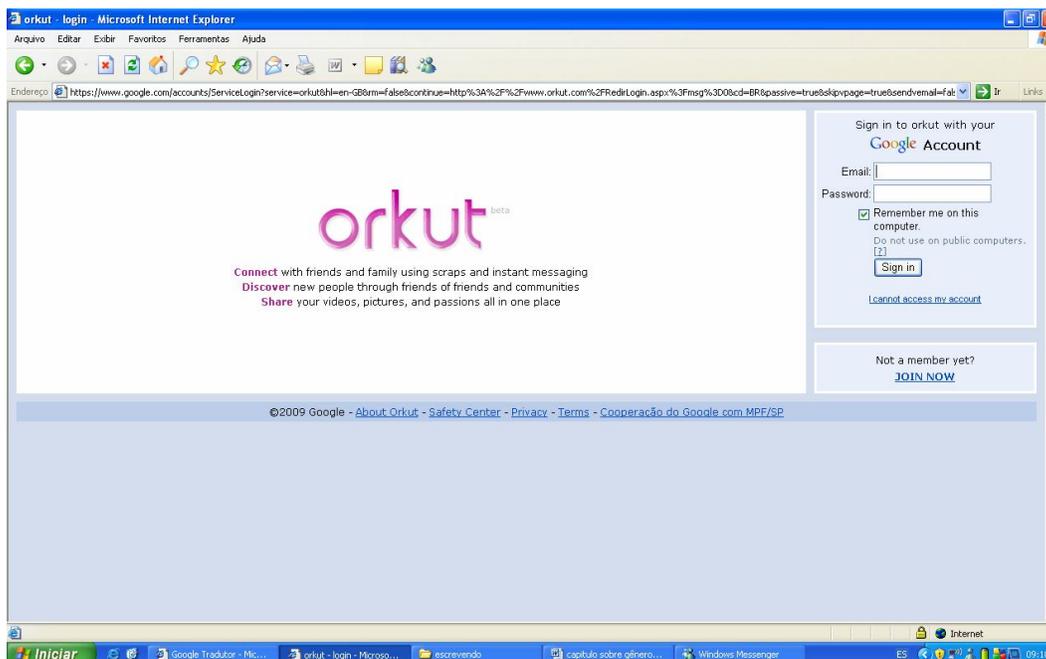


Figura 5: Capa do site de relacionamentos *Orkut*

Um outro gênero digital é o *Orkut*. Ele tem como função precípua criar uma rede de relacionamentos, através da interação com pessoas conhecidas e desconhecidas, em comunidades virtuais que abordam diversos temas. Esse espaço digital constitui um gênero bastante utilizado no Brasil, atualmente. Nele, podem-se destacar algumas características:

- Pessoas reais criam uma página pessoal virtual, com a sua auto-apresentação, e procuram construir um *ethos* positivo, uma vez que sua página será adicionada à dos seus amigos e conhecidos, mediante autorização prévia. Pessoas reais são, portanto, no *Orkut*, enunciadores digitais, cujo *ethos* está sendo construído o tempo inteiro, regulado pelas expectativas dos amigos e conhecidos com os quais esses enunciadores se relacionam. Então, há uma grande

preocupação com a auto-imagem, já que o *Orkut* funciona como uma carta de apresentação pessoal. Também existe a possibilidade da construção de páginas falsas, cujos enunciadores são chamados de *fakes*, vocábulo inglês que significa ‘falso’. Nesse caso, há a construção de um *ethos*, que pretende chocar ou questionar a “ordem” estabelecida no meio da interação digital. Os *fakes* são máscaras que encobrem a verdadeira identidade do enunciador. Eles, portanto, ocupam um espaço enunciativo, em que há a permissão para a transgressão, desde que a identidade do enunciador seja preservada.

- Existem, nesse gênero, inúmeras comunidades digitais criadas por internautas que as utilizam. Tais comunidades pretendem debater temas diversos e pretendem reunir enunciadores digitais que com elas se identifiquem. No entanto, esses enunciadores filiam-se a comunidades digitais do *Orkut*, com as quais se identificam ou não, a fim de debater sobre temas que, para eles, são interessantes.

- O *Orkut* é um gênero que possui, ao mesmo tempo, a possibilidade de interação assíncrona, nas comunidades, e síncrona, através do bate-papo em tempo real com as pessoas que estão conectadas naquele momento.

#### 4.3.4 Os *blogs* no contexto da tecnologia digital

Surgidos dentro do contexto da tecnologia digital, constituindo-se como um dos gêneros digitais emergentes, no seio do hipertexto, os *blogs* possuem características próprias, mas guardam também algumas características dos não tão antigos diários escritos, construídos por adolescentes, na maioria do sexo feminino, que objetivavam, através desses últimos, compartilhar com um co-enunciador invisível os seus segredos e suas reflexões.

No aspecto formal, os *blogs* guardam muitas semelhanças com os tais diários escritos, ou, ainda, com as agendas de anotações, que se destinavam ao registro de informações diversas: as páginas dos *blogs* são datadas; e as mensagens, armazenadas em arquivos, referentes às respectivas datas, em que essas mensagens foram postadas. Abaixo das mensagens postadas pelos escreventes dos *blogs*, há um *link*, que permite a interação direta entre o escrevente e seus co-enunciadores: o *link*, muitas vezes sob forma de imagem, possui muitas roupagens e remete o leitor a um espaço em branco, no qual ele pode expressar suas

idéias e opiniões, acerca das mensagens postadas pelos escreventes, interagindo com os mesmos, através de sugestões, críticas etc.

Ainda com relação ao aspecto formal, pode-se dizer que os *blogs* carregam inúmeras semioses, integradas ao texto: imagens, *emoticons*, trechos de vídeo, dentre outras. Dessa forma, esses elementos são aspectos constitutivos dos *blogs*, fato que também os aproxima dos diários escritos, nos quais as escreventes postavam fotos dos pais, irmãos, parentes, namorados etc.

No aspecto enunciativo, no entanto, os *blogs* apresentam diferenças que estão ligadas, principalmente, ao suporte no qual eles são gerados, o que confere aos mesmos características discursivas próprias e únicas, diferenciando-os dos diários escritos.

Antes de iniciar as observações sobre os aspectos enunciativo-discursivos dos *blogs*, é importante situar as condições de produção, nas quais eles são gestados: os *blogs* são, como se sabe, um dos gêneros digitais, surgidos com o advento do hipertexto e da Internet. São fruto de uma nova forma de circulação e consumo das informações, que surge emparelhada com o desenvolvimento tecnológico. As modificações sociais geraram a necessidade de se colocar, na rede (Internet), o que antes só se escrevia no papel e se mantinha em segredo. O gênero diário sofre, portanto, uma modificação e passa a ter características novas, sendo transmutado para o gênero diário digital. Surgem, então, algumas características básicas que serão debatidas a seguir:

- Os *blogs* são textos desterritorializados e desmaterializados: carregam, nesse aspecto, características hipertextuais. Ligam-se a inúmeros outros *blogs* e ao auditório universal, ou seja, ao conjunto de internautas que navegam, diariamente, nas redes e que pode ter acesso aos mesmos. São desterritorializados, pois não possuem fronteiras nítidas, uma vez que fazem parte de uma infinita cadeia intertextual; e são desmaterializados, já que não possuem a estabilidade material de um diário escrito. Pode-se dizer, nesse caso, que o *blog* é relativamente estável, visto que o mesmo pode armazenar mensagens antigas e não modificadas, mas, ao mesmo tempo, pode permitir intervenções feitas pelos escreventes, nos *layouts* ou nas imagens postadas e na inclusão ou exclusão de *posts*.
- São interativos e multisemióticos: a potencialidade interativa do *blog* é muito maior do que aquela promovida pelo diário escrito. O *blog* possibilita a interação direta entre escreventes e co-enunciadores, uma vez que os mesmos podem fazer comentários sobre as mensagens postadas pelos escreventes, e não exclui a

possibilidade de interação com o auditório universal, já que qualquer internauta desconhecido para o escrevente pode ler e comentar, em tempo real ou não, as postagens feitas por eles. São multisemióticos, porque permitem a união de semioses diversas, tais como: música, som, vídeo, imagens animadas, dentre outras.

- Direccionam-se a um grupo específico, mas circulam ante um auditório universal. Os diários tradicionais eram escritos para não serem lidos, para se manterem em segredo. Os escreventes desses diários processavam o desdobramento do eu e escreviam, dirigindo seu discurso a um “outro” imaginado e não a um “outro” empírico, real. Segundo Bakhtin (2003), todo enunciado pressupõe um destinatário, uma segunda pessoa, para a qual o mesmo está dirigido. Essa asserção de Bakhtin (2003) permite pressupor que até o monólogo ou os discursos intimistas e secretos se dirigem a um “outro” imaginado: o “outro” que se desdobra, a partir de um “eu” concreto, um “outro” não empírico, mas para o qual o enunciado está sendo dirigido. Era isso que acontecia, no caso dos diários tradicionais escritos: o discurso ali presente destinava-se a um “outro” não empírico, visto que era do interesse do escrevente manter aquele texto em segredo. Ao contrário disso, os *blogs* são escritos, para que possam ser lidos. Eles destinam-se a um “outro” empírico, conhecido e real. Porém, não se restringem a esse “outro” conhecido. O *blog*, por circular na Internet, rede que é navegada por milhões de internautas anônimos, pode ser acessado por estes últimos e o discurso ali materializado, através do texto e dos *posts*, pode circular com facilidade ante esse grupo.

Assim sendo, tomando-se como base teórica as idéias de Maingueneau (2009) sobre gêneros do discurso, pode-se afirmar que os *blogs* são concebidos como gêneros digitais heterogêneos: não se destinam apenas a revelar questões sobre a vida pessoal dos escreventes, mas também a debater questões ligadas à política, educação, ciência, dentre outras. Como já foi visto, no aspecto formal, pode-se dizer que o gênero *blog* comunga características semelhantes às do diário tradicional, ressaltando as seguintes, dentre outras: as mensagens são registradas dia após dia; são arquivadas, de acordo com a data em que foram escritas; veiculam reflexões de seus escreventes. No entanto, não se pode conceber um gênero, levando-se em conta apenas os aspectos formais que compõem os mesmos. Então, no plano enunciativo, os diversos grupos de *blogs* possuem finalidades diferentes: um *blog* político possui a finalidade de debater questões ligadas à vida política; um *blog* jornalístico tem como fim publicar notícias ou comentar fatos jornalísticos; um *blog* educacional tem por objetivo

promover um espaço interativo entre estudantes, corpo docente e membros das escolas; os *blogs* pessoais, por sua vez, têm por finalidade registrar os acontecimentos cotidianos da vida de um dado enunciador e compartilhá-los com seus co-enunciadores.

Os *blogs* são, portanto, um conjunto heterogêneo, já que constituem uma corrente cujos elos, formados pelos subgrupos de *blogs* (políticos, educacionais, pessoais, dentre outros), possuem finalidades discursivas diferentes; apesar de compartilharem do mesmo aparato formal, as finalidades comunicativas dos diferentes subtipos de *blogs* não são as mesmas, o que configura a heterogeneidade enunciativa deles.

Nesta tese, tomam-se como foco de análise os *blogs* pessoais, mais propriamente os *blogs* diários ou *blogs* agendas, sobre os quais são tecidas algumas observações, em relação aos aspectos que os constituem como um novo gênero do discurso.

#### 4.3.4.1 *As características enunciativas dos blogs pessoais*

Conforme Maingueneau (2001), o suporte material de um determinado texto não deve ser compreendido como algo secundário. Ao contrário, o referido autor (2001) observa que “[...] uma modificação no suporte de um texto modifica radicalmente um gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2001, p. 68). Isso acontece, principalmente, porque um texto, enquanto materialização do discurso, é inseparável de seu modo de existência material, do suporte através do qual é veiculado. No caso dos *blogs*, tem-se como suporte a Internet, o contexto do hipertexto com todas as características peculiares a esse: imaterialidade, desterritorialização, dentre outras. Em outras palavras, pode-se afirmar que um diário digital é bem diferente de um diário escrito, ou seja, os meios de circulação, o espaço enunciativo, os co-enunciadores etc. dão ao primeiro uma tônica singular, como foi explicitado anteriormente. Além disso, existem as diferenças de constituição enunciativas, que tornam o gênero *blog* um gênero único, apesar de o mesmo ter ligação com o diário tradicional escrito. Algumas dessas características são citadas a seguir:

##### a) da finalidade comunicativa

Segundo Maingueneau (2001, p. 68), “[...] todo gênero do discurso visa a um certo tipo de modificação da situação da qual participa”. A finalidade do gênero refere-se ao objetivo comunicativo do mesmo e a determinação de tal objetivo é de suma importância, para que

enunciadores e co-enunciadores possam utilizar determinado gênero em detrimento de outro no processo comunicativo. Nos *blogs* pessoais, há a finalidade básica de compartilhar elementos da vida cotidiana e particular com os co-enunciadores, tendo como veículo a Internet. Apresentando como base a idéia de que os textos ali postados poderão ser lidos por pessoas desconhecidas, os escreventes dos *blogs* escrevem aquilo que podem escrever, para manter uma determinada imagem de si mesmos (*ethos*), a qual, na maioria das vezes, atende às expectativas dos co-enunciadores, para os quais, efetivamente, dirigem seu discurso.

b) do estatuto de parceiros legítimos

Todos os gêneros discursivos pressupõem a delimitação de papéis comunicativos para enunciadores e co-enunciadores; os enunciados partem de alguém e sempre se dirigem a outrem. No *blog* pessoal, esses papéis estão bem definidos: a princípio, o escrevente enuncia-se e dirige seu discurso aos co-enunciadores, que, por sua vez, interagem em relação às postagens feitas pelos blogueiros, tomando a palavra, enunciando-se, interferindo no discurso do escrevente. O *blog* permite que enunciadores e co-enunciadores participem, igualmente, do processo de interação, construindo tópicos, comentando afirmações etc. No entanto, há o controle do enunciador, do blogueiro, em relação à postagem de tópicos e de textos diversos. Os co-enunciadores também exercem uma função importante: são leitores ativos dos *blogs*, e, muitas vezes, interferem nas postagens dos enunciadores.

c) do lugar e momento legítimos

Todo gênero do discurso pressupõe um lugar e um momento, os quais são legitimados socialmente ou discursivamente. Como foi visto no subitem que aborda hipertexto, no ciberespaço, há uma mudança substantiva nas noções tradicionais de tempo e espaço. Na Internet, o tempo é quase sempre o presente, constituído na interação entre os internautas, e o espaço é o ambiente digital, no qual o gênero é postado. Nos *blogs* pessoais, o lugar é o ciberespaço e o tempo não é apenas o presente constante do momento da enunciação, mas aquele registrado, através dos dias de postagens, que funcionam como páginas de agendas, as quais ficam armazenadas em arquivos digitais, como se observa na figura a seguir:

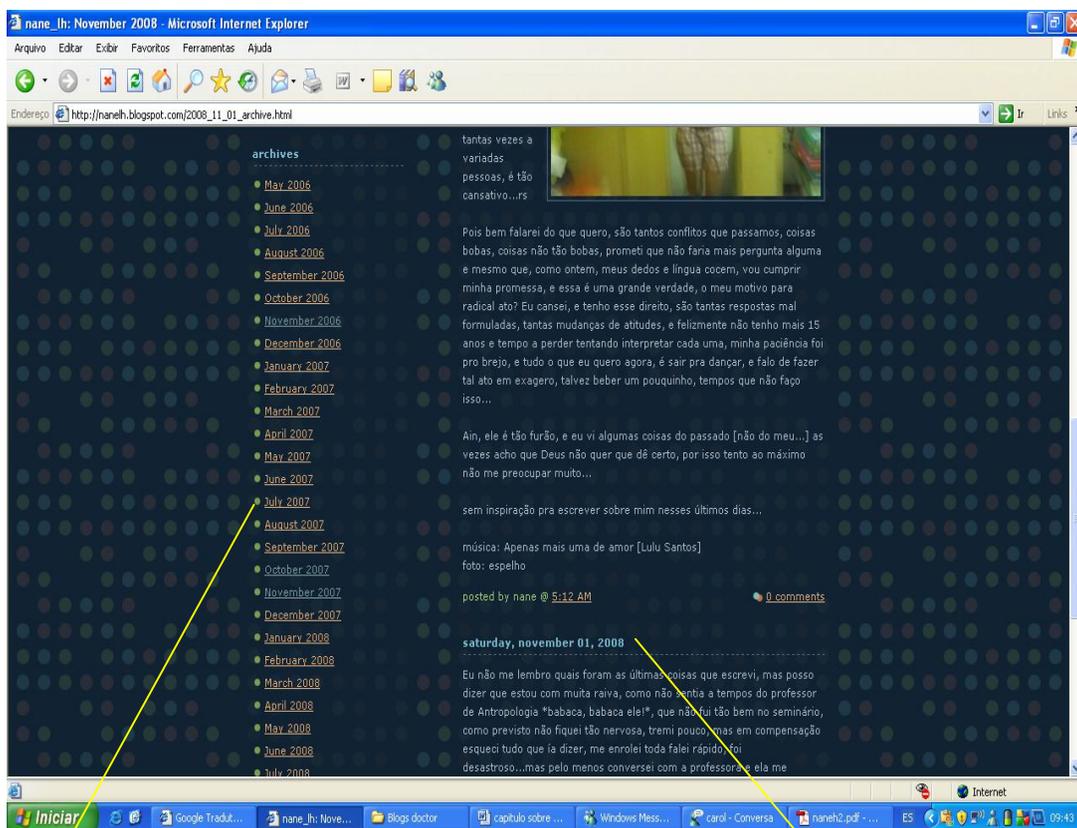


Figura 6: Exemplo de capa de *blog*

Arquivo de mensagens  
armazenadas mensalmente

Momento da postagem

#### d) do suporte material

O suporte de um texto não pode ser apenas visto como um fator secundário, pois é ele que indica a forma de produção, de circulação e de consumo do texto, a relação entre os enunciadores e os co-enunciadores do mesmo, dentre outros aspectos deveras importantes. Assim, um debate político, em uma pequena cidade, é diferente de um debate político transmitido pela televisão ou por uma estação de rádio, por exemplo. No primeiro caso, o político dirige-se a um número menor de eleitores em determinada cidade. No segundo caso, há uma maior circulação do discurso, há seleção de perguntas pré-elaboradas ou mais adequadas para tal circunstância etc. Os *blogs* pessoais pressupõem como suporte a Internet, o que os torna gêneros com especificidades importantes, ou seja, são amplamente interativos, pois possibilitam a diminuição de fronteiras e espaço geográfico, visto que pessoas que vivem em cidades, regiões e até países diferentes podem interagir, através das postagens dos *blogs*; possuem uma maior e mais ampla circulação, uma vez que estão disponíveis para acesso por

quaisquer internautas; têm uma maior rede de intertextualidade possibilitada pelos *hiperlinks*, que ligam uma infinidade de textos, *sites* e imagens, dentre outras.

e) da organização textual

Não se pode ver de maneira estanque as características enunciativas e as características formais dos gêneros. Um gênero piada, por exemplo, pressupõe uma determinada estrutura formal da qual deriva toda uma estrutura enunciativa. A organização textual refere-se ao aspecto formal dos *blogs*, cujas especificidades foram citadas anteriormente. Para retomar essa questão, neste subitem, é importante ressaltar que o *blog* mantém a forma semelhante à de uma agenda, na qual as mensagens são postadas por dia e mês e organizadas em arquivos digitais. Ao final de cada postagem, há o *link* que possibilita a interação entre enunciador e co-enunciadores, os *links* que permitem comentários dos leitores internautas. No corpo do *blog*, existem *links* que remetem os leitores a *blogs* semelhantes ou co-relacionados, o que possibilita uma ampla intertextualidade.

## 5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Conforme se pôde notar nos capítulos anteriores, esta tese busca compreender a forma como pré-universitários e universitários constroem uma imagem de si, com base nos *blogs*, diários digitais públicos, veiculados na Internet.

Tais *blogs* são utilizados pelos escreventes, para que, no fio do discurso, seja revelada aos co-enunciadores uma determinada imagem dos enunciadores, imagem essa que está relacionada com os estereótipos e com os diversos mundos éticos, que envolvem a criação de determinados *ethos*.

Os *corpora* desta pesquisa são constituídos por oito *blogs* de pré-universitários ou universitários, coletados, de forma aleatória, através dos *sites* de busca na Internet. Por serem páginas da *web* e terem um conteúdo volátil, muitas vezes, os *blogs* eram retirados, subitamente do ar pelos seus escreventes, que, simplesmente, os apagavam, o que tornava a coleta dos *corpora* dificultosa. No entanto, a despeito dessa questão, conseguiu-se coletar os oito *blogs* que, até o momento da análise de dados desta pesquisa, ainda estavam no ar e podiam ser acessados por quaisquer internautas.

No momento da coleta dos *corpora*, devido ao próprio caráter volátil dos diários digitais, os mesmos foram transformados em arquivos de *pdf* e salvos no computador. Esse mecanismo permitia que a análise iniciada não fosse perdida, caso o *blog* fosse retirado do ar, uma vez que, transformado em *pdf*, o *blog* perderia a característica volátil e estaria acessível à análise mais facilmente. No entanto, muitas vezes, quando eram transformados em *pdf*, alguns elementos dos *blogs*, devido à sua condição volátil, não podiam ser reproduzidos. Esse foi o caso de algumas capas dos mesmos, alguns desenhos do *lay out* e ícones animados. Feitas essas observações, pode-se partir para a especificidade dos *corpora*, o que é feito a seguir.

### 5.1 A CARACTERIZAÇÃO DOS *CORPORA*

Como já foi observado anteriormente, os *corpora* desta tese são constituídos por oito *blogs*, que contêm entre cinco e dez páginas com *posts* (postagens que são armazenadas nos *blogs* e podem ou não vir acompanhadas das datas em que foram publicadas), atualizados diariamente ou mensalmente pelos seus escreventes. Cada *blog* é constituído por diversos

*posts* que funcionam como páginas de agendas datadas, nas quais os escreventes falam sobre sua vida ou postam reflexões gerais. Diante dessa constituição dos *blogs*, foram destacados e colocados no corpo do texto os *posts* mais relevantes para a análise. Foram escolhidos os *blogs*, dentre todos os gêneros digitais, pois esses representam um espaço enunciativo intimista, que permite a observação mais direta da construção do *ethos*. Foram selecionados seis *blogs* escritos por meninas e dois escritos por meninos. A diferença entre o número de *blogs* femininos e masculinos ocorre, devido ao fato de que, no universo pesquisado, foram encontrados mais *blogs* pessoais escritos por mulheres do que por homens, o que dificultou a seleção de mais *blogs* masculinos.

O objetivo da pesquisa ora apresentada não é analisar a construção do *ethos*, levando em conta a questão do gênero, e nem mesmo observar questões ligadas ao uso da linguagem na Internet por homens e mulheres, visto que tal uso tem revelado independência, quanto a essa questão. O uso do internetês, por exemplo, é feito, em grande medida, por meninos e meninas e se relaciona muito mais com a faixa etária dos enunciadores do que com o gênero dos mesmos. O objetivo principal desta pesquisa é, portanto, verificar o modo como o *ethos* (determinada imagem de si) é construído na atmosfera digital, dentro de um gênero discursivo de caráter íntimo, mas de circulação pública, na Internet.

Destacam-se a seguir os principais objetivos desta pesquisa:

- a) analisar o modo como o *ethos* é constituído nos *blogs* pessoais de pré-universitários e universitários, a partir da aplicação do esquema de Maingueneau (2005 a);
- b) observar os estereótipos que circulam socialmente e que contribuem para a constituição do *ethos* dos escreventes;
- c) verificar o *ethos* como uma categoria interativa, que pressupõe a relação entre o discurso do escrevente e a expectativa dos co-enunciadores aos quais esse dirige o discurso.

Os *blogs* são compostos por postagens diárias, como já se afirmou anteriormente, por comentários dos leitores que os visitam, por *links* que levam os internautas a outros *blogs*, por figuras, músicas e imagens animadas, que podem ou não ser inseridas pelos escreventes.

Os elementos analisados nesta pesquisa foram basicamente os *posts*, uma vez que através deles pode-se observar, de forma mais proveitosa, como ocorre a construção do *ethos* e os comentários dos leitores, de acordo com a relevância que esses elementos possuem para alcançar os objetivos da pesquisa. Vale ressaltar, portanto, que nem todos os *posts* dos *blogs* selecionados como *corpora* foram analisados, já que muitos deles soavam como repetições,

ou, então, pela sua extensão e conteúdo, não apresentavam relevância para a compreensão do processo de construção do *ethos*. Ressalta-se ainda que os *posts* foram mantidos da forma que foram escritos, não sofrendo, portanto alterações quanto à estrutura ou registro escrito.

No entanto, apesar de os *posts* terem sido escolhidos como o principal veículo para análise dos dados, foram observados também elementos como cores, ícones animados, dentre outros, visto que tais elementos são parte integrante da cenografia dos *blogs*. A principal fonte de análise da cenografia foi a primeira página dos *blogs*, uma vez que nela se encontra o *lay out* dos mesmos, que revelam, por assim dizer, determinadas características cenográficas.

## 5.2 TÉCNICA DE SELEÇÃO DOS *CORPORA*

Os oito *blogs* foram selecionados, segundo os seguintes critérios que nortearam esta pesquisa:

- a) os escreventes dos mesmos deveriam ser pré-universitários ou universitários, já que se pretendeu observar a forma como o *ethos* se constituía para tais sujeitos discursivos;
- b) os *blogs* deveriam, até o momento do início da análise de dados, em meados de 2008, estar circulando na Internet, isto é, os *blogs* que até essa data haviam sido abandonados ou retirados do ar pelos seus escreventes foram descartados, diante da impossibilidade de analisá-los;
- c) foram selecionados apenas os *blogs* pessoais, que se constituem objeto central desta pesquisa.

Após a seleção dos *corpora*, realizou-se a seguinte ordenação dos *blogs*, para facilitar a análise dos mesmos:

- 1 *Blog* da Karoletes
- 2 *Blog* da Deisinha
- 3 *Blog* do Matheus
- 4 *Blog* da Maryan
- 5 *Blog* da Naneh
- 6 *Blog* da Nicole
- 7 *Blog* do Sandney
- 8 *Blog* da Nathália

Depois da seleção dos *blogs*, procedeu-se à escolha dos *posts* e dos comentários que seriam analisados, de acordo com os objetivos desta pesquisa. Os *posts* e os comentários selecionados foram transcritos no corpo do capítulo de análise de dados.

Alguns *blogs* apresentavam *posts* com registro do dia em que foram publicados. Tal elemento, quando existia, foi preservado na transcrição dos *posts* e colocado, seguindo a ordem em que aparecia no *blog*, antes do título das postagens. No entanto, nos *corpora*, existiram *blogs*, nos quais o dia da postagem não estava marcado. Nesse caso, optou-se por iniciar a transcrição pelo título do mesmo. É importante ressaltar que, em alguns momentos, foram analisados apenas trechos dos *posts* devido à sua extensão ou relevância para análise. A seguir, colocam-se exemplos dos dois casos aqui explicitados:

Exemplo 5:

**Postado em 30 de novembro de 2006**

sabe *qdo* a insônia e a preocupação viram extase??? uhahuahua...é bom  
d+, to felizona...kkkkkkk

Exemplo 6:

**popular pra quê?**

- 01 Das coisas que por mais que eu me esforce eu não consigo entender,  
(além de "como, diabos, é possível Jude Law ser tão lindo?" ou "puxa,  
Como é que as pessoas jovens não tem vergonha de sentar no lugar dos  
Idosos no busão?") está a questão: por que as pessoas querem tanto ser  
05 populares? Tudo bem, as pessoas populares sempre são lembradas, estão

Os dois exemplos foram retirados do capítulo de análise de dados, para que se possam esclarecer as informações trazidas anteriormente.

No primeiro caso, tem-se um trecho do *blog* da Naneh, em que há, na primeira linha, a data de postagem da mensagem no *blog*, uma vez que esse elemento aparecia no mesmo nessa ordem (antes do *post*). O segundo caso foi retirado do *blog* da Nicole, que não apresenta a data de postagem das mensagens. Assim sendo, optou-se por colocar, na primeira linha, em evidência, o título dessas mensagens.

Feitas essas observações importantes para esta pesquisa, passa-se ao item seguinte, a fim de explicitar as técnicas de análise de dados.

### 5.3 TRATAMENTO DOS *CORPORA*

Como foi visto nos capítulos anteriores, os *blogs* possuem uma linguagem própria e uma cenografia *sui generis*. Portanto, diante da natureza do material que seria pesquisado, foi necessária a utilização de algumas técnicas de pesquisa, que visavam organizar os exemplos a serem estudados no capítulo de análise dos dados. Tais técnicas estão listadas a seguir:

- a) Os *blogs* foram transformados em arquivos de *pdf* e, depois, impressos, para que se tornassem textos materializados, o que possibilitou que a análise de dados fosse viável.
- b) Os *posts* selecionados foram transcritos no corpo do capítulo de análise de dados e transformados em textos com a seguinte formatação: as fontes, nas quais os *posts* foram escritos, foram substituídas no texto pela fonte *Times New Roman*, corpo 12; as linhas dos exemplos foram numeradas de cinco em cinco; o título dos *posts* (quando havia) ficou destacado em negrito. É importante ressaltar que os *posts* colocados na análise foram mantidos da forma que estavam escritos, ou seja, foi preservada a escrita como apresentada nos *posts*.
- c) Na transcrição dos comentários feitos pelos leitores dos *blogs*, manteve-se a configuração original, padronizando-se apenas as fontes.
- d) Foram colocadas, no corpo do texto, as imagens das primeiras páginas (ou capas) dos *blogs* analisados, além de outras imagens que apareciam nos mesmos e que eram relevantes para a realização desta pesquisa.

#### 5.3.1 Estrutura dos *blogs*

A fim de se explicitar a forma como foi realizada a análise, faz-se necessário que se detalhe aqui a estrutura dos *blogs*, visto que essa será comum para a maioria deles, como pode ser visto a seguir.

O *blog* é formado por uma seqüência de mensagens que são postadas e datadas em ordem cronológica. Em todo *blog*, ao fim das mensagens principais dos escreventes, há um *link*, no qual o leitor, ao clicar, é remetido a uma página, em que pode comentar as mensagens

do mesmo, mandar recados para os escreventes, criticá-los etc. Existem também *links*, nos quais ficam armazenadas as mensagens mais antigas, bem como aqueles que remetem os internautas aos *blogs* dos amigos ou conhecidos do escrevente.

The image shows a screenshot of a Blogger blog page in Internet Explorer. The browser's address bar shows the URL: <http://www.cacazuda.weblogger.terra.com.br/index.htm>. The page content includes a sidebar with a list of names (PaolInha, [NDN]Raphael, LG, Yssis, ZiZiNhA, \_kati\_, #WaveS, mizinha', [LaRiSSa], MIRiNhO, iKi, NiLiNhO, RonaldD, IôirO) and a 'Big Blogger Brasil' logo with '297 visitas'. The main content area features two posts:

- Post 1:** Dated "segunda-feira, 5 de janeiro de 2004". The title is "**"e qNDo baTe a saudade eU voU PRu maR.. feCho meUS OLhos e siNto vC chegar..!"**". The author is "Por Camila, às 00:23:44". Below the post is a "Deixe seu comentário - [1]" link.
- Post 2:** Dated "sexta-feira, 26 de dezembro de 2003". The title is "Amor pra Recomeçar (Frejat)". The text includes "Eu te desejo não parar tão cedo Pois toda idade tem prazer e medo E com os que erram feio e bastante **Que vorê consiga ser tolerante**". Below the post is a "Deixe seR tuDo ao natuRaL vaI acoNteceR...!! x)~" link.

Annotations on the page:

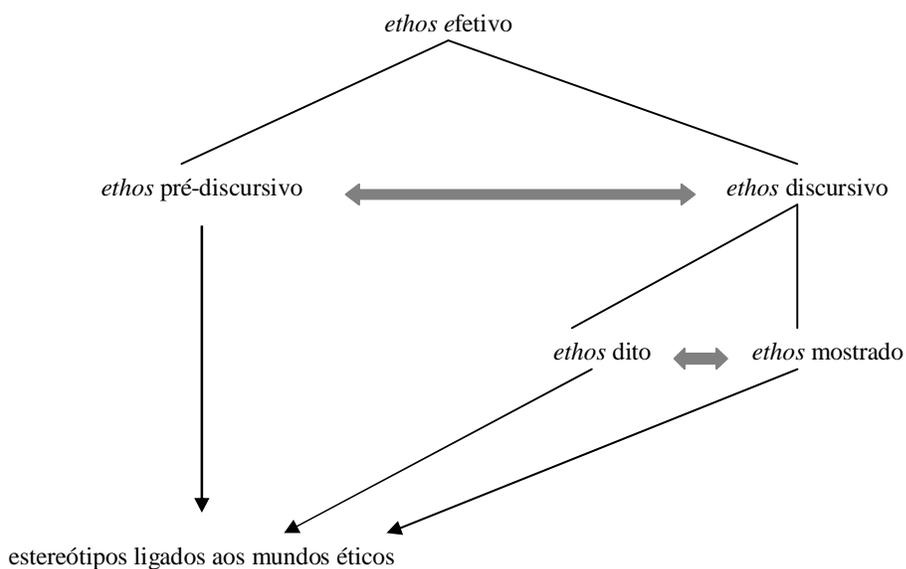
- A box labeled "Mensagens datadas" has a line pointing to the date "segunda-feira, 5 de janeiro de 2004".
- A box labeled "Arquivo de mensagens anteriores" has a line pointing to the archive menu on the left side of the page.
- A box labeled "Link para comentários" has a line pointing to the "Deixe seu comentário - [1]" link.

Figura 7: Exemplo de estrutura textual dos *blogs*



## 5.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE

Para que se pudesse compreender como ocorreu a formação do *ethos* nos *blogs*, utilizou-se como base o esquema 3 sobre o *ethos*, proposto por Maingueneau (2005 a), que está, novamente citado a seguir:



Esquema 3: o *ethos* para Maingueneau

Assim, procedeu-se à aplicação desse esquema aos *corpora* selecionados, buscando observar a maneira como o *ethos* discursivo se constrói, levando-se em conta, segundo o esquema proposto por Maingueneau (2005 a), os seguintes pontos:

- os estereótipos que circulam socialmente e que guiam o discurso dos escreventes;
- o modo como se constitui o *ethos* dito e mostrado;
- como ocorre a interferência dos co-enunciadores nos *blogs* selecionados para a pesquisa, através dos comentários postados pelos internautas.

Então, para que os objetivos desta pesquisa fossem atingidos, foram considerados alguns fatores, tais como:

- a identificação dos estereótipos que guiam a formação da imagem do enunciador pelos co-enunciadores, bem como a forma pela qual esses estereótipos marcam a construção da imagem do escrevente dos *blogs*;
- a identificação de elementos da cenografia que contribuem para a formação do *ethos* do escrevente;
- a utilização de determinado tipo de linguagem (mais ou menos formal), a presença de elementos semióticos, os mundos éticos aos quais se filiam os discursos dos escreventes.

Dessa forma, a partir da escolha do tema, definição do problema, delimitação do campo de trabalho e escolha dos *corpora*, passou-se à atividade de análise dos dados, inicialmente guiada pelas seguintes hipóteses:

- os pré-universitários e os universitários procuram construir uma imagem de si mais próxima do mundo ético dos adultos;
- o discurso dos universitários e dos pré-universitários é regulado pela expectativa dos co-enunciadores com os quais interagem;
- a formação do *ethos* dos blogueiros é um processo interativo que envolve, tanto enunciador quanto co-enunciador no jogo enunciativo.

Assim sendo, inicia-se a análise dos dados desta pesquisa, a fim de que os objetivos aqui propostos sejam atingidos e que se possam testar as hipóteses postuladas na mesma.

## 6 ANÁLISE DE DADOS: O *ETHOS* NOS *BLOGS*

Antes de iniciar a análise dos *blogs* que constituem os *corpora* desta pesquisa, é importante fazer uma breve abordagem sobre os mesmos, para que se possa compreender as suas características discursivas.

Os *blogs* são gêneros discursivos que objetivam a troca de informações entre um escrevente (um enunciador) e seus co-enunciadores. No entanto, eles não podem ser vistos como homogêneos, uma vez que cumprem funções comunicativas diferentes: há os *blogs* jornalísticos, que cumprem a função específica de veiculação de notícias, de forma mais independente, no ambiente digital; existem os *blogs* políticos, que cumprem o objetivo de divulgar as idéias dos diversos partidos políticos, buscando a adesão do auditório universal às idéias de determinado grupo; há os *blogs* educacionais ou científicos, que têm como meta discutir temas educacionais ou teses científicas; e, por fim, existem os *blogs* pessoais, que têm como objetivo compartilhar, com o auditório particular, questões da vida cotidiana dos escreventes.

Consoante Swales (1990), estudioso norte-americano cuja abordagem sobre gêneros discursivos tem sido muito profícua para os estudos desse tema no Brasil, um gênero discursivo se caracteriza por ser uma classe de eventos comunicativos que cumprem uma mesma função comunicativa, ou melhor, que possuem os mesmos propósitos comunicativos. Para ilustração veja-se o trecho a seguir:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Tais propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem o conjunto de razões (*rationale*) para o gênero. Essas razões moldam a estrutura esquemática do discurso e influenciam e impõem limites à escolha de conteúdo e de estilo. (SWALES, 1990, p.58)

Sendo assim, para que um gênero se constitua como tal, é preciso que possua os mesmos propósitos comunicativos e que esses propósitos sejam compartilhados pelos membros da comunidade, na qual esse gênero está inserido.

São os propósitos comunicativos que guiarão o que deve ser dito em determinado gênero, a formalidade ou informalidade do mesmo, as características discursivas etc.

Sob o ponto de vista de Swales (1990), os *blogs* seriam considerados, portanto, uma cadeia de gêneros reunidos sobre um mesmo aspecto formal.

De acordo com Maingueneau (2001, p. 59), “todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um gênero de discurso.” Para o referido pesquisador, os gêneros discursivos estariam ligados a um setor de atividade social e estariam inseridos em diversos tipos de discurso. Assim, segundo ele, “os gêneros do discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores de atividade social.” Por exemplo, para Maingueneau (2001), há o tipo de discurso radiofônico, e, dentro desse, o gênero de discurso rádio-novela. Esse autor define os gêneros de discurso a partir da consideração de alguns critérios, quais sejam:

- A inserção em um dado lugar institucional (a escola, o hospital, a igreja etc.), visto que cada um desses lugares institucionais mobiliza inúmeros gêneros, que se diferenciam em forma e conteúdo. Se se toma como base a Igreja, por exemplo, encontram-se ali inúmeros gêneros: o sermão do padre, a confissão dos fiéis, o boletim religioso, dentre outros. Há certos gêneros discursivos que se circunscrevem a determinados lugares institucionais: uma aula, relaciona-se ao ambiente escolar; uma missa, à igreja e assim por diante.

- O estatuto dos parceiros no discurso, relacionado, efetivamente, ao papel desempenhado pelos interlocutores na enunciação. Assim, têm-se, a título de exemplificação, inúmeros gêneros produzidos por professores universitários (conferências, palestras, comunicações, dentre outras) e outros produzidos por operários (conversa, bate-papo, a assembléia dos sindicatos, dentre outras). Os papéis dos co-enunciadores já mostram de quem parte a fala e a quem ela se dirige, em situações enunciativas concretas: a um professor universitário cabe a autoridade de reprovar ou aprovar um aluno, coisa que não pode ser feita pela secretária acadêmica, por exemplo.

- o tempo no qual está inscrito, um gênero se insere numa determinada esfera temporal: ele pode ser veiculado periodicamente (no caso das revistas ou dos jornais), esporadicamente ou ainda não ser marcado pela periodicidade, quando não se pode estabelecer um intervalo de tempo entre duas ocorrências, como no caso das teses de doutorado.

- Uma finalidade compartilhada e reconhecida, um gênero de discurso possui uma finalidade, que é compartilhada por todos os membros de uma sociedade: elaborar um discurso político tem como finalidade apresentar idéias e persuadir um determinado grupo de pessoas; iniciar uma conversa tem o objetivo de criar laços sociais etc.

Partindo-se do que foi dito, pode-se afirmar que o lugar legítimo de instituição do *blog* é o ciberespaço, a Internet, um espaço sem fronteiras bem delimitadas e com características

diversas que já foram apontadas no primeiro capítulo desta tese. Os enunciadores dos *blogs* em análise (universitários e pré-universitários) dirigem-se a um dado grupo de co-enunciadores (constituído pelos amigos ou conhecidos dos enunciadores e também por internautas desconhecidos que acessam com frequência a rede e podem ter acesso aos *blogs*). Neste caso, ressalta-se a heterogeneidade dos co-enunciadores, observando-se o fato de que em relação ao papel estabelecido pelos parceiros da comunicação, não se pode estabelecer, neste caso, uma cadeia hierárquica forte, uma vez que os enunciadores, representantes dos universitários e pré-universitários dirigem-se aos co-enunciadores que fazem parte de grupos sociais afins.

Com relação ao tempo no qual a enunciação do *blog* está inserida, colocam-se duas perspectivas diversas. A primeira delas diz respeito à postagem de mensagens. Neste caso, ressalta-se o seguinte: as postagens dos *blogs* podem ser diárias, e, portanto, possuem uma certa periodicidade, configurando-o como um diário. A segunda diz respeito ao tempo do ciberespaço que é sempre o presente no qual a enunciação efetiva acontece. A relação temporal marcada no *blog* encontra-se sob essas duas perspectivas apontadas anteriormente: o tempo de postagem das mensagens (periodicidade) e o tempo da enunciação (presentificação) que não é exclusivo deste gênero.

Em suma, com relação à finalidade, ressalta-se que o *blog* pessoal possui o objetivo geral de revelar fatos da vida cotidiana dos escreventes, compartilhando tal objetivo com os co-enunciadores.

## 6.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS *BLOGS* DOS UNIVERSITÁRIOS/ PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

Sabe-se que o *ethos* efetivo de um enunciador constitui-se de alguns elementos básicos, conforme citados anteriormente; são eles: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo, que se subdivide em *ethos* dito e *ethos* mostrado, além dos estereótipos. No caso dos *blogs* em análise, podem-se destacar alguns pontos que contribuem para a construção do *ethos* dos escreventes. O primeiro deles, que é comum aos *blogs* analisados, diz respeito ao estereótipo da maioria, a fase de transição, em que se está saindo da adolescência e entrando para a fase adulta. O segundo centra-se na preocupação dos escreventes em venderem uma imagem

positiva de si, mediante as expectativas do grupo particular para o qual destinam suas mensagens.

O estereótipo da maioria relaciona-se com a formação discursiva presente na sociedade brasileira, que confere ao maior de idade as responsabilidades de um adulto, exigindo que esse se comporte como tal. Tornar-se adulto significa saber escolher a profissão correta, arranjar um emprego ou uma fonte de renda que possa suprir as necessidades pessoais de cada um, quebrar os laços de dependência com o pai e a mãe, bem como outras coisas que fazem parte de tal estereótipo.

O termo “adolescência” deriva da palavra latina *adolescere*, que significa brotar, fazer-se grande. Existe uma controvérsia em relação à faixa etária que abrange o período da adolescência, mesmo assim, muitos estudiosos concordam com a idéia de que essa fase se inicia logo após a infância, por volta dos doze anos, e termina por volta dos dezoito anos de idade. Outros, no entanto, consideram que o período da adolescência se estende até os vinte e um anos, quando a pessoa já está inserida, socialmente, na vida adulta, incluindo-se no mercado de trabalho etc. Para fins desta pesquisa, utilizam-se *blogs* de escreventes, que são jovens universitários ou vestibulandos, que estão atravessando as contradições da passagem da adolescência para a vida adulta.

A crise na adolescência seria marcada por inúmeras dificuldades com as quais os jovens terão que se deparar e enfrentar, para que possam ingressar no mundo dos adultos: exercer seu poder de sustento básico; se for o caso, instituir família; responder por seus atos etc.

É esse o estereótipo maior que estará regulando o discurso dos blogueiros e que regerá também os seus discursos. A preocupação com a tal maioria é expressa por Deisinha, escrevente de um dos *blogs* que compõem os *corpora* desta pesquisa, quando ela assevera que:

#### Exemplo 7:

[...] com a maioria vem a tal da responsabilidade... isso significa que todas as contas que você faz são suas, a sua mesada acaba, você precisa trabalhar, tem que fazer faculdade, mas antes de entrar nela você trabalha e paga sua própria faculdade, ou você passa por uma vida miserável de vestibulando e estuda sopa para entrar em uma faculdade pública e quando entra enfrenta greve ou você é sortudo e tem um pai bonzinho que paga a faculdade para você (Retirado de: <http://dropsdemim.blogspot.com/>).

O exemplo citado anteriormente revela a preocupação dos escreventes com a questão da maioria. Eles constroem uma imagem de si, distante daquela construída pelos

adolescentes de treze e quatorze anos, filiando-se ao mundo adulto e às atribuições que a vida adulta exige. Assim, na construção do *ethos* desses escreventes, há uma imensa preocupação com o uso da língua, uma vez que utilizar o internetês os filiará a um mundo ético de adolescentes.

A noção de estereótipo também está ligada, socialmente, à posição que o indivíduo exerce na sociedade, bem como aos grupos sociais dos quais esses indivíduos fazem parte. Os grupos sociais tendem a construir um *ethos* positivo ou negativo, o qual está ligado a determinado estereótipo que lhe é socialmente imputado. Conforme se pôde notar anteriormente, os grupos sociais reúnem indivíduos com características semelhantes e podem ser formados espontaneamente ou não. Como exemplo, pode-se citar o grupo social dos surfistas, que reúne pessoas praticantes de uma mesma atividade (o *surf*) e que compartilham a mesma linguagem, na qual podem ser destacadas: as gírias peculiares aos mesmos como marca identitária do grupo, o modo de se vestir, os gostos musicais, dentre outras características que os classificam, socialmente, como membros de um mesmo grupo. Assim sendo, generaliza-se, tendo por base os estereótipos sociais, o indivíduo surfista, a partir das características gerais do grupo, quando se diz, por exemplo, que “todo surfista possui tatuagem.”

Pode-se afirmar também que os blogueiros se filiam a grupos sociais diversos, cujas características são compartilhadas pelos seus membros. Eles estão filiados aos grupos sociais dos universitários e pré-universitários, e, dentro desse último, aos grupos sociais dos pedagogos, dos arquivologistas, dos jornalistas etc. Tais grupos sociais possuem marcas identitárias, baseadas em estereótipos, que os identificam perante a sociedade: os pedagogos, por exemplo, são classificados socialmente como aqueles que gostam de ler e que conhecem os teóricos que escreveram ou pensaram sobre a Educação; os arquivologistas devem dominar as regras de organização e aparelhagem de arquivos; os jornalistas devem saber escrever bem, devem ser criativos e dominar as regras da gramática normativa, dentre outros. Tais atribuições são baseadas em imagens estereotipadas, cujas características derivam de um rótulo, que é atribuído a esses grupos.

Dentro da Internet, os escreventes dos *blogs* fazem parte do grupo social dos blogueiros, que reúne pessoas de diferentes faixas etárias, com diferentes características, mas que compartilham alguns elementos em comum, como por exemplo: a habilidade do uso da Internet, a elaboração de textos multisemióticos e a utilização de um determinado tipo de linguagem, como o internetês (no caso dos blogueiros adolescentes), dentre outras. Nos *blogs* aqui analisados, têm-se blogueiros pré-universitários ou universitários, cujo discurso é sempre

regulado pela expectativa dos co-enunciadores. Dessa forma, é a partir do estereótipo do pré-universitário ou universitário que a enunciação se constrói, e, por conseguinte, que se delinea o *ethos* dos escreventes.

Feita essa observação inicial, em relação ao estereótipo que regulará o discurso dos blogueiros, bem como a construção do *ethos* dos mesmos, inicia-se a análise dos *corpora* aqui selecionados, constituídos, conforme explanado na metodologia desta pesquisa, de oito *blogs* de universitários e pré-universitários.

## 6.2 NAVEGANDO SOBRE OS *CORPORA*

### 6.2.1 O *Blog* da Karoletes

No primeiro *blog* analisado, o *blog* da Carol, apelidada de Karoletes, aparece, em um dos *posts* que iniciam a primeira página, um trecho de um texto que se encontra na Internet, intitulado “Coisas de mulher”. Nesse trecho, pode-se observar que há a reprodução de um discurso sobre a feminilidade, em um tom humorístico, que circula, facilmente, entre os grupos sociais e que, dentre outras coisas, concebe a imagem da mulher como ligada ao mundo da beleza e da vaidade, à esfera doméstica. Essas questões podem ser notadas ao se verificar as partes em negrito (selecionadas por nós) do *post* do exemplo 8, que refletem uma formação discursiva, concebendo a mulher apenas como preocupada com aspectos da beleza:

Exemplo 8:

#### Coisas de mulher...

- 01 Que mulher nunca teve... Um sutiã meio furado, um primo meio tarado ou um amigo meio viado? Que mulher nunca tomou... Um fora de querer sumir, um porre de cair ou um lexotan pra dormir? **Que mulher nunca sonhou... Com a sogra morta, estendida, em ser muito feliz na vida ou com uma lipo na barriga?**
- 05 **Que mulher nunca pensou... Em dar fim numa panela, em jogar os filhos pela janela ou que a culpa era toda dela? Que mulher nunca penou... Para ter a perna depilada, para aturar uma empregada ou para trabalhar menstruada?** Que mulher nunca comeu... Uma caixa de BIS, por ansiedade, uma alface, no almoço, por vaidade ou, um canalha por saudade?
- 10 **Que mulher nunca apertou... O pé no sapato pra caber, a barriga para emagrecer** ou um ursinho pra não enlouquecer? Que mulher nunca jurou... Que não estava ao telefone, **que não pensa em silicone** ou que dele não

15 lembra nem o nome? Pois eh... Quem mulher nunca voltou com um  
 namorado cachorro, mais que você não consegue ficar sem...Então... 2 anos  
 e 9 meses... Não deu pra esquecer tão fácil...Estamos juntos de  
 novo...Coisas de mulher enfim...E mulher apaixonada!!!!Bjxxx, pra quem  
 merece!!

No entanto, esse *post* não é colocado aleatoriamente pela escrevente em seu *blog*. Ela o faz para justificar uma decisão pessoal, que pode chocar alguns e surpreender outros: o fato de ter retomado o romance com um namorado que ela própria considera como “cachorro”. A tônica do texto “Coisas de mulher” é, em tom humorístico, revelar que, em algum momento da vida, uma mulher já fez coisas inimagináveis, para atingir determinados objetivos, os quais se relacionam, no texto, segundo os trechos destacados, à esfera doméstica e à esfera da preocupação com a beleza.

Assim, preocupada com a opinião dos seus leitores e também com o *ethos* que criaria de si mesma, no momento em que admitisse ter voltado com um “namorado cachorro”, a escrevente atribui sua decisão ao fato disso ser coisa de mulher, inscreve-se, portanto, no interdiscurso filiando-se à formação discursiva que concebe a mulher como aquela que tudo aceita por amor. A figura da mulher apaixonada vai povoar o enunciado da escrevente, quando justifica sua decisão, diante de um grupo de leitores que pode condenar essa atitude. O trecho final do *post* deixa clara essa questão, uma vez que a escrevente enuncia essa idéia das linhas 13 a 16: “Pois eh... Quem mulher nunca voltou com um namorado cachorro, mais que você não consegue ficar sem...Então... 2 anos e 9 meses... Não deu pra esquecer tão fácil...Estamos juntos de novo...Coisas de mulher enfim...E mulher apaixonada!!!!”

Nesse trecho, a escrevente não se expõe diretamente, não diz ser isso ou aquilo, mas revela algumas pistas aos leitores no processo de construção do seu *ethos*.

A primeira dessas pistas é que o discurso da mesma é regulado pela expectativa do grupo particular com o qual interage. Isso é notado pelo fato de que ela pretende justificar uma escolha pessoal, perante esse auditório, afirmando que essa escolha se insere na esfera das coisas inusitadas que as mulheres fazem para atender a um objetivo. Nesse aspecto, destaca-se a constituição plural do sujeito enunciativo, visto que a escrevente utiliza um texto cuja autoria é anônima e enuncia a partir dele, trazendo, para seu discurso, vozes sociais que refletem uma dada formação discursiva, em relação à mulher. Tal formação discursiva concebe algumas características da feminilidade que circulam socialmente, tais como: o espaço legítimo da mulher como aquele do casamento e do lar, conforme se nota em alguns itens lexicais como sogra (linha 3), empregada (linha 7) e panela (linha 5) se inscrevem em tal

esfera e terminam por remeter o leitor ou a leitora a essa última. Ao mesmo tempo, nas linhas 10 e 11, faz-se alusão à preocupação feminina com a beleza, imputando à mulher a necessidade de cultivar a beleza física. A formação discursiva sobre a mulher mobiliza, assim, uma série de já-ditos, de enunciados com uma ancoragem sócio-histórica, que se refletem na voz da enunciativa. Desse modo, o título do *post* “Coisas de mulher” disponibiliza um interdiscurso, no qual se entrelaçam todos os enunciados ditos e gestados na memória histórica e social sobre as mulheres, dentre eles, destacam-se: coisa de mulher é cuidar dos filhos, é ser uma boa dona de casa, é ser mãe, esposa, é ser boa cozinheira, é ser prendada, dentre outras, refletindo determinada formação discursiva sobre a mulher. Dessa forma, revela-se a condição heterogênea do sujeito, cuja enunciação reflete inúmeras vozes sociais. Nesse caso, instauram-se, a partir da voz da enunciativa, as vozes sociais que inscrevem a mulher dentro da esfera doméstica e ligada à preocupação com a beleza física.

A segunda dessas pistas relaciona-se com a sua condição de universitária, o que gera, na escrevente, a preocupação de “vender uma imagem de si”, ligada ao mundo ético dos adultos universitários. Assim, ela constrói seu *ethos*, de acordo com o estereótipo da maioria e também seguindo as atribuições do estereótipo do “universitário”, sendo, portanto, evitado o uso de muitas imagens ou cores e de uma linguagem menos formal e mais próxima da fala como o internetês.

Para compreender o processo de construção do *ethos* em Maingueneau (2005a), retoma-se o esquema proposto pelo autor. Faz-se, agora, a análise do *blog* da Karolates, levando sempre em consideração a proposta de Maingueneau (2005a), no quadro da Análise do Discurso de Linha Francesa.

A apresentação do *blog*, as imagens nele colocadas e a frase abaixo do nome da escrevente fazem com que se construa uma imagem pré-discursiva da mesma: inicialmente, mesmo antes de ler o conteúdo dos *posts* colocados no *blog*, constrói-se uma pré-imagem que poderá ou não ser ratificada, através do *ethos* discursivo. No caso do *blog* em questão, nota-se que a imagem da capa, a linguagem etc, conferem ao mesmo uma cenografia sóbria, com poucas imagens e com a fonte variando de cor e tamanho. A declaração “futura pedagoga” faz com que os co-enunciadores criem uma expectativa em relação ao *blog*: ele deve ter sido escrito por alguém que pertence a um mundo ético<sup>19</sup> que valoriza a leitura, a educação, o gosto pela escrita e que se preocupa em escrever dentro das regras da norma padrão. Embaixo

<sup>19</sup> Segundo Maingueneau (2008, p. 18): “O mundo ético ativado pela leitura subsume um certo número de situações estereotípicas associadas a comportamentos [...]. O mundo ético das estrelas de cinema, por exemplo, inclui cenas como a subida dos degraus do palácio do Festival de Cannes, seções de filmagem, entrevistas à imprensa, seções de maquiagem etc.”

do título do *blog*, “Karoletes”, há a citação de um trecho de uma música cantada por Cássia Eller: “Palavras apenas, palavras pequenas, palavras!”, trazendo, no fio do discurso a heterogeneidade marcada e mostrada, que instaura a voz do outro de forma explícita no discurso do enunciador conforme assinalou Authier-Revuz (1990). O uso das aspas também contribui para a construção de um determinado *ethos* da escrevente. Neste exemplo, as aspas são usadas com a finalidade de marcar a alteridade, trazendo à tona uma imagem da escrevente relacionada ao gosto musical da mesma. Alguém que ouve Cássia Eller não possui o mesmo *ethos* de uma pessoa que ouve pagode, por exemplo. O *ethos*, neste caso instaura novamente a figura de uma fiadora intelectual.

Segundo Maingueneau (1997, p.91):

as aspas constituem antes de mais nada um sinal construído para ser decifrado por um destinatário. O sujeito que utiliza as aspas é obrigado, mesmo que disto não esteja consciente, a realizar uma certa representação de seu leitor e, simetricamente, oferecer a este último uma certa imagem de si mesmo.

Desse modo, as aspas também são elementos que contribuem para a formação do *ethos* dos enunciadores. Neste caso, ao destinar seu discurso para os colegas universitários, a escrevente realiza uma representação dos leitores de seu *blog*, representação esta que também se baseia no mesmo estereótipo do universitário. Assim, colocar uma citação de um trecho de Música Popular Brasileira é criar um *ethos* condizente com este estereótipo. Percebe-se, portanto, que a enunciativa situa-se no interdiscurso a partir da validação de determinado estereótipo que engloba um já-dito sobre os universitários.

O *ethos* pré-discursivo liga o *blog* da Karoletes a um mundo ético mais adulto, uma vez que não possui desenhos coloridos, *emoticons* animados como parte da cenografia do mesmo, conforme se pode observar na figura 9.



Figura 9: Capa do *blog* da Karoletes

O *ethos* discursivo, que, segundo Maingueneau (2005a), se divide em dito (representando características diretas do enunciador) e mostrado (quando, através de pistas discursivas, fornece aos co-enunciadores uma imagem do enunciador), termina ratificando a imagem inicial gerada no *ethos* pré-discursivo. Destacam-se a seguir os trechos que se constituem como *ethos* dito no *blog* da Karoletes:

Exemplo 9:

#### Trecho do *post* de apresentação

- 01 Eu gosto de aventuras: Não aventuras do tipo pára-quedas, aventuras da vida. Aquelas que fazem rir, que fazem chorar. Aventuras que fazem a gente dormir as 3 da manhã com uma latona de brigadeiro e uma colher misturada com um filme água com açúcar e muita dor de cotovelo... Gosto também da calma. Da
- 05 tranqüilidade totalmente avessa às aventuras. Aquela calma que a gente briga, quebra tudo, rasga as fotos e as cartas,, chora que nem criança e depois vai ler um bom livro até pegar no sono.

No *post* do exemplo 9, a escrevente apresenta-se como uma pessoa dividida entre o gosto pela agitação das aventuras da vida e a tranqüilidade totalmente avessa a essas. Ao tomar a palavra e enunciar-se, a escrevente diz ter um espírito afeito a aventuras, mas não a experiências perigosas e sim aventuras da vida, lições e experiências que todos vivenciam no decorrer da mesma: os ganhos e as perdas, os momentos de alegria e os momentos de dor que fazem crescer. Enuncia-se como um sujeito dividido entre o espírito aventureiro e a tranqüilidade.

As imagens postuladas a partir do *ethos* pré-discursivo são confirmadas no nível discursivo, quando se analisam os seguintes trechos, listados a seguir:

Exemplo 10:

*Post* de apresentação:...

- 01 Uma sofista (palavras guiam a vida da gente. Expressam o que você foi, o que vai ser, o que sente, o que pensa).

Exemplo 11:

*Post* de 1 de abril de 2008:

- 01 É Clarice. Sempre achando a palavra certa, a frase certa pro sentimento certo. Nada como escrever. Não escrevo para os outros. Escrevo para mim. Escrevo porque minha alma encontra nisso um prazer.

No exemplo 10, o *ethos* pré-discursivo é confirmado, já que a escrevente revela o gosto pelas palavras, pela escrita. Nele, a escrevente apresenta-se como uma sofista, aquela que ama a arte das palavras, que ama as palavras pelo poder expressivo que essas possuem.

No exemplo 11, a escrevente, em um tom de reflexão, apresenta uma grande intimidade com a escritora Clarice Lispector, chamando-a apenas pelo primeiro nome e estabelecendo com ela um diálogo, revelando que também gosta de escrever e vê nessa atividade um prazer para a alma, criando, assim, um *ethos* intelectualizado.

Os dois exemplos confirmam uma imagem inicial e ratificam os elementos da cenografia do *blog*: a escrevente inscreve seu discurso dentro do mundo ético acadêmico e enuncia-se a partir de premissas que a afastam do mundo dos adolescentes.

O conceito de *ethos*, reivindicado por Maingueneau (2008a, p. 18), “[...] recobre não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas ligadas ao fiador pelas representações coletivas estereotípicas.”

Assim sendo, o *ethos* pressupõe determinada forma de mover-se no espaço social, pautando-se em representações sociais, que podem ser negativas ou positivas, em estereótipos, que estão associados a determinados modos de comportamento e não outros, os quais derivam da enunciação.

Segundo Maingueneau (2008a, p. 18):

[...] o *ethos* implica uma maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento. O destinatário a identifica apoiando-se num conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar: o velho sábio, o jovem executivo dinâmico, a mocinha romântica [...].

O *ethos* discursivo da Karoletes vai criar, portanto, a imagem de uma fiadora inteligente, sábia e poética. O uso de constantes citações de intelectuais da Filosofia ou de grandes escritores e de uma linguagem emotiva e poética são elementos importantes para a compreensão da noção de fiadora no *blog* da Karoletes. Desse modo, a enunciação confere um corpo e um caráter (traços físicos e psicológicos), que derivam da instância discursiva e com os quais os co-enunciadores podem se identificar.

Como já foi explicado anteriormente, o *ethos* mostrado refere-se às características indiretas que os enunciadores revelam no momento de sua enunciação, sem que, necessariamente, afirmem diretamente que são “isso ou aquilo”. Esse se constitui através de pistas que os co-enunciadores seguem para traçar a imagem dos enunciadores, que, no caso da pesquisa ora relatada, são os escreventes dos *blogs*. Como exemplo da constituição do *ethos* mostrado no *blog* da Karoletes, pode-se destacar o seguinte:

Exemplo 12:

*Post* de 11 de fevereiro de 2008

**Pq eu só vivo pensando em você...**

- 01 ...é sem querer mais você não sai da minha cabeça. Acordei. A primeira  
 pessoa que eu pensei? Sim, em você. Não queria sabe? Não tem  
 necessidade. Não tem por que. Mais parece que também não tenho escolha.  
 05 Tento fugir disso tudo. Tento fingir isso tudo. Mais não dá! Por que você  
 simplesmente não me deixa em paz? Por que você simplesmente não sai da  
 minha cabeça? Por que você simplesmente.....não fica comigo pra  
 sempre????  
 Seria bem mais fácil. Amanhã quando eu acordar espero que a primeira  
 10 pessoa que eu pense seja em mim. Sim, estou precisando de um pouco de  
 atenção.  
 Ps.: Não, isso não é uma crise. Foi apenas um momento de idéias...  
 Porém toda história tem seu fundo de verdade...

No exemplo anterior, vê-se que a escrevente não enuncia diretamente suas características. Nesse caso, o leitor deve ser capaz de ler uma imagem implícita, trilhando o caminho que leva à construção do *ethos* discursivo pela escrevente.

Alguns aspectos devem ser levados em consideração na análise desse trecho do *blog* da Karoletes. Ao enunciar-se em um tom romântico como na linha 1 (“[...] você não sai da minha cabeça.”), o *post* coloca-se como um desabafo que ela compartilha com o auditório particular. Nele, ela preocupa-se em advertir seus co-enunciadores para o fato de que aquele desabafo não se constitui como uma crise, mas é apenas uma exposição de idéias. Aqui, pode-se apreender que a escrevente não quer que seus co-enunciadores pensem que ela está passando por um momento crítico, portanto, esse trecho indica o *ethos* visado: ela quer ser vista como uma pessoa que expõe idéias, até mesmo como uma amante das palavras, e não como alguém que está sofrendo ou passando por um momento de crise por causa do amor.

O *blog* da Karoletes caracteriza-se como um *blog* reflexivo, no qual a escrevente pretende criar uma auto-imagem próxima do mundo ético intelectual: é um *blog* com uma cenografia sóbria, sem muitas figuras, sem vídeos ou imagens animadas, visto que o uso desses elementos é considerado, estereotipicamente, como “coisa de criança” ou de “pessoas imaturas”. A linguagem também é fenômeno constitutivo desse *blog*, uma vez que há um deslocamento do internetês para uma escrita mais próxima da norma culta.

O *ethos* da escrevente constrói-se muito no plano indireto, situando-se, portanto, no fato de falar sutilmente e indiretamente de sua vida pessoal, sempre imprimindo um tom de seriedade aos seus *posts*. O *post* a seguir mostra essa tendência, que é seguida por muitas outras postagens do *blog*:

Exemplo 13:

- Post* de 26 de fevereiro 2008
- 01 ... "É prudente não confiar inteiramente em quem nos enganou uma vez." [ René Descartes ]
- 05 MEU DEUS!! Quanta imprudência! Sim. Ela já tinha me enganado uma vez. E eu, tola, voltei a confiar. Na verdade despejei minha confiança. Confiei como nunca antes havia confiado em ninguém. Acreditava cegamente na nossa amizade. Acreditava na nossa cumplicidade... E fechava os olhos pra verdade. Exatamente. Quebrei a cara. Me enganou mais uma vez. E a última. Cortei qualquer tipo de relação. Dói. Mas doeria mais se eu
- 10 idiotamente confiasse pela terceira vez em quem me enganou duas vezes

O *post* de 26 de fevereiro de 2008 inicia-se com uma citação de René Descartes, seguindo a tônica de outros *posts* presentes no *blog*. O trecho constitui-se novamente em um exercício de heterogeneidade mostrada marcada, uma vez que traz à tona a voz de René Descartes. Seguindo a característica fundamental desse *blog*, a escrevente fala, indiretamente,

de uma decepção que sofreu. Pistas textuais levam o leitor a construir, através de implícitos, que a escrevente decepcionou-se com uma grande amiga (“ela me enganou”) e que isso não aconteceu apenas uma vez, como se vê na linha 10 (“me enganou duas vezes”). O pronome *ela* revela a preocupação da escrevente com o não-escancaramento de sua vida pessoal, já que o *ela* só pode ser recuperado no nível da enunciação anterior à publicação do *post* no *blog* e cujos detalhes não foram divulgados. Contrariando, mais uma vez, a tese de que o *blog* é o espaço de superexposição da vida pessoal, Karoletes não evidencia os motivos pelos quais sofreu essa decepção e não revela também quem a enganou, mantendo, indiretamente, essas informações. Nesse caso, apenas o grupo particular, para o qual ela dirige seu discurso, compartilha com a escrevente de tais informações.

O *ethos* mostrado revela-se também aí, uma vez que a escrevente se mostra uma pessoa que se preocupa em ter amigos e que valoriza a amizade, a cumplicidade e a confiança nas relações, mas não enuncia isso diretamente.

### 6.2.2 O *Blog* da Deisinha

Seguindo a mesma tônica do *blog* anterior está o *blog* da Deisinha, que, até o momento em que a primeira parte da análise dos dados desta pesquisa foi iniciada, era vestibulanda e tentava uma vaga em uma universidade pública. No entanto, enquanto a análise era finalizada, a escrevente ingressou na faculdade e esse fato se refletiu em alguns elementos da cenografia de seu *blog*, conforme será apresentado a seguir.

A imagem seguinte refere-se à capa desse *blog*, quando a escrevente ainda era vestibulanda.



Figura 10: Capa do *blog* da Deisinha vestibulanda

A imagem da capa do *blog* da Deisinha revela como parte da cenografia uma folha de um bloco de anotações, sobre a qual se destacam algumas figuras: a de um casal de namorados ao lado de um coração vermelho, com borboletas e desenhos coloridos. Essas figuras ligam o *blog* ao mundo ético dos adolescentes. Do lado direito, em destaque, há a imagem de um adolescente de calça jeans e tênis e, ao fundo, o título do *blog*, “Drops da Deisinha”, além da frase “I love you”. Ao mesmo tempo, no lado esquerdo do *blog*, encontra-se uma citação de uma frase, atribuída, pela escrevente, ao filósofo Nietzsche; e, no lado direito, há a figura do personagem infantil *snoopy*, descansando sobre a casa vermelha. A cenografia do *blog* sugere, portanto, um *ethos* clivado de uma adolescente, que passa pelas mazelas da transição para a vida adulta.

Nesse momento enunciativo, ao contrário do *blog* anterior, no qual a escrevente vinculava seu discurso a um mundo ético mais adulto, evocando a imagem de uma fiadora intelectual, o *blog* da Deisinha parece, inicialmente, revelar-se um *blog* clivado: de um lado, está uma adolescente que vincula seu discurso às figuras presentes na capa do *blog*; do outro, há alguém que se preocupa com a Filosofia, para quem o discurso do filósofo Nietzsche é

relevante. Assim, o *ethos* pré-discursivo do *blog* da Deisinha mostra a imagem de uma adolescente que anseia ingressar, rapidamente, na vida adulta.

No entanto, depois que é aprovada no vestibular e se torna estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília, a escrevente modifica a capa de seu *blog*, alterando, para isso, elementos da cenografia do mesmo. Desse modo, os elementos que a ligavam ao mundo ético da adolescente são suprimidos dessa nova capa e deixados de lado, sendo substituídos por uma imagem bem mais poética e sóbria, com uma frase de chamada: “no compasso de um momento escrito nessa dança... porque assim acaba sendo partes de mim...”, cuja autoria não se conhece e que desvencilha o discurso da escrevente do mundo ético adolescente.

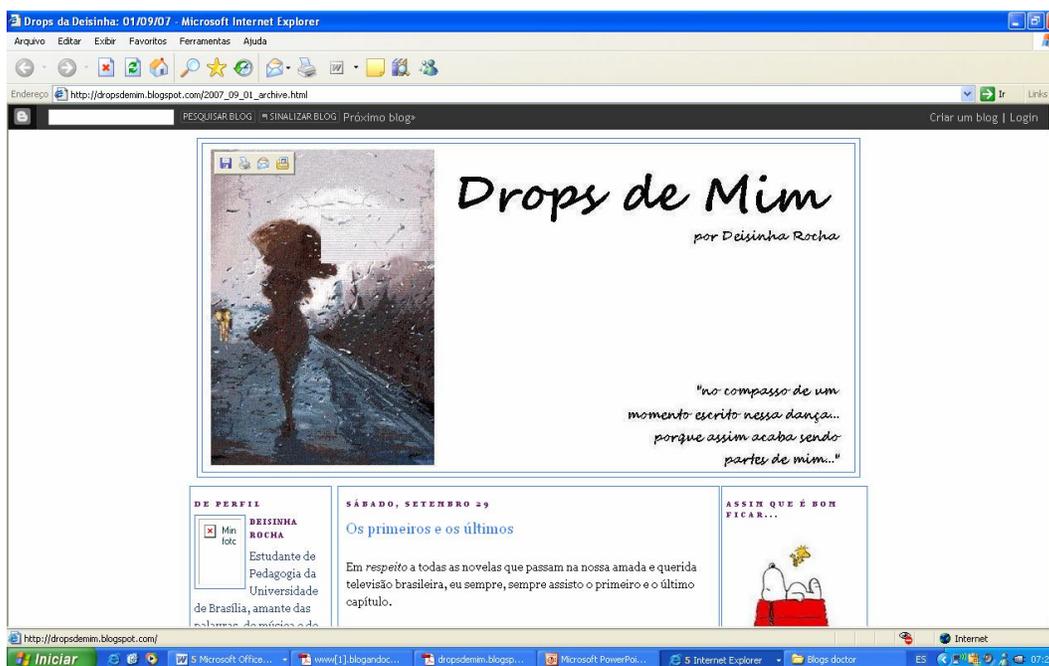


Figura 11: Capa do *blog* da Deisinha universitária

No âmbito enunciativo, há também algumas modificações. Nele, a escrevente insere um *post* de apresentação, utilizando-se do *ethos* dito, como se observa a seguir:

Exemplo 14:

**Deisinha Rocha**

- 01 Estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília, amante das palavras, de música e de dança! Muita dança. Ah! Claro... e apaixonada por educação.

Portanto, a escrevente também objetiva construir uma imagem positiva, que a ligue ao rol das universitárias. Por isso, preocupa-se em modificar elementos da cenografia do *blog*, colocando, no mesmo, figuras que a afastem da imagem de uma mera vestibulanda.

No entanto, na maioria dos *posts* do referido *blog* da Deisinha, há uma predominância do *ethos* mostrado, uma vez que a escrevente revela, a partir de pistas diversas, aspectos que servirão para que os co-enunciadores processem a constituição do *ethos* efetivo dela. Também existem trechos do *blog* em que a escrevente indica, diretamente, suas características, deixando claro, para os leitores, que tipo de imagem discursiva ela pretende construir de si mesma.

Os exemplos a seguir demonstram o processamento do *ethos* dito no *blog* da Deisinha:

Exemplo 15:

*Post* 25 de setembro de 2007

**Garota comum ou namorada perfeita?**

- 01 Pra quem não sabe, eu namorei com um carinha por três anos. Fui pedida oficialmente em namoro quando tinha 15 anos. E quando ele disse, com aquele jeito bobo mais apaixonante o que queria, eu sorri e disse “sim”....
- 05 Por ele mudei meu estilo de vida, escutei rap, perdi a paciência pesquisando faculdades legais e mais acessíveis ao bolso e dava-lhe aulas de português sem qualquer sucesso...
- 10 Talvez tenha sido aí o meu erro... estar com alguém acomodado enquanto eu tenho sonhos se realizando. E eu, que pensava em ser uma garota normal, tinha que ser para aquele carinha, a namorada perfeita. Mas me julgo em ter sido! Agora estou recebendo o troco...

Como se pode notar, o discurso da escrevente, no *post* do exemplo 15, revela-se como um misto entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado, pois, nele, há trechos em que a escrevente fala, diretamente, sobre suas características e existem outros nos quais ela as enumera de forma indireta. Consoante Maingueneau (2008a, p. 18), a distinção entre *ethos* dito e o *ethos* mostrado “[...] se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível

definir uma fronteira nítida entre o “dito” sugerido e o puramente “mostrado” pela enunciação.”

No nível enunciativo, o título do *post*, colocado no exemplo acima, mostra um estereótipo, o qual coagirá a escrevente, à medida que ela se sentir pressionada a ter um comportamento condizente com a expectativa do namorado e dos amigos, que a consideravam a “namoradinha perfeita”. Para Deisinha, ela teria sido uma namoradinha perfeitinha, já que teria reformulado alguns aspectos de seu comportamento e de sua vida pessoal, para viver um grande amor.

Assim, ela afirma ter sido uma namorada perfeita, apesar de se considerar uma garota normal. Neste enunciado “E eu, que pensava em ser uma garota normal, tinha que ser para aquele carinha, a namorada perfeita. Mas me julgo em ter sido!”, revelam-se alguns aspectos importantes da construção do *ethos*. Em primeiro lugar, há estereótipos que direcionam os co-enunciadores a mundos éticos diferentes: a namoradinha perfeita que se contrapõe ao comportamento da garota normal. Ser uma namorada perfeita, no fio do discurso da Deisinha, significa aceitar as limitações do namorado, não se importar com as diferenças de classe social existentes entre ela e o seu amor e ir de encontro à opinião de sua família, que desaprovava o romance. Em contrapartida, ser uma garota normal pressupunha ter um comportamento oposto ao da namoradinha perfeita, isto é, preservar seu estilo de vida, sem precisar modificá-lo em prol de seu namorado; preservar seus gostos musicais e ter seu namoro aceito pela família, em detrimento do fato de precisar modificar seus hábitos cotidianos.

É através desses estereótipos que a escrevente constrói o *logos* de seu discurso: através deles, ela lamenta o fato de ter sido uma namoradinha perfeita e de ter mudado muitas coisas de seu estilo de vida, para se adaptar ao romance que surgia. Segundo ela, ser a namoradinha perfeita representou um grande erro, pelo qual está tendo que pagar atualmente, como mostra no trecho: “Agora estou recebendo o troco...” Nesse caso, o sentido da expressão “namoradinha perfeita” ganha uma conotação negativa, conotação essa que é construída no âmbito enunciativo.

No final do *post* em questão, a escrevente ressalta: “[...] eu tenho sonhos se realizando.” Nesse trecho, fica clara a imagem que a mesma tem do ex-namorado: a de alguém que é acomodado e que não corre atrás de seus sonhos, nem de seu crescimento profissional, uma vez que cabia a ela procurar informações sobre concursos e faculdades, que ele deveria fazer ou cursar. Essa imagem do namorado, postulada pela escrevente, personifica

a figura do antifiaador<sup>20</sup> discursivo do *blog* da Deisinha, que pode ser observada no trecho: “Por ele mudei meu estilo de vida, escutei *rap*, perdi a paciência pesquisando faculdades legais e mais acessíveis ao bolso e dava-lhe aulas de português sem qualquer sucesso... Talvez tenha sido aí o meu erro... estar com alguém acomodado enquanto eu tenho sonhos se realizando.” O antifiaador pode ser definido como aquele cuja imagem se contrapõe à imagem do fiaador. Nesse caso, há a materialização de um discurso que mostra o antifiaador: alguém que não tem planos na vida, que não se preocupa em fazer um curso superior, que está acomodado, diferentemente da fiaadora, que se revela como uma pessoa que está sempre em busca de seus objetivos e ideais.

O *post* gerou dez comentários dos leitores, comentários que elogiavam a forma como esse *post* foi escrito, outros que aconselhavam Deisinha a não sofrer por alguém que não valia a pena etc.

Alguns deles estão postados a seguir:

Exemplo 16:

**Paty Maionese disse...**

- 01 Chore o quanto seja preciso para que quando as lágrimas cessem, que seja pra sempre.  
Anyways, esse *post* tá especialmente bem escrito. =)

Gostei!

- 05 Um beijo

Exemplo 17:

**Warui disse...**

Olha, pelo relato, me parece que você está é saindo no lucro depois de 3

- 01 anos de prejuízo. Agora pesa, mas depois vai se sentir bem mais leve.

---

<sup>20</sup> A noção de antifiaador remete à figura cujas características discursivas se contrapõem à do fiaador no discurso. Assim, se há, no discurso, a imagem de um fiaador honesto e fiel, pode-se dizer que a figura do antifiaador, apresentada no discurso, representa a desonestidade e a infidelidade, que são características contrárias às do fiaador.

Exemplo 18:

**Lívia Brito disse:**

- 01 Em primeiro lugar, o texto realmente foi bem escrito. Um conto baseado em histórias reais. Em segundo lugar, deixa eu te dizer... Você sempre fez o que pôde e fez com o coração. Sinta-se feliz, pois tentou fazer um outro feliz. Fazer ou tentar fazer o bem para outros, seja quem for, é um dádiva

Os comentários postados anteriormente indicam o modo como os co-enunciadores interagem com a escrevente, opinando sobre a atitude da blogueira. Revela-se, portanto, a interatividade dos *blogs*, que, comungada com o suporte hipertextual, permite que o texto seja construído de forma marcadamente heterogênea, englobando a voz dos leitores ao qual se destina.

O exemplo 19, citado a seguir, pressupõe, no campo do *ethos* mostrado da enunciativa, a preocupação em filiar seu discurso ao mundo ético dos adultos, como se pode analisar em seguida:

Exemplo 19:

**Post de 27 de fevereiro de 2007**

- 01 Hoje minha carteira provisória de motorista vence!  
Sim! Estou passando pra carteira permanente!!!!  
hu-huuuuuu!!!!

O exemplo 19 mostra a preocupação da escrevente em afirmar que está passando da carteira provisória de motorista para a carteira permanente. No nível da enunciação, ela indica a necessidade de compartilhar, com seus co-enunciadores, o fato de agora, legalmente, poder ser considerada uma “motorista”, revelando a preocupação de Deisinha de evidenciar que algumas de suas atitudes a ligam ao mundo adulto.

O exemplo a seguir também enfatiza a imagem da adolescente que se encontra na transição para a vida de adulto. Trata-se do *post* do dia 16 de fevereiro de 2007, cujo título é *Vou morar sozinha*.

Exemplo 20:

*Post de 16 de fevereiro de 2007*

**Vou morar sozinha**

- 01 Sim! Um dia, *eu* irei *morar sozinha*. Nem que seja um mês antes de me

casar - e o noivo terá que orar muito pra eu não gostar e desistir do casamento. Por que? Ora bolas! Ainda me perguntas por quê?

05 **Primeiro**, iremos morar eu, Norberto - ou você acha que eu me esqueceria dele? - e a Paz.

**B)** Limparei minha casinha - ou apartamentinho ou kitinet, como *você* quiser - e ninguém vai sujar e desvalorizar meus serviços; já que eu tenho facilidade para manter tudo limpo. *Bagunçado*, mas limpo.

10 **3º** Ninguém se atreverá a mecher em minhas coisas, principalmente na bagunça que eu faço com minhas roupas. E que me atire a primeira pedra, a mulher que nunca nesta vida fez bagunça de roupas no quarto.

**Quatro** - Não haverá ninguém reclamando de nada pra mim. E eu detesto isso! Quando reclamam, reclamam e reclamam de alguém pra mim sendo que eu não posso fazer nada além de ouvir aquilo pela milionésima vez.

15 **Quinto**, poderei assistir ao programa que eu quiser, na hora que eu quiser.

O *post* anterior, datado de 16 de fevereiro de 2007, é mais um exemplo da forma como o *ethos* mostrado é construído no âmbito discursivo. Através dele, a escrevente enuncia um desejo típico da fase em que ela está vivendo. Revela, portanto, o desejo de ir morar sozinha. Na linha 04, o enunciado “iremos morar eu, Norberto - ou você acha que eu me esqueceria dele? - e a Paz.” pressupõe o conhecimento partilhado entre enunciadores e co-enunciadores, uma vez que Norberto, a quem se refere a enunciativa é o seu cachorro, informação que só pode ser percebida a partir da leitura de outros *posts* do *blog* ou mesmo do conhecimento partilhado entre enunciadores e co-enunciadores. A metáfora do contrato colocada por Maingueneau (2001, p.69) pode, sem dúvida, ser aplicada aqui, uma vez que o gênero *blog* é direcionado aos amigos dos escreventes que, supostamente, compartilham com ela informações sobre sua vida. Desse modo, ao afirmar que levará “Norberto” para morar com ela, a escrevente pressupõe que os co-enunciadores do *blog* saibam que ela possui um cachorro cujo nome é Norberto.

Na linha 13, o enunciado “Não haverá ninguém reclamando de nada pra mim. E eu detesto isso! destina-se a um “outro” desconhecido pela maioria dos internautas, mas bastante familiar à escrevente: um “outro” que constantemente reclama com Deisinha por causa da desorganização da casa, levando-a a se sentir bastante incomodada. Este “outro”, apesar de não estar explicitado no texto, pode ser construído pelos leitores uma vez que o *post* em questão oferece algumas pistas aos mesmos: o outro é alguém que reclama da bagunça que a garota faz com as roupas (linha 10), ou que mexe, sem autorização nas coisas dela (linha 09). Nas linhas 10 e 11, Deisinha diz “e que me atire a primeira pedra, a mulher que nunca nesta vida fez bagunça de roupas no quarto”. Neste caso, a escrevente inscreve-se num certo mundo

ético das mulheres, apontadas no enunciado como bagunceiras, atrelando sua imagem à de uma mulher como outra qualquer que costuma bagunçar as próprias roupas.

O sentido de ir morar sozinha, para a adolescente, não se refere ao fato de ter que assumir responsabilidades financeiras, pagar contas, trabalhar etc., mas, ao contrário, esse se relaciona apenas à questão da liberdade. Então, ir morar sozinha significa, na voz da enunciativa, se libertar de normas, leis e regras, com as quais ela tem que conviver na casa dos pais. Assim, conforme a mesma, “[...] ninguém vai sujar e desvalorizar meus serviços [...]; Não haverá ninguém reclamando de nada pra mim [...]; [...] poderei assistir ao programa que eu quiser, na hora que eu quiser.”

Segundo Maingueneau (2006, p. 270), o implícito desempenha um papel essencial: dizer, nem sempre é dizer explicitamente; a atividade discursiva entrelaça constantemente o dito e o não-dito. Analisando o enunciado “[...] poderei assistir ao programa que eu quiser, na hora que eu quiser”, subentende-se que ela, atualmente, sente-se cerceada a agir segundo suas vontades tendo sua liberdade restrita pela vontade de outros.

O uso de diminutivos em “casinha” e “apartamentinho” revelam o tom afetivo da escrevente para com a pretendida casa ou apartamento, seu lugar próprio de moradia que um dia ela conseguirá ter. Em um tom de desabafo, a escrevente demonstra seu descontentamento com o fato de ter a sua liberdade individual ferida, na casa dos pais, onde mora atualmente. Percebe-se isso no trecho: “Ninguém se atreverá a mecher em minhas coisas, principalmente na bagunça que eu faço com minhas roupas.” Nesse trecho, o sentido da palavra “bagunça” é deslocado e estendido, pois não é aí uma expressão com uma conotação negativa, visto que a bagunça feita pela escrevente pressupõe limpeza: “[...] eu tenho facilidade para manter tudo limpo. *Bagunçado*, mas limpo.”

Exemplo 21:

*Post* de 26 de fevereiro de 2008

**Uma dedicatória aos meus amigos**

- 01 . Se eu tenho a sorte de nunca ter sido traída por um amigo?  
Hum... talvez sim! Talvez não!  
Se eu já comprei brigas das quais eu não tinha nada haver?
- 05 Não.  
Mas já paguei muito caro pra defender um lado com todo o prazer de fazer quem eu amo se sentir seguro. E por inúmeras vezes...  
Fiél?
- 10 Ao meu entender, sou sim! E escolho, sempre[!], a dedo, em quem confiar. Tenho amigos em quem confiei cegamente. E é assim até os dias de hoje. ...

No *post* do exemplo 21, a escrevente enuncia-se através de um diálogo explícito com seus co-enunciadores. Neste caso pode-se destacar uma das formas de constituição do dialogismo<sup>21</sup>, postulado por Bakhtin (2003), em que a escrevente espera uma atitude responsiva dos seus co-enunciadores. Vale ressaltar que, segundo Bakhtin (2003), o dialogismo não ocorre exclusivamente através do diálogo, mas, ao contrário disso, a dimensão dialógica é a essência de todo e qualquer enunciado, inclusive do monólogo, por exemplo. Segundo o referido filósofo da linguagem, todo enunciado pressupõe uma interação, interpela um “outro” discursivo, surge de alguém e se dirige a um “outro”. De acordo Bakhtin (2003, p. 275):

[...] todo enunciado - da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico - tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros, depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro, ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva.

Assim, ainda conforme Bakhtin (2003), todo enunciado tem uma dimensão dialógica, uma vez que pressupõe a interação comunicativa e a interpelação do “outro” do discurso. Segundo ele (2003, p. 275): “[...] o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma atitude responsiva.”

Há, portanto, no nível enunciativo, mostrado no exemplo 21, a alternância dos sujeitos do discurso, na qual a escrevente encarna, ao mesmo tempo, o papel de locutora e de interlocutora do discurso, em um desdobramento do “eu” enunciativo. Ela se coloca no lugar de seus leitores, imaginando as perguntas que esses lhe fariam e pondo-as, no decorrer do fio do discurso, em forma de um diálogo.

Os enunciados seguintes, “Se eu tenho a sorte de nunca ter sido traída por um amigo? Hum... talvez sim! Talvez não!/ Se eu já comprei brigas das quais eu não tinha nada haver? Não. Mas já paguei muito caro pra defender um lado com todo o prazer de fazer quem eu amo

---

<sup>21</sup> O dialogismo em Bakhtin (2003) não se refere exclusivamente ao diálogo, mas este é uma forma de manifestação do dialogismo marcado. Segundo Bakhtin (2003) todo enunciado é dialógico e o dialogismo é parte constitutiva de todo e qualquer enunciado, uma vez que este sempre surge de alguém e se dirige a um outro, é, portanto, sempre marcado pela heterogeneidade.

se sentir seguro. E por inúmeras vezes...”, revelam o discurso de uma fiadora emotiva e doce, que possui alguns amigos e mostra-se preocupada com eles.

São os amigos que constituem o grupo particular para o qual a escrevente destina seu discurso e é para eles que ela dirige as mensagens do seu *blog*; daí a importância de construir uma imagem positiva de si no discurso, uma imagem de alguém que tem bons amigos.

Com a intenção de elaborar essa imagem positiva perante seus co-enunciadores, a escrevente associa para si mesma algumas características, que, no nível enunciativo, corroboram para a construção de sua auto-imagem: a fidelidade em relação aos amigos, a confiança, o amor dispensado a eles, o que faz com que Deisinha construa um *ethos* de alguém confiável e sempre pronta a ajudar.

A seguir, colocam-se alguns exemplos de como o *ethos* mostrado apresenta-se no *blog* da Deisinha, a fim de que se possa compreender a ocorrência da construção do *ethos* discursivo no mesmo.

Exemplo 22:

*Post* de 24 de setembro de 2007

**Na madrugada**

- 01 Às vezes? Mentira minha!!!! Ultimamente tem sido frequente. Tem até  
Deixado o seu registro no meu rosto.
- 05 Mas até que lucro - algumas vezes - porque fico pensando. Penso em tanta  
coisa. E às vezes oro. (...) Fico tentando imaginar em como minha vida  
poderia ser diferente. Em como eu poderia ter aproveitado mais minha  
infância - Ok, Deise! Você brincou de boneca até os treze/quartoze anos. E  
no último vestibular eu teria prestado pra pedagogia, educação física,  
algum curso de letras ao invés de comunicação e teria passado.

As linhas 01 e 02 do *post* relacionam-se diretamente com o título do mesmo e é, aliás, a partir da leitura do título relacionado ao *post* em questão, que se pode processar os sentidos dos enunciados nas referidas linhas. Isso ocorre, principalmente, a partir da mobilização da memória discursiva dos co-enunciadores. Se se observa, por exemplo, o enunciado “tem até deixado o seu registro no meu rosto”, nas linhas 01 e 02, juntamente com o título “Na madrugada”, pode-se inferir que a escrevente está se referindo ao fato de que não tem dormido direito e que a insônia tem deixado marcas no seu rosto. Essa inferência só pode ser feita se, na memória dos co-enunciadores, pode-se recuperar uma cena na qual a insônia deixa marcas no rosto, em forma de olheiras e etc.

Vale ressaltar, mais uma vez, a tênue linha divisória que demarca a fronteira entre o dito e o mostrado, conforme se pode observar no *post* do exemplo 22. Nele, fica claro que há

uma pequena fronteira demarcatória entre o que se diz e o que se mostra no âmbito enunciativo. O *post* do referido exemplo, intitulado “Na madrugada”, revela uma fiadora reflexiva, em relação à vida e às suas escolhas. Segundo a postagem, a escrevente afirma que se tivesse a oportunidade de viver novamente algumas situações, talvez agisse de forma diferente. Teria sido menos tímida, mais ousada, teria errado mais e vivido as emoções com maior intensidade. Ela enuncia a partir de um tom emotivo, mostra-se arrependida de não ter aproveitado mais a vida, mas não fala isso diretamente. Observe-se o trecho que revela o *ethos* mostrado: “Fico tentando imaginar em como minha vida poderia ser diferente.”

Nos *blogs* analisados até agora, percebe-se a forte influência do estereótipo da maioria na construção do *ethos*. Através desse estereótipo, a escrevente é levada a comportar-se, de acordo com as expectativas de um auditório particular, o qual espera que a enunciação seja condizente com as atribuições estereotípicas.

O *ethos* configura-se, portanto, como uma categoria essencialmente discursiva, pautada na interação entre os enunciadores e os seus co-enunciadores. O *post* a seguir revela o desejo da escrevente de postular, para seus co-enunciadores, uma imagem de si, ligada ao estereótipo da garota intelectual ou “cabeça feita”, que não gosta de novelas, apesar de admitir que assiste alguns programas de televisão.

Exemplo 23:

*Post* de 29 de setembro de 2007

**Os primeiros e os últimos**

- 01 Em *respeito* a todas as novelas que passam na nossa amada e querida televisão brasileira, eu sempre, sempre assisto o primeiro e o último Capítulo.  
(...).
- 05 Eu simplesmente tenho em mente que os primeiros e os últimos capítulos de qualquer novela é o mais importante. Nos primeiros capítulos você conhece todo mundo, olha, analisa, ver o estilo e sabe qual vai ser o papel de cada um na trama. Tanto faz como tanto fez o que acontece no meio desse enredo. Porque é sempre certo quem fica com quem, quem morre no final, quem vai ter um Feliz para sempre.  
Então assistir os últimos capítulos é importante para confirmar teses. Sim, sempre faço teses em todas as novelas. Acompanho todas por propagandas e sei quem é quem de uma forma bem fácil e econômica: "Mãe, quem é o fulano mesmo?"
- 15 Adoro ouvir minha mãe me explicar a novela.  
Rsrtrs...  
Ah, fala sério... *Minha paciência pra mesmice acabou. Sim, acabou! E além do mais, hoje em dia a televisão brasileira mostra todo mundo tão dado, tudo e todos tão fáceis.*
- 20 Prazer mesmo eu encontro em um bom livro. Ah, eu simplesmente me

Escondo atrás de um bom livro e crio o meu próprio mundo com bons autores. Mas isso não significa que eu tenho aversão à TV. Não, não! Existem desenhos animados e seriados maravilhosos...

Nesse *post*, a escrevente, em um tom crítico, mostra-se como uma pessoa que tem aversão à mesmice, a partir do momento em que critica as novelas como uma série de eventos e cenas repetíveis ou previsíveis. Assim, das linhas 05 a 09, a escrevente expõe os argumentos sobre a importância de assistir sempre os primeiros e os últimos capítulos, uma vez que as novelas não trazem inovações, mas repetem cenas já veiculadas e já assistidas pela maioria dos telespectadores que já sabem o que esperar dos mocinhos e vilões.

No trecho destacado em negrito, nas linhas 17 a 19, a escrevente revela sua idéia em relação às novelas: estas representam a mesmice, o previsível, o lugar da repetição e não do pensamento crítico. Assim, ao criticar as novelas, Deisinha adere ao mundo ético das pessoas intelectuais, inserindo-se em tal mundo a partir do momento em que critica a novela e elogia o hábito da boa leitura, consoante se observa nas linhas 20 a 22 ressalta “Prazer mesmo eu encontro em um bom livro. Ah, eu simplesmente me escondo atrás de um bom livro e crio o meu próprio mundo com bons autores.”

Percebe-se, então, a partir da análise dos *blogs* até aqui analisados que os escreventes criam imagens de si que se direcionam a estereótipos gestados socialmente e que tais imagens não são aleatórias, mas baseiam-se nas expectativas dos grupos para os quais dirigem a enunciação.

A seguir faz-se a análise do *blog* do Matheus.

### 6.2.3 O *Blog* do Matheus

A imagem a seguir reflete a capa do *blog* do Matheus. O endereço do *site* revela o nome do *blog*, “Matheusideas”, mostrando, logo de cara, o objetivo central do mesmo: expor algumas idéias de Matheus, um jovem universitário, de 19 anos, que gosta de compartilhar idéias com amigos.

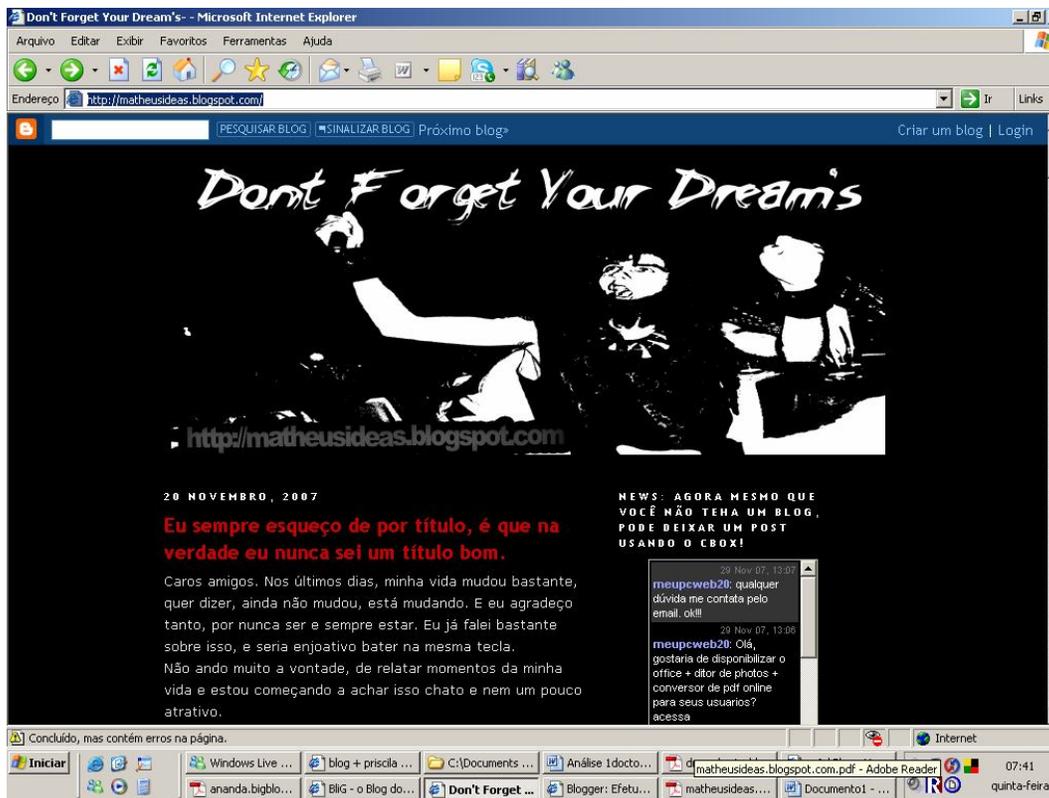


Figura 12: Capa do *blog* do Matheus

A capa do *blog* chama a atenção pois apresenta, sobre um fundo preto, a imagem de dois jovens; um deles (o rapaz) tem um pincel na mão, com o qual escreve, com letras brancas sobre o fundo preto, a frase, em inglês, *Don't forget your dreams* ('Não desista dos seus sonhos'). A imagem aí postada é uma alusão ao movimento da grafiteagem, comum nas grandes metrópoles brasileiras, no qual jovens, reunidos em grupos, vão às ruas para desenhar, nos muros de praças, casas abandonadas, a fim de expressarem suas idéias sobre a vida, o Brasil, a política etc.

O movimento da grafiteagem sempre foi utilizado pelos jovens como um veículo de expressão de idéias, muitas vezes proibidas em determinadas conjunturas políticas e sociais. Vista por alguns como uma arte e por outros como expressão de vandalismo, a grafiteagem constitui-se como um movimento forte nas grandes cidades brasileiras, é uma forma do sujeito fazer parte de uma sociedade que pretende excluí-lo.

Metaforicamente, a capa do *blog* mostra o objetivo de o mesmo divulgar as idéias do escrevente, idéias essas que precisam de um espaço próprio de enunciação, que, nesse caso, é o *blog* do Matheus.

O primeiro *post* do escrevente mostra-se como um bom exemplo de constituição do *ethos* dito. Nele, Matheus preocupa-se em estabelecer um diálogo com os co-enunciadores, revelando ser uma pessoa “inconstante” e “volúvel”, que inicia projetos, mas não consegue concluí-los.

Veja-se, então, o primeiro *post* do *blog* do Matheus, colocado a seguir:

Exemplo 24:

*Post* de 07 de setembro de 2007

**Sorry!**

- 01 Mais uma de Matheus mesmo. Aquele que sempre começa algo, e no início se demonstra interessado e convicto com suas vontades, mas o tempo passa e logo começa a apresentar desinteresse e pouco a pouco abandona, seja qual for a atividade que tenha começado.
- 05 Muito prazer, esse sou eu.  
Isto logo fica perceptivo a todos os que acompanharam meu Blog, nesses dois últimos meses. Postagens quase diárias, sempre em busca de novos leitores, sempre procurando escrever algo sobre minha vida mas que pudessem realmente refletir com aquele que viesse a ler. Em algum tempo,
- 10 adquiri alguns leitores, digamos até que fiéis, talvez por amizade, e nem tanto pelo conteúdo, mas afinal eram leitores. Leitores esses que com certeza devem estar decepcionadíssimos comigo. Peço então a esses todos que faziam suas visitas a esse Blog, as minhas mais sinceras desculpas, por não ter apresentado nada novo durante um bom tempo. E aqueles que
- 15 conhecerem agora o Don't Forget Your Dream's, que marquem esse Blog e sempre esperem por alguma coisa nova aqui. E tanto aos novos quanto aos antigos amigos que me dêem um novo voto de confiança.  
Obrigado! Matheus Leal

No exemplo 24, fica clara a presença do *ethos* dito. Já no primeiro parágrafo, Matheus apresenta-se como: “Aquele que sempre começa algo, e no início se demonstra interessado e convicto com suas vontades, mas o tempo passa e logo começa a apresentar desinteresse e pouco a pouco abandona, seja qual for a atividade que tenha começado.” Nesse caso, ele atribui, para si mesmo, uma imagem negativa, isto é, a de alguém que não consegue concluir os projetos que inicia. Conforme revela o título do *post*, *Sorry*, o escrevente busca fazer essa apresentação de si, a fim de se desculpar com os seus co-enunciadores, com os leitores do seu *blog*, pelo fato de que levou muito tempo sem postar idéias novas ou textos interessantes.

É no segundo parágrafo do *post* que Matheus esclarece o seu objetivo, ao criar um *blog*: conseguir a adesão de novos leitores, através do texto escrito por ele. De antemão, fica clara a existência de um estereótipo inicial, já evidenciado no *post* do *blog* de Matheus – que guiará o comportamento do escrevente –, o estereótipo do escritor. Retomando um trecho do

exemplo anterior (linhas 11 e 12), objetiva-se perceber a preocupação de Matheus em criar uma imagem de si próxima ao mundo ético dos escritores, como se observa a seguir: “[...] sempre em busca de novos leitores, sempre procurando escrever algo sobre minha vida mas que pudessem realmente **reflitar** com aquele que viesse a ler. Em **algum** tempo, adquiri alguns leitores, digamos até que fiéis, talvez por amizade, e nem tanto pelo conteúdo, mas afinal eram leitores.”

Ser escritor pressupõe algumas características pessoais, com as quais Matheus se sente preocupado: ser um escritor, na acepção tradicional, significa saber se expressar muito bem através das palavras, ser criativo e capaz de prender a atenção dos leitores, elaborar um texto coeso e coerente, utilizar uma linguagem mais próxima do padrão formal etc.

No processo enunciativo, o escrevente deixa claro que se preocupa com algumas dessas questões: pretende fazer um texto criativo, diferente e interessante. Porém, outras características, também muito importantes, parecem não ser alvo da preocupação do escrevente, como a correção gramatical, os aspectos formais da língua, visto que, nos *posts* do mesmo, essas questões não aparecem de forma relevante. As palavras destacadas em negrito, no trecho acima, revelam a despreocupação do escrevente com relação a essa questão. Sendo assim, “reflitar” e “algum” fogem da regra culta. Nesse caso, o *ethos* produzido poderá ser visto pelos co-enunciadores como diferente do *ethos* visado (desejado), uma vez que o estereótipo do escritor exige uma maior preocupação com os aspectos formais da língua, coisa que não está presente no *blog* do Matheus.

Como já foi dito, Maingueneau (2006) diferencia o *ethos* visado do *ethos* efetivamente produzido, diferenciação que é evidenciada neste caso, uma vez que o Matheus pretende criar a imagem de um escritor, mas termina criando uma imagem de alguém descuidado com a linguagem, ferindo o estereótipo relacionado ao escritor.

Apesar de não revelar, claramente, a sua vontade de ser um escritor, talvez um jornalista ou colunista, o escrevente mostra-se muito interessado e preocupado em conquistar leitores e em fazer do seu *blog* uma espécie de espaço enunciativo, no qual se colocam as idéias do Matheus.

#### Exemplo 25:

Postado em 13 de agosto de 2007

- 01 (...) Desculpe se já não escrevo como antes, não que fosse um escritor, mas tinha em minha mente mais criatividade que a que tenho agora. =)

No *post* do exemplo 25, o escrevente finaliza o texto postado com a seguinte mensagem: “Desculpe se já não escrevo como antes, não que fosse um escritor, mas tinha em minha mente mais criatividade que a que tenho agora. =).” Nesse trecho, ele mostra-se preocupado com a qualidade dos textos que escreve no *blog*, porém não indica isso de forma direta, constituindo, assim, o *ethos* mostrado. Apesar de fazer uma ressalva, “[...] não que fosse um escritor [...]”, Matheus demonstra a preocupação de escrever textos criativos e que agradem os seus co-enunciadores.

Então, pode-se dizer que ele busca atender às expectativas de um auditório particular que, nesse caso, se constitui como o conjunto de leitores de seus textos, pensamentos e idéias. Preocupa-se com a opinião dos mesmos e com a reação desses ao lerem seus textos. Isso fica claro no trecho do exemplo 24 (linhas 15 a 18): “Leitores esses que com certeza devem estar decepcionadíssimos comigo. Peço então a esses todos que faziam suas visitas a esse Blog, as minhas mais sinceras desculpas, por não ter apresentado nada novo durante um bom tempo.”

No *blog* do Matheus, há outra passagem que mostra, claramente, o *ethos* dito do escrevente. No *post* do dia 31 de julho de 2007, o escrevente se considera “preguiçoso”, o que, mais uma vez, reflete a preocupação dele com a sua auto-imagem, perante os leitores de seu *blog*. Desse modo, como passou muito tempo sem postar e visitar o mesmo, ele se apresenta como preguiçoso diante dos seus leitores. O trecho deste *post* está transcrito a seguir:

Exemplo 26:

*Post* de 31 de julho de 2007

**Thank's again**

- 01 E o preguiçoso veio a postar aqui. O que será que tem acontecido com minhas idéias, será que algum alienígena, Veio a roubar minha criatividade, não sei, mas com Certeza, se eu levasse a sério, quando meus amigos
- 05 Diziam, que eu poderia ser colunista, a essa hora, já estaria no olho da rua, certamente.

O *blog* do Matheus pressupõe a figura de um fiador criativo, que se utiliza de um tom, muitas vezes irônico e crítico para enunciar-se. O escrevente ironiza a si mesmo, a sua incapacidade de concluir os projetos já iniciados, a sua falta de criatividade na postagem dos textos etc.

Retoma-se, agora, o *post* de 13 de agosto de 2007. Nele, o escrevente coloca um texto que tem um caráter quase filosófico, pois reflete sobre o tempo, a vida e as escolhas.

Exemplo 27:

*Post* de 13 de agosto de 2007

**Tarde**

- 01 E há os que digam que já é muito tarde, e os que pensam "antes tarde do que nunca", seja qual pensamento eu for adotar, fica em comum que tarde é aquele tempo em que você já deveria ter feito algo antes.  
Porém, são poucas coisas que depois de tarde, possam ser irremediáveis, ou
- 05 seja, mesmo com tanto tempo perdido e tudo atrasado, há ainda o que fazer. Existem tantas coisas que eu já deveria ter feito, em que ainda estão inacabadas, tantas coisas que eu deixei passarem, esperando pelo amanhã. E isso é natural, todos nós temos aquela mania de querer sempre deixar algo pra amanhã, e assim tudo sucede, porque sempre tem um amanhã. Só que
- 10 chega uma hora em que você olha todos os "amanhãs" que você deixou, e eles não são os mesmos, eles se tornaram em "ontens", e o tempo passa, e é exatamente nesse momento que você começa a perceber que é tarde.

O *post* anterior mostra que Matheus não pretende escrever sobre questões particulares de sua vida. O uso de indefinidos ratifica tal constatação, não detalhando alguns aspectos de sua vida. Tal *post* inicia-se com a retomada de idéias que circulam socialmente, inclusive com a inclusão de um provérbio, na linha 01, “antes tarde do que nunca”. O uso de provérbios é bastante interessante, pois reflete a filiação do enunciador à polifonia. Segundo Maingueneau (1997: 101), o indivíduo que profere o provérbio “apresenta sua enunciação como uma retomada de um número ilimitado de enunciações anteriores do mesmo provérbio”. Desse modo, ecoam em tal enunciado vozes anônimas que se fazem presentes através do provérbio e das acepções sobre o tempo tal como em “tarde é aquele tempo em que você já deveria ter feito algo”, nas linhas 03 e 04 ou ainda no enunciado “todos nós temos a mania de querer sempre deixar algo para amanhã”, linhas 09 e 10. Observa-se também que o uso da primeira pessoa do plural nós, neste enunciado, mostra que o escrevente insere-se em uma comunidade imaginária formada pelas pessoas que não sabem conviver com o tempo e terminam deixando tudo para depois. A noção de comunidade imaginária, segundo Maingueneau (2001, p.99) refere-se àqueles que comungam na adesão a um mesmo discurso. Neste caso, Matheus mostra que comunga com aqueles que deixam tudo para depois.. Ao mesmo tempo, o *post* pressupõe a incorporação dos co-enunciadores a tal comunidade, uma vez que a primeira pessoa do plural inclui tanto o escrevente, quanto o auditório para o qual ele destina seus *posts*.

Algo que chama a atenção no *blog* de Matheus é a ampla interação que existe entre as postagens do mesmo e os seus co-enunciadores. Na verdade, o referido *blog* é visitado pelos seus amigos e pelos amigos de seus amigos, que, esporadicamente, comentam os *posts* escritos por ele. No *post* de 20 de novembro de 2007, intitulado “Eu sempre esqueço de por título, é que na verdade eu nunca sei um título bom”, há oito comentários de leitores que se identificam com o conteúdo ali postado ou que tem por objetivo debatê-lo. Com o intuito de exemplificar a forma como os leitores do *blog* interagem com o escrevente, colocam-se alguns dos comentários feitos pelos mesmos, a fim de que seja possível analisá-los:

Exemplo 28:

**Arne Balbinotti disse...**

- 01 Oi menino tudo bem com vc?  
 (..)Bom, as vezes eu tambem nao sei que título por, as vezes acho algum que se identifique com o texto e quando eu nao consigo um titulo bom, leio o texto que escrevi e tento tirar dele alguma frase ou junto duas ou três palavras para representa-lo.  
 Mas nao fique sem postar de novo ok

Exemplo 29:

**Homossexual e Pai disse...**

- 01 não conseguir por um bom titulo não é uma questao só sua. muitos autores, Pintores, escultores simplesmente não poe nome nenhum em suas obras! quer uma sugestão? comece a numera-las!  
 abs!

Nos dois comentários postados anteriormente, os co-enunciadores dialogam com o escrevente sobre o título do *post*, já que ele diz que sempre esquece de colocá-lo, pois nunca sabe como fazê-lo. Nesses comentários, os co-enunciadores revelam que, como escritores de *blogs*, também sentem a mesma dificuldade de Matheus. No primeiro *post*, o co-enunciador sugere ao escrevente algumas técnicas, para se colocar um título no texto, tais como: retirar dele alguma frase, duas ou três palavras etc. Há, no final do *post*, uma cobrança do co-enunciador, que pede ao escrevente para que ele não deixe de escrever de novo por muito tempo: “[...] não fique sem postar de novo, ok?”

No segundo comentário, o co-enunciador sugere que o escrevente não deve se preocupar com o fato de não conseguir achar títulos que se ajustem ao seu texto. Ele também oferece uma sugestão para Matheus, indicando que esse deve começar a numerar as postagens, quando sentir dificuldade de colocar um título para representá-las.

Os comentários dos co-enunciadores aqui postados revelam que o discurso do escrevente está sendo regulado pelas expectativas dos mesmos, e também pelo auditório universal, que, baseado em estereótipos, pode atribuir uma determinada característica às postagens do escrevente.

Ao contrário de conceber a Internet como um *locus* amplamente democrático, no qual existe a grande facilidade de acesso e postagem de informações diversas, considera-se, aqui, que esse espaço oferece, assim como todo e qualquer espaço discursivo, restrições dadas pela própria situação de interação: quem fala, para quem fala, de que posição discursiva fala, o que pode e deve ser dito naquele espaço discursivo etc.

#### 6.2.4 O *Blog da Maryan*

A imagem a seguir reflete a capa do *blog* da Maryan, que também constitui os *corpora* desta pesquisa. Esse *blog* diferencia-se dos demais, principalmente, por alguns elementos como imagens, fotos e uso da linguagem. Desse modo, enquanto em alguns dos *blogs* supracitados, como o da Karoletes e até mesmo o da Deisinha, os escreventes preocupavam-se em ligar seu discurso a um mundo ético mais próximo ao dos adultos, evitando, com isso, o uso de elementos que vinculariam o seu *blog* a um mundo ético mais adolescente, o *blog* da Maryan quebra com esse padrão e traz à tona uma cenografia com muitas imagens de desenhos animados japoneses, *emoticons*, dentre outros. Há, no *blog* da Maryan, a quebra do estereótipo que estabelece as regras comportamentais do adulto, e o funcionamento de outro estereótipo que regulará a enunciação da mesma. O mesmo é a representação genuína do *blog* diário, que, adaptado ao meio digital, carrega características próprias, como se pode verificar através das figuras 13,14: e 15

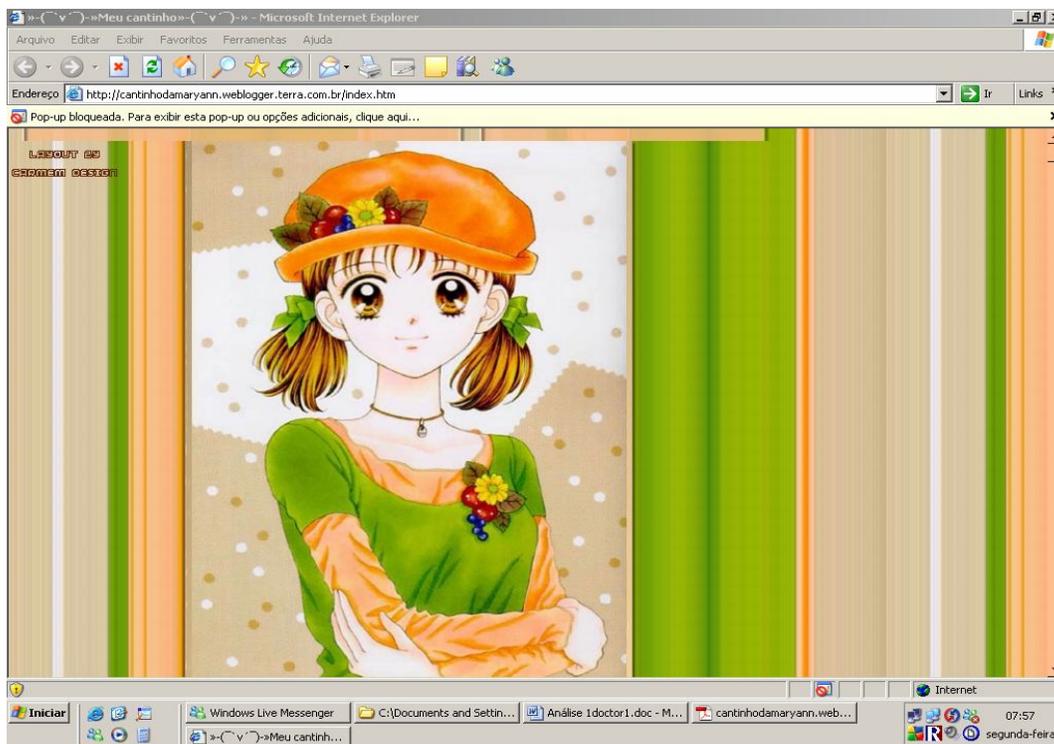


Figura 13: Capa do *blog* da Maryan



Figura 14: Imagem postada no *blog* da Maryan



Figura 15: Imagem animada postada no *blog* da Maryan

Ao se observar, pela primeira vez, tal *blog*, antes mesmo de ter acesso ao conteúdo textual do mesmo, tende-se a considerá-lo como um *blog* de adolescente e supõe-se que a escrevente seja uma legítima representante das garotas dessa fase, que colecionam agendas ou adesivos coloridos. Há aí a constituição do *ethos* pré-discursivo, que poderá ou não ser confirmado, no decorrer da situação enunciativa digital, na qual o *blog* é gestado e compartilhado com milhares de internautas, que acessam diariamente a rede. A presença de elementos antes evitados nos *blogs* dos pré-universitários analisados anteriormente, tais como as imagens animadas, a linguagem menos cuidadosa e menos formal, é que leva o co-enunciador a construir tal imagem pré-discursiva do *blog* da Maryan. Portanto, é possível afirmar que o *ethos* pré-discursivo, ou seja, a primeira imagem que o co-enunciador forma da enunciatória, antes mesmo que essa tome a palavra e enuncie, pode ser relacionado ao que propõe a cenografia do *blog*: a imagem de uma menina muito mais ligada aos valores do mundo ético adolescente do que àqueles ligados ao mundo ético adulto.

Assim, no caso do *blog* em questão, pode-se perceber que a escrevente filia seu discurso a um mundo ético mais adolescente, apesar de estar fazendo pré-vestibular. Neste caso, há a quebra do estereótipo da maioria que regula a expectativa social em relação a pertencer ou não aderir ao mundo ético dos adultos.

Vê-se, então, que o estereótipo da adolescente direciona a constituição do *ethos* da escrevente nesse *blog*. No campo do *ethos* discursivo, nota-se que a escrevente não se preocupa em desvincular sua imagem da de uma adolescente. Assim, mostra-se, no fio do discurso, como uma adolescente sonhadora, que ainda não se preocupa em se auto-afirmar como adulta, apesar de já ter vinte anos.

O *blog* da Maryan constitui-se como um espaço de interação direta com os amigos, pois é uma espécie de caderno de notícias de uma estudante pré-universitária, destinado a seus leitores. Nesse espaço, ela fala das atividades com as quais se envolve, das aulas de inglês, das gincanas da escola etc., sempre estabelecendo um diálogo direto com os co-enunciadores. Esse *blog* reflete o registro das atividades cotidianas da escrevente e representa o típico diário pessoal, no qual as escreventes revelam não apenas pensamentos, reflexões ou crônicas de autoria própria.

Exemplo 30:

*Post* de 05 de outubro de 2004

- 01 Eu vim aki contar uma coisa chata para **vcs**, **pq** hoje não é o meu dia de sorte!!!!!! 🙄🙄🙄🙄🙄 O meu amigo estava de gaiato me esperando na parada de ônibus à noite e nem vi ele, né? Na hora q eu e minha mãe estávamos entrando no açougue, ele apareceu na porta do açougue e vim **aki** pra minha casa com ele! Depois q ele foi embora, o povo disse q eu estava traindo o Jonathas e disse q não estava traindo e o povo ainda insiste!

Exemplo 31:

*Post* de 11 de outubro de 2004

- 01 Eu vim aki falar q este final de semana foi ótimo! Sábado eu fui pro casamento da Monelly e fui pra festa! Nem fiquei no comecinho da festa q os meus pais me apressaram para ir embora pra casa, mas **td** bem! No outro sábado vai ter a festa da irmã da Monelly, a Monique! Sábado é o aniversário dela e não vou perder essa!

Exemplo 32:

*Post* de 1 de outubro de 2004

**Sintomas de Pobreza e os Efeitos Dela**

- 01 **01.** Levar sopa na garrafa térmica  
**02.** Tomar cerveja em copo de requeijão  
**03.** Ir em casamento com camisa de time de futebol  
05 **04.** Andar com aquela carteira profissional ensebada no bolso de trás  
**05.** Falar para os amigos na praia – “Quero ver se você faz isso” – e dar aquela cambalhota  
10 **6.** Esquentar a ponta da Bic para ver se ela volta a escrever  
**07.** Fazer pacote com bolo e brigadeiro para entregar na saída do aniversário  
(.....)

Os exemplos 30 e 31 mostram a tônica do discurso da Maryan, presente em seu *blog*: a revelação de elementos da vida cotidiana, as atividades de lazer, as fofocas e os acontecimentos rotineiros. Neles, pode-se notar a pouca preocupação com o uso da linguagem mais formal e o uso do internetês, na construção do *ethos* do enunciador. Reproduz-se, nesse *blog*, o uso de abreviaturas, frases curtas, características próprias da linguagem usada na Internet. Ícones semióticos, como os que estão presentes no *post* do exemplo 31 🙄🙄🙄🙄🙄, também são parte constituinte do internetês e objetivam expressar emoções, aproximando-se dos aspectos prosódicos da oralidade prototípica. As expressões destacadas em negrito (destaque nosso) nos *posts* 30 e 31 já mostram o uso dessa linguagem. No entanto, a

escrevente evita o uso de palavras homofônicas e da escrita com tendência fonética (aquela que reproduz na sua ortografia o som das palavras).

No *post* do exemplo 30, observa-se como o meio enunciativo digital pode oferecer restrições na esfera enunciativa, uma vez que circula para milhares de internautas de todo o mundo, e tudo o que for escrito no *blog* pode ser lido por qualquer pessoa. Ciente de que seu namorado iria ler a postagem do *blog*, Maryan, nas linhas 05 e 06 do referido exemplo, mostra a preocupação em afirmar que foi vítima de uma calúnia: ter traído o namorado Jonathas com um amigo.

O exemplo 32 ilustra o *ethos* mostrado da escrevente que se coloca com afastamento em relação à pobreza, não se inserindo em tal mundo ético. Baseado no estereótipo da pobreza e reproduzindo uma formação discursiva corrente na sociedade capitalista ocidental de que pobreza é sinônimo de feiúra, de sujeira, de malandragem e cafonice, o *post* do referido exemplo visa gerar o riso em seus co-enunciadores. O *post* classifica como pobres ou ainda como candidatos à pobreza as pessoas que colam “dinheiro com durex ou com fita isolante deixando aquela faixa”; “lambem a tampa metálica do iogurte”, dentre outras atitudes condenáveis por aqueles que não se inserem em tal mundo ético.

A formação discursiva que embasa tal *post* relaciona-se com a formação ideológica que concebe a pobreza não como o fruto da desigualdade social que deve ser superada, mas como a encarnação de todo o mal, de tudo o que é ruim, cafona, e que precisa, portanto, ser excluído.

Apesar de se colocar numa posição de crítica à pobreza e de afastamento do mundo ético dos pobres, consoante se observa no exemplo 32, a escrevente indica, no plano do *ethos* mostrado, em alguns trechos do *blo,g* que não é rica, pois freqüentemente é privada do lazer por falta de dinheiro. Isso pode ser observado nos trechos dos *posts* citados a seguir:

Exemplo 33:

*Post* de 21 de setembro de 2004

- 01 Boa Tarde, galera!!!  
Eu não vou deixar a mensagem pro meu irmão, mas eu desejo Parabéns, muitas felicidades e mtos anos de vida! E q esta data se repita por mtos e mtos anos!!!
- 05 Agora eu nem sei como é q está o Jonathas, pq eu não posso ligar, pq é interurbano e fica mais caro, então deixei pra ligar no Domingo! Fazer o q, né?

Exemplo 34:

*Post* sexta-feira, 24 de setembro de 2004

- 01 Talvez domingo eu vou pro clube de novo, mas ainda não é certeza!  
Primeiro eu vou ver se tenho dinheiro! Se não tiver, nem adianta! Mas se  
bem q domingo eu tenho simulado, mas vai se quiser! Não tem chamada  
05 não e tbm nem td mundo vai! Se caso eu não for pro clube, talvez eu vou  
fazer esse simulado!

No *post* dia 24 de setembro de 2004 ela diz o seguinte: “Talvez domingo eu vou pro clube de novo, mas ainda não é certeza! Primeiro eu vou ver se tenho dinheiro! Se não tiver, nem adianta!” Neste trecho ela condiciona a ida ao clube ao fato de ter dinheiro, gerando um *ethos* diferente daquele requerido pela postagem do exemplo 32, quando se colocava numa posição de distanciamento em relação à pobreza. Já no *post do* dia 21 de setembro de 2004, a escrevente revela a mesma imagem quando afirma: “Agora eu nem sei como é q está o Jonathas, pq eu não posso ligar, pq é interurbano e fica mais caro, então deixei pra ligar no Domingo! Fazer o q, né?”

Assim, o meio enunciativo digital, do qual faz parte a Internet e dentro do qual se insere o hipertexto e os gêneros digitais, possui regras internas, que restringem e direcionam o discurso do enunciador. A construção do *ethos* subordina-se também a essas restrições, visto que, para construir uma imagem de si, os escreventes revelam, no *blog*, apenas aquilo que pode ser dito e mostrado, para atender às expectativas de seus co-enunciadores.

O espaço intitulado “Meu perfil”, no *blog* da Maryan, traz a auto-caracterização da escrevente, que constitui o *ethos* dito. A seguir, coloca-se um trecho do texto postado nesse espaço, que serve como base para a análise da constituição do *ethos* dito:

Exemplo 35:

Trecho do *Post* meu perfil

- 01 **Meu sonho:** Casar, ir para Salvador, Fortaleza e Três Ranchos e ir para a faculdade  
**Meu prato preferido:** Batata-frita, feijão, peixe frito, alface, frango frito, bife de fígado, etc...
- 05 **Minha paixão:** Meu namorado e meus bichinhos de pelúcia  
**Defeitos:** Ser chata, escandalosa, ficar com raiva de qualquer coisinha e ser lerda demais  
**Manias:** Estudar em cima da minha cama e escrever por enquanto eu tiver

falando.  
(.....)

O *ethos* dito refere-se, como se sabe, às características do enunciador, que diz ser isso e não aquilo, postulando para si uma dada imagem em detrimento de outra. No exemplo 33, no subitem defeitos, a escrevente se define como chata, escandalosa e impaciente (fica com raiva por qualquer coisa). Nesse exemplo, Maryan também enumera seus gostos pessoais, a paixão pelo namorado, as manias e os sonhos. Com relação ao *ethos* mostrado, pode-se afirmar que a escrevente revela-se uma pessoa comunicativa e popular, uma vez sempre aparece em seus *posts*, saudações para seus co-enunciadores ou ainda diálogos bem marcados com seus amigos e leitores do *blog*, com enunciados como: “Boa tarde galera, Eu estou com mais de 2000 visitas! Eu quero q vcs continuem visitando, viu?”

Na maioria das postagens do *blog* da Maryan existem expressões como “Como é q vcs estão?” ou ainda “Como é q foi o final de semana de vcs?”, colocadas nos *posts* do dia 16 e 13 de setembro de 2004, que objetivam interpelar os co-enunciadores, visando estabelecer com eles um diálogo explícito. Os respectivos *posts* estão colocados a seguir:

Exemplo 36:

Postado em 16 de setembro de 2004

01 Boa Tarde, gente!  
Como é q vcs estão? Eu estou meia preocupada ainda do q aconteceu com o Jonathas, pois os malandros continuam perseguindo ele!...

Exemplo 37:

Postado em 13 de setembro de 2004

01 Boa Tarde!  
Como é q foi o final de semana de vcs? O meu foi mto legal, pq eu fui pro clube sábado, mas como eu disse ontem, eu soube de uma notícia ruim q o filhinho do meu primo lá de Pires do Rio faleceu!

Este aspecto configura o *blog* como um gênero amplamente interativo que estimula a autoria coletiva das mensagens e dos textos. Nos *blogs* a heterogeneidade é bastante explícita, uma vez que a voz do outro aparece diretamente, a partir da própria interferência dos

enunciadores, que colocam suas opiniões e observações, dialogando explicitamente com os blogueiros.

Ressalta-se também o fato de que as condições de produção dos *blogs* ampliam sua carga interativa, uma vez que se pode instituir marcadamente a opinião do outro, sem uma censura prévia, no próprio *blog*, devido ao programa computacional que possibilita a criação de *blogs*.

### 6.2.5 O *Blog* da Naneh

A imagem a seguir mostra a capa do *blog* da Naneh, uma jovem universitária que mora no Rio de Janeiro e que escreve um *blog* para compartilhar alegrias e tristezas com seus amigos. Vale ressaltar que tal imagem reflete a capa do *blog* que possui as postagens mais recentes, uma vez que as mais antigas são armazenadas em *links*, organizados em ordem cronológica.



Figura 16: Capa do *blog* da Naneh

No campo do *ethos* pré-discursivo, pode-se dizer que o *blog* da Naneh, à primeira vista, apresenta-se com uma cenografia com elementos sóbrios, sendo um *blog* simples, sem muitos ícones semióticos, como *emoticons*, mas com fotos da enunciativa e também de seus

amigos. Quando se entra em contato com tal *blog*, tem-se a imagem de uma fiadora mais amadurecida e não de uma adolescente. A foto da enunciativa, postada no *blog*, dirige a construção de uma imagem pré-discursiva e da imagem da fiadora, uma vez que os atributos físicos, revestidos na corporalidade da enunciativa, são observados, a partir dos parâmetros apontados pela foto e não são completamente livres, como no caso dos textos escritos que não possuem fotos dos enunciadores. Trata-se de um *blog* que pretende ser o espaço no qual a escrevente expõe suas idéias, sem, no entanto, escancarar sua intimidade.

No campo discursivo, há a manutenção da idéia inicial postulada pelo *ethos* pré-discursivo (que postula a imagem de uma garota madura), visto que tal imagem é ratificada quando as postagens do *blog* mostram a figura de uma estudante pré-universitária, que demonstra uma preocupação com o uso da linguagem mais formal, refuta o uso do internetês e o uso de muitos ícones semióticos, revelando, em seus *posts*, como ocorreu em outros *blogs* já analisados, questões que levam à reflexão sobre a vida, conforme se pode observar no exemplo a seguir:

#### Exemplo 38:

01 Pois bem falarei do que quero, são tantos conflitos que passamos, coisas bobas, coisas não tão bobas, prometi que não faria mais pergunta alguma e mesmo que, como ontem, meus dedos e língua cocem, vou cumprir

Algo que chama a atenção, inicialmente, na análise desse *blog* é a frase de chamada, estampada logo na página principal do mesmo, que diz: “isso aqui é meu, de quem eu quero q leia e do meu público imaginário que tem passagem livre.”

Nessa frase de chamada, a blogueira indica o grupo particular para o qual dirige seu discurso: ela pretende que o *blog* seja lido por algumas pessoas (“quem ela quer que leia”) e também pelo que chama de “público imaginário”, que é composto por pessoas conhecidas, por amigos dos amigos etc., para os quais as mensagens do *blog* serão dirigidas.

Naneh é uma garota muito religiosa. Em alguns *posts* do seu *blog*, há referência à igreja da qual faz parte. Ela fala das missas, dos encontros e retiros espirituais dos quais participa, juntamente com o grupo de jovens ao qual pertence.

Assim sendo, nesse *blog*, pode-se ver que, além do estereótipo da estudante universitária, há outro estereótipo que regulará as expectativas dos co-enunciadores em relação ao discurso da escrevente, no que diz respeito à criação de uma imagem de si: o de uma garota religiosa. O estereótipo que circula, socialmente, sobre as pessoas religiosas

postula a idéia de que as mesmas devem seguir determinadas normas e regras, para que sejam assim reconhecidas. Portanto, uma garota religiosa deve se comportar em concordância com a doutrina de sua religião, seguindo as normas e as leis de sua Igreja. A escrevente é católica e pratica o catolicismo assiduamente. Esse fato cria uma expectativa nos leitores de seu *blog* e é nesse ponto que repousa o funcionamento da construção do *ethos* discursivo: o estereótipo dirige a formação de uma auto-imagem, através da relação entre o *ethos* dito e mostrado.

Exemplo 39:

Postado em 16 de março de 2008

**Missa de Ramos**

01 Acordei completamente morgada e obviamente me atrasei para missa, mas foi bem pouquinho, a celebração foi incrível, encontrei as meninas [Nany e Ju] apertei, abracei só não me despedi porque não as vi indo embora [=]/...

Exemplo 40:

Postado em 14 de novembro de 2008

01 Retiro, ontem foi um dia ruim, pelo menos consigi chegar a tempo da Adoração, que estava precisando muito! Foi tudo complicado em relação ao retiro, na verdade está sendo, queria passar no mercado ainda, mas acho q vou levar dinheiro mesmo, sem condição de levar compras...

Os *posts* que citam eventos religiosos dos quais a escrevente participou mostram que esses são, para ela, mais do que um momento para expressar a fé em Deus, pois são momentos para compartilhar amizades e encontrar o próprio grupo de jovens que frequenta a mesma Igreja. Há aí um momento de conflito entre o pré-construído, instaurado no estereótipo, e aquilo que se manifesta, concretamente, no discurso, contradizendo, em alguns aspectos, o estereótipo da garota religiosa, uma vez que tal estereótipo postula a idéia pré-concebida de que religião não combina com encontros festivos. Essa contradição está ainda melhor explicitada no exemplo a seguir:

Exemplo 41:

Postado em 10 de março de 2008

01 (...) voltando a festa, comida, risadas, algumas boas músicas, depois galerão na praça tomando gelada [2º dia bebendo as custas dos outros, tsc tsc,...]

O *post* anterior mostra que a escrevente possui um grupo de amigos, com o qual compartilha festas, músicas e bebida. Esse fato vai de encontro ao estereótipo da garota

religiosa, representando uma contradição entre o *ethos* pré-discursivo e o discursivo. Os leitores do *blog* que conhecem a enunciativa esperam ler coisas ditas sob a voz de uma garota religiosa, cujo estereótipo se distancia do gosto por festas. Os que não a conhecem, mas lêem, no seu *blog*, os *posts* sobre a Igreja e as festas religiosas das quais participa, terminam por criar também a mesma expectativa.

Exemplo 42:

Postado em 15 de março de 2008

01 [...] é impressionante como até em coisa de igreja temos que aturar cantadas:  
"Colega isso tudo é seu ou maribondo te mordeu?" admito essa me fez rir,

No trecho do *post* do dia 15 de março de 2008, a escrevente afirma: “é impressionante como até em coisa de igreja temos que aturar cantadas”. O seu discurso mobiliza elementos da memória discursiva dos co-enunciadores, nos quais se destacam o que, legitimamente, pode ocorrer dentro de uma igreja. Neste caso, a cena de fala pressupõe a existência de determinadas características que se ligam à Igreja e aos religiosos: celebração de missa, de ritos religiosos em geral etc. Cantadas não fazem parte do mundo ético dos religiosos e, se colocando na posição de uma garota religiosa que compartilha dos dogmas e das regras comportamentais da igreja, a escrevente estranha que tenha recebido uma cantada na Igreja.

Entretanto, como se vê no *post* anterior, a escrevente não se furta a construir uma imagem de si, tendo em vista a representação de um comportamento comum à maioria dos estudantes universitários, ou seja, comida, risada, músicas e bebida fazem parte do *ethos* dito e se refletem no *ethos* mostrado, a partir da representação da imagem da escrevente, materializados na maneira de se vestir e de se apresentar, fisicamente, perante seus amigos.

No *post* a seguir, no exemplo 43, a escrevente revela-se triste e amargurada, mas não compartilha com seus co-enunciadores o motivo de tal tristeza. A figura de uma fiadora, marcada pela decepção e angústia, desenha-se neste *post*, que é recheado de enunciados, indicando a existência de coisas que não podem ser reveladas no *post*, nem no *blog* da escrevente, como se vê nos enunciados: “[...] o sonho acabou e com ele a minha crença na minha própria capacidade, [...] dentro de mim as coisas pouco mudaram e eu não sei quanto tempo vou demorar para me recuperar por completo, [...] só queria que as coisas fossem menos doídas, [...]”.

No final do *post*, há um enunciado que evidencia a preocupação da escrevente com a sua imagem de estudante universitária: “[desculpem os erros ortográficos, e as repetições,

minha cabeça não está boa]”. Percebe-se aí a influência do estereótipo da estudante universitária que, para ser reconhecida como tal, precisa dominar a língua padrão.

Exemplo 43:

Postado em 11 de março de 2008

- 01 Ontem não estava em condição de escrever nada, o dia esperançoso se transformou num dos mais fatídicos dias que eu poderia ter tido, o sonho acabou e com ele a minha crença na minha própria capacidade, eu me transformei em um mar de tristezas e consegui emitir alguns poucos sorrisos
- 05 apenas a noite, o que na verdade é um grande disfarce porque dentro de mim as coisas poucam mudaram e eu não sei quanto tempo vou demorar para me recuperar por completo, mas o mundo não para e eu preciso tirar forças de algum lugar, afinal sempre fui guerreira, e agora preciso mais do que nunca disso. A minha vida prossegue embora eu não saiba o que fazer
- 10 daqui pra frente, quem sabe um dia eu descubro...mas as vezes só queria que as coisas fossem menos doídas, como exemplo eu podia ter perdido minha chance de primeira e evitado essa esperança e agonia que no fim acabaram me fazendo desacreditar em mim mesma.
- [desculpem os erros ortográficos, e as repetições, minha cabeça não está boa]

Na linha 09, no enunciado “A minha vida prossegue embora eu não saiba o que fazer daqui pra frente”, a conjunção adversativa embora, reforça a imagem de uma fiadora que se encontra perdida, desolada e triste.

O uso da língua também é fundamental para a construção do *ethos* da escrevente, já que a mesma modifica a linguagem que utiliza em função da proximidade do vestibular. A condição de pré-universitária, em 2006, e de universitária, em 2008, vai, portanto influenciar na formalidade ou informalidade no uso da língua.

Lança-se mão do exemplo a seguir para esclarecer tal questão:

Exemplo 44:

Postado em 30 de novembro de 2006

- 01 sabe *qdo* a insônia e a preocupação viram extase??? uhahuahua...é bom **d+**, to felizona...kkkkkkk acho q *naum* tirei uma nota super hiper alta na prova **d hj**, + passar eu
- 05 passei, e o pior é ter absoluta certeza **d q** se eu tivesse me esforçado um pouquinho eu teria passado, isso q dá querer vagabundear o ano inteiro, + quem sabe eu aprendo a lição...rsrsrs depois **shopps**, só p/ acompanhar *mamis* na sessão **d quimi**..., + acabou q saí d lá c/ um belo vestido e um tenis + bonito ainda...rsrsrs...

No *post* do dia 30 de novembro de 2006, há o uso constante do internetês. A escrevente utiliza muitas palavras abreviadas e uma escrita com tendência a reproduzir a forma como se fala, característica própria da linguagem utilizada na Internet. Direcionado pela necessidade de se escrever rapidamente, uma vez que, na Internet, ocorre a publicação instantânea das mensagens escritas, o internetês é marcado por uma enorme quantidade de abreviaturas e as palavras são escritas, tendo como base suas características fonéticas, dentre outros. Os itens do exemplo anterior, destacados em negrito, mostram que a escrevente usa o internetês, com naturalidade, em seu *blog* e domina bem esse tipo de linguagem, mas a evita, quando passa a ser pré-universitária.

Apesar dessa preocupação que passa pelo uso da língua, a escrevente, mesmo tendo passado no vestibular de pedagogia, compartilha nas postagens mais novas, de elementos próprios do internetês, mas não os utiliza com muita frequência. Assim, elementos semióticos específicos de tal linguagem são utilizados nesse *blog*, preenchendo diversas funções comunicativas, como se pode observar nos itens semióticos a seguir, usados pela escrevente:

Ícones semióticos	Significado
[=/] ou =/	Tristeza
[\o/] ou \o/	Sorriso
=)	Alegria

Quadro 5: Ícones semióticos usados por Naneh, em seu *blog*, com seus respectivos significados.

### 6.2.6 O *Blog* da Nicole

A imagem a seguir reflete a capa do *blog* da Nicole, estudante de Jornalismo, de dezoito anos. Nela, mostram-se várias pessoas, interagindo de muitas maneiras e revelando a grande diversidade própria da sociedade pós-moderna<sup>22</sup>. A imagem relaciona-se muito com a atividade do jornalista, que precisa estar atento às mudanças e à diversidade do mundo e da sociedade.

<sup>22</sup> O termo pós-modernidade refere-se à configuração social do capitalismo pós-industrial. Tal configuração é marcada pela ampla difusão tecnológica, dos quais a Internet, os meios de comunicação em massa fazem parte e também pela tendência à publicização do privado. Segundo Bauman (1999) tal sociedade é caracterizada por uma flexibilidade temporal, um tempo-espaco flexível, onde o sujeito deve saber se “mover” para nela se inserir.

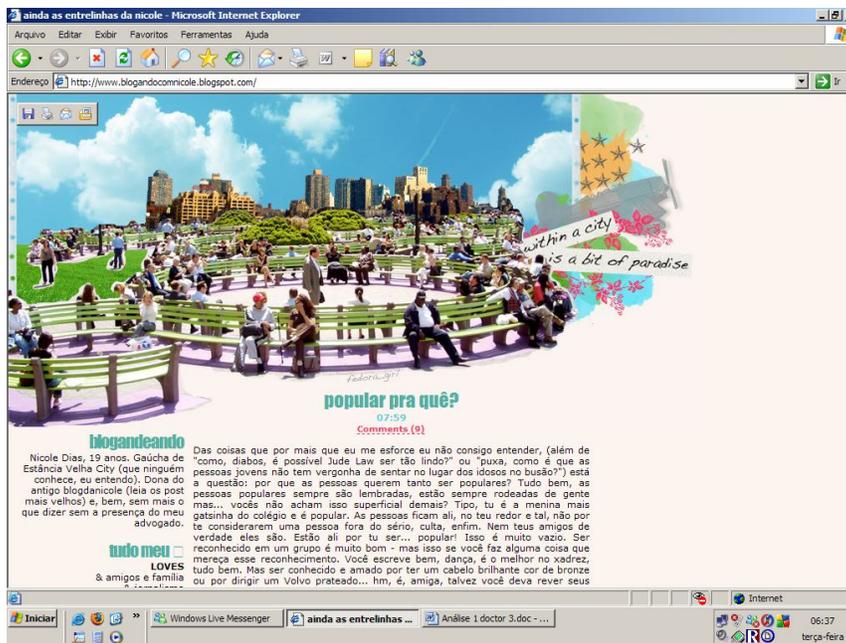


Figura 17: Capa do *blog* da Nicole

Sob o título “Entrelinhas”, o *blog* da Nicole objetiva ser um espaço, no qual a enunciativa exercita sua atividade acadêmica. Nele, ela posta contos, crônicas e reflexões sobre o comportamento social dos indivíduos e sobre o sentido da vida.

O referido *blog* pretende funcionar como uma “carta de apresentação” da escrevente, que, enquanto estudante de Jornalismo, precisa possuir algumas características, como: saber e gostar de escrever, utilizar uma linguagem clara etc.

A construção do *ethos* da escrevente é regulada pelo estereótipo da “estudante de Jornalismo” e os co-enunciadores do *blog* esperam que ela se apresente, discursivamente, como tal. Assim, a mesma escreve mensagens com tom de humor, compartilhando, com seu auditório particular, o domínio da norma culta e o gosto pela escrita.

Nesse *blog*, há a apresentação bastante clara do *ethos* dito, a partir do momento em que a enunciativa afirma, em vários *posts*, ter determinadas características em detrimento de outras, como se pode observar no exemplo a seguir:

Exemplo 45:

### **popular pra quê?**

- 01 Das coisas que por mais que eu me esforce eu não consigo entender, (além de "como, diabos, é possível Jude Law ser tão lindo?" ou "puxa, como é que as pessoas jovens não tem vergonha de sentar no lugar dos idosos no busão?") está a questão: por que as pessoas querem tanto ser populares?

- 05 Tudo bem, as pessoas populares sempre são lembradas, estão sempre rodeadas de gente mas... vocês não acham isso superficial demais? Tipo, tu é a menina mais gatinha do colégio e é popular. As pessoas ficam ali, no teu redor e tal, não por te considerarem uma pessoa fora do sério, culta, enfim. Nem teus amigos de verdade eles são. Estão ali por tu ser... popular!
- 10 Isso é muito vazio. Ser reconhecido em um grupo é muito bom - mas isso se você faz alguma coisa que mereça esse reconhecimento. Você escreve bem, dança, é o melhor no xadrez, tudo bem. Mas ser conhecido e amado por ter um cabelo brilhante cor de bronze ou por dirigir um Volvo prateado... hm, é, amiga, talvez você deva rever seus conceitos. **Eu tenho uma porção de**
- 15 **amigos, dos mais diversos grupos, mas não gosto de me considerar uma pessoa "popular". Embora eu faça amigos com facilidade e as pessoas me conheçam mais do que conheço elas, sou aceita e querida e entre os meus, e isso para mim já é mais que o suficiente. E embora minha pose de deusa esteja nacionalmente conhecida, jamais deixarei a fama e a**
- 20 **popularidade me subirem à cabeça (ok, zoei agora AHEAHEO).**

O *post* do exemplo 45 foi escrito em um tom crítico. Nele, a escrevente pretende refletir sobre o que é ser popular e qual a importância disso para a sociedade pós-moderna. Segundo ela, ser popular é sinônimo de ser fútil, uma vez que a popularidade faz com que as pessoas sejam admiradas pelo seu *status* ou condição social e não pelo que elas realmente são, pelo seu talento ou sua capacidade.

Nas linhas 02 a 04, desviando um pouco do tema central do *post*, a escrevente coloca dois outros questionamentos que, conforme ela, também são difíceis de compreender. Tais questionamentos mobilizam o conhecimento de mundo dos co-enunciadores, uma vez que se espera que eles saibam quem é Judie Law ou que saibam que, no Brasil, o hábito de jovens desrespeitarem o direito adquirido pelos idosos, sentando-se no lugar que, legalmente, é a eles reservado nos ônibus, é prática comum.

Nas linhas 13 a 15 destaca-se um enunciado com um tom professoral. Neste caso, a escrevente cria uma imagem de alguém que tem muito a ensinar e pode dar conselhos sobre o modo de comportamento dos co-enunciadores, conforme se observa no seguinte enunciado: “mas ser conhecido e amado por ter um cabelo brilhante cor de bronze ou por dirigir um Volvo prateado... hm, é, amiga, talvez você deva rever seus conceitos”.

Conforme Bakhtin(1997, p. 113): “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.” Desse modo, toda enunciação é social, e os sentidos são ancorados também na esfera social. Assim, atribui-se sentido ao enunciado que questiona o fato de algumas pessoas não terem vergonha de sentar no lugar reservado aos idosos nos ônibus, a partir do momento em que se conhece, a partir da experiência em sociedade, o direito

adquirido dos idosos a cadeiras reservadas nos ônibus. Esses sentidos também não são fixos, mas estão ligados a formações discursivas diversas que se encontram em constante embate e relação. Há uma formação discursiva em que se coloca o idoso como detentor legítimo de direitos especiais e outra que não reconhece tal legitimidade, uma vez que considera o idoso como uma pessoa comum, que pode ser tratado como qualquer outro cidadão. O interdiscurso também funciona aí para estabelecer o sentido do enunciado, que no *post* tem uma conotação negativa: tudo o que já foi dito sobre o idoso, os direitos conquistados pelos mesmos nas últimas décadas, a luta dos aposentados por melhores condições de vida, funciona no momento da geração do sentido.

Voltando ao *post* em geral, nota-se que nele, a escrevente revela, através do *ethos* dito, que não é popular, apesar de comentar que tem muitos amigos, com os quais possui um ótimo relacionamento. A blogueira ainda revela desinteresse em ser considerada “popular”, visto que, para ela, essa expressão ganha uma conotação negativa. Ser popular é estar rodeado de gente, mas é também algo fútil, como explicitado no *post*. Assim sendo, almejando fugir da imagem de que é uma garota popular igual às outras, a escrevente afirma, através do *ethos* dito, que: “Eu tenho uma porção de amigos, dos mais diversos grupos, mas não gosto de me considerar uma pessoa “popular””.

Nos *posts* seguintes, também podem ser encontrados trechos do *ethos* dito, colocados de maneira clara pela escrevente, em que ela tenta estabelecer uma imagem positiva de si, construindo, através de um tom de descontração, a imagem de uma fiadora divertida, bem-humorada e alegre. Essa imagem pode ser ainda melhor observada, quando se analisa o próximo *post*, no qual o tom humorístico é bastante visível e a imagem da fiadora é alegre e divertida, confirmada pela foto da mesma, postada no início da mensagem, como se vê a seguir:

Exemplo 46:



### **desperte a deusa em você**

- 01 Quem me conhece sabe que eu sou uma pessoas de manias e invencionices. Tipo ler com os pés para fora da sacada, executar dancinhas irlandesas em momentos de extrema alegria, dizer que vou me entupir de chocolate e comer apenas um Stikadinho, chamar pessoas (inclusive mais novas que eu)
- 05 de tio, enfim. Mas nunca, na extensa e incrível história da minha vida (que, vejam bem, já tem quaaase duas décadas!) uma mania se tornou algo tão... grande. Tipo uma febre, uma tendência. Estou falando, é claro, da Pose de Deusa. Agora, para explicar essa mania que já saiu de Estância Velha City (onde?) para o mundo, entrevistarei a pessoa ícone do movimento: eu
- 10 mesma.

**N: - Me diz aqui, Nicole, de onde surgiu essa tal de Pose de Deusa?**

- N: - Olha, começou, tipo, do nada. Nem sei dizer o momento exato em que começou. Só sei que no início desse ano, quando eu dizia que ia fazer chapinha no cabelo, dizia que ia ficar linda e lisa, como uma deusa
- 15 (inspirada naquela musiquinha). Dai comecei a fazer desfiles de deusa, sorrisos de deusa e, então, a pose de deusa.

**N: - E como é, diabos, a Pose de Deusa?**

- N: - Muito simples, cara Nicole. Basta colocar a mão direita na cabeça, a mão esquerda na cintura e fazer uma cara sorridente e confiante, como uma
- 20 deusa.

**N: - Qualquer um pode fazer a Pose de Deusa?**

- N: - Bom, eu acredito que sim. Qualquer pessoa que possua dois braços está apta a fazer. Só que, sei lá, os homens meio que não gostam dessa pose. Eles acham que ficam meio... gays. Mas as mulheres amam, de crianças à
- 25 senhoras, todas guardam uma maravilhosa deusa dentro de si. Basta fazer a

pose e revelar ao mundo. (risos). Viram? Siiiimples! Então, para fechar 2008 com chave de ouro, lanço aqui a campanha: "*Desperte a deusa em você*". Basta tirar uma foto fazendo a tal pose e mandar para o meu email ([nicolesdias@hotmail.com](mailto:nicolesdias@hotmail.com)). As fotos serão postadas no meu álbum exclusivo de poses de deusa, que você pode conferir clicando [aqui](#). Pode ser no quintal, dentro de casa, no colégio. Sua mãe pode estar junto, inclusive. O que importa é não perder o sorriso!

É importante, agora, chamar a atenção para a foto colocada neste *post*. Esta revela o modo como o sujeito internauta se representa fisicamente tentando, assim, aproximar-se dos paradigmas concretos de representação do corpo físico no mundo virtual. Esse é o modo como a escrevente Nicole se inscreve no ciberespaço, representando-se fisicamente a partir das características apontadas na foto.

Há nesse *post* o desdobramento do eu enunciativo, a partir do momento em que a escrevente do *blog* faz uma entrevista consigo mesma, objetivando mostrar aos co-enunciadores como surgiu a “pose de deusa”, que, em um tom descontraído, ela considera ter. Há, portanto, um desdobramento das pessoas do discurso (eu-tu), visto que Nicole desempenhará a função de enunciativa e co-enunciativa nesse trecho do *post*.

Mais uma vez, é interessante notar o modo como o interdiscurso e a formação discursiva se instituem, a partir do discurso da escrevente nesse *post*. Isso pode ser analisado claramente, quando se observa o sentido da expressão “deusa” dentro do *post*. Tal expressão não possui, de forma alguma, conotação religiosa ou mística, mas metaforicamente refere-se à condição feminina. Para Nicole, ter pose de deusa significa “fazer chapinha no cabelo, ficar linda e lisa”. Nota-se aí, novamente, a formação discursiva que gira em torno da idéia do que é ser mulher, ou seja, cuidar da aparência e preocupar-se com a beleza física fazem parte da formação discursiva em relação à mulher enunciada por ela.

Ao mesmo tempo, está presente, no discurso da escrevente, a formação discursiva que se instaura sobre “o que é ser homem”. Nesse caso, ser homem é rejeitar a preocupação com a beleza ou com os cuidados com a aparência, o que se revela no seguinte trecho do *post*: “Só que, sei lá, os homens meio que não gostam dessa pose. Eles acham que ficam meio... gays. Mas as mulheres amam, de crianças à senhoras, todas guardam uma maravilhosa deusa dentro de si. Basta fazer a pose e revelar ao mundo. (risos).”

Ao final do *post*, a escrevente incentiva seus co-enunciadores a interagirem com ela e pede que as mulheres enviem fotos, em que estejam fazendo “pose de deusa”. Para isso, indica *links* de seu *e-mail* e de sua página pessoal, no Orkut, para as quais as leitoras serão remetidas ao clicarem sobre eles, momento em que enviarão as referidas fotos.

Apesar de não se considerar popular, no sentido explicitado por ela no *post* do exemplo 45, nota-se que a escrevente possui inúmeros amigos, os quais, inclusive, comentam os *posts* escritos pela mesma. No fim dos *posts*, há inúmeros comentários de pessoas conhecidas e desconhecidas, que são leitoras do *blog*, como, por exemplo, os trechos citados a seguir:

Exemplo 47:

Postado em 26 de janeiro de 2009

- 01 tá certo. não deixe a fama subir sua cabeça  
(também quero descobrir como o jude law pode  
ser TÃO LINDO). Pffffff biiiah  
| [Homepage](#) | 01.26.09 - 8:37 am | <#>

Exemplo 48:

Postado em 26 de janeiro de 2009

- 01 **kkk... texticulo massa!** É bem nessas, a superficialidade é o principal  
ingrediente da receita da futilidade e da linda vida vazia em sem sentido!  
João | [Homepage](#) | 01.29.09 - 11:29 am | <#>

Exemplo 49:

Postado em 29 de janeiro de 2009

- 01 **Oie,mt mt legais os teus posts**,sou de Pelotas e sei onde fica Estância  
Velha :D IUEOUAOIUEOI Eu fiz um blog a pouco tempo e gostaria de  
saber se tu não podia me ajudar a montar o meu e me dar algumas dicas ?  
☺Se ler isso e estiver disposta add no msn : [samiweegegui@hotmail.com](mailto:samiweegegui@hotmail.com)  
05 Beijão ;\*Samantha Weege | [Homepage](#) | 01.29.09 - 8:31 pm | <#>

Falar diretamente sobre si, sobre as coisas que gosta, pensa ou acredita, é a tônica desse *blog*. Isso mostra que tal *blog* representa um espaço enunciativo, em que a escrevente pretende se mostrar, se revelar dentro do mundo digital, vender uma imagem positiva de si mesma, importando-se com a repercussão de tal imagem perante o seus co-enunciadores. Estes últimos, por sua vez, lêem as postagens da escrevente e as comentam, fazendo observações, na maioria das vezes, elogiosas, como se observa nos itens destacados em negrito nos exemplos anteriores. Assim, as expectativas do auditório em relação ao comportamento da escrevente são atendidas, visto que esses consideram os *posts* da escrevente interessantes e bem escritos.

O *post* do exemplo 50 inicia-se com a citação de um verso da música “Deixa a vida me levar”, de Serginho Meriti, cantada por Zeca Pagodinho, em um exemplo claro de

heterogeneidade marcada mostrada. Authier- Revuz (1990) destaca o uso das aspas como um indício da instauração explícita da voz do outro, uma vez que a escrevente utiliza-se da citação da música cantada por Zeca pagodinho com o intuito de inscrever-se no mundo ético das pessoas experientes que já passaram por muitas coisas na vida. Tais experiências, inusitadas para uma garota de sua idade, a ligariam a um mundo ético infantil do qual ela tenta se afastar, quando afirma, utilizando o verbo no pretérito imperfeito na linha 04: “Tá certo que eu era criança e, sabe, crianças são assim.”

Exemplo 50:

**condenações do passado**

- 01 Eu já passei por quase tudo nessa vida, já dizia Zeca Pagodinho, tomando  
uma cervejinha e tals. E eu digo o mesmo. Já fiz tanta coisa nessa vida que  
hoje, no alto dos meus 19 anos, posso olhar para trás e perceber a mais pura e  
terrível verdade: meu passado me condena. Tá certo que eu era criança e, sabe,  
05 crianças são assim. Mas. Eu já coloquei brigadeiro de festinha dentro do bolso  
e dei para o meu irmão ao chegar em casa. Eu tive um penteado estilo  
Chitãozinho, dancei para o colégio inteiro uma música das Spice Girls, coleí  
pôsters dos **Backstreet Boys** na porta do meu armário, montei um fã clube do  
**KLB**, abracei meu vizinho pensando que era meu pai, cortei a franja **da minha**  
10 **Barbie** e morri chorando depois, caí de bicicleta dentro de um lago.....

Desse modo, através do *ethos* mostrado, a escrevente busca atrelar sua imagem ao mundo ético dos adultos, uma vez que deixou para trás (no passado que a condena) as atitudes que ela considerava infantis. Os trechos em negrito no *post* indicam a recorrência de elementos cujo sentido repousa no conhecimento de mundo dos falantes.

Esse *post* gera a incorporação dos co-enunciadores às características do *ethos* de uma pessoa divertida e que já viveu situações inusitadas. Segundo Maingueneau (2005a), a incorporação é o nome dado ao fenômeno pelo qual o co-enunciador se relaciona ao *ethos* de um determinado discurso.

Exemplo 51:

Postado em 15 de janeiro de 2009

- 01 Haohioah a bicicleta dentro de um lago foi o auge. Já consegui a façanha de  
**andar de bike e dar no meio de um poste** - a bicicleta ficou semelhante a  
uma minhoca.  
Realmente, hoje gostamos/fazemos coisas que, mais tarde, serão o cúmulo  
05 do ridículo.  
=\*\*\*\*

Mari | [Homepage](#) | 01.15.09 - 7:27 pm | #

Exemplo 52:

Postado em 15 de janeiro de 2009

- 01 Olha, eu já fiz muitas coisas que vc fez tb!Achei lindo vc **levar brigadeiro pra dar [pro seu irmão. Eu levava pra comer mesmo....**  
hahahahahahaha  
karen | [Homepage](#) | 01.15.09 - 8:31 pm | #

Exemplo 53:

Postado em 21 de janeiro de 2009

- 01 Meu passado também me condena..**Chiquititas, É o Tchan**, um bando de coisinhas que só faço rir!! Só não rio de ter gostado de Spice Girls, já que gosto até hoje, mesmo a banda sendo extinta!  
Legal o memê! :D  
05 Tatah | [Homepage](#) | 01.21.09 - 9:01 pm | #

Os exemplos anteriores mostram como os co-enunciadores incorporam o *ethos* gerado pela escrevente: as pessoas que comentaram o *post* também afirmam que já viveram situações embaraçosas e que essas foram motivo de riso, ou seja, “andar de bike e dar no meio de um poste”, como afirma a escrevente do exemplo 51; levar brigadeiro das festas para casa, como admite a escrevente do exemplo 52; ou ainda gostar de “Chiquititas” e “É o tchan”, como se vê no exemplo 53. Todas essas atitudes, agora condenáveis pelas próprias escreventes, as ligavam a um mundo ético infantil, do qual elas querem se afastar.

No entanto, apesar de considerar que tais comportamentos, relatados no *post* do exemplo 48, são coisas de criança e de buscar afastar-se de um *ethos* mais infantil, Nicole revela que ainda continua vivendo situações inusitadas e engraçadas, tal como se observa no trecho do último *post* do *blog*, colocado a seguir:

Exemplo 54:

#### **Emília e Buddy Poke**

##### **O incrível dia em que trabalhei vestida de Emília**

- 01 O dia da criança estava chegando e minha colega Anelise resolveu que seria muito legal se alguém se vestisse de algum personagem e distribuísse pirulitos e simpatia entre as crianças. Surgiu, então, o burburinho. "Olha, a

Nicole já se vestiu de Minnie numa festa", etc. Foi que foi que eu fui a  
 05 escolhida da loja. Surgia a questão – que personagem agradaria tanto  
 meninos como meninas? E a cabeça aqui disse: "Que tal a Emília, do  
 Sítio?" sem lembrar que a Emília, do Sítio, tem a cara toda pintada de  
 branco e uma peruca pra lá de esquisita. Mas, enfim, todos gostaram da  
 escolha, coisital. Alugaram a fantasia, chegou o dia. Horas sentada no  
 10 banheiro tendo a cara pintada de branco e ouvindo a frase "Ô, meu, jamais  
 pensei que um dia estaria nessa situação" vinda de mim, óbvio. Montaram  
 pra mim um cenário bem bonitinho, com uma mesinha para as crianças  
 desenharem e materiais para eu pintar os rostinhos delas (sim, você leu  
 direito). Me entregaram uma cesta cheia de pirulitos, me deram um  
 15 empurrão nas costas e disseram "Vai lá! ". E eu fui lá. Um dia inteiro  
 abordando crianças na Livraria, entregando pirulitos e pintando nelas  
 bigodinhos de gato (é só o que eu sabia pintar!). Algumas crianças tinham  
 medo - mas, também, uma guria de 1,73 de altura, com a cara toda branca,  
 um sorriso maníaco, uma peruca e um vestidinho amarelo também me  
 20 assustaria. Mas, no final das contas, foi um dia bem divertido, até.  
 (...)

O *post* do exemplo 54 contribui para a reafirmação do *ethos* requerido pela escrevente: o da garota engraçada e divertida, imagem essa que é construída pelos leitores do *blog*, que acham os *posts* da Nicole “divertidos”.

O uso do discurso direto na linha 01 é mais uma forma de evidenciar a heterogeneidade do discurso. Neste caso, Nicole traz à tona a voz das suas colegas que a indicam como pessoa possível de se fantasiar de personagem infantil no dia das crianças.

Assim sendo, vê-se que o *ethos* da enunciadora, nesse *blog*, passa pela imagem da garota divertida, alegre e engraçada, que se expressa bem e que consegue mobilizar para si as características do estereótipo da estudante de jornalismo.

### 6.2.7 O *Blog* do Sandney

Sandney, um estudante de dezesseis anos, utiliza o *blog* como um espaço de desabafo. Seu *blog* não possui muitos leitores, nem muitos comentários, mas nem por isso deixa de ter a dimensão pública de todo e qualquer texto postado na Internet.

A imagem a seguir reflete a capa do *blog* do Sandney, que constitui mais um *blog* que faz parte dos *corpora* desta tese:

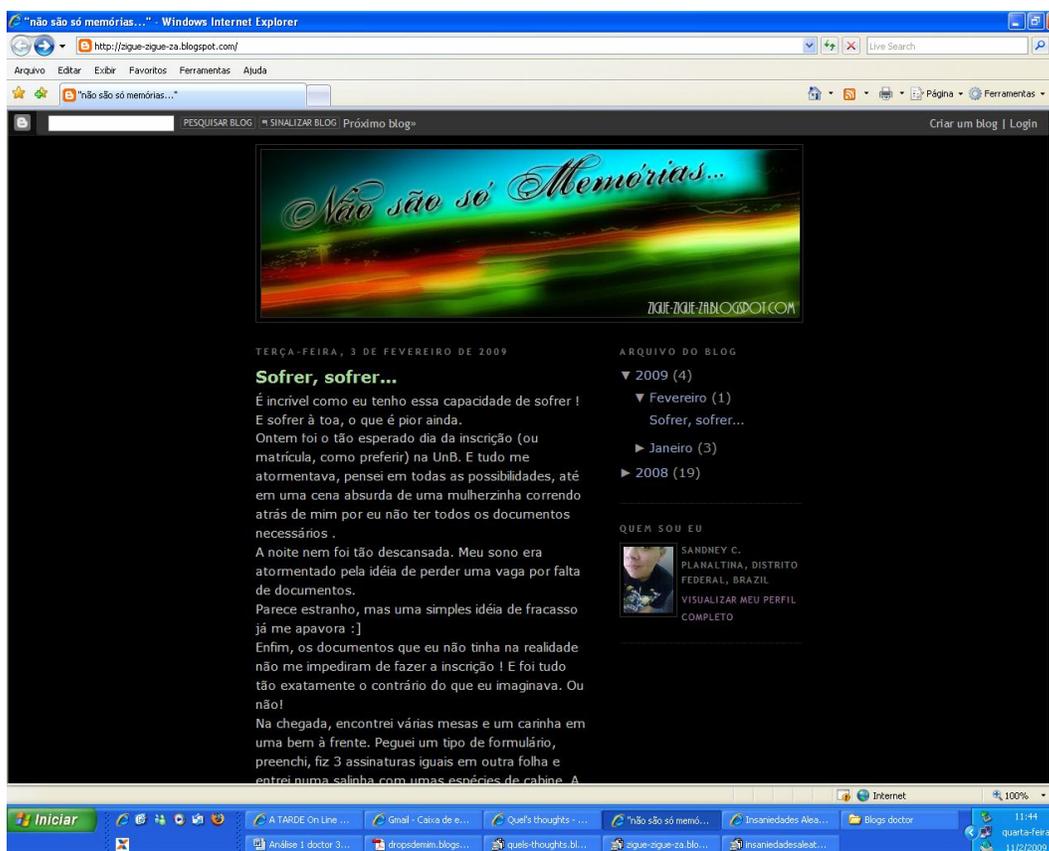


Figura 18: Capa do *blog* do Sandney

Sob um fundo preto, há uma espécie de quadro colorido, no qual se destaca o título do *blog*: “Não são só Memórias...”. Ao lado, vê-se uma foto do enunciador: um jovem que começa a viver as contradições da passagem para o mundo ético do adulto.

O primeiro *post* do *blog* tem como título “Sofrer, sofrer...”. Nele, o enunciador mostra insegurança, quanto às suas conquistas e desafios. Uma delas é ter passado no vestibular da UnB, para o curso de Arquivologia. Segundo ele, no dia da matrícula para ingresso na Universidade, muitas coisas passaram por sua cabeça, a ponto de fazê-lo pensar que não conseguiria se matricular, por falta de alguns documentos. No entanto, isso não acontece e o escrevente termina obtendo sucesso e conseguindo se matricular na UnB, como se lê no *post* a seguir:

Exemplo 55:

**Post de 03 de fevereiro de 2009**

**Sofrer, sofrer...**

01 É incrível como eu tenho essa capacidade de sofrer !

- E sofrer à toa, o que é pior ainda.  
 Ontem foi o tão esperado dia da inscrição (ou matrícula, como preferir) na UnB. E tudo me atormentava, pensei em todas as possibilidades, até em
- 05 uma cena absurda de uma mulherzinha correndo atrás de mim por eu não ter todos os documentos necessários.  
 A noite nem foi tão descansada. Meu sono era atormentado pela idéia de perder uma vaga por falta de documentos.  
**Parece estranho, mas uma simples idéia de fracasso já me apavora :]**
- 10 Enfim, os documentos que eu não tinha na realidade não me impediram de fazer a inscrição ! E foi tudo tão exatamente o contrário do que eu imaginava. Ou não!  
 Na chegada, encontrei várias mesas e um carinha em uma bem à frente. Peguei um tipo de formulário, preenchi, fiz 3 assinaturas iguais em outra
- 15 folha e entrei numa salinha com umas espécies de cabine. A essa hora, **podem ter certeza que eu já estava suando frio, tremendo um pouco, e sim, com medo!**  
 Até que foi minha hora, deu tudo certo, foi questão de dois ou três minutos, e já saí com o número da minha matrícula, o Guia do Calouro, e um
- 20 papelzinho com as ações sociais da UnB.  
 Depois, fui fazer a carteirinha. Lá era mais como eu esperava pra Inscrição. Uma fila com pais e alunos, pessoas se encontrando, conversando alegremente, e eu parado, sem muita ação.  
 Preenchi um cartãozinho amarelo, usei minha matrícula pela primeira vez, e
- 25 tirei a foto (que ficou horrível por sinal).  
 Então, na volta pra casa fiquei pensando em mim. Nessa minha mania de sofrer antecipadamente, sofrer por suposições ou pensamentos nada convenientes. E decidi que de hoje em diante tentarei me controlar :]  
 É, tentar me preocupar menos com as coisas que me preocupam demais.
- 30 Talvez isso faça eu me sentir melhor :D  
 A propósito, uma dúvida agora me martela a cabeça: ir para a UnB de ônibus ou van ? Será o ônibus perigoso demais? Será que há van pra lá ? Ó céus, lá vem o sofrimento de novo...

Como se pode ver, o *post* do escrevente concentra-se no *ethos* dito em vários trechos do *post*, como das linhas 26 a 28: ele se diz uma pessoa que sofre antecipadamente, uma pessoa para quem uma simples idéia de fracasso já apavora, cujos pensamentos inconvenientes e negativos incomodam. Os trechos destacados em negrito, no *post*, revelam o *ethos* dito no discurso do mesmo. Tal *post* soa como um desabafo e, nele, o escrevente cria a imagem de um fiador inseguro e ansioso. Também ícones semióticos são encontrados nesse *post*, representando resquícios do internetês, que não é utilizado por ele. Tais ícones estão destacados em amarelo e fazem parte da enunciação virtual, uma vez que expressam as emoções dos escreventes que não poderiam ser ditas de outra forma no meio digital.

Na linha 9, o blogueiro inscreve-se numa comunidade imaginada composta pelas pessoas ansiosas e inseguras, para as quais a idéia do fracasso é aterrorizante. Nas linhas 10 e

11, a partícula de negação na primeira parte do enunciado evidencia a voz com a qual o mesmo dialoga: aquela que afirma que, diante da falta de documentos, não seria possível realizar a matrícula na Universidade de Brasília.

Sabe-se que o *ethos* incide sobre a cena de fala também chamada de cena validada, que segundo Maingueneau (2005a) é instaurada na memória social e pressupõe modelos nos quais os enunciadores apóiam-se no momento da enunciação. Sendo assim, nas linhas 21 a 23, tal cena é explicitada quando o escrevente deixa a pista de que a cena validade de um processo de inscrição inclui fila de alunos, pais e pessoas conhecidas, confecção de carteirinha de estudante etc. No entanto, ele não se inclui em tal cena de fala, uma vez que afirma na linha 23 que ficou “parado sem muita ação”.

Exemplo 56:

**Post de 27 de janeiro de 2009**

**Tirando a poeira**

- 01 (...)
   
...Falando em mãe, já tá quase (:
   
É, pra quem não sabe, ela está grávida .
   
É um menino, o Samuel \o/
- 05 Sábado mesmo saímos por várias lojas, comprando berço, roupas, toalhas, etc.
   
E hoje ela me fala que vai desfazer uma fronha minha pra fazer uma dele D:
   
É, uma fronha que eu nunca devo ter usado, e que ela deve ter feito quando eu nasci.
- 10 Uma fronha xadrez, azul e branco, com um bordado em ponto cruz no meio. Ursinho, palhaço, uma caixa e **meu** nome D:
   
Não quero deixar ela desfazer meu nome pra por o nome dele, USHAUSHUHAS'
   
Sim, ela pode muito bem colocar o nome dele do lado ou embaixo u\_u'
- 15 Não sou mais criança, mas e daí ?
   
Eu gosto daquela fronha !
   
Ela me lembra coisas antigas, e eu gosto de nostalgia, é (:
   
Lá pro meio de março ele vem, uns 15 dias depois do meu aniversário !
   
Tomara que venha com saúde ! E sem roubar minha fronha u\_u'

No *post* do exemplo 56, destaca-se o *ethos* mostrado do escrevente. Nesse *post*, ele revela que sua mãe está grávida e que tem saído com ela para comprar o enxoval do bebê. Em um tom de desabafo, o escrevente demonstra ciúme com relação à chegada do novo integrante da família. Em seu discurso, mostra o medo de perder espaço, de perder a atenção da mãe, apesar de não dizer isso explicitamente. Sandney revela-se, discursivamente, a partir de um *ethos* infantil, afastando-se, com isso, do mundo ético dos adultos. Na linha 10, o escrevente

coloca em destaque o possessivo “meu”, mostrando o receio de perder o espaço com a chegada do irmão e indicando que não quer deixar de ser o centro das atenções. Na linha 11, afirma ainda que não é mais criança, entretanto corrobora para a criação de um *ethos* infantil, uma vez que revelar insegurança, diante da chegada de um irmão, não é compatível com a expectativa criada, em relação ao comportamento dos adultos. No entanto, o escrevente parece não se importar com o fato de tal imagem poder ser atribuída a ele, pelos seus co-enunciadores, visto que usa a expressão “mas e daí?” no enunciado da linha 14. Nesta mesma linha destaca-se mais um fenômeno que revela a heterogeneidade do enunciado que dialoga constantemente com a alteridade que o constitui. A negação presente no enunciado “não sou mais criança, mas e daí” instaura a figura de um enunciador que sustentaria a idéia de que o sentimento de possessividade e insegurança demonstrado por ele o ligaria ao mundo ético infantil. Assim, a negação permite, segundo Authier-Revuz (1990) a colocação em cena de duas vozes que, geralmente estão em embate. No caso do exemplo em questão o embate encontra-se na questão de ter ou não comportamento infantil. O *ethos* constitui-se, então, a partir da formação da imagem do enunciador que se filia, sem culpa, ao mundo ético infantil, quando termina o enunciado da linha 14 com a expressão “ e daí?”. A conjunção *mas* institui um afrontamento entre duas vozes: uma voz que condena o comportamento do Sandney considerando-o infantil e outra, a posição na qual o próprio escrevente se coloca que enfatiza a não-importância de ter sua imagem associada à de uma criança.

Na linha 18, ao finalizar o *post*, pode-se comprovar que Sandney mostra um *ethos* possessivo, quando escreve: “Tomara que venha com saúde! E sem roubar minha fronha”.

Os co-enunciadores do escrevente se manifestam em relação ao *post*, mas não o condenam pelo fato desse indicar insegurança, no que se refere à chegada do novo membro da família, que pode ameaçar sua posição de filho único. Os trechos a seguir foram retirados dos comentários dos leitores, em relação a esse *post*.

Exemplo 57:

- 01 [Carol](#): disse...
- 02 Ele pode pegar tudo, MENOS a fronha HHASUDHUSHD' (...)  
enfim, tudibão pra você e pro Samuel, amiguinho ;)

Exemplo 58:

- Hanneem\* disse..
- 01 .shaushaushaushausha... tadiinho delee ! deixa o menino, voce mesmo disse que voce 'nunca' usouu.

O *post* do exemplo 58 mostra que a co-enunciadora indica, em seu discurso, uma certa censura, em relação ao que foi enunciado pelo escrevente. No entanto, o comportamento de insegurança do escrevente não é o cerne da censura, mas sim o argumento de que ele nunca usou a tal fronha e por isso não deve se sentir incomodado, caso sua mãe a adapte para seu irmão, o que faz com que os co-enunciadores incorporem a figura do fiador inseguro e ciumento apresentado pelo escrevente, uma vez que não condena tais comportamentos.

A criação do *ethos* do escrevente é, portanto, regulada por determinadas restrições discursivas, que circulam na direção daquilo que se pode dizer, diante de seus co-enunciadores para que se faça parte de determinado grupo.

Exemplo 59:

**Post de 28 de dezembro de 2008**

**Adeus ano velho, rs**

- 01 É, Natal passou e eu nem desejei um Feliz Natal pros meus leitores o\_O  
(como se eu tivesse milhões, rs '-')  
Mas enfim, espero que todo mundo tenha curtido bastante :D
- 05 O meu foi normal, com ceia, sobremesa, presentinhos (e eu amei os que eu  
ganhei, SUHAUHSUAHUSH  
\*-----\*)  
Agora é Reveillón õ/  
10 O meu vai ser, como de tradição, em Goiânia \õ/  
Espero que seja bom, como a maioria dos anteriores, mas acho que vai ser  
melhor, vai ser diferente e talz.  
2008 ?  
15 Poderia dizer que foi o melhor ano da minha vida.  
Os melhores shows, as melhores amizades, as maiores felicidades, as  
melhores realizações..  
mas seria tanta injustiça com o que vivi nos anos anteriores..  
2008 foi um ano especial, é (:  
20 Que 2009 seja um ano melhor ainda pra geral aê ^^  
E que toooooodos os meu leitores queridos [q] tenham boas festas de  
Reveillon :B  
Feliz 2009 galerë \õ/

O *post* do exemplo 59 inicia-se com um pedido de desculpa do escrevente para os seus leitores, pelo fato de não ter desejado a eles um “Feliz Natal”, como se pode observar na linha 1 do referido *post*. Tais trechos revelam o caráter coletivo do *blog*, que, dentre outras características, não pode ser confundido com o diário tradicional, cujo objetivo era o de se manter em segredo. Na linha 1, o escrevente mostra não estar consciente do fato de que seu

*blog* circula em um espaço enunciativo, navegado por milhares de internautas, e pode, a qualquer momento, ser acessado por qualquer pessoa. O discurso do seu *blog* é direcionado a um público conhecido, a quem ele destina seus *posts*. No entanto, a dimensão do leitor desconhecido, inesperado, parece não estar presente no *blog*, uma vez que ele escreve, na linha 1: “[...] um Feliz Natal pros meus leitores (como se eu tivesse milhões, rs)”. Em outras palavras, o enunciado destacado, na linha 1, parece revelar que o escrevente não se dá conta de que seu discurso está circulando para grande número de internautas que podem, efetivamente, ser vistos como leitores de seu *blog*. O *post* mostra, também, no fio do discurso, a imagem de um enunciador simpático e popular (para quem é importante saudar os seus leitores com votos de boas festas), que enuncia, com um tom afetoso, e que propõe a incorporação dos co-enunciadores à enunciação, a partir da assimilação da cena validada, proposta pela enunciação em relação ao Natal. Tal cena mobiliza elementos, como: a ceia natalina, a sobremesa, os presentinhos etc.

Também se pode perceber, a partir da análise do *post*, que esse pressupõe um conhecimento compartilhado entre o escrevente e seus co-enunciadores, como se pode observar nas linhas 8 e 9. Isso ocorre, principalmente, porque, para que se possa entender a expectativa do escrevente, em relação à festa de *Réveillon*, pressupõe-se que os co-enunciadores saibam como foram as festas de *Réveillon* dos anos anteriores. Esse fato é explicitado na linha 9, no enunciado “Espero que seja bom, como a maioria dos anteriores, mas acho que vai ser melhor, vai ser diferente [...]”, quando o escrevente pressupõe que os seus leitores saibam como os *Réveillons* dos anos anteriores foram bons. O discurso se desenrola, portanto, como se fosse destinado ou circulasse apenas para o grupo de leitores particular do escrevente, com quem esse possui conhecimentos compartilhados. O mesmo acontece no *post* do dia 13 de janeiro, colocado abaixo, no exemplo 55:

Exemplo 60:

01 O ano já está começando bem ^^

Espero ter uma ótima notícia na próxima semana, é \d/

Nesse caso, a fim de que se compreenda o enunciado presente na linha 2 exemplo 58, é preciso que os co-enunciadores saibam que, na semana seguinte, será divulgado o resultado do vestibular da Universidade de Brasília (UnB). O escrevente retoma essa informação em um *post* posterior, no qual comemora a aprovação no vestibular, o que permite ao leitor que não

conhece o escrevente inferir sobre a notícia boa, à qual ele se referia: a aprovação no vestibular.

### 6.2.8 O *Blog* da Nathália

Analisa-se agora o último *blog* que constitui os *corpora* desta tese, o *blog* da Nathália, estudante de Tecnologia da Informação, que escreve um *blog*, em um tom bastante descontraído, cujo título é “Cólica Mental”, com a capa postada a seguir:



Figura 19: Capa do *blog* da Nathália

Como se pode observar, o *blog* apresenta cores sóbrias, algumas imagens e um título bastante interessante: “Cólica Mental”. A frase de chamada, delineada logo que se observa o mesmo, é colocada em destaque abaixo do título: “Problemas, eu? Não tem quem diga...”.

O *ethos* pré-discursivo, construído apenas a partir da primeira observação do *blog*, não é facilmente identificável. Nesse caso, pode revelar a característica descontraída e irreverente do mesmo, a começar pela observação do próprio título do *blog*.

No campo do *ethos* discursivo, mostra-se uma fiadora bem humorada, que utiliza um tom descontraído e divertido nos *posts*. Isso pode ser observado no *post* a seguir, no qual a

escrevente faz uma apresentação de si mesma, constituindo seu discurso, nesse caso, no campo do *ethos* dito:

Exemplo 61:

***Post de apresentação***

- 01 Quem sou eu? Oi, eu sou a Nathália. :)  
 Isto deveria bastar. Caso não baste,  
 Seguem informações adicionais:  
 Ariana com ascendente em touro.
- 05 Nunca lembro o que isso significa,  
 mas gosto de dizer.  
 É importante ressaltar que além de  
 ariana eu sou pernambucana, ou seja:  
 se pisar no meu calinho, eu te meto a
- 10 pexêra no rim esquerdo, tá ligado?

Nas linhas 07 a 10, a escrevente, baseando-se no estereótipo do “pernambucano” cujas características relacionam-se à valentia e à coragem, adverte os co-enunciadores que também possui tais atributos, ligando-se, portanto, ao mundo ético dos mesmos. A utilização da expressão “ou seja” no enunciado “É importante ressaltar que além de ariana eu sou pernambucana, ou seja: se pisar no meu calinho, eu te meto a pexêra no rim esquerdo”, representa a necessidade da escrevente em parafrasear aquilo que foi informado antes dessa expressão, neste caso, o sentido que ela pretende atribuir ao fato de revelar que é pernambucana. Há aí um recurso à parafraseagem, que segundo Maingueneau (1997, p. 96) “aparece como uma tentativa para controlar em pontos nevrálgicos a polissemia aberta pela língua e pelo interdiscurso”. A parafraseagem é, portanto, um recurso discursivo usado para “bloquear a infinitude de possíveis interpretações” de determinada expressão. No caso deste enunciado, bloqueiam-se com a expressão “ou seja”, as infinitas possibilidades de interpretação da palavra pernambucana que, no *post* em questão, deve ser compreendida como aquela que é valente, corajosa e boa de briga.

Assim, a escrevente mobiliza no interdiscurso determinada formação discursiva sobre os pernambucanos e adere à comunidade imaginada das pessoas corajosas e boas de briga, inscrevendo-se tacitamente nesta comunidade.

É a partir deste estereótipo que ela construirá neste *post* o *ethos* dito, evocando o interdiscurso dos co-enunciadores em relação à valentia dos pernambucanos.

O *post* a seguir traz a mensagem do dia 16 de abril de 2009:

Exemplo 62:

**Post de 16 de abril de 2009**

**Resmungando e cantando e seguindo a canção.**

- 01 Darei uma breve pausa no break (hein?) porque preciso reclamar.  
Tento ser uma pessoa mais calma, porém a rabugice me consome. É mais forte do que eu, minha gente!  
E, sabe, dane-se. Raquel tem razão quando diz que eu sou ranzinza. Meu humor e paciência são de uma pessoa de 70 anos de idade.
- 05 E se você não gostar de tanto radical livre numa pessoa só, Alt+f4.  
Depois que fizer isso, aproveita e joga no Google "ursinhos carinhosos". Vou dividir meus resmungos por partes visto Jack habita em mim. E como hoje eu tô pro crime, achei digno fazer a analogia.
- 10 1° - Minha mãe só compra copos kamikazes.  
Não gente, sério. Sério mesmo. Me recuso a acreditar que eu sou tão desastrada assim. Quebrar um copo por semana? Isso não é ser desastrada, é ser retardada. E não adianta que eu não aceito esse diagnóstico pra minha vida.
- 15 Prefiro acreditar que quando algum copo me vê, ele entra em pânico e se joga. Daí é só deixar a gravidade agir.  
2° - Falta pouco pr'eu virar lésbica.  
Mentira.  
Mas, olha... Difícil aturar o sexo oposto em certos momentos, viu? Vai falar ou fazer besteira? Benzinho... Fica quietinho. É melhor pra todo mundo.  
Só não toca em mim. Não diz que eu sou tudo o que você pediu pra Deus. Não assopra meu cabelo (tô dizendo que só atraio doido). Não diz que tenho olho de gato. Não fala que sua mãe sempre me quis como nora. Não fica me encarando com semblante de sedutor-caliente-yo-te-quiero-para-ayer. Não diz que tenho que ser a mãe dos seus filhos. Não-pega-na-minha-mão!
- 25 Quer fazer alguma coisa mas tá na dúvida do que? Presta bastante atenção no meu conselho: **VAI PRO INFERNO.**  
3° - Trabalho em grupo = rugas.  
Não sei se o problema é comigo mas, sabe, eu não tenho um histórico legal com essa coisa de 'trabalho em equipe'. Sempre - eu disse **SEMPRE** - tem um exu pra me tirar do sério.  
Falei aqui sobre um trabalho de administração, não foi? Bem, não importa. Tinha um trabalho de administração pr'eu apresentar hoje (15/04). Sendo que não fui nomeada como a líder do grupo. Um imbecil foi. E, fiquem cientes:
- 35 Se eu não sou a líder, qualquer um que detenha tal cargo será por mim intitulado de 'imbecil' ou qualquer coisa que denote meu amor e carinho [...]

No título do *post*, percebe-se a ocorrência do intertexto, com a retomada do trecho da música “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, na qual um dos versos é

“Caminhando e cantando e seguindo a canção”, com o objetivo de elaborar o título do *post*, que termina expressando um tom descontraído. Para elaborar o título do texto, Natalia troca o item lexical “caminhando” da música acima citada por “resmungando”, conferindo ao *post* um tom engraçado. O uso do item lexical “resmungando” já indica, de antemão, que a proposta desse *post* é reclamar. Nas linhas 2 a 5 do exemplo 62, há a revelação do *ethos* dito, pois a escrevente se diz rabugenta e se compara a uma senhora de setenta anos de idade, pressupondo que essa também é marcada pela “rabugice”. Nas linhas 6 e 7, Nathália afirma que quem não gostar de sua rabugice pode fechar a Internet e parar a navegação.

Já nas linhas 8 e 9, a escrevente utiliza uma analogia com “*Jack*, o estripador”, mobilizando, assim, uma cena validada na memória dos co-enunciadores, a qual envolve os crimes praticados por tal personagem, que costumava esquartejar os corpos das vítimas. Ao fazer tal analogia, ela diz que vai dividir os seus resmungos em partes, tal qual fazia *Jack* com os corpos das vítimas. Desse modo, a escrevente reclama de sua falta de atenção ao derrubar e quebrar um copo por semana, reclama do sexo oposto e da realização de trabalhos em grupos.

Das linhas 30 a 34, a escrevente mostra um *ethos* autoritário e pouco modesto, uma vez que demonstra o descontentamento pelo fato de não ter sido escolhida para ser a líder do grupo. Um tom autoritário emana deste trecho do *post*, uma vez que a enunciativa se mostra como perfeitamente capaz de ser líder do grupo, enquanto o seu colega, encarnando a figura do antiador, termina sendo visto por ela como “um imbecil” (linha 34).

No decorrer do *post*, Nathália também escreve determinadas expressões em caixa alta. Na Internet, o uso de caixa alta dá a entender que o enunciador está gritando com os seus co-enunciadores. No caso da postagem, as expressões em caixa alta têm também a função de dar ênfase ao enunciado, o que ocorre nas linhas 26 e 30, mas também revelam um tom de descontentamento.

Exemplo 63:

**Post de 09 de abril de 2009**

**Er....**

- 01 Oi, me chamo Nathália, tenho uma mentalidade de 13 anos e mando indiretas por subnick de msn. Me matem.  
Então, vou fechar o blog de novo. Ai, gente, pára! Pára de jogar os mouses em miiim!
- 05 Vou contar tudo pra minhamãe... Manhêêê! Hospício me ligou, eu desliguei e saí correndo...  
Né, minha vida tá de pernas pro ar, só encontro despacho dos brabo pelocaminho e não tô com clima para coisas felizes. E meu blog é uma coisa muito feliz e saltitante, hein gente. Assim, MUITO. E me recuso

- 10 terminantemente a fazê-lo de diáriozinho de pré-adolescente (alô-ôu, já faço isso tem tempo) que encontrou o amor da sua vida mas não sabe como chegar e dizer: "E aí, tudo bom? Me chamo Fulaninha e eu te amo."  
E daí fica sofrendo por semanas a fio, pegando fotos de pulsos cortados pela internet, exteriorizando toda sua imensa dor através do BuddyPoke no Orkut
- 15 e dizendo que precisa morrer e etc, etc... O... Que? Que que eu tô falando? Ah, esquece.  
Bem, isso não tem nada a ver com o fato d'eu estar prestes a fazer 20 anos. Isso está relacionado ao fato da minha vida ser um sitcom de muito mau gosto.
- 20 **Update**  
Ai, gente. Lágrimas nos olhos. Hahahaha. Mas olha, cêis entenderam tudo errado. Não vou fechar o blog de 'excluir'. Vou fechar o blog de 'dar um pause'. Meu blog é um diáriozinho. Mas um diáriozinho feliz. E, levando em conta meu atual momento, ele ia acabar se
- 25 tornando um diáriozinho triste. E eu não quero isso. Sou nem lôca de excluir esse blog, cara. Ele já é parte integrante e fundamental de meu corpitcho.

O *post* do exemplo 63 revela, de forma ainda mais direta, o tom irreverente utilizado pela escrevente. Nele, também se pode observar, de modo mais claro, a forma como os co-enunciadores interferem na postagem, a ponto de fazer com que a enunciativa fizesse uma atualização no mesmo (*update*), para responder às colocações feitas pelos co-enunciadores. Das linhas 1 a 5, verifica-se a linha tênue que separa o dito do mostrado.

No campo do dito, a escrevente afirma ter uma mentalidade infantil, criando uma imagem de si mais próxima do mundo ético dos adolescentes. Nessas linhas, ela enuncia a partir, claramente, de um tom inusitado: "Me matem" (linha 2), "[...] Hospício me ligou, eu desliguei e saí correndo..." (linha 5).

No entanto, ligar sua imagem ao mundo ético de uma adolescente de 13 anos, como Nathália informa, na linha 1, soa como algo divertido e contribui para a construção do corpo de uma fiadora engraçada. Tal imagem é aprovada pelos co-enunciadores, que a consideram como portadora de idéias incomuns e divertidas.

É na linha 3 que ela diz que vai fechar o *blog* e interpela os seus leitores com esse enunciado, mas os co-enunciadores se manifestam, reprovando tal idéia da escrevente, como se pode observar nos comentários que se seguem:

Exemplo 64:

[Lalinha Rodrigues](#) disse...

- 01 Eu ainda não consegui entender o motivo pelo qual você vai fechar o blog! Não acho justo com as pessoas que curtem e o seguem como se fosse novelaaaa(meu caso...rs).

Nathália, suas idéias são incríveis e vc consegue expressa-las de um jeito incomum!

Exemplo 65:

[Fernanda](#) disse...

- 01 adoro teu blog viu,e que pena que vc vai fechar o blog,mas continue escrevendo ,teus textos são engraçados,e eu adoro eles^^

Exemplo 66:

[GaB.](#) disse...

- 01 Olha, primeiríssima vez que passo por aqui e meio que amor a primeira vista!!! Amei tuas ideias louquíssimas, tua personalidade e tal..

Exemplo 67:

[Flaah :\)](#) disse...

- 01 não, não nos deixe!  
volte em breve, por favor. precisamos de algo feliz e saltitante para alegrar nossos dias.

De acordo com os exemplos citados, os co-enunciadores interferem no *blog* da Nathália, com a finalidade de questionar a decisão da mesma de fechar o *blog*. Eles condenam essa decisão da enunciatória e, ao mesmo tempo, revelam o que pensam a respeito da mesma, mostrando que atribuem a ela a imagem de alguém “incomum”, “irreverente” ou, ainda, “com idéias louquíssimas”.

É a esse mundo ético que a escrevente pertence e é nele que os co-enunciadores se baseiam para construir uma imagem da enunciatória. Percebe-se, portanto, o caráter interativo do *ethos*, que, gestado no âmbito da enunciação, tem como base estereótipos sociais e pressupõe, para tal, uma participação igualitária de enunciadores e co-enunciadores.

Ao ser interpelada por esses últimos, a escrevente atualiza o *blog* e explica que não tem a intenção de excluí-lo de vez, mas pretende apenas parar um pouco com as postagens do mesmo, devido a seu estado de espírito atual.

### 6.3 OBSERVAÇÕES SOBRE OS *CORPORA* EM ANÁLISE

Após verificar, na análise de dados, o modo como o *ethos* dos blogueiros é formado, faz-se necessário tecer algumas considerações sobre tal constituição, a fim de que se possa sumarizar os principais elementos que contribuem para a construção desse *ethos* nos *blogs*, como pode ser visto a seguir.

A observação dos dados analisados permite concluir que os estudantes universitários e pré-universitários têm uma preocupação com a construção de uma imagem de si, que os aproxime do mundo ético dos adultos e os afaste, assim, do mundo ético dos adolescentes. Tal preocupação é revelada pela cenografia dos *blogs*, evitando o uso de inúmeras imagens animadas (os famosos *emoticons*) e do internetês, aspectos que ligariam os escreventes ao mundo ético dos adolescentes. Ao mesmo tempo, eles buscam construir uma imagem mais intelectualizada, colocando, no *blog*, pensamentos e reflexões, de cunho filosófico, sobre sua vida pessoal e não se restringindo à enumeração dos fatos ocorridos, rotineiramente, durante o tempo em que o escrevem. Esse fato baseia-se nos estereótipos sociais que inserem o discurso dos blogueiros em determinadas formações discursivas, estabelecendo, portanto, o que pode e deve ser dito por eles, para que sejam aceitos dentro desse grupo. Isso acontece na maioria dos *blogs* analisados nesta pesquisa, tendo como exceção o *blog* da Maryan, cujas postagens são recheadas de imagens animadas e marcadas pelo uso do internetês.

O *ethos* revela-se também, a partir da análise da dimensão heterogênea dos enunciados, quando os enunciadores trazem à tona a voz do outro, mas filiam-se discursivamente a uma determinada posição momento em que refutam ou se distanciam dessa voz da alteridade. Neste caso, alguns elementos lingüísticos contribuem para a criação de um determinado *ethos*. Dentre esses, pode-se destacar:

- o uso das aspas, quando o escrevente coloca uma citação entre aspas, além de trazer à tona a voz da alteridade, constrói um determinado *ethos*. Trazer uma citação de Nietzsche ou de Clarice Lispector confere ao fiador do texto, um *ethos* intelectual;

- o uso da negação, quando o escrevente pretende, contrapondo seu discurso a outro, se inscrever em determinada posição e assim criar um certo *ethos* de si (vide exemplo 56),

- o uso do intertexto, quando, ao instaurar marcadamente a voz do outro, o escrevente filia-se a determinado mundo ético, criando um *ethos* condizente com este último (vide exemplo 62).

Como sujeitos marcados por diversas formações discursivas, os escreventes dos *blogs* não são completamente livres para criarem, aleatoriamente, uma dada imagem de si. Ao contrário disso, eles geram tal imagem de forma que os permita circular dentro de determinado grupo social do qual fazem parte, tendo suas postagens dirigidas pelas expectativas dos co-enunciadores. Assim, uma escrevente como Karoletes constrói um *ethos* ligado ao grupo social dos pedagogos, uma vez que, como estudante de Pedagogia, cria um laço de pertencimento a esse grupo. Seria, portanto, estranho aos co-enunciadores do *blog* da Karoletes, se a escrevente construísse, por exemplo, uma imagem de si ligada ao mundo *hippie*, cujo estereótipo social não se assemelha ao de uma pedagoga.

Vale ressaltar que o *ethos* permite também uma relação de participação igualitária entre enunciador e co-enunciador. Tal participação igualitária pressupõe que o primeiro não controla totalmente a construção de sua imagem, e que os últimos, a todo momento, interferem em tal processo, validando ou não determinada imagem. Assim, ao pretenderem criar um dado *ethos*, os enunciadores podem terminar estabelecendo outro que não esperavam. É o caso, nesta pesquisa, do *blog* do Matheus, quando esse pretende construir a imagem de um escritor, mas, ao se despreocupar com o uso da correção gramatical, termina afastando-se do mundo ético dos escritores.

A partir dos *corpora* analisados, pode-se constatar que os sujeitos enunciadores dos *blogs* são interpelados pelo lugar que ocupam em determinados grupos sociais, sendo que essas posições deixam marcas em seu discurso. Então, ao se analisar o *blog* da Naneh, percebe-se que ela é marcada pelos dogmas do Catolicismo, religião da qual é praticante assídua.

Observa-se ainda que a construção do *ethos* ocorre de forma interativa. Os enunciadores interagem com os co-enunciadores na criação de uma imagem de si, construção essa que ocorre, essencialmente, no âmbito da enunciação. A interação pode acontecer diretamente, a partir do momento em que os *posts* são escritos em forma de diálogos, ou indiretamente, visto que todo enunciado se dirige a um outro conhecido ou não.

A identificação dos estereótipos sociais que estão em jogo, no processo da interação entre enunciadores e co-enunciadores, durante a formação do *ethos*, é muito importante, uma vez que a imagem do enunciador está presa ao escopo de determinado estereótipo social. Em outras palavras, a construção do *ethos* tem relação direta com determinado estereótipo construído culturalmente.

Assim sendo, a construção do *ethos* não se resume ao uso de recursos formais de construção do texto (uso da linguagem, disposição formal dos *posts*, recorrência a elementos

da intertextualidade etc.), mas é ampliada se se considera o fenômeno discursivo, já que o *ethos* corresponderá ao modo de habitar o discurso. Nas palavras de Silva (2006, p. 182): “[...] é o posicionamento no qual o enunciador está inserido que o faz assumir um determinado modo de enunciação.”

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos *corpora* selecionados para esta pesquisa, os quais apresentam um ambiente propício para análise da construção da imagem dos enunciadores, no processo de enunciação digital, objetivou-se perceber o modo como o *ethos* é formado dentro desse processo, levando-se em conta a relação entre enunciadores e co-enunciadores, bem como a observação dos estereótipos sociais reguladores da constituição de tal imagem.

À luz da Análise do Discurso de Linha Francesa, principalmente com base na teoria de Maingueneau (2005a, 2006), é possível afirmar que a construção do *ethos*, dentro do ambiente digital, conserva algumas características comuns aos processos enunciativos não digitais, e, ao mesmo tempo, traz características inovadoras próprias a esse ambiente.

Podem-se apontar, como fatores comuns à constituição do *ethos* nos *blogs* e em ambientes enunciativos não digitais, a regulação promovida pelos estereótipos culturais, no processo de construção da imagem dos enunciadores; a interação entre enunciadores e co-enunciadores, cujos discursos se adequam a expectativas mútuas; além das categorias analíticas, estabelecidas no esquema de Maingueneau (2006), que podem ser aplicadas a qualquer *corpus*.

Por outro lado, as características inovadoras parecem estar, principalmente, ligadas ao suporte tecnológico, nos quais os *blogs* são elaborados (a Internet). Dentre essas características, são apontadas: a flexibilidade da cenografia, que pode variar de acordo com o *ethos* visado pelos enunciadores, mesclando formas do internetês com imagens, sons e *emoticons*; a possibilidade de interferência direta dos co-enunciadores, nas postagens dos enunciadores; a circulação do discurso ali circunscrito, que não fica restrita ao grupo particular ao qual se destina, mas que pode ser acessado por inúmeros internautas que utilizam a *web* freqüentemente.

No que tange à observação da construção do *ethos* nos *blogs* de universitários e pré-universitários, objetivo principal desta pesquisa, ressaltam-se os seguintes aspectos que representam a confirmação das hipóteses iniciais deste trabalho:

a) Os universitários e os pré-universitários procuram construir uma imagem de si próxima ao mundo ético dos adultos. A fim de criar essa imagem, refutam o uso de elementos que os possam vincular ao mundo dos adolescentes, tais como: o internetês e um grande número de *emoticons* ou de imagens animadas. Na maioria dos *blogs* analisados neste

trabalho, observou-se essa tendência, com exceção apenas do *blog* da Maryan, no qual tais elementos aparecem indistintamente, gerando uma identificação maior entre esse e os *blogs* de adolescentes.

b) Assim como qualquer enunciação fora dos meios digitais, o discurso dos blogueiros também é regulado pelas expectativas dos co-enunciadores. Esses últimos, muitas vezes, identificam-se com as postagens do escrevente, incorporando algumas das características do discurso ali emanado. É o que ocorre, por exemplo, no *blog* do Matheus, quando ele revela, a seus co-enunciadores, que sente dificuldade em colocar títulos nas postagens de seu *blog*.

c) O processo de constituição do *ethos* parte de uma interação entre enunciadores e co-enunciadores. Pôde-se notar, na análise dos *corpora*, que os escreventes do *blog* interpelam, a todo o momento, os leitores, promovendo uma interação direta com esses. A interferência direta (através de comentários) dos co-enunciadores, nas postagens dos *blogs*, exhibe o caráter marcadamente heterogêneo do *blog* (AUTHIER-REVUZ, 1990), que instaura, discursivamente, a voz do outro. A constituição do *ethos* implica, portanto, uma negociação constante entre enunciadores e co-enunciadores. Os primeiros constroem uma imagem de si que os liga a determinados grupos sociais. Os últimos, baseados em estereótipos sociais, atribuem aos fiadores determinadas características. Desse modo, a escrevente Nicole, por exemplo, para construir uma imagem de estudante de Jornalismo, mostra determinadas características que a relacionam ao grupo social dos jornalistas: domínio da escrita, aproximação maior com as regras mais formais do uso da língua, facilidade de produção de texto. Ao mesmo tempo, seus co-enunciadores, baseados no estereótipo social “do que é ser estudante de Jornalismo”, esperam que a escrevente Nicole demonstre, em seus *posts*, tais características, elogiando, por assim dizer, a facilidade da mesma em elaborar textos.

Diante das observações anteriores, ressalta-se que os objetivos iniciais, propostos nesta pesquisa, foram atingidos, como explicitado a seguir:

- O primeiro objetivo propunha observar o modo como o *ethos* constrói-se nos *blogs*, a partir da utilização do esquema sobre *ethos*, oferecido por Maingueneau (2005a, 2006). O uso de tal esquema foi de extrema importância para compreender a constituição da imagem dos escreventes dos *blogs*; uma vez que possibilitou perceber a interação entre enunciadores e co-enunciadores nesse processo, tendo como base, principalmente, os estereótipos que circulam socialmente e que direcionam o discurso deles.

- O segundo objetivo desta pesquisa remete à hipótese exemplificada, anteriormente, na letra “c” desse capítulo. Esse objetivo tinha a pretensão de compreender a relação entre enunciadores e co-enunciadores, no processo de construção do *ethos*. Como já afirmado, viu-se que os leitores do *blog* regulam o discurso dos escreventes e que o *ethos* é formado, a partir da negociação constante entre enunciadores e co-enunciadores, levando-se em conta categorias sociais.

- O terceiro objetivo pretendeu perceber a forma como os estereótipos direcionaram a construção do *ethos* nos *corpora*. Viu-se, durante a análise, que vários estereótipos dirigiram o estabelecimento da imagem dos diversos fiadores: o estereótipo do universitário e pré-universitário, da estudante de Pedagogia, do escritor, da pessoa religiosa, da estudante de Jornalismo, do estudante de Arquivologia, dentre outros que podem ser retomados na análise. Esses estereótipos direcionaram a formação do *ethos* dos escreventes, visto que os co-enunciadores pré atribuíam características sociais e estereotipadas aos fiadores.

Algumas conclusões podem ser apontadas, tendo como base a análise dos *corpora*, conforme se delinea a seguir:

- A construção do *ethos*, na enunciação digital, relaciona-se com a preocupação quanto ao uso da linguagem. Diferentemente dos *blogs* dos adolescentes, nos quais aparece, indistintamente, o internetês, além de elementos semióticos, que constituem uma cenografia específica, os *blogs* dos pré-universitários e universitários tendem a evitar o uso desse tipo de linguagem. Isso ocorre, como já explicitado na análise dos dados, porque os pré-universitários e universitários objetivam construir um *ethos* que os filie ao mundo dos adultos, mundo em que eles estão começando a se inserir.
- A observação de elementos da cenografia define a forma como o *ethos* é construído dentro da enunciação digital. O *blog*, apesar de ter uma estrutura organizacional mais ou menos fixa, confere liberdade aos enunciadores na escolha dos elementos semióticos que constituem a cenografia. Assim, os elementos, como cores, imagens e ícones semióticos, presentes nos *blogs*, funcionam de modo a acrescentar ao ambiente hipertextual características que, na oralidade, correspondem a elementos contextuais (expressão de sentimentos, meneios de cabeça, gestos, dentre outros) e prosódicos.

- Ao contrário de perceber a Internet como um ambiente completamente livre, no qual todos os enunciadores têm liberdade e igualdade na enunciação, vê-se que ela também institui mecanismos de restrições discursivas, que regulam a enunciação digital. Desse modo, há, na Internet, uma hierarquia, como por exemplo: controle de postagem de *sites*, regras para postagens de mensagens em *website* jornalísticos etc.

Tendo como base teórica a Análise do Discurso de Linha Francesa, esta pesquisa pretendeu demonstrar que o discurso, no ciberespaço, assim como em toda e qualquer enunciação, não está desvinculado de categorias essencialmente sociais e que os sujeitos enunciadores ocupam posições dentro de diversos grupos sociais sobre os quais repousam estereótipos. Assim, os estudantes pré-universitários e universitários filiam-se a grupos diversos que compartilham de determinadas características pré-fixadas socialmente. Os *blogs*, como gêneros digitais ou hipergêneros, também são marcados ideologicamente, refletindo as posições sócio-discursivas dos sujeitos enunciadores.

Ressalta-se, ainda, a singularidade do estudo do *ethos*, evidenciando as inovações e permanência instauradas no processo de enunciação digital como um todo, e, mais especificamente, nos *blogs*.

A discussão suscitada nesta tese pode ser aplicada pedagogicamente, principalmente no que tange ao debate sobre o ciberespaço, a cibercultura, bem como em relação à questão dos gêneros digitais e às novas formas de relações sociais instauradas na Internet. Porém, não apenas tais questões podem ser abordadas em sala de aula, mas também a noção de *ethos* pode ser explorada pedagogicamente, visto que trazer o debate dessa categoria para a sala pode auxiliar os estudantes a compreenderem o fato de que todo texto possui uma vocalidade, e toda a enunciação pressupõe a construção de imagens dos enunciadores, imagens essas que se ligam a categorias pré-fixadas culturalmente. Tendo noção desses fatores, os alunos terão mais facilidade em compreender que a linguagem não está, de modo algum, nem mesmo na enunciação digital, desvinculada de questões sociais.

Considerando o fato de que nenhuma pesquisa pode esgotar completamente a análise dos *corpora*, pretende-se, através das reflexões colocadas nesta tese, abrir espaço para que outros estudos relativos à construção do *ethos* nos gêneros digitais possam ser realizados.

## REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin, 2006.
- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à Análise do Discurso. In: AMOSSY, Ruth (org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 9-28.
- AMOSSY, Ruth. Estereotipagem e construção de uma imagem de si. In: AMOSSY, Ruth(org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 125-127.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- ARAÚJO, Júlio César Rosa de. *Os chats: uma constelação de gêneros na Internet*. 2006. 342 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.
- ARAÚJO, Júlio César Rosa de; RODRIGUES, Bernadete Biasi (Orgs.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1998.
- AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades enunciativas. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 19, Campinas: Ed. UNICAMP, 1990. p. 25-42.
- BAIRON, Sérgio. *Multimídia*. Rio de Janeiro: Global 1995.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, Jean et al. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-221.
- BASANELA, Daniela. *Internet: novos formatos na geração e disseminação de conteúdo*. Retirado do site: <[http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/am625\\_2003/Daniele\\_artigo.html](http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/am625_2003/Daniele_artigo.html)>. Acesso em: 02 ago. 2005.

- BAUMAN, Zigmund. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak, Maria Luiza Néri. 3. ed. Campinas: Pontes, 1991.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.
- BRAIT, B. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2004.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Da língua ao discurso, do homogêneo ao heterogêneo. In: BRAIT, Beth (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. São Paulo: FAPESP, 2001. p. 59-69.
- CARDOSO, Claudio. *Notas sobre a geografia do ciberespaço*. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=18&texto=1079>>. Acesso em: 12 maio 2009.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- CRYSTAL, David. *El language e internet*. Traducción española de Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2002.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1997.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FARACO, Carlos Alberto. *As idéias do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FÁVERO, L.; KOCH, I. G. V. *Lingüística textual: introdução*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FICHTER, J. H. Definições para uso didático. In: FERNANDES, Florestan (Org.). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Nacional, EDUSP, 1973. p. 153-155.

- FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2007.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à lingüística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FREIRE, Fernanda M. P. A palavra (re)escrita e (re)lida via internet. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da. *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 19-28.
- GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.
- GRÁCIO, Rui Alexandre. *Racionalidade argumentativa*. Coimbra: Edições ASA, 1993.
- GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Orgs.). *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2003.
- GUIMARÃES JR, Mário. *A cibercultura e o surgimento de novas formas de sociabilidade*. In: II Reunión de Antropologia del Mercosur, Uruguai, 1997. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>>. Acesso em: 12 maio 2009.
- HEINE, Palmira Virgínia Bahia. *O ethos e a intimidade regulada: especificidades da construção do ethos no processo de revelação da intimidade nos blogs pessoais*. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gênero: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Editorial, 2005. p. 108-129
- INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *La enunciacion: de la subjetividad en el lenguaje*. Versión castellana de Gladys Ânfora y Emma Gregores. Buenos Aires: Edicial, 1980.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

KOMESU, Fabiana. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da Internet*. 2005. 271 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

LACAN, J. *O Seminário livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LAKATOS, Eva Maria. *Sociologia geral*. São Paulo: Atlas, 1999.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEMOS, André. *A arte da vida: diários pessoais e webcams na internet*. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2001. (mimeo)

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. Notas de aula. *Tópicos em análise do discurso*. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 21 e 22 de maio de 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. A noção de ethos discursivo. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008a. p.11-29.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Tradução de Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, Néelson de Barros da Costa et all. São Paulo: Criar Edições, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 68-92.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírío Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005b.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília Pérez de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

MARCONDES, Danilo. *A pragmática na filosofia contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de texto*. Parte III. Universidade Federal de Pernambuco, 2003. (mimeo)

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002a. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Hipertexto: definições e visões*. Universidade Federal de Pernambuco. 2002b. (mimeo)

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *O hipertexto como um novo espaço da escrita em sala de aula*. Universidade Federal de Pernambuco. 2001. (mimeo)

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto*. Universidade Federal de Pernambuco. 1999. (mimeo)

MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

MARX, Karl. *A ideologia alemã*. Tradução de Bruni, José Carlos e Nogueira, Marco Aurélio. São Paulo: Livraria e Editora Ciências Humanas, 1982.

MEYER, Michel. As bases da retórica. In: CARRILHO, Manuel Maria (Org.). *Retórica e comunicação*. Tradução de Fernando Marinho. Lisboa: Edições ASA, 1994. p. 31-70.

MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 2. p. 101-142.

NISBET, R. A. Comunidade. In: MENCARINI, Marilice et al. (Orgs.). *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.

SANTANA NETO, João Antônio de. *Estudo retórico-pragmático sobre o páthos*. Salvador, 2005. (mimeo)

OLIVEIRA, R. *Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. 2002. 214 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Língua brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil*. Campinas: RG, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli, RODRIGUES, Suzy Lagazzy. *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, p. 13-31.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos, SP: Claraluz, 2005a. p. 75-88.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. São Paulo: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. São Paulo: Pontes, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

PALACIOS, Marcos. *Cotidiano e sociabilidade no cyberspaço: apontamentos para discussão*. Disponível em: <<http://facom/ufba/br/pesq/cyber/palacios/cotidiano.html>>. Acesso em: 20 fev. 2008.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997a p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Péricles Cunha. 3. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997b. p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995.

PERELMAN, Chaïm. *Retóricas*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova Retórica*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. A língua como objeto da lingüística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à lingüística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 75-94.

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso: ensaios sobre o discurso e o sujeito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009a.

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009b.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, São Paulo: Cortez, 2004. v. 3, p. 353-392.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. *A emergência das comunidades virtuais*. In: Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. Anais 2 Santos, 1997. Disponível em: <[http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades\\_virtuais.pdf](http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2009.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODRIGUES, Rosangela Helena. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros, teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1961. [1916].

SIBILIA, Paula. *A intimidade escancarada na rede: blogs e webcams subvertem a oposição público versus privado*. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/congresso\\_2003/pdf/2003\\_NP08\\_sibilia.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/congresso_2003/pdf/2003_NP08_sibilia.pdf)>. Acesso em: 02 ago. 2007.

SIBILIA, Paula. *Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica*. XI encontro da Compós, 2003. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2003/body\\_sibilia\\_2003.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/tics/2003/body_sibilia_2003.htm)>. Acesso em 10 jan 2009.

SILVA, Edvânia Gomes da. *Os (des)encontros da fé: análise interdiscursiva de dois movimentos da Igreja Católica*. 2006. 293 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

SWALES, J. M. *Genre analysis: english in academic and research settings*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990.

TÖNNIES, F. *Princípios de sociologia*. México: Fondo de Cultura Economica, 1942.

TRIVINHO, Eugenio. *Cibercultura e existência em tempo real: contribuição para a crítica do modus operandi de reprodução cultural da civilização mediática avançada*. In: e-compós-Revista da COMPÓS - Associação Brasileira de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, São Paulo, n. 9, p.1-17 ago. 2007. Disponível em: [http://www.compos.org.br/files/01ecompos09\\_EugenioTrivinho.pdf](http://www.compos.org.br/files/01ecompos09_EugenioTrivinho.pdf)? Acesso em 20 ago 2008.

TRIVINHO, Eugenio. *O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

WEBER, Max. *Conceitos básicos de sociologia*. São Paulo: Moraes, 1987.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos. (Orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 170-180.

## **ANEXOS**